

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**OSVALDO CUNHA NETO**

***Protágoras e doxografia platônica***  
**sobre o mais eminente sofista. Estudo e Tradução.**

*Protagora and the platonic doxography*  
*about the most eminent sophist. Study and Translation.*

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO  
APRESENTADA AO INSTITUTO DE ESTUDOS  
DA LINGUAGEM PARA OBTENÇÃO DO  
TÍTULO DE MESTRE EM LINGUÍSTICA.

**ORIENTADOR: FLÁVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA**

CAMPINAS  
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
CRISLLENE QUEIROZ CUSTODIO – CRB8/8624 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE  
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

C914p Cunha Neto, Osvaldo, 1980-  
Protágoras e a doxografia platônica sobre o mais  
eminente sofista : estudo e tradução / Osvaldo Cunha  
Neto. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.

Orientador : Flávio Ribeiro de Oliveira.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Platão. Diálogos. 2. Platão. Protágoras. 3. Sofistas  
(Filosofia grega). 4. Tradução e interpretação. 5.  
Relatividade. I. Oliveira, Flávio Ribeiro de, 1964-. II.  
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos  
da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em inglês:** Protagora and the platonic doxography about the most  
eminent sophist : study and translation.

**Palavras-chave em inglês:**

Plato. Dialogues  
Plato. Protagoras  
Sophists (Greek philosophy)  
Interpreting and translating  
Relativity

**Área de concentração:** Linguística.

**Titulação:** Mestre em Linguística.

**Banca examinadora:**

Flávio Ribeiro de Oliveira [Orientador]  
Trajano Augusto Ricca Vieira  
José Carlos Baracat Junior

**Data da defesa:** 24-04-2012.

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

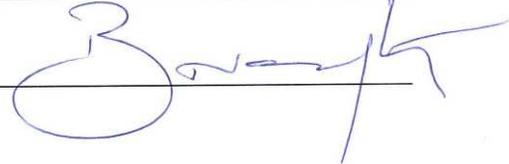
Flávio Ribeiro de Oliveira

Trajano Augusto Ricca Vieira

José Carlos Baracat Jr

Josiane Teixeira Martinez

Patricia Prata



IEL/UNICAMP  
2012



Dedico este trabalho ao meu mestre de moral:  
Sebastião dos Santos Ferreira.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus amigos e incentivadores Alessandro Freitas de Souza, visionário em relação ao estudo dos sofistas, Oswaldo Borges Bonolo, discípulo no grego e irmão de *psiqué*, e a todos meus professores de Grego e Filosofia Antiga: Maria Celeste Consolin Dezotti, Flávio Ribeiro de Oliveira, Trajano Vieira, Alcides Hector Benoit, Lucas Angioni e João Quartim de Moraes. Agradeço também à Cristina Rodrigues dos Santos, a CAPES pela bolsa concedida, a todos os professores da Área de estudos Clássicos do departamento de Linguística do IEL, à Unicamp, à Federação Brasileira e todo o incentivo à Educação e, sobretudo, ao Estado de São Paulo, que me ofereceu um excelente ensino público gratuito e de qualidade desde a Educação Básica, passando pelo Ensino Médio e a Universidade.



καὶ σοφίαν καὶ σοφὸν ἄνδρα πολλοῦ δέω τὸ μὴ φάναι εἶναι, ἀλλ' αὐτὸν τοῦτον καὶ λέγω σοφόν, ὃς ἂν τι ἡμῶν, ᾧ φαίνεται καὶ ἔστι κακά, μεταβάλλων ποιήσῃ ἀγαθὰ φαίνεσθαι τε καὶ εἶναι.

[Protágoras] Não estou propondo, de modo algum, que a sabedoria e o homem sábio não existiriam de fato, apenas estou dizendo que sábio é aquele que transforma coisas que parecem e são más em coisas que parecem e são boas. (*Teeteto*, 166 d)



## RESUMO

O diálogo *Protágoras* coloca frente a frente Sócrates e Protágoras, dois pensadores da Antiguidade apresentados muitas vezes como adversários ideológicos: o primeiro como filósofo e o segundo como sofista. Na tentativa de entender se Platão privilegiaria a postura de um frente ao outro, percebe-se quão engenhoso e meticuloso é o retrato que o escritor dos *Diálogos* nos apresenta do mais eminente sofista, afinal, mesmo tendo a oportunidade de rebaixar ou falsificar as reflexões do renomado sofista no diálogo que leva o seu nome, é a partir deste mesmo diálogo que se vislumbra a possibilidade de extrair informações mais fidedígnas sobre a vida e obra do sofista. Com a oportunidade, então, de resgatar informações e reflexões do próprio Protágoras, desafortunado pelo destino em relação à perpetuação de suas obras, a obra platônica, mesmo quando submetida a um confronto com outras fontes, mostra-se mais histórica do que poderia-se imaginar. Desse modo, a tradução, as notas e a introdução a seguir miram-se na tentativa de esclarecer a influência da posição de Platão frente ao confronto argumentativo entre um filósofo e um sofista e quão documental e fidedigno um diálogo de Platão pode se afigurar.

**Palavras-chave:** Testemunho, Doxografia, Diálogo, Sofista, Filósofo.



## **ABSTRACT**

The dialogue *Protagoras* puts face to face Socrates and Protagoras, two thinkers of antiquity often represented as ideological adversaries: the first as a philosopher and the second as a sophist. In an attempt to understand whether Plato would favour the position of one facing each other, it's possible realize how clever and meticulous is the picture that the writer of the *Dialogues* presents us of the most eminent sophist, after all, even having the opportunity to demote or falsify reflections of the renowned sophist in the dialogue that bears his name, is from this same dialogue that it's possible to envision the possibility to extract more reliable information about the life and the work of the sophist. So, with the opportunity of recover information and Protagoras's own reflections, the unfortunate target in relation to the perpetuation of his works, Plato's work, even when subjected to a comparison with other sources, seems to be more historical than could be imagine. Thus, the next translation, notes and introduction aim at an attempt to clarify the influence of Plato's position face the argumentative confrontation between a philosopher and a sophist and how reliable and documentary a dialogue of Plato may seem.

**Key words:** Testimony, Doxography, Dialogue, Sophist, Philosopher.



## **Apresentação**

A essência da presente dissertação de mestrado é mesmo a tradução do diálogo *Protágoras*. Não obstante, como apresentamos no título, prenunciaremos a tradução e notas do diálogo com uma breve introdução que trata dos alcances do gênero dialógico de Platão, em particular, da possibilidade de extrairmos uma espécie de doxografia sobre o sofista Protágoras a partir de alguns diálogos platônicos que mencionam o sofista, sobretudo a partir do diálogo que leva o nome de Protágoras.

Estamos cientes que, a rigor, o gênero diálogo não pode ser tomado como uma fonte histórica pura e simples, e nem como uma doxografia, tal procedimento seria dar ao diálogo um estatuto pertencente a outros gêneros. Porém, pelo próprio formato do diálogo, que é um texto escrito que imita uma ação de conversar, acreditamos que Platão estaria assumindo abertamente que ele é o paradigma da transição da cultura oral para a cultura escrita e, portanto, da sistematização individual e literária de um conhecimento que até então era oral e coletivo. Desse modo, da maneira como entendemos, Platão e seus escritos “dialogam” com uma série de pensadores e contextos históricos reais.

E se, por um lado, a essência dos diálogos é confrontar teorias filosóficas reais, entre pensadores que realmente existiram, por outro, longe de queremos reduzir os diálogos a um conjunto de informações de outros pensadores que foram reunidas por Platão, estamos cientes de toda sua grandeza literária. É por isso mesmo que nos focaremos em apenas um dos aspectos passíveis de serem estudados em seus diálogos: a inspiração no real, a criação de uma espécie de doxografia, afinal, da maneira como entendemos, não teríamos como separar, em uma “espécie de doxografia”, o que é “real” e o que é “literário”.



## SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO: <i>PROTÁGORAS</i> E A DOXOGRAFIA PLATÔNICA SOBRE O MAIS EMINENTE SOFISTA</b>	<b>19</b>
<b>2- NOTA SOBRE A TRADUÇÃO</b>	<b>45</b>
<b>3- TRADUÇÃO E NOTAS DO DIÁLOGO PROTÁGORAS</b>	<b>53</b>
<b>4- ANEXO I - Testemunhos e Fragmentos sobre o sofista Protágoras</b>	<b>269</b>
<b>5- REFERÊNCIAS</b>	<b>283</b>



## 1-INTRODUÇÃO:

### ***Protágoras e a doxografia platônica sobre o mais eminente sofista***

O tratamento filosófico dos problemas colocados pela concepção de conhecimento tem curiosamente sido cego ao papel desempenhado pelo testemunho na acumulação e validação do conhecimento ou mesmo, no que diz respeito ao assunto, corroborado para sua aceitação. Isso é completamente insólito dado que grande parte do que qualquer indivíduo pode plausivelmente alegar saber, tanto em assuntos cotidianos como em aspirações teóricas, é dependente, de vários modos, do que os outros têm a dizer. (...) Testemunho é, assim, entendido como uma fonte de conhecimento de segunda categoria<sup>1</sup>.

Se de um ponto de vista epistemológico os *testemunhos* são preconcebidos como informações de segunda ordem e, portanto, demasiado relativizáveis para um adequado tratamento conceitual<sup>2</sup>, do ponto de vista estrutural eles têm ainda menos credibilidade por serem entendidos como informações soltas, sem, necessariamente, uma unidade ou mesmo uma organização prévia, uma vez que são extraídos fragmentariamente a partir de menções descompromissadas do ponto de vista teórico e conceitual.

Por outro lado, quando tentamos enquadrar as informações presentes nos diálogos de Platão em uma *doxografia* esbarramos na metodologia fechada que a caracteriza, pois, “as doxografias são frequentemente encontradas em autores quando eles ocupam-se de

---

<sup>1</sup> Philosophical treatment of the problems posed by the concept of knowledge has been curiously blind to the role played by testimony in the accumulation and validation of knowledge or, for that matter, justified

<sup>2</sup> Lembramos que Platão é incluído tanto na canônica obra de Diels & Kranz: *Fragmente der Vorsokratiker*, de 1903, como na difundida obra de Mario Untersteiner, de 1949, intitulada: *Sofisti – Testimonianze e Frammenti*, que acrescenta fragmentos e testemunhos ausentes na obra de Diels, ou seja, já está estabelecido o procedimento de tomar algumas informações presentes nos diálogos de Platão como testemunhos.

tópicos filosóficos particulares”<sup>3</sup> e, ainda que possamos mapear inúmeros tópicos filosóficos particulares em Platão, eles carecem da sistematização e metodologia que caracterizam as doxografias, ou seja, de uma sistematização ao modo aristotélico, ou melhor, da escola peripatética<sup>4</sup>.

Não obstante, sabemos que “um defeito da doxografia é que com o passar do tempo ela tende a se tornar muito esquemática, evitando tanto argumentação como análise, concentrando-se principalmente na justaposição de concepções ou em um simples esquema da doutrina”<sup>5</sup>. Mas sabemos que nos diálogos de Platão o que vemos justamente o contrário disso: ele coloca teorias em confronto justamente para problematizá-las e submetê-las ao confronto com outras teorias.

Nesse sentido, mais do ponto de vista filosófico e reflexivo do que do ponto de vista estritamente metodológico, podemos dizer que Platão cumpriria os quesitos para ser tomado como um bom doxógrafo, afinal, inclui na sua literatura dialética e particular uma brecha para a historicidade com inegável toque realístico quando confronta com propriedade diferentes concepções teóricas de outros autores com os quais “dialoga”.

Desse modo, ainda que com um sentido menos técnico, entendemos que o conjunto dos relatos e fragmentos presentes em Platão também podem ser entendidos como uma espécie de doxografia, já que, como nas outras doxografias, exibem uma seleção pessoal do escritor em relação a vida e obra (*dóxa*) de outros pensadores específicos, mantendo, dentro da dinâmica característica dos diálogos, nexos e continuidade entre as diferentes informações de um mesmo pensador.

Já em relação ao exame da fidelidade de seus relatos, como acontece com os outros doxógrafos, é necessário um exame acurado sobre cada autor mencionado e informação referida, pois, sobretudo em Platão, encontramos nos diálogos diversos personagens e

---

<sup>3</sup> “doxographies are frequently found in authors when they deal with particular philosophical topics” Graig (1998, p. 126).

<sup>4</sup> “From its origins in the Peripatetic school, the doxographical method became widely used in ancient philosophical writings” *Id. Ibid.* p. 126.

<sup>5</sup> A defect of doxography is that in the course of time it tends to become rather schematic, eschewing both argument and analysis, and concentrating chiefly on the juxtaposition of views or on a thin skeleton of doctrine.” *Id. Ibid.*

diversos mecanismos específicos, muitas vezes particulares a cada diálogo e a cada pensador.

Em geral, o que observamos é que enquanto a doxografia de alguns pensadores pode se dar ao luxo de ser irrelevante, muitas vezes anedótica, se atendo a ironias teóricas ou mesmo a detalhes supérfluos de suas vidas pessoais (sobretudo em Diógenes Laércio), no caso do sofista Protágoras, por outro lado, qualquer chance que existir de se aproveitar informações relevantes a seu respeito é de fundamental importância para conhecermos mais sobre o seu pensamento, pois, é bem escasso o *corpus* de fragmentos e testemunhos não só sobre Protágoras, mas também de todos outros sofistas (com exceção de Górgias, o único sofista do período clássico que nos deixou obras completas).

Desse modo, vislumbrar a possibilidade de tomarmos Platão como um doxógrafo não se trata de uma mera interpretação dos alcances dos seus escritos, se trata de uma necessidade mais fundamental, sobretudo quando se leva em consideração a transição vivida na época de Platão e dos sofistas da cultura oral para a cultura escrita e, conseqüentemente, da individualização de um conhecimento que até então era produzido e difundido coletivamente, com a cultura oral, para um conhecimento que passa a ser individualmente registrado e, por conseguinte, mais facilmente mapeado, com a escrita (Cf. nota nº 177).

Por outro lado, para não incorreremos em uma atitude ingênua, é imperioso destacar que se por um lado é factível que podemos tomar alguns escritos de Platão de um ponto de vista doxográfico, também é verdade que esta faceta do filósofo não se aplicaria a todos os seus diálogos e, menos ainda, a todos os personagens mencionados por ele.

Cientes de que pensar a problemática da doxografia em Platão trata-se de um desafio de proporções amplas e complexas, de modo que, em diferentes diálogos e em relação a diferentes personagens temos diferentes abordagens: umas mais literárias, outras mais históricas, outras mais filosóficas, nos restringimos a tratar da doxografia de Platão somente em relação ao sofista Protágoras e, em particular, com o escopo voltado ao diálogo que leva o nome do sofista. Não obstante, não foi possível dissociar tal enfoque de outros diálogos, principalmente do *Teeteto* que, a rigor, integra com o *Protágoras* a suma do pensamento do sofista de Abdera, mesmo quando consideramos não apenas Platão, mas

toda doxografia existente sobre Protágoras.

No “diálogo” com outras fontes doxográficas é notável o quanto Platão ocupou-se de Protágoras, ora exaltando-o, quando permite que o sofista use as “próprias palavras” (seja no *Protágoras* quando o sofista está presente, seja no *Teeteto* quando Sócrates reproduz com maestria seu pensamento), ora insultando-o, quando no *Teeteto*, dá voz ao personagem Sócrates para “conversar” com o pensamento de Protágoras uma vez que, além de ausente, o sofista de carne e osso já estaria morto há alguns anos.

Entendemos que esse cuidado de Platão em relação ao sofista Protágoras nos diz algo sobre uma característica passível de ser encontrada no gênero diálogo eternizado por Platão: deixar falar quem está presente (na cena dramática do diálogo), e injustiçar quem está ausente<sup>6</sup>.

Não vemos apenas um Protágoras em Platão, vemos as diferentes maneiras possíveis de ver o pensamento de um teórico sob diferentes prismas e diferentes opiniões, esta faceta do diálogo de Platão que observamos no *Protágoras* reproduz com maestria um traço fiel da própria realidade.

### **O formato do *Protágoras***

O diálogo filosófico de Platão, enquanto gênero literário<sup>7</sup>, abarca uma gama de questões mitológicas, filosóficas, literárias, poéticas e históricas que dificilmente hão de ser integralmente explicadas e compreendidas consensualmente algum dia. Isso se deve, a nosso ver, por dois motivos: primeiro, pelo engenho do escritor dos *Diálogos* e, segundo, pelo contexto de efervescência intelectual que eles retratam, reunindo, em um único *corpus*, toda uma tradição cultural que, até então, fazia parte do domínio público, ou melhor, do

---

<sup>6</sup> No *Teeteto*, 171d, o personagem Sócrates verbaliza nossa afirmação ao comentar que se Protágoras pudesse sair da terra (afinal, na cena dramática do *Teeteto* o sofista Protágoras já encontrava-se morto), iria acusar Sócrates de dizer tolices quando contradiz a teoria relativista de Protágoras. No *Protágoras*, 329 a, o personagem Sócrates elogia a capacidade dialética e critica o comportamento de não saber argumentar em favor de uma tese, como acontece com o que foi escrito em um livro. É a ideia que também aparece no *Fedro*, 276 c, na *Carta VII*, 344 c segs, e *Carta II*, 314 c; o texto escrito não pode se defender, bem como a teoria de um pensador que está ausente.

<sup>7</sup> Reconhecido como tal desde a Antiguidade mas, como atesta Aristóteles na *Poética*, 1447 b, Platão não seria nem o primeiro e nem o único a escrever “diálogos socráticos” que se assemelhavam a outros gêneros também conhecidos como os mimos, Ribeiro (2009, p. 94).

repertório intelectual de muitos pensadores, sem uma preocupação excessiva com o que chamamos hoje de “autoria”.

Desse modo, podemos vislumbrar nos *Diálogos* de Platão o uso de outros gêneros literários já consagrados no séc. IV a.C.<sup>8</sup>, alusões à tradição mitológica pré-filosófica com várias citações das epopeias, (sobretudo de Homero, mas também de Hesíodo), referências aos poetas líricos (Píndaro, Simônides, Pítaco e outros), estruturação de alguns diálogos em atos à semelhança das tragédias<sup>9</sup>, inegável dívida à comédia<sup>10</sup>, além de diversas informações de acontecimentos e personalidades históricas atestadas por outras fontes.

Como se não bastasse toda essa diversidade de abordagens e temáticas, os *Diálogos* também encerram um formato peculiar que, na maioria das vezes, oferece tanto fluidez na leitura, com um registro notadamente informal e próprio da linguagem dialogada, como também possibilita o embate de concepções filosóficas arraigadas em teorias e conceitos bastante elaborados. Algumas vezes tal embate é realizado com decoro e urbanidade mas, em outras, configura-se em uma *logomaquia*, uma disputa intelectual entre concepções e teorias antagônicas<sup>11</sup>. Podemos dizer, assim, que todos esses aspectos do gênero literário “diálogo” estão presentes no *Protágoras*.

Por outro lado, ao conjecturar sobre as particularidades do diálogo *Protágoras*, ou seja, sobre as características que não se repetem nos outros escritos de Platão, dois itens se destacam: o primeiro de caráter formal, que diz respeito ao fato de o diálogo ser narrado pelo próprio Sócrates logo na sequência do encontro que motiva sua descrição, de tal modo que, a rigor, teríamos dois diálogos simultâneos, e o outro, de caráter teórico-ideológico; Sócrates, pela primeira e única vez nos escritos platônicos, sucumbe diante das qualidades

---

<sup>8</sup> Nightingale (1996, p. 03).

<sup>9</sup> Lopes (2008, p. 11).

<sup>10</sup> Nightingale (1996, p. 172), Greene (1920, p. 63) e, em relação específica ao *Protágoras*, Arieti (2010, p.8).

<sup>11</sup> Como confirmam os seguintes comentários: “No *elenchos* filosófico, em contrapartida, o embate se dá entre dois interlocutores que serão, por si só, suficientes para julgar a verdade em questão”, Lopes (2008, p. 15). “The dialogue form thus represents Plato's attempt to assess the philosophical strength and weakness of such alternative theses and to formulate his own answers for the debated question (although, again, Plato's answer is, in many cases, not wholly clear”, Zilioli (2007, p. 12). Cf. também nota nº 199.

argumentativas de um sofista.

Ainda que os diálogos *Fédon*, *Banquete* e *Parmênides* também sejam narrados respectivamente pelos personagens Fédon, Apolodoro e Céfalo, e que o *Lisis*, o *Eutidemo*, o *Cármides* e a *República* sejam narrado pelo próprio Sócrates, o diálogo *Protágoras* é o único cuja narração se dá imediatamente após ter acontecido o encontro que será narrado.

Esse fato acompanha todo o desenrolar do diálogo em que Sócrates sai do discurso direto para fazer uma série de comentários que propiciam a simultaneidade dos discursos e causam uma sensação de instantaneidade das ações, acrescidos de comentários detalhados sobre o horário da visita de Hipócrates, o momento em que começa surgir a luz do dia (312 a), da bela descrição do movimento de Protágoras (e daqueles que o acompanhavam) em uma evolução simétrica, semelhante a um passo ensaiado de dança (315 b), Sócrates comenta com vivacidade e riqueza de detalhes as reações de Protágoras ante seu interlocutor (333 e) e suas próprias reações ante ao sofista (339 e), e chega a se referir, no momento presente, ou seja, no momento em que narra o encontro que acabara de ter, ao mesmo manto que usava no encontro com Protágoras (335 c 10).

Esta narração que Sócrates faz do encontro que acabara de ocorrer (ainda que os antigos sejam reconhecidos pela prodigiosa memória e que as descrições orais de acontecimentos passados não denotassem qualquer habilidade vista como digna de menção<sup>12</sup>), nos faz pensar que o conteúdo que seria narrado estaria menos sujeito a modificações e equívocos por conta de um eventual esquecimento (tanto no caso do encontro ter realmente acontecido, como no caso da simulação verossímil de um encontro fictício), sobretudo, porque é o próprio Sócrates, de prodigiosa memória (336 d), o responsável por precisar tudo o que foi falado.

Diferente dos outros diálogos que também são narrados, no *Protágoras*, Sócrates tece comentários paralelos durante toda a descrição que faz do encontro que acabou de acontecer, sugerindo que sua narração, feita imediatamente depois de ele ter ocorrido, poderia ser considerada fidedigna e documental.

Em favor desta hipótese e seguindo a metodologia de interpretar Platão dentro do

---

<sup>12</sup> Souza (1964, p. 86).

“contexto platônico” (ou seja, analisando cuidadosamente as características gerais de cada diálogo e evitando a menção à passagens isoladas dos seus respectivos contextos e diálogos em que se inserem) basta, por exemplo, contrastar o diálogo *Protágoras* com o diálogo *Teeteto* (o outro diálogo de Platão que coloca o pensamento de Protágoras no cerne do debate filosófico) para que pareça mais evitente a proposição de que o *Protágoras* encerra mesmo um formato mais verossímil de retratação de um encontro de Sócrates, Protágoras e outros interlocutores.

Diferente de toda a vivacidade e riqueza de detalhes que vemos no *Protágoras* (comparável somente ao que observamos em diálogos como o *Apologia*, *Banquete* e *Fédon*), desde a descrição do momento exato em que Sócrates é despertado (310 a), passando pela referência ao comportamento irritado do porteiro da casa de Cálías (314d), além de inúmeros outros detalhes do cenário e dos presentes na casa de Cálías (315a), a argumentação no *Protágoras* é totalmente imprevisível: os interlocutores parecem surpreendem um ao outro, dando a sensação de uma conversa espontânea e não de uma conversa previamente preparada.

No *Teeteto*, ao contrário, a começar pela fala de Euclides a Terspião, em que Euclides explica como “elaborou” o diálogo após várias consultas a Sócrates (142c), percebemos um nítido artificialismo durante todo o diálogo *Teeteto*, de tal modo que, em nenhum momento visualizamos um cenário dramático para o diálogo, sem mencionar a previsibilidade da argumentação de Sócrates que, apesar de se referir mais de uma vez à arte maiêutica e que ele não sabe nada, apenas ajuda a “parir” o conhecimento alheio (148e, 150b, 210b), a todo momento Sócrates dá mostras que pergunta já sabendo onde quer chegar com a argumentação (tendência observada em muitos outros diálogos).

Já em relação à singularidade do *Protágoras* do ponto de vista teórico-ideológico, em virtude dos personagens principais do diálogo serem Sócrates, um filósofo, e Protágoras, um sofista, poderíamos supor, conforme a interpretação dominante sobre o assunto<sup>13</sup> (mesmo entre aqueles que almejam promover uma reinterpretação dos

---

<sup>13</sup> Cf. Benoit (2004, p. 09).

sofistas<sup>14</sup>), que a descrição que Sócrates faz do encontro tenderia a ser parcial e que privilegiaria a supremacia do filósofo sobre o sofista<sup>15</sup>, e que estaríamos diante de um texto eminentemente literário com propósitos definidos e, portanto, tendenciosos, voltado à elaboração de uma teoria em detrimento das suas formulações contrárias.

Não obstante, diferente desta interpretação, vemos no *Protágoras* que o personagem Sócrates não apenas se refere ao sofista Protágoras de maneira enobrecedora<sup>16</sup>, como se vê forçado a querer desistir do embate pelo fato de não se adaptar ao estilo argumentativo de Protágoras que, segundo Sócrates, ainda que Protágoras tivesse a capacidade de elaborar longos discursos, mas também, responder brevemente<sup>17</sup>, teria feito a escolha pelos longos discursos, opção incômoda a Sócrates<sup>18</sup>.

É verdade que o diálogo não deixa de exibir alguma censura ao profissionalismo característico dos sofistas, bem como ao fato deles cobrarem para ensinar (310 d e 312 a). Não obstante, o que chama mais atenção é que justamente no diálogo em que Sócrates encontra um sofista com qualidades argumentativas proporcionais a sua e que, portanto, a supremacia de um filósofo sobre um sofista poderia, de uma vez por todas, ficar evidente, Platão surpreende seus leitores retratando Sócrates e Protágoras sem nenhum tipo de favorecimento pelos arquétipos que eles representam.

Desse modo, seja pela característica formal que denota a descrição de um encontro recente (e, portanto, com mais chances de uma reprodução fidedigna de um suposto encontro histórico, ou mesmo fictício mas realístico, entre Sócrates e Protágoras), seja pelo fato de que o embate entre um filósofo e um sofista foi descrito de maneira aparentemente neutra, as características específicas do *Protágoras* sugerem que a elaboração do diálogo privilegiou antes uma descrição relativamente imparcial de um suposto confronto que

---

<sup>14</sup> Mencionemos, por exemplo, o recente trabalho de Tell (2011), que atribui o ostracismo intelectual dos sofistas à deturpação efetuada por Platão e Aristóteles ao caracterizar os sofistas como um grupo intelectual homogêneo mais interessado com a retórica do que com a filosofia cf. Hanson (2011).

<sup>15</sup> Bartlett (2003, p. 613) sintetiza a opinião de inúmeros estudiosos do diálogo *Protágoras* ao afirmar: “The sophist as educator, especially in his difference from the philosopher, is the theme of *Protagoras*.”

<sup>16</sup> “O mais sábio dentre os contemporâneos”, 309 d 1.

<sup>17</sup> 329 b 2.

<sup>18</sup> 334 c 8.

poderia ter acontecido, do que elaborações meramente fictícias e literárias do conteúdo do que pensavam Sócrates e Protágoras - homens e pensadores reais.

Assim, o *Protágoras* seria um exemplo paradigmático de como o diálogo filosófico de Platão pode, entre outras coisas, configurar-se como um gênero realista, não pela descrição de algo que aconteceu necessariamente mas, sem dúvida, pela elaboração de um encontro que poderia ter acontecido, tanto pela forma, como vimos, como pelo conteúdo, como veremos.

### **O conteúdo histórico**

“A obra platônica é sem dúvida filosófica, mas profundamente arraigada em uma realidade histórica<sup>19</sup>”.

O protagonista da grande maioria dos diálogos de Platão, Sócrates, foi contemporâneo dos principais sofistas do séc. V a.C., com os quais trava, muitas vezes, embates argumentativos que são a própria essência dos *Diálogos*; fato que promove Platão ao posto de mais antigo escritor sobre sofistas que temos notícia (desconsiderando, é claro, as comédias de Aristófanes). Aristóteles, ainda que mencione os sofistas apenas eventualmente e de maneira pouco desenvolvida, integra com Platão, o outro pólo da fonte primordial de informações sobre Protágoras e os outros sofistas.

Ainda assim e, mesmo sendo posteriores aos filósofos pré-socráticos dos séculos VII e VI a.C. (ou *fisiólogos*, cujos os mais importantes representantes foram: Tales, Parmênides, Heráclito, Pitágoras, Empédocles e Demócrito), os sofistas do séc. V a.C. (Protágoras, Górgias, Hípias, Pródico e Antífon, entre outros) totalizam menos fragmentos e testemunhos do que seus predecessores históricos.

A causa deste fenômeno, ao que tudo indica, repousa sobre questões eminentemente ideológicas, afinal, como no séc. I d. C. atesta Cícero em *De natura deorum*, 1, 24, 63: “Protágoras de Abdera, o maior sofista daqueles tempos, começou um livro com estas palavras: 'Não posso dizer que os deuses existem ou que não existem' Foi expulso pelos

---

<sup>19</sup> Souza (1964, p.02).

Atenienses, seus livros foram queimados em praça pública” (12, 29)<sup>20</sup>. No séc. II d.C., o famoso doxógrafo Diógenes Laércio (IX, 55) menciona ainda que a lista de obras escritas por Protágoras (para mencionar somente o exemplo que nos interessa no momento) era bastante extensa e, como afirma o mesmo autor (em IX, 52)<sup>21</sup>, todas as obras de Protágoras teriam sido queimadas na *ágora* em virtude de seu manifesto agnosticismo. Eusébio (do séc. IV d. C.), na *Crônica de Jerônimo*<sup>22</sup>, especifica que tal fato teria ocorrido entre os anos de 444 e 441 a.C. na ocasião da 84ª Olimpíada. Em consonância com essa versão bastante difundida da biografia de Protágoras temos o mosaico a seguir, datado de 1929:



Imagem 1: Mosaico que ilustra as obras de Protágoras sendo queimadas em praça pública.

Fonte: Los Angeles, The University of Southern California, Mudd Hall of Philosophy.

<sup>20</sup> Salvo em indicação contrária, todos os testemunhos e fragmentos que citaremos a seguir referem-se à obra de Mario Untersteiner: *Sofisti – Testimonianze e Frammenti*. A obra de Untersteiner baseou-se na canônica obra de Diels & Kranz: *Die Fragmente der Vorsokratiker* tendo acrescentado, além dos fragmentos propriamente ditos, informações sobre a vida e obra de Protágoras. Todos os testemunhos e fragmentos que integram a obra de Untersteiner estão reunidas no “Anexo I” e irão se referir aos mesmos capítulos e numeração da obra sempre que forem citados. Quanto às traduções desses testemunhos, citaremos as traduções realizadas por Vaz Pinto (2005). Anexo I, “Vida e doutrina”, 23.

<sup>21</sup> Anexo I, “Vida e doutrina”, 1.

<sup>22</sup> Anexo I, “Vida e doutrina”, 4.

Platão e Aristóteles, que, como já observado, estão historicamente muito mais próximos dos sofistas do que esses historiadores, não mencionam nem esta alarmante censura às obras de Protágoras, e nem o naufrágio que supostamente Protágoras teria sofrido segundo as referências de Diógenes Laércio (IX, 55 e 56). Tímon de Fliunte do séc. III a.C. (no livro dos *Silos*), Sexto Empírico do séc. II d. C. (*Contra os Matemáticos*, IX, 55-57)<sup>23</sup> e Filostrato do séc. II d. C. (na *Vidas dos Sofistas*)<sup>24</sup> asseguram, ainda, que teriam sido os atenienses que condenaram Protágoras e que seu naufrágio, na verdade, se deu quando empreendeu fuga da condenação que sofrera.

Observamos, então, que não foi Platão o responsável por nos informar sobre a suposta censura que Protágoras teria recebido. Seus relatos e sua espécie de biografia sobre Protágoras seria mesmo uma fonte histórica confiável, sobretudo por se tratar de um sofista?

Alguns autores fazem uso dos testemunhos de Platão assumindo, então, a postura de reconhecer Platão como fonte confiável, são eles: Diels (1903), Untersteiner (1949), Capizzi (1955) e Souza (1964), Guthrie (1971) e Cole (1972). Todos eles incluem, por carência de outras opções, Platão na classe dos autores que aumentam consideravelmente os testemunhos acerca dos sofistas (sem deixarem de observar que tal procedimento requer uma série de cuidados).

Porém, de outro lado, autores como Cassin (1995), Kerferd (1989), Zilioli (2007), Ribeiro (2009) e Tell (2011), não só recusam o testemunho de Platão por alegarem que o antagonismo de Sócrates *versus* os sofistas deturparia a legitimidade dos testemunhos, como, no caso extremo de Dupréel (1948, p. 402), vemos a insinuação de que Platão teria plagiado as doutrinas dos sofistas. Em uma posição intermediária encontra-se Forsdyke (1991), que elabora um método para avaliar, frente à caracterização dos sofistas presentes em Platão, o que trataria-se de aspectos históricos e o que trataria-se de aspectos literários.

A rigor, teríamos a favor dos testemunhos de Platão em relação a Protágoras o fato de eles estarem mais próximos historicamente (afinal, “ele escreveu no início do século

---

<sup>23</sup> Anexo I, “Vida e doutrina”, 12.

<sup>24</sup> Anexo I, “Vida e doutrina”, 2.

quarto, quando eles [os pensamentos de Protágoras] ainda estavam vivos o bastante na memória”)<sup>25</sup>, porém, a despeito da resistência em relação aos sofistas, o fato de eventualmente encontrarmos em Platão informações e personagens fictícios levam alguns estudiosos a defenderem que não poderíamos adotar os escritos de Platão como fonte histórica, não obstante, assim como Nails (1950, xxxviii), entendemos a questão de maneira diferente:

Enquanto pesquisas anteriores têm se interessado em destacar as discrepâncias entre Platão e outras fontes, com a suposição que Platão não seria historicamente confiável e deveria ser usado apenas como último recurso, minha pesquisa mostra que vale muito a pena voltar-se a suposição contrária: as pessoas que aparecem nos diálogos de Platão, a menos que haja um forte indício contrário, devem ser tomadas como ele as apresenta.<sup>26</sup>

São nove diálogos de Platão que mencionam Protágoras: *Crátilo* (386a, 391b), *Eutidemo* (286b), *Fedro* (266d), *Hípias Maior* (282d), *Mênon* (91e), *República* (600c), *Sofista* (232 d), *Teeteto* (em diversas passagens) além, logicamente, do *Protágoras*. Na maioria deles Protágoras é apenas mencionado como um paradigma de educador remunerado (como no caso do *Hípias Maior* e *Mênon*) com alusões às matérias que lecionava (*Crátilo*, *Eutidemo*, *Fedro*, *Sofista* e *República*). Não obstante, são nos diálogos *Protágoras* e *Teeteto* que observamos de maneira mais detalhada os dois pólos aparentemente contraditórios da caracterização do sofista Protágoras: de um lado com suas ocupações práticas, personificadas em uma coerente atuação no campo da educação e política e, de outro, com seu pensamento relativista e supostamente imoral, enquanto mero sofista e pseudo pensador da Antiguidade.

---

<sup>25</sup> “he wrote in the early fourth century, when there still remained a vivid enough memory”, Cole (1972, p. 44).

<sup>26</sup> “Whereas previous researches have addressed discrepancies among Plato and other sources on the assumption that Plato was historically unreliable and should be used only as a last resort, my research shows that there is much to be gained on the opposite assumption: the people of Plato, unless there is strong evidence to the contrary, should be taken as he presents them.”

Em se tratando do Protágoras histórico (pois abordaremos a seguir, separadamente, a síntese do seu pensamento filosófico no sub-item: “*conteúdo filosófico*”), é mesmo o diálogo que leva o seu nome que fornecerá mais informações sobre sua biografia. Em relação a sua idade, por exemplo, ainda que sejamos informados no *Mênon* que Protágoras morreu com pouco mais de 70 anos e com 40 anos de profissão (91 e)<sup>27</sup>, informação que coincide com a segunda versão apresentadas por Diógenes Laércio (VIII, 56)<sup>28</sup>; no *Protágoras*, que supostamente teria ocorrido entre os anos de 433 e 432 a.C., Zuckert (2009, p. 09), o personagem Protágoras afirma (em 317 c)<sup>29</sup> que poderia ser pai de qualquer um dos presentes na casa de Cálías (cenário em que se passa as principais cenas do *Protágoras*).

Ora, se Sócrates, que nasceu em 469 a.C., Nails (2002, p. 263), e estava com cerca de 36 anos na ocasião do diálogo, é possível supor que Protágoras poderia ter cerca de 55 anos e, desse modo, poderia ter nascido por volta de 490 a.C. e, conseqüentemente, por ter morrido com 70 anos, poderia ter morrido por volta de 420 a.C. Nails (2002, p. 256). As informações dadas pelos diálogos *Mênon* e *Protágoras* são coerentes entre si e, além disso, advêm de um autor do século IV a.C. que se ocupa em retratar um contexto histórico de apenas meio século passado e, assim, em acordo com Zilioli (2007), tendemos a crer que a outra versão dada por Diógenes Laércio (VIII, 55), de que Protágoras teria vivido até os noventa anos, parece ser falsa<sup>30</sup>.

Outras passagens aparentemente despreziosas como em 320b, quando o personagem Sócrates afirma: “[eu sei que] você estudou e descobriu muitas coisas sozinho”, também encontram eco com testemunhos de outros autores. Diógenes Laércio e Aristóteles, por exemplo, afirmam que Protágoras é o precursor de uma série de inovações, sobretudo no campo da linguagem. Diógenes Laércio (IX, 8, § 52 e 53) afirma que Protágoras foi o primeiro a distinguir os tempos verbais, foi criador do gênero do discurso

---

<sup>27</sup> Anexo I, “Vida e doutrina”, 8.

<sup>28</sup> Anexo I, “Vida e doutrina”, 1.

<sup>29</sup> Anexo I, “Vida e doutrina”, 5.

<sup>30</sup> “The tradition of a life of ninety years reported by Diogenes seeming to be false”, Zilioli (2007, p. 20).

erístico, e o primeiro a tratar da importância do momento oportuno, também teria sido o primeiro a usar o argumento de Antístenes e os λογιοι σοκρατικοι<sup>31</sup> e, de acordo com Aristóteles, Protágoras teria sido o primeiro a diferenciar os gêneros gramaticais: masculino, feminino e neutro (*Retórica*, III, 1407b, §5)<sup>32</sup> e aquele que refutou os geômetras quando afirmou que o círculo toca a tangente em mais de um ponto (*Metafísica*, III, 2, 997b)<sup>33</sup>.

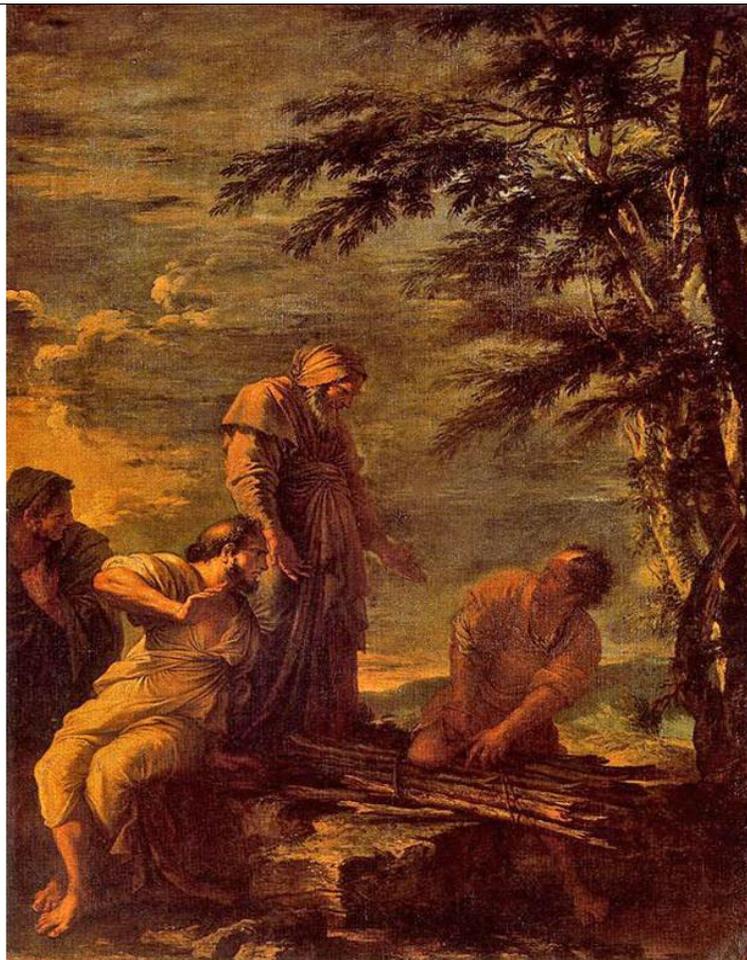


Imagem 2: Quadro que retrata o suposto encontro de Protágoras e Demócrito e a origem humilde do sofista.

Fonte: St. Petersburg, The Hermitage (1663 – 1664).

<sup>31</sup> Anexo I, “Vida e doutrina”, 1.

<sup>32</sup> Anexo I, “Vida e doutrina”, 27.

<sup>33</sup> Anexo I, “Títulos duvidosos”, 7.

Outra passagem que pode fazer alusão a um dado biográfico da vida de Protágoras é a que temos em 351 d, quando o personagem Protágoras afirma: “Na verdade, me parece mais prudente responder - não apenas em relação à minha resposta de agora mas, também, levando em conta todas as outras questões da minha vida”<sup>34</sup>. Apesar de a passagem ser pouco específica e de não termos condições de saber exatamente a que Protágoras estaria se referindo, lembremos das duas versões aparentemente contraditórias a respeito da sua origem social.

A primeira e mais difundida, é aquela atestada por Diógenes Laércio (IX, 53)<sup>35</sup> em que Protágoras teve origem humilde e que, no labor de suas ocupações, inventou um mecanismo para facilitar o seu trabalho (de carregar lenhas), fato que chamou a atenção do filósofo Demócrito que prontamente se dispôs a ser o mestre do futuro sofista. O suposto encontro de Protágoras e Demócrito também foi retratado na imagem que temos acima, (Imagem 2).

A segunda versão, datada do séc. II d. C., ou seja, distante de Protágoras mais de 450 anos, é atestada por Filostrato na *Vida dos Sofistas* (I, 494, 09). Filostrato nos informa que Protágoras teve contato com os magos persas na ocasião em que Xerxes entrou em guerra contra a Hélade<sup>36</sup>, fato que nos levaria a crer que Protágoras poderia ter sido, também, um aristocrata Vaz Pinto (2005, p. 55).

De fato, a afirmação do personagem Protágoras em 351 d é pouco conclusiva, contudo, como vimos também em 320 b, o personagem Protágoras é caracterizado por Platão, autor que viveu menos de cinquenta anos depois de Protágoras, mais em relação a versão biográfica que alude a uma origem social não abastada. O personagem Sócrates se refere a formação de Protágoras como tendo sido autodidata, uma informação também genérica e que não estaria em contradição com o fato de Protágoras ter tido contato com magos persas, porém, quando Platão registra sua versão sobre a formação do sofista, deixa de mencionar a informação de que Protágoras teve mestres para destacar que foi autodidata.

---

<sup>34</sup> Passagem não incluída nos testemunhos que são fornecidos no Anexo I.

<sup>35</sup> Anexo I, “Vida e doutrina”, 1.

<sup>36</sup> Anexo I, “Vida e doutrina”, 2.

Não obstante, Segundo Croiset (2001, p. 43) e Taylor (1996, p. 78), teríamos também no *Protágoras* um exemplo de informação anacrônica em Platão. Trata-se da passagem presente em 327 d em que supostamente o personagem Protágoras refere-se a uma peça que teria sido encenada em 420 a.C., sendo que a cena dramática do diálogo se passa em 432 a.C.: “tratam-se de rústicos assim como aqueles que, no ano passado, o poeta Ferécrates apresentou nas Lenéias”. Segundo os comentadores acima mencionados, o personagem Protágoras estaria se referindo a comédia *Os Selvagens* (ἄγριοι) que supostamente teria sido encenada no festival das Lenéias em fevereiro de 420 a.C., Smith (1861, vol. III, p. 258).

Não obstante, além de o personagem Protágoras não mencionar especificamente a peça *Os Selvagens*, cuja datação é Ateneu que nos informa, do séc. II d.C. (Suida, α , 731), Smith (1861, vol. III, p. 258) e, portanto, posterior a Platão, Ferécrates obteve sua primeira vitória no festival das Lenéias em 438 a.C., sendo que seria totalmente factível o comediógrafo usar caracterizações parecidas no coro de mais de uma peça. Ou seja, nada garante que esta menção que o personagem Protágoras faz a peça de Ferécrates seja mesma anacrônica.

## O conteúdo filosófico

Pessoas que gostam de filosofia de mão beijada  
é melhor não lerem os diálogos de Platão<sup>37</sup>.

De um ponto de vista estrito, em se tratando das concepções de Protágoras enquanto pensador relativista, e de Platão, tido como um filósofo idealista (ou objetivista), poderíamos supor, como faz Zilioli (2007)<sup>38</sup>, que Platão não apenas é o aque-inimigo

---

<sup>37</sup> “People who like their philosophy spoon-fed are better off not reading the dialogues of Plato” Areti et Barrus (2011, p.06) in: Laham (2011).

<sup>38</sup> “(...) since Protagoras is, on my account, Plato's philosophical enemy, and since Plato opposes Protagora's philosophical ideas, from the positions that he attributes to Protagoras in his dialogues he tends to draw some philosophical consequences that need not be drawn. Plato wants to show Protagora's positions untenable (...) Zilioli (2007, p. 07)

filosófico de Protágoras, como Platão, o escritor que teve o destino contrário ao de Protágoras em relação a perpetuação de sua obra, estaria propenso a distorcer as teorias de Protágoras em favor próprio.

Em relação a esse fato, não restaria alternativa senão confrontar os testemunhos de Platão com os testemunhos dos outros doxógrafos e, assim, extrair o que haveria de comum entre eles para definir o pensamento filosófico de Protágoras, bem como o papel do diálogo que leva o seu nome em todo este processo, afinal, como já mencionado, aparentemente haveria grande disparidade entre o conteúdo do *Teeteto* e do *Protágoras* – os dois diálogos de Platão dedicados, respectivamente, à caracterização teórica e prática de Protágoras.

E, no confronto de Platão com os doxógrafos tardios que escreveram sobre Protágoras, constatamos é que não é Platão o responsável pela desvalorização do pensamento de Protágoras, pelo contrário.

Excetuando divergências pontuais que estariam mais relacionadas a dados biográficos do que em relação ao pensamento do sofista, nos demais testemunhos, que dizem respeito às teorias filosóficas de Protágoras, observamos que a essência do pensamento de Protágoras parece comum a todos os doxógrafos.

Esse fato nos leva a pensar que os doxógrafos tardios fizeram uso de Platão para fundamentarem suas doxografias no que tange as informações sobre o pensamento de Protágoras, pois, apesar de Platão não ser nem o primeiro nem o único escritor “primordial” sobre os sofistas (o primeiro escritor a registrar informações sobre os sofistas que temos acesso é Aristófanes e, Aristóteles, apesar de ser posterior a Platão, também pode ser considerado um autor primordial sobre os sofistas devido a proximidade cronológica e a autoridade que representa na História da Filosofia), é ele que totaliza um maior número de informações sobre o pensamento não só de Protágoras como de todos os outros sofistas.

No confronto de Platão com os doxógrafos tardios de Protágoras, sobretudo Sexto Empírico, Filostrato e Diógenes Laércio, é notório o quanto as informações que Platão nos apresenta do pensamento de Protágoras são mais detalhadas e, no geral, não apresentam divergências significativas com as informações registradas por esses doxógrafos.

Por isso mesmo, apresentaremos o pensamento de Protágoras sobretudo a partir dos primeiros autores que trataram do seu pensamento, incluindo Platão, para, depois, em

confronto com as informações fornecidas por todos esses escritores, destacarmos a outra parte do que chamamos de “espécie de doxografia” que Platão nos fornece de Protágoras, primeiramente tivemos as informações biográficas, agora serão as informações filosóficas (cf. nota nº 223).

Protágoras, que pode ser considerado não apenas o primeiro pensador relativista da cultura ocidental, como também, um dos primeiros pensadores humanistas Guthrie (1971, p. 64), é retratado, pela totalidade dos testemunhos a seu respeito, incluindo os testemunhos de Platão, a partir de duas perspectivas moralmente antagônicas: de um lado, como um teórico autêntico que cunhou valiosas reflexões e ensinamentos éticos, mas, de outro, como um mal intencionado e intemperante competidor erístico. Cole (1972, p. 19)<sup>39</sup> sintetiza bem essa questão ao afirmar:

A figura que nós conhecemos como Protágoras foi, na verdade, duas pessoas com o mesmo nome e que tiveram existências paralelas no século V a.C. (...) Um deles foi o modelo e protótipo da mal reputada categoria dos sofistas e, o outro, um pensador político sério, de considerável discernimento e originalidade.

Colocado nesses termos, cabe-nos, então, avaliar as razões para tal disparidade a fim de entender o papel de Platão neste processo, bem como o do *Protágoras* (o diálogo que a nosso ver reuniria a essência biográfica e intelectual do sofista Protágoras).

Apresentaremos a seguir, em ordem cronológica, os principais testemunhos e fragmentos sobre o pensamento de Protágoras destacando a dicotomia entre o homem íntegro, teórico da educação e da política, e o sofista oportunista, que elabora um pseudo relativismo a fim de, maliciosamente, obter triunfos ante seus interlocutores.

Como poderemos observar, Platão fornece um volume muito maior de informações sobre o pensamento de Protágoras do que os demais doxógrafos que escreveram a respeito do sofista. Não obstante, como Platão retrata com aparente equilíbrio as duas faces de

---

<sup>39</sup> “the figure we know as Protagoras was in reality two persons of that name, who lived separate existences in the fifth century B. C. (...) One of them was the pattern and prototype of that disreputable breed the sophist, the other a serious political thinker of considerable insight and originality”.

Protágoras, sem tomar um partido claro sobre qual o caráter predominante de Protágoras, teremos que diferenciar o que para nós seria o “verdadeiro” testemunho, do “julgamento” do personagem Sócrates.

Cronologicamente, Aristófanes (450 – 386 a.C.) é o primeiro autor a registrar e satirizar o pensamento de Protágoras: “Dizem que no meio deles os raciocínios são dois: o forte, seja ele qual for, e o fraco. Eles afirmam que o segundo raciocínio, isto é, o fraco, discursando, vence nas causas injustas” *As Nuvens*, (112 e segs)<sup>40</sup>, “o outro dos seus dois raciocínios” (244)<sup>41</sup>.

Em referência ao que supostamente seria, pela voz do próprio sofista reproduzida por Sócrates, o próprio pensamento de Protágoras vemos no *Teeteto* de Platão (427 - 348 a.C): “Não estou propondo, de modo algum, que a sabedoria e o homem sábio não existiriam de fato, apenas estou dizendo que sábio é aquele que transforma coisas que parecem e são más em coisas que parecem e são boas” (166d)<sup>42</sup>.

E, em Aristóteles (384 - 322 a.C.): “tornar mais forte o argumento mais fraco” *Retórica* (3, 1407 b)<sup>43</sup>.

Cole (1972, p. 30) argumenta que o princípio sintetizado pela afirmação: “estou dizendo que sábio é aquele que transforma coisas que parecem e são más em coisas que parecem e são boas” seria, para Protágoras, aplicável em vários contextos e, diferente da sátira nas *Nuvens*, não teria propósitos utilitaristas:

não há nada na frase por si só que leve a tal interpretação, e a frase mesma foi provavelmente tudo que os doxógrafos tinham em mãos. Eu proponho, contudo, que tornar bom um argumento ruim era simplesmente outro exemplo de ensinar os homens como tornar

---

<sup>40</sup> Anexo I, “Imitações”, fr. 2.

<sup>41</sup> Menção indireta de Aristófanes ao “tornar o *logos* mais fraco no *logos* mais forte”. O presente fragmento não está incluído nas obras que reúnem os testemunhos e fragmentos de Protágoras nas obras acima mencionadas.

<sup>42</sup> Anexo I, “Vida e doutrina”, 21 a.

<sup>43</sup> Anexo I, “títulos duvidosos”, 6b 1.

melhor o que parecia uma situação ruim<sup>44</sup>.

Embora tenha repercutido mais a ideia de que Protágoras buscava “tornar mais forte o argumento mais fraco”, como diz Aristóteles, Cole nos mostra que é possível estabelecer um paralelo entre a passagem acima citada do *Teeteto* (166 d) e o mito de Prometeu e Epimeteu que o personagem Protágoras expõe no diálogo homônimo e, portanto, seria possível extrair a essência da prática pedagógica de Protágoras em consonância com seu pensamento ético.

No mito (322 b e segs.)<sup>45</sup>, por ainda não possuírem a arte política, a raça humana vivia em uma situação ruim, mas, depois da aquisição desta arte fornecida por Zeus, observa-se uma mudança na condição humana, proporcionada pela ação de Zeus:

A aquisição da excelência política é o que muda em uma atitude que permitirá a eles perceber como boa (concordia, troca recíproca de favores e serviços) uma situação que anteriormente eles percebiam como má (anarquia, injustiça mútua). E Zeus, uma vez que proporciona a mudança, é, apropriadamente, o arquétipo de [educador] sofista<sup>46</sup>.

Desse modo, como Cole, interpretamos que seja possível uma leitura homogênea em relação à essência do pensamento e prática de Protágoras a partir dos dois principais diálogos platônicos que se ocupam do sofista. Porém, por se tratar de uma leitura pouco explícita, não temos como saber se o próprio Platão fizera tal caracterização consciente ou inconscientemente Cole (1972, p. 30).

Algo completamente diferente acontece com a caracterização do patente relativismo

---

<sup>44</sup> “there is nothing in the phrase itself that demands such an interpretation, and the phrase itself was probability all that the doxographers had to go on. I suggest, therefore, that making the worse argument better was simply another example of teaching men how to make the best of what seemed to them bad situation” Cole (1972, p 33).

<sup>45</sup> Anexo I, “Imitações”, 1.

<sup>46</sup> “The acquisition of civic excellence is that change in attitude which allows them to see good (concord, exchange of goods and services) in a situation where previously they had seen evil (anarchy, mutual wrongdoing). And Zeus, since he brings about the change, is, most appropriately, the original and archetypal sophist” Cole (1972, p 31).

de Protágoras que, em Platão, aparece em maior volume e em diferentes diálogos. No *Crátilo*, 385 e: “Como Protágoras sustentava ao dizer que o homem é a medida de todas as coisas, tal como as coisas parecem ser, assim elas são para mim, tal como elas te parecem, assim elas são a você”<sup>47</sup>, *Eutidemo* 286b: “Mas eu tendo ouvido de muitos este argumento de que não é possível a contradição, fico sempre admirado. Tanto os discípulos de Protágoras quanto os pensadores mais antigos ainda faziam uso dele”<sup>48</sup>, no *Teeteto*, 161b – 161d: quando o personagem Sócrates, antes mesmo de expor mais detalhes da teoria de Protágoras, desqualifica o pensamento do sofista afirmando que qualquer animal que tenha percepção teria, segundo Protágoras, conhecimento<sup>49</sup>, em 166b e segs. no que ficou como “Apologia de Protágoras” por se tratar de um admirável discurso feito pelo personagem Sócrates supostamente reproduzindo a verdadeira teoria relativista de Protágoras<sup>50</sup>, 170 e – 171c: o personagem Sócrates, depois de expor o que o próprio Protágoras teria argumentado sobre sua teoria do “homem medida”, mostra que, como a verdade é o que parece a cada um, bastaria alguém achar que a teoria de Protágoras é falsa para que ela fosse realmente falsa<sup>51</sup>. No *Protágoras*, em 331d o personagem Protágoras argumenta que “tudo guarda semelhança com tudo”<sup>52</sup> e, em 334, que o “bom” depende das circunstâncias”<sup>53</sup>.

Mas também em Aristóteles na *Metafísica*, 4, 4, 1007 b 18:

Se todas as declarações contraditórias são verdadeiras ao mesmo tempo e em relação ao mesmo assunto, é evidente que todas as

---

<sup>47</sup> Anexo I, “Vida e doutrina”, 13.

<sup>48</sup> Anexo I, “Vida e doutrina”, 19.

<sup>49</sup> Passagem não estão inseridas como parte dos testemunhos de Platão sobre Protágoras até porque trata-se da “opinião” do personagem Sócrates.

<sup>50</sup> Anexo I, “Vida e doutrina”, 21 a.

<sup>51</sup> Passagem não estão inseridas como parte dos testemunhos de Platão sobre Protágoras até porque trata-se da “opinião” do personagem Sócrates.

<sup>52</sup> Passagem que não está incluída entre os testemunhos mencionados no Anexo I.

<sup>53</sup> Anexo I, “Vida e doutrina”, 22.

coisas serão uma só. (...) é permitido afirmar ou negar qualquer coisa, como devem necessariamente admitir os que sustentam o argumento de Protágoras. Se a alguém parece que o homem não é uma trirreme, é evidente que não é uma trirreme; de modo que também o é, se a declaração contraditória for verdadeira.

Aquele que disse que o homem é a medida de todas as coisas, não dizendo outra coisa senão que o que parece a cada um é seguramente isso. Mas, sendo assim, a mesma coisa é ser e não ser, má e boa e o mesmo se diz em relação às afirmações opostas, pelo facto de que muitas vezes uma coisa parece bela a uns e o contrário a outros e a medida é o que aparece a cada um. *Metafísica*, 11, 6, 1062 b 13<sup>54</sup>.

E, em referência inequívoca aos filósofos clássicos temos também Sexto Empírico, séc. II d.C. em *Contra os matemáticos*, 7, 389 II<sup>55</sup> :

Não se pode dizer que toda aparência é verdadeira, porque o argumento pode ser voltado contra ele próprio, como ensinavam Demócrito e Platão (*Teeteto*, 171a) objetando a Protágoras – Se toda aparência é verdadeira, a opinião de que nem toda aparência é verdadeira será verdadeira e a opinião de que toda aparência é verdadeira se tornará falsa.

Todos sabemos que o relativismo de Protágoras incorpora a essência da divergência e dicotomia teórica entre o sofista, e seu “relativismo da percepção”, e Platão, com objetivismo ontológico Zilioli (2007, p. 15).

Porém, mesmo assim, diferente dos outros autores, Platão é o único que deixaria “o próprio” Protágoras falar e se defender, expõe a opinião do personagem Sócrates criticando as concepções teóricas de Protágoras dando vida a imagem de um pensador leviano, mas

---

<sup>54</sup> Ambas as passagens referem-se ao mesmo fragmento exposto no Anexo I, “Vida e doutrina”, 19.

<sup>55</sup> Anexo I, “Vida e doutrina”, 15. Outros doxógrafos como Diógenes Laércio (IX, 51), Anexo I, “Vida e doutrina”, 1, e Hérmiatas também do séc. II d.C. (*Irrisão dos Filósofos Pagãos*, IX, D. 653) Anexo I, “Vida e doutrina”, 16, assim como Sexto Empírico, acompanham os testemunhos dos filósofos clássicos ao se referirem ao pensamento relativista de Protágoras.

também não deixa de expor os argumentos que Protágoras usaria para se defender.

Ao analisarmos a totalidade das referências ao pensamento relativista de Protágoras que Platão nos fornece, podemos até cogitar que Platão desse preferência as posições expostas pelo personagem Sócrates, contudo, não é possível concluir dogmaticamente que o pensamento relativista de Protágoras estivesse “errado”, como mostra, analiticamente, Zilioli (2007, p.134 e segs.).

E essa característica da maneira como Platão expõe o pensamento de Protágoras não é observada somente no *Protágoras*, diálogo em que o sofista está “presente”, mas também no *Teeteto*, diálogo que tem a cena dramática *post mortem* do sofista (171d). Assitimos no *Teeteto* o personagem Sócrates falar em nome de Protágoras com tamanho cuidado (166 d), que temos a nítida sensação de que o sofista “saiu da terra”.

Desse modo, mesmo quando Platão explora, no *Teeteto*, o recurso de deixar o personagem Sócrates criticar Protágoras pelo fato de o sofista estar ausente (conforme já destacamos na p. 22), a “espécie de doxografia” que Platão nos fornece de Protágoras é razoavelmente coerente na sua totalidade e foi capaz, como acontece na dinâmica real do confronto de ideias, de resistir ao posicionamento contrário do personagem Sócrates e até mesmo ao infortúnio de não termos acesso as obras do próprio sofista.

## **A logomaquia**

Em se tratando especificamente do *Protágoras*, por outro lado, é importante salientar que a caracterização do pensamento do sofista Protágoras não é, de forma alguma, o cerne do debate filosófico. Tido por alguns mais como uma obra de arte do que um escrito filosófico essencial de Platão<sup>56</sup>, o *Protágoras* também é entendido como uma obra filosófica intermediária (por sintetizar o conceito de virtude, que teria sido tratado individualmente nos diálogos *Cármides*, *Hípias Menor*, *Laques* e *Eutífron*, que abordam, respectivamente, as partes da virtude)<sup>57</sup>, sem mencionar os que acreditam que ele trata-se

---

<sup>56</sup> Cf. Croiset (2001, p. 03).

<sup>57</sup> Eleazar (1986, p. 10).

de uma obra à altura das mais elevadas elaborações filosóficas de Platão, comparável, pela complexa estrutura e pela gravidade dos temas que aborda, ao *Fédon*, *Banquete* e *República*, obras que conjugam grande beleza literária e elaborada formulação conceitual<sup>58</sup>.

Tamanha disparidade quanto à avaliação filosófica desta obra não é acidental, afinal, para frustrar aqueles que esperam que o conteúdos filosóficos dos diálogos estejam claros e evidentes, em nenhum momento do diálogo encontramos alguma sistematização dos conceitos filosóficos abordados. Todo o diálogo é dialético, evolui conforme o resultado de dois raciocínios e discursos (λόγοι) que se encontram e nem sempre conjugam uma mesma conclusão. Nesse sentido, a investigação primeira sobre qual o diálogo se debruça, a virtude, não chega mesmo a ser definida.

O conceito (de virtude) é fruto de diversas especulações quanto à sua constituição, a possibilidade de ser ensinada e sua relação com a ciência (ἐπιστήμη). Assim, podemos inferir que o enfoque a respeito da virtude (ἀρετή) é *mais* ético do que teórico, o que significa dizer que o escopo da investigação tenta trazer luz sobre o que vem a ser a ἀρετή a partir do seu uso e da sua manifestação nas experiências cotidianas nas partes que a integram, e não a partir do seu significado teórico e abstrato.

Partindo de uma leitura superficial do diálogo, não é possível extrair facilmente alguma esquematização do conteúdo tratado acerca do conceito de ἀρετή. Tal fato se dá, justamente, em virtude do diálogo não se mostrar muito didático ao leitor imperito, afinal, reproduz com verossimilhança um debate aparentemente espontâneo, que poderia muito bem ser visto entre dois interlocutores reais, de alto nível intelectual e que, por tudo isso, poderiam desestruturar as “ideias prontas” um do outro. A todo o momento é notório que ambos estão sujeitos a mudarem de opinião durante o debate, o que, por fim, acaba por acontecer.

Porém, depois de uma leitura mais atenta, podemos entender que Sócrates, ao final, conclui que as partes da virtude: piedade (ὀσιότης), temperança (σωφροσύνη), justiça (δικαιοσύνη), sabedoria (σοφία) e coragem (ἀνδρεία) tratam-se, todas, de entidades relacionadas à ἐπιστήμη e à σοφία ou seja, integram qualidades humanas eminentemente

---

<sup>58</sup> Souza (1964, p. 83).

racionais e passíveis de serem ensinadas. Protágoras, por outro lado, que argumentou que a coragem é uma das partes da virtude “inata” terminou, depois da argumentação socrática, por ter que aceitar que aquele que age com coragem, e não por mera ousadia ou temeridade, precisa, necessariamente, de um certo saber a fim de determinar o que é digno de sua coragem, para que possa agir de maneira nobre.

Além desta inversão a respeito das concepções filosóficas de ambos interlocutores, também podemos perceber como se configura na prática a concepção relativista de Protágoras. Platão registra com aparente imparcialidade a habilidade dialética do sofista que resiste magistralmente às armadilhas de Sócrates tanto com respostas breves, emitidas sem uma prévia elaboração, como com discursos longos, provavelmente elaborados previamente e oriundos das teorias e concepções do sofista.

Ademais, ainda em favor da concepção de que Platão não teria privilegiado a perícia de Sócrates, um filósofo, em detrimento de Protágoras, um sofista, podemos perceber que ao final da *logomaquia* os dois principais interlocutores obtiveram resultados bastante parecidos, de modo que observamos um relativo equilíbrio em relação à vários aspectos:

- a) Ao tamanho dos discursos (maior discurso de Sócrates: de 342a até 347a , maior discurso Protágoras: 320d até 328d);
- b) À capacidade de perguntar e responder brevemente (o personagem Sócrates afirma, em 329 b, que Protágoras é capaz dos dois tipos de discursos, os longos e os breves. O personagem Alcibiades afirma que a capacidade de dialogar com perguntas e respostas breves é qualidade própria de Sócrates, em 336c);
- c) Ao domínio da tradição mitológica e poética que os precedem (Protágoras com mito de Prometeu e Epimeteu, em 320 d, e Socrates quando discursa sobre Poema de Simônides, em 339 d);
- d) À resistência em ceder aos métodos dos adversários (Sócrates ameaça abandonar o encontro pelo fato de Protágoras não ceder ao seu método de perguntas e respostas breves, em 335c, e Protágoras, responde, a contragosto, somente acenando, em 332 a, 333e);
- e) À capacidade de mudar de opinião, reconhecimento de afirmações equivocadas (Sócrates passa a aceitar que a virtude pode ser ensinada, 328 e, Protágoras assume que é impossível

ser corajoso sem deter a sabedoria das coisas corajosas, em 360 e, diferente do que afirmara de início, e:

f) À defesa de idéias heterodoxas e “relativistas” (Protágoras afirma que o que chamamos de “bom” depende das circunstâncias, em 344, e que “tudo guarda semelhança com tudo”, em 331d, e Sócrates defende a idéia de que “bom”, “mau”, “prazer” e “sofrimento” não existem em si mesmos, e que escolhemos as coisas a partir de um calculo exato do que proporciona mais benefícios e menos malefícios, de 354 até 358).

Assim, temos todos os motivos para tomar o diálogo *Protágoras* como um bom exemplo do que seria a concepção filosófica de Platão: um verdadeiro embate de idéias em que o *logos*, como se tivesse a capacidade de tomar vida própria, fala mais alto do que concepções individuais e parciais da verdade<sup>59</sup>:

[Sócrates] — Para mim não faz diferença, desde que só você responda, seja sua opinião sobre o assunto ou não. Pois eu, pelo menos, investigo principalmente o *logos*, daí resulta, conseqüentemente, que tanto eu que estou perguntando, como o que está respondendo se submetem à prova do mesmo modo. (333 c).

---

<sup>59</sup> Cf. Benoit (2004, p. 35) e Souza (1996, p. 49). Ambos autores, referindo-se às Lições sobre a História da Filosofia, atribuem a Hegel a heterodoxa leitura da forma “Filosofia de Platão” como “dialógica”, cito Souza: [segundo Hegel] “a forma da filosofia platônica é a dialógica”. Benoit, no capítulo II “Uma obra sem autor e sem doutrina” da sua obra já mencionada, destaca a própria forma dos diálogos eclipsarem a figura de Platão (p. 30), bem como o fato de interpretes, já na Antiguidade, relativizarem a existência de uma filosofia platônica dogmática (p. 37).

## 2-NOTA SOBRE A TRADUÇÃO

nossa tradução de de qualquer texto (...), será fiel não ao texto “original”, mas àquilo que consideramos ser o texto original, àquilo que consideramos constituí-lo. Arrojo (1986, p. 44)

Se toda tradução possui, intrinsecamente, uma teoria de tradução, defendemos que no caso de um texto como o diálogo de Platão, que pode informar algo sobre a vida e obra de um autor, no caso, o Protágoras, o viés histórico, informativo e documental não devem passar despercebidos ao leitor.

Desse modo, pretendemos explorar os recursos disponíveis em nossa língua para retratar um cenário social bem delimitado historicamente: a Atenas do século V a.C., ou seja, o palco do surgimento da política e democracia ocidental no contexto de transição da cultura oral para a escrita.

Abservaremos, assim, dois critérios principais para nortear as escolhas na tradução: o primeiro deles é o *registro*, ou melhor, o grau de formalidade com que os personagens conversam entre si, o outro é o *léxico* - o repertório das palavras com significados específicos.

Em relação ao registro é notável em boa parte dos diálogos de Platão e, em particular no *Protágoras*, indícios de que alguns personagens relacionam-se com irrestrita informalidade. O caso mais explícito é o do personagem Hipócrates que chega à casa de Sócrates, de madrugada, aos berros e não apenas entra na morada de Sócrates, como chega a se sentar no leito dele, próximo aos pés do filósofo (310 a – c ).

Não faltariam exemplos para ilustrar que se o diálogo *Protágoras* se assemelha a algum gênero literário, este é à comédia *Areti* (2010, p. 08), Aristóteles (*Poética* 1447b) e, conseqüentemente, o registro privilegiado na comunicação dos personagens é o registro “dialogal” ou, simplesmente, informal, do cotidiano, aquele que usamos para nos dirigirmos, por exemplo, ao porteiro que não quer permitir a nossa entrada em algum recinto (314 d).

Um dos recursos que usaremos para tentar adaptar a informalidade do *Protágoras* à fala que usamos no nosso cotidiano, mais especificamente na linguagem informal do Estado do Brasil que nos encontramos, o Estado de São Paulo, será traduzir os pronomes gregos de segunda pessoa do singular por pronomes de 2ª (te) e 3ª (você, vocês) pessoa que, no nosso caso, aparecem indistintamente e levam o verbo grego, conjugado quase sempre na 2ª pessoa, a ser traduzido como um verbo na 3ª pessoa. Ex:

<p>ἄτοπον μέντοι τί σοι ἐθέλω εἰπεῖν· παρόντος γὰρ ἐκείνου, οὔτε προσεῖχον τὸν νοῦν, ἐπελανθανόμην τε αὐτοῦ θαμά. [309.c.1]  ET. Καὶ τί ἂν γεγονὸς εἴη περὶ σὲ κάκεινον τοσοῦτον πρῶγμα</p>	<p>Contudo, quero <b>te</b> dizer algo estranho: mesmo ele estando presente, nem lhe dei atenção, assim como, em vários momentos, até me esquecia dele.  <b>AM</b> – Mas o que de tão excepcional teria acontecido entre <b>vocês</b>?</p>
---	--

Por outro lado, em relação ao léxico empregado pelos personagens dos diálogos, também pensamos ser importante retratar o contexto específico que eles são inseridos. Caso omitíssemos as expressões e palavras que se referem às estruturas sociais e políticas particulares e amplamente estudadas do surgimento da democracia, estaríamos deturpando a própria essência dos diálogos: o seu tempo e lugar na história da civilização ocidental.

Desse modo, defendemos que não apenas o *Protágoras* e sim a maioria dos diálogos de Platão (excetuando, por exemplo diálogos como o *Timeu*), devem ser traduzidos com uma linguagem informal, próprio do registro dialogal e oral, com um léxico específico, que retrate o contexto social, geográfico e político em que os diálogos se inserem. Vejamos alguns exemplos.

#### O “registro”:

“Ἐἴτα τί τοῦτο;”

Logo no começo do diálogo, em *309 a 6*, na primeira fala de Sócrates, depois de um

“amigo” lhe perguntar sobre Alcibíades, insinuando que esse já não tem mais o rosto sem barba, Sócrates lhe pergunta: Εἶτα τί τοῦτο; que eu traduzo como “E daí?”. Esta é a melhor solução que encontrei para traduzir, como uma expressão coloquial proporcional à ação dramática em que ela aparece, o advérbio “Εἶτα” que é usado para denotar a sequência de algo, unido ao pronome interrogativo “τίς” (o quê?) e o pronome demonstrativo “οὗτος” (isso). Outras traduções preferem “O que então?” ou “O que importa?”<sup>60</sup> que, ou modificam sutilmente a ideia, ou não soam fluente e natural como exige a linguagem dialogada.

“Ἡ παρ’ ἐκείνου φαίνει;”

Em 309 b 2, o “amigo” pergunta a Sócrates, ainda se referindo a Alcibíades: Ἡ παρ’ ἐκείνου φαίνει; que traduzo como: “Então você vem da companhia dele?”. A questão é formulada pela partícula interrogativa que sequer precisa ser traduzida “ἦ” “acaso” Denniston (1996, p. 280), pela preposição “παρά” que, unida ao pronome “ἐκείνος” no genitivo significa “de junto daquele”, e pelo verbo “φαίνω” que, em contextos em que não há nenhuma conotação filosófica oculta, significa simplesmente “aparecer”, “surgir”.

Embora usemos eventualmente no português o verbo “aparecer” para perguntar de onde a pessoa vem (De onde você apareceu?), penso que a questão nos soa bem mais natural traduzida da seguinte maneira: “Então você *vem* da companhia dele?”, ao invés de: “Então você *aparece* da companhia dele?”. Acreditamos, desse modo que, em nome da naturalidade e da fluidez da fala, até mesmo o significado de alguns verbos podem ser adaptados às nossas expressões para que seja reproduzida a mesma “ideia”, tanto em relação ao significado, como em relação ao coloquialismo.

---

<sup>60</sup> Cf. Taylor (1996, p. 03) “Well, what of it?” e Croiset (2001, p.20), que traduz a expressão como “Qu’importe?”.

“Καλλία τῷ Ἰππονίκου” :

Em *311 a 1* o jovem Hipócrates, pedindo a Sócrates que o apresente ao sofista Protágoras, afirma que este encontra-se hospedado junto a “Καλλία τῷ Ἰππονίκου”, que traduzo como “Cálias de Hipônico”. Embora a expressão possa ser traduzida como “Cálias, filho de Hipônico”<sup>61</sup>, opto por mantê-la como ela aparece no original justamente para reproduzir a informalidade e concisão próprias da linguagem dialogada, também presente na língua portuguesa. Além do mais, o grego, assim como o português, também determina o parentesco mais explicitamente, quando necessário, como na passagem 309 c 10 em que o “Amigo” se refere a Alcibíades como o “τοῦ Κλεινίου υἱός”: o “filho (υἱός) de Clínias”.

“φημί” :

A seguir chamo atenção para o verbo “φημί”. Embora não se trate exatamente de uma “expressão”, entendemos que sua flexibilidade de sentidos merece, na passagem a seguir, ser explorada a fim de não traduzir erroneamente o que está sendo dito. Em 332 e 8, depois de Protágoras já ter dado mostras de que estava incomodado com as tentativas insistentes de Sócrates induzi-lo a afirmar coisas que não concordava, Protágoras diz: “φημί” que traduzo como “tá bom”.

Minha escolha se justifica pelo fato de que, quando é precedido por perguntas negativas, como é o caso, “φημί” pode significar simplesmente uma resposta afirmativa como “sim” Liddel (1996), “ok”. Optamos pelo “tá bom” para destacar o cansaço de Protágoras, traduzir o verbo aqui como “sim”<sup>62</sup> ou “concordo”, de acordo como podemos ler em outras traduções, me parece sutilmente sugerir que o personagem Protágoras estaria de acordo com o personagem Sócrates quando, na verdade, o personagem Protágoras deixa evidente que está mais apto a “aturar” do que exatamente a “concordar”.

---

<sup>61</sup> *Id. Ibid.* ( p. 05) e *Id. Ibid.* ( p.22).

<sup>62</sup> *Id. Ibid.* ( p. 31) e *Id. Ibid.* ( p.50).

### O léxico:

Segundo Eliot (1950): “Temos necessidade de um olho que possa ver o passado em seu lugar, com suas diferenças em relação ao presente e, não obstante, tão vivo que nos seja presente como o presente<sup>63</sup>”.

Para não incorrer naquilo que Gentili (1996) chama de “contemporaneidade falsa e artificial”<sup>64</sup>, além da preocupação em bem traduzir as expressões idiomáticas, também é imperioso estar atento às sutis diferenças lexicais em relação à determinadas palavras normalmente traduzidas por termos comuns ao nosso vocabulário, mas que tendem a deturpar e a omitir informações e concepções históricas.

“πόλις” :

Em 309 c 3, por exemplo, quando o “amigo” se surpreende com Sócrates pelo fato de Alcibíades não ter lhe chamado a atenção, este personagem termina sua colocação afirmando que não há quem seja mais belo do que Alcibíades, ao menos nesta “πόλει” (dativo de πόλις), que traduzo como “pólis”.

Embora a tradução mais adotada seja “cidade”<sup>65</sup>, insisto em usar “pólis” por se tratar de um termo histórico que não significa simplesmente uma “aglomeração de pessoas em determinada área geográfica com um certo número de casas próximas entre si” Houaiss (2001), e sim; “uma cidade-Estado da Grécia Antiga” Houaiss (2001). Além de já ter sido dicionarizado, o termo “pólis”, e mesmo a raiz dos seus derivados “político”, “política”, etc, remetem a uma região e a um momento específico da história, a Grécia Antiga – o palco do surgimento das primeiras instituições políticas do Ocidente.

---

<sup>63</sup> Gentili (1996, p.479).

<sup>64</sup> *Id. Ibid.* ( p. 480).

<sup>65</sup> Cf. Taylor (1996, p. 03) e Croiset (2001, p.20).

“ἐπιστατης” e “πρυτανις” :

Em 338 a 8 Pródico, tentando apaziguar o desentendimento entre Protágoras e Sócrates, sugere que se eleja um “ἐπιστάτην” (acusativo de ἐπιστατης) e um “πρύτανιν” (acusativo de πρυτανις) para decidir a respeito do tamanho dos discursos que eles deveriam se submeter.

Mais uma vez a tradução dos termos históricos por termos de significação mais geral acabaria por deturpar as informações originais. Pois “epístata” em Atenas era o presidente dos “prítanes” e esses, por sua vez, eram os “magistrados supremos”, “presidentes dos conselhos” ” Liddel (1996), uma vez que esses termos históricos foram incorporados nossa língua, e que possibilitam detalhar informações relativas à organização política e social em que a ação dramática do diálogo se insere, traduzi-los como “presidente” ou “chefe” seria desnecessário, impreciso, generalizante<sup>66</sup>.

“φιλοσοφία” :

Em 342 a 7 quando Sócrates afirma: “A *philosophía* é, dentre os helenos, mais antiga e mais difundida em Creta e na Lacedemônia”, estaríamos, mais uma vez, diante de um termo histórico, datado do século VI a.C. e, desta vez, com autoria reconhecida.

Pitágoras é considerado o primeiro a usar o termo “φιλοσοφία” que podemos entender literalmente como “busca pelo conhecimento”, “devoção ao saber” e “procura da essência das coisas” Liddel (1996), contudo, acreditamos que grafá-lo simplesmente como “filosofia” poderia dar margem a equívocos, afinal, “filosofia” é entendida hoje como “o conhecimento científico, conjunto de princípios teóricos que fundamentam, avaliam e sintetizam a miríade de ciências particulares, tendo contribuído de forma direta e indispensável para o surgimento e/ou desenvolvimento de muitos destes ramos do saber” Houaiss (2001), embora o nosso termo se origine obviamente do termo grego, temos aqui um importante exemplo de um termo que passou a significar outra coisa em nossa língua e, portanto, não pode ser usado como um sinônimo.

---

<sup>66</sup> Em relação à essa escolha, Croiset (2001, p.56) também optou por usar os termos que se originam dos termos gregos, diferente de Taylor (1996, p. 37).

### 2.3 A disposição gráfica dos vários discursos:

O *Protágoras* começa, em 309 a, com um diálogo entre o personagem Sócrates e um “amigo”:

**AMIGO** – De onde você está vindo, Sócrates? Aposto que é da caça à beleza do jovem Alcibíades, não é mesmo? A propósito, o belo já me pareceu um homem quando o vi um dia desses. Homem, na verdade, Sócrates, que, cá entre nós, já sendo tomado de barba... 309 a

**SÓCRATES** – Mas e daí? Afinal você não é admirador de Homero que disse ser a mais graciosa juventude a do despontar da barba, exatamente aquela que Alcibíades tem agora?

Sócrates irá narrar a este “amigo” o encontro que acabara de ter com o sofista Protágoras (depois que o jovem Hipócrates fora acordá-lo na madrugada daquele mesmo dia em que ocorre a narração). Desse modo, para efeitos didáticos, chamaremos o primeiro diálogo de “introdutório”, em que Sócrates, no tempo “presente”, narra ao “amigo” o “diálogo principal”, que acabara de ocorrer, no “tempo passado”. Temos, a seguir, em 310 b, o momento em que os dois diálogos acontecem simultaneamente pela primeira vez:

**SO** – Serei muito grato se escutarem.

**AM** – Nós também, a você, assim que falar.

**SO** – Então, será dupla a gratidão. Sendo assim, ouçam: na noite passada, ainda na profunda madrugada, Hipócrates, filho de Apolodoro e irmão de Fason, bateu à porta muito fortemente com um cajado, em seguida alguém abriu para ele. Imediatamente foi se jogando para dentro e falando com voz alta: (*diálogo introdutório*)

“Sócrates” (**diálogo principal**), disse ele, (*diálogo introdutório*) “já acordou ou está dormindo?” (**diálogo principal**)

E eu, ao reconhecer a voz dele: (*diálogo introdutório*)

“Esse Hipócrates...”, (**diálogo principal**) disse eu, (*diálogo introdutório*) “quais as novidades?” (**diálogo principal**) E ele disse: (*diálogo introdutório*)

— “Nada além de coisas boas!” (**diálogo principal**)

Além do fato de que os dois discursos acontecem em “tempos” diferentes, um no

“presente” e outro no “passado”, dispô-los, graficamente, de maneiras diferentes<sup>67</sup>, ou seja, o “diálogo introdutório” sem aspas, e o “diálogo principal” entre aspas, nos permite diferenciar claramente a fala dos personagens, do comentário que Sócrates faz dessas declarações.

No interior do “diálogo principal” há, ainda, outros “discursos” que também pretendemos dispor graficamente de maneira diferente uns dos outros a fim de evitar equívocos, são eles:

- a) As falas e questões de um personagem imaginado por Sócrates quando ele diz: “imagine que alguém nos perguntasse o seguinte...”, a partir de *311 d*.
- b) O mito de Prometeu (que inclui um diálogo entre alguns deuses), a partir de *320 d*.
- c) O poema de Simônides (que inclui um suposto diálogo entre Simônides e Pítaco), a partir de *339 b*.
- d) As falas do que irá configurar o “discurso de uma maioria”, a partir de *353 c*.

---

<sup>67</sup> Opção compartilhada por Taylor (1996), mas não pelo editor do texto que seguimos, Croiset (2001).

**3- TRADUÇÃO E NOTAS:**

***PROTÁGORAS (OU OS SOFISTAS)***

ΠΡΟΤΑΓΟΡΑΣ

[ἢ σοφισταί, ἐνδεικτικός.]

ΕΤΑΙΡΟΣ ΣΩΚΡΑΤΗΣ ΙΠΠΟΚΡΑΤΗΣ

ΠΡΟΤΑΓΟΡΑΣ ΑΛΚΙΒΙΑΔΗΣ ΚΑΛΛΙΑΣ

ΚΡΙΤΙΑΣ ΠΡΟΔΙΚΟΣ ΙΠΠΙΑΣ

[309.a.1]

ΕΤΑΙΡΟΣ. Πόθεν, ὦ Σώκρατες, φαίνει; ἢ δήλα δὴ ὅτι ἀπὸ κυνηγεσίου τοῦ περὶ τὴν

Ἀλκιβιάδου ὥραν; καὶ μὴν μοι καὶ πρόην ἰδόντι καλὸς μὲν ἐφαίνετο ἀνὴρ ἔτι, ἀνὴρ μέντοι,

ὦ Σώκρατες, ὡς γ' ἐν αὐτοῖς ἡμῖν εἰρῆσθαι, καὶ πάγωνος [309.a.5] ἤδη ὑποπιμπλάμενος.

ΣΩΚΡΑΤΗΣ. Εἶτα τί τοῦτο; οὐ σὺ μέντοι Ὀμήρου ἐπαιέτης εἶ, [309.b.1] ὃς ἔφη

## PROTÁGORAS<sup>68</sup>

[ou sofistas, diálogo probatório]

Dialogantes<sup>69</sup>:

AMIGO e SÓCRATES.

SÓCRATES, HIPÓCRATES, Porteiro da casa de Cálías<sup>70</sup>, PROTÁGORAS,  
ALCIBÍADES, CÁLIAS, CRÍTIAS, PRÓDICO e HÍPIAS.

309 a

**AMIGO** – De onde você está vindo, Sócrates? Aposto que é da caça à beleza do jovem Alcibíades<sup>71</sup>, não é mesmo? A propósito, ele ainda me pareceu um belo homem quando o vi um dia desses. Homem, na verdade, Sócrates, que, cá entre nós, já sendo tomado de barba...

**SÓCRATES** – Mas e daí? Afinal você não é admirador de Homero que disse ser a mais

309 b

---

<sup>68</sup> Salvo indicação contrária, sigo a edição *Les Belles Lettres*, cujo texto foi estabelecido por Alfred Croiset.

<sup>69</sup> Marcação ausente no texto estabelecido por Croiset, bem como a separação de Sócrates e o “amigo” dos demais dialogantes (insisto na expressão “dialogantes” porque há muitos outros personagens presentes que não chegam a ter suas falas mencionadas no presente diálogo). Proponho tal disposição dos nomes para destacar que a conversa de Sócrates com o “amigo”, e o encontro com Protágoras e outros, que Sócrates relata a esse mesmo “amigo”, tratam-se de diálogos paralelos.

<sup>70</sup> Embora o Porteiro da casa de Cálías apareça no diálogo, ele é omitido na disposição inicial dos nomes apresentados por Croiset.

<sup>71</sup> Filho de Clínia (Suida, *α*, 1280.5), descendente, por parte de pai e de mãe, de famílias que estavam entre as mais poderosas de Atenas, viveu entre os anos de 451 e 404 a.C. Nails (2002, p.98). Alcibíades III seria, aceitando as datas que os diálogos supostamente retratariam, um joven entre 19 e 20 anos. Alcibíades também é o título de dois diálogos de Platão, um deles com autenticidade duvidosa. Tucídides (*History of the Peloponnesian War*, VI, 15 – 92) relata o episódio em que Alcibíades é acusado pelos atenienses de um ato escandalosamente ímpio justamente na ocasião em que Alcibíades lideraria, junto com Nícias, seu oponente político, uma campanha à Sicília por volta de 415 a.C. e das suas consequências para a guerra entre Atenas e Esparta. Tucídides nos relata que Alcibíades, ao perceber que fora traído, passa para o lado dos lacedemônios e, pouco depois, em 407 a.C., retorna ao lado ateniense (VIII, 81 e 108) – uma caracterização histórica de um sujeito ambicioso, bem condizente com o comentário do personagem Crítias que veremos em *336 e*. Como nos informa Xenofonte (*Memoráveis*, I, II, 12) Alcibíades e Crítias seriam os dois mais eminentes exemplos dos efeitos nocivos que supostamente a educação de Sócrates teria causado, segundo seus acusadores.

χαριστάτην ἤβην εἶναι τοῦ ὑπηνήτου, ἣν νῦν Ἀλκιβιάδης ἔχει;

ΕΤ. Τί οὖν τὰ νῦν; ἢ παρ' ἐκείνου φαίνεται; καὶ πῶς πρὸς σε ὁ νεανίας διάκειται; [309.b.5]

ΣΩ. Εὖ, ἔμοιγε ἔδοξεν, οὐχ ἥκιστα δὲ καὶ τῇ νῦν ἡμέρᾳ· καὶ γὰρ πολλὰ ὑπὲρ ἐμοῦ εἶπε βοηθῶν ἐμοί, καὶ οὖν καὶ ἄρτι ἀπ' ἐκείνου ἔρχομαι. ἄτοπον μέντοι τί σοι ἐθέλω εἰπεῖν· παρόντος γὰρ ἐκείνου, οὔτε προσεῖχον τὸν νοῦν, ἐπελανθανόμην τε αὐτοῦ θαμά. [309.c.1]

ΕΤ. Καὶ τί ἂν γεγονὸς εἶη περὶ σὲ κάκεινον τοσοῦτον πρᾶγμα; οὐ γὰρ δήπου τινὶ καλλίονι ἐνέτυχες ἄλλῳ ἔν γε τῇδε τῇ πόλει.

ΣΩ. Καὶ πολὺ γε. [309.c.5]

ΕΤ. Τί φήσ; ἀστῶ ἢ ξένῳ;

ΣΩ. Ξένῳ.

ΕΤ. Ποδαπῶ;

ΣΩ. Ἀβδηρίτη.

ΕΤ. Καὶ οὕτω καλὸς τις ὁ ξένος ἔδοξέν σοι εἶναι, ὥστε [309.c.1] τοῦ Κλεινίου ὑέος καλλίων σοι φανῆναι;

ΣΩ. Πῶς δ' οὐ μέλλει, ὦ μακάριε, τὸ σοφώτατον κάλλιον φαίνεσθαι;

ΕΤ. Ἀλλ' ἢ σοφῶ τινι ἡμῖν, ὦ Σώκρατες, ἐντυχὼν πάρει;

graciosa juventude a do despontar da barba<sup>72</sup>, exatamente aquela que Alcibíades tem agora?

**AM** – Então é da companhia dele que você vem? Quais as novidades? Como anda sua relação com o garoto?

**SO** – Acho que está boa, nada mal... ainda mais no dia de hoje, já que ele falou em meu favor me ajudando... Venho mesmo da companhia dele nesse momento. Contudo, quero te dizer algo estranho: mesmo ele estando presente, nem lhe dei atenção, assim como, em vários momentos, até me esquecia dele.

**AM** – Mas o que de tão excepcional teria acontecido entre vocês? Pois é claro que você não vai encontrar nenhum outro mais belo, ao menos nesta pólis<sup>73</sup>.

309 c

**SO** – E muito mais!

**AM** – O quê?? Cidadão ou estrangeiro?

**SO** – Estrangeiro.

**AM** – De onde?

**SO** – De Abdera.

**AM** – E quão belo esse tal estrangeiro pareceu ser a você, mais belo do que te parece o filho de Clínias<sup>74</sup>?

**SO** – Como não, criatura, o mais sábio não pareceria mais belo?

**AM** – Você vem da companhia de um sábio? Verdade, Sócrates?

---

<sup>72</sup> Cf. Homero (*Ilíada*, XXIV, 348) e (*Odisséia*, X, 279).

<sup>73</sup> Cf. “Nota sobre a tradução” presente na Introdução.

<sup>74</sup> Clínias II, pai de Alcibíades III, era filho de outro Alcibíades II que foi contemporâneo de Clístenes. Descendente de uma rica e poderosa família de Salamina Nails (2002, p.99), custeou um barco com 200 homens na terceira batalha naval em Artemisium em 480 a C. Foi assassinado em 447 a C. na batalha de Coroneia. Clínias, além de Alcibíades (Suida, K, 1751.1), tinha um filho que tinha o mesmo nome que o seu. Clínias também é mencionado por Heródoto (VIII, 17), Plutarco (*Alc.* 1), Tucídides (I, 113) além do diálogo *Alcibíades I* (112 c), Smith (1861, Vol. I, p. 782).

[309.d.1]

ΣΩ. Σοφωτάτω μὲν οὖν δήπου τῶν γε νῦν, εἴ σοι δοκεῖ σοφώτατος εἶναι Πρωταγόρας.

ΕΤ. ὦ τί λέγεις; Πρωταγόρας ἐπιδεδήμηκεν;

ΣΩ. Τρίτην γε ἤδη ἡμέραν. [309.d.5]

ΕΤ. Καὶ ἄρτι ἄρα ἐκείνω συγγεγονὼς ἦκεις; [310.a.1]

ΣΩ. Πάνυ γε, πολλὰ καὶ εἰπὼν καὶ ἀκούσας.

ΕΤ. Τί οὖν οὐ διηγῆσω ἡμῖν τὴν συνουσίαν, εἰ μὴ σέ τι κωλύει, καθεζόμενος ἐνταυθί,

ἐξαναστήσας τὸν παῖδα τουτονί; [310.a.5]

ΣΩ. Πάνυ μὲν οὖν· καὶ χάριν γε εἶσομαι, ἐὰν ἀκούητε.

ΕΤ. Καὶ μὴν καὶ ἡμεῖς σοί, ἐὰν λέγῃς.

ΣΩ. Διπλῆ ἂν εἴη ἡ χάρις. ἀλλ' οὖν ἀκούετε.

Τῆς γὰρ παρελθούσης νυκτὸς ταυτησί, ἔτι βαθέος ὄρθρου, Ἴπποκράτης, ὁ Ἀπολλοδώρου

υἱὸς Φάσωνος δὲ ἀδελφός, τὴν [310.b.1] θύραν τῆ βακτηρία πάνυ σφόδρα ἔκρουε, καὶ

**SO** – De fato o mais sábio, ao menos dentre os de nosso tempo, se Protágoras<sup>75</sup> te parece ser o mais sábio.

310 d

**AM** – Como é que é? Protágoras está aqui<sup>76</sup>?

**SO** – Já faz três dias.

**AM** – Então chegou, agora mesmo, da companhia dele?

**SO** – Exatamente, depois de conversarmos bastante.

310 a

**AM** – Se você não estiver ocupado, por que, então, não nos descreve o encontro? Assim que esse criado te der o lugar<sup>77</sup>, sente aí.

**SO** – Ficarei feliz se escutarem.

**AM** – Nós também, a você, assim que falar.

**SO** – Então a gratidão será mútua. Vamos aos fatos: na noite passada, ainda na alta madrugada, Hipócrates<sup>78</sup>, filho de Apolodoro e irmão de Fason, bateu à porta muito fortemente com um cajado, em seguida alguém abriu para ele. Imediatamente foi se

310 b

---

<sup>75</sup> Natural de Abdera, Protágoras foi o primeiro a se auto-denominar sofista tornando-se um dos mais eminentes representantes dessa categoria de educadores e pensadores remunerados da Antiguidade. Conhecido pela célebre máxima: “o homem é a medida de todas as coisas”, Protágoras teria vivido entre os anos de 490 a.C. e 420 a.C. Nails (2002, p. 256) uma vez que, segundo os diálogos de Platão, ele teria idade para ser pai de Sócrates (que nasceu em 469 a.C. e morreu em 399 a.C.) *Protágoras* (317 c), exerceu sua profissão por mais de 40 anos, e morreu em torno dos 70 anos *Mênon* (91 e) e, segundo Nails (2002, p. 256), Protágoras teria vivido cerca de 40 anos em Atenas. Consta que visitou Atenas algumas vezes e que se tornou amigo de Péricles, que lhe confiou a legislação de Thuri (444 a.C.). Para pormenores a respeito da sua vida e obra de Protágoras, Guthrie (1969, p. 262-269) é uma fonte bastante completa.

<sup>76</sup> Traduzo como “está aqui” o verbo “ἐπιδημέω” (ἐπιδεδήμηκεν - perfeito, 3ª pessoa do singular). O verbo “ἐπιδημέω”, que pode significar “vir à cidade” Liddell & Scott (1996), é formado pelo advérbio “ἐπι” (por cima, em cima) mais “δημέω” que por sua vez deriva do substantivo “δημος”: “em Atenas, cada uma das regiões que compunham a ática dotadas de representação política” Dezotti (2010) que, em português, aparece como: ‘dem(o)’ um antepositivo incorporado em palavras como “democracia”, “democrata”, “demográfico” e cujo significado está mais associado a “povoado”, “comunidade”, “povo” Houaiss (2001).

<sup>77</sup> O “amigo” dá a entender que além dele outra(s) pessoas(s) ouvirão o relato de Sócrates.

<sup>78</sup> Hipócrates, filho de Apolodoro, é, provavelmente, sobrinho de Péricles Nails (2002, p. 169). Smith (1849, vol. II, p. 480 – 488) não chega a incluí-lo como um dos ilustres possuidores deste nome, normalmente referido ao médico que é mencionado no diálogo. Não obstante sabemos que seu pai, Apolodoro, era amigo de Sócrates e personagem de uma série de diálogos de Platão, sobretudo Fédon (117d) e Banquete (173c), *Id ibid* (vol. I, p. 235).

ἐπειδὴ αὐτῷ ἀνέφξέ τις, εὐθύς εἶσω ἦει ἐπειγόμενος, καὶ τῆ φωνῆ μέγα λέγων, ὦ

Σώκρατες, ἔφη, ἐγρήγορας ἢ καθεύδεις; Καὶ ἐγὼ τὴν φωνὴν γνοὺς αὐτοῦ, Ἴπποκράτης,  
[310.b.5]

ἔφην, οὕτως· μή τι νεώτερον ἀγγέλλεις; Οὐδέν γ', ἦ δ' ὅς, εἰ μὴ ἀγαθὰ γε. Εὖ ἂν λέγοις,

ἦν δ' ἐγὼ· ἔστι δὲ τί, καὶ τοῦ ἔνεκα τηνικάδε ἀφίκου; Πρωταγόρας, ἔφη, ἦκει, στὰς παρ'

ἐμοί. Πρώην, ἔφην ἐγὼ· σὺ δὲ ἄρτι πέπυσαι; Νὴ τοὺς θεοὺς, ἔφη, ἐσπέρας γε. [310.c.1] Καὶ

ἅμα ἐπιμηλαφήσας τοῦ σκίμποδος ἐκαθέζετο παρὰ τοὺς πόδας μου, καὶ εἶπεν· Ἐσπέρας

δῆτα, μάλα γε ὄψε ἀφικόμενος ἐξ Οἰνόςης. ὁ γάρ τοι παῖς με ὁ Σάτυρος ἀπέδρα· καὶ δῆτα

μέλλων σοι φράζειν ὅτι διωξιμήν αὐτόν, ὑπό τινος [310.c.5] ἄλλου ἐπελαθόμεν. ἐπειδὴ δὲ

ἦλθον καὶ δεδειπνηκότες ἦμεν καὶ ἐμέλλομεν ἀναπαύεσθαι, τότε μοι ἀδελφὸς λέγει ὅτι

jogando para dentro e falando com voz alta<sup>79</sup>:

\_\_ “Sócrates”, disse ele, “já acordou ou está dormindo?”

E eu, ao reconhecer a voz dele:

\_\_ “Esse Hipócrates...”, disse eu, “quais as novidades?” E ele disse:

\_\_ “Nada além de coisas boas!”

\_\_ “Então será bom que você fale logo”, disse eu, “Mas...qual é o problema, por que vir uma hora dessas?”

\_\_ “Protágoras acaba de chegar.”

Disse ele, ao meu lado, estático.

\_\_ “Grande novidade...”, disse eu, “você só soube há pouco?”

\_\_ “Sim, pelos deuses”, disse ele, “só à noite.”

E, ao mesmo tempo em que tateava o colchão, sentou-se perto dos meus pés e disse:

310 c

\_\_ “Foi só à noite, muito depois de ter chegado de Oinoé<sup>80</sup>... É que meu escravo Sático fugiu... (Eu iria mesmo te contar que o perseguiria, esqueci por algum outro motivo). Ao retornar nós jantamos e estávamos prestes a dormir, então meu irmão disse que Protágoras

---

<sup>79</sup> Conforme aponta Nightingale (1996) e Arieti (2011), Platão faz uso de diferentes gêneros literários em seus diálogos, sobretudo a comédia. A partir dessa perspectiva e, refletindo sobre as possibilidades cênicas desta passagem, pensemos na comicidade produzida pela tradução literal da construção “τῆ φωνῆ μέγα” por “com um megafone”: “Estávamos na mais densa madrugada e Hipócrates entrou falando com um megafone:...”.

<sup>80</sup> Oinoé pode ser tanto um demo próximo a Maratona, como um demo encostado em Eleutéria Pinheiro (1999, p.150).

ἤκει Πρωταγόρας. καὶ ἔτι μὲν ἐνεχείρησα εὐθύς παρὰ σὲ ἰέναι, ἔπειτά μοι λίαν πόρρω

ἔδοξε τῶν νυκτῶν εἶναι· ἐπειδὴ [310.d.1] δὲ τάχιστα με ἐκ τοῦ κόπου ὁ ὕπνος ἀνῆκεν,

εὐθύς ἀναστὰς οὕτω δεῦρο ἐπορευόμην. Καὶ ἐγὼ γινώσκων αὐτοῦ τὴν ἀνδρείαν καὶ τὴν

πτοίησιν, Τί οὖν σοι, ἦν δ' ἐγώ, τοῦτο; μῶν τί σε ἀδικεῖ Πρωταγόρας; Καὶ ὅς γελάσας,

[310.d.5] Νῆ τοὺς θεοὺς, ἔφη, ὦ Σώκρατες, ὅτι γε μόνος ἐστὶ σοφός, ἐμὲ δὲ οὐ ποιεῖ. Ἀλλὰ

ναὶ μὰ Δία, ἔφην ἐγώ, ἂν αὐτῷ διδῶς ἀργύριον καὶ πείθης ἐκεῖνον, ποιήσει καὶ σὲ σοφόν. Εἰ

γάρ, ἦ δ' ὅς, ὦ Ζεῦ καὶ θεοί, ἐν [310.e.1] τούτῳ εἶη· ὡς οὐτ' ἂν τῶν ἐμῶν ἐπιλίπομι οὐδὲν

οὔτε τῶν φίλων· ἀλλ' αὐτὰ ταῦτα καὶ νῦν ἤκω παρὰ σέ, ἵνα ὑπὲρ ἐμοῦ διαλεχθῆς αὐτῷ. ἐγὼ

acabara de chegar. Imediatamente quis vir até você, mas depois me pareceu que era muito tarde da noite; então, tão logo o sono me livrou do cansaço, imediatamente despertei e vim aqui.”

E eu, reconhecendo sua coragem<sup>81</sup> e veemência:

310 d

\_\_ “E o que você tem a ver com isso?”, Disse eu, “Não vai me dizer que Protágoras moveu alguma ação injusta contra você?<sup>82</sup>”

E ele riu:

\_\_ “Sim, pelos deuses”, disse ele, “acontece, Sócrates, que só ele é sábio e não me torna [sábio] também.”

\_\_ “Ah, sim, por Zeus!” Disse eu. “Se você der dinheiro a ele e o convencer, ele também te fará sábio.”

\_\_ “Por Zeus e todos os deuses”, disse ele, “se fosse só isso... não pouparia nada dos meus bens nem dos meus amigos; na verdade, eis porque agora vim até você, para que você fale

310 e

---

<sup>81</sup> “Coragem” (*ἀνδρεία*). Convicto de que os termos essenciais do diálogo não são usados aleatoriamente, destacarei, como no caso presente, todas as *ἀρεται* que serão alvo de discussão no diálogo. A caracterização do jovem Hipócrates como alguém que apesar de deter a coragem não é lá muito sábio, por exemplo, é um prelúdio para um traço da *ἀρετή* que será alvo de discussão: dentre todas as *aretai* que a compõem, a coragem estaria à parte, afinal Protágoras irá argumentar que ela não depende do “saber” (*σοφία*).

<sup>82</sup> Algumas fontes históricas do sofista Protágoras registram o processo judicial que ele teria sido movido contra Euatlo, um de seus discípulos. Protágoras teria estipulado que Euatlo pagaria uma parte do salário ao começar a frequentar o sofista e o restante do pagamento assim que Euatlo ganhasse sua primeira causa. Como Euatlo demorou a cumprir o acordo, Protágoras o levou a justiça argumentando que se Euatlo ganhasse a disputa teria que quitar o combinado a Protágoras porque teria ganhado a primeira causa mas, se perdesse, o mestre também teria direito de receber integralmente pelos ensinamentos oferecidos. Ao que tudo indica, a indagação de Sócrates a Hipócrates faz alusão a essa anedota presente em Diógenes Laércio (IX, cap. VIII, 56) e também em Aulo Gélio, escritor latino e contemporâneo de Diógenes Laércio. Não obstante, Aulo Gélio (*Noites Áticas*, V, 10) nos informa, invertendo a versão apresentada por Diógenes Laércio, que não fora Protágoras que refuta seu aprendiz, em sim que é o jovem que refuta o célebre sofista. Mais uma vez estaríamos diante de uma informação presente em Platão que encontra eco em outros doxógrafos de Protágoras e, como nos casos já anteriores, Platão, tendo a oportunidade de denegrir a imagem do sofista, opta por abster-se dessa atitude.

γὰρ ἅμα μὲν καὶ νεώτερός εἰμι, ἅμα δὲ οὐδὲ ἐώρακα Πρωταγόραν πώποτε οὐδ' ἀκήκοα οὐδέν· [310.e.5] ἔτι γὰρ παῖς ἦ ὅτε τὸ πρότερον ἐπεδήμησε. ἀλλὰ γάρ, ὃ Σώκρατες, πάντες τὸν ἄνδρα ἐπαινοῦσιν καὶ φασιν σοφώτατον εἶναι λέγειν· ἀλλὰ τί οὐ βαδίζομεν παρ' αὐτόν, ἵνα [311.a.1] ἔνδον καταλάβωμεν; καταλύει δ', ὡς ἐγὼ ἤκουσα, παρὰ Καλλία τῷ Ἴππονίκου· ἀλλ' ἴωμεν. Καὶ ἐγὼ εἶπον· Μήπω, ἀγαθέ, ἐκεῖσε ἴωμεν – πρῶ γὰρ ἐστίν – ἀλλὰ δεῦρο ἐξαναστῶμεν εἰς τὴν αὐλήν, καὶ περιόντες αὐτοῦ διατρί[311.a.5] ψωμεν ἕως ἂν φῶς γένηται· εἶτα ἴωμεν. καὶ γὰρ τὰ πολλὰ Πρωταγόρας ἔνδον διατρίβει, ὥστε, θάρρει, καταληψόμεθα αὐτόν, ὡς τὸ εἰκός, ἔνδον. Μετὰ ταῦτα ἀναστάντες εἰς τὴν αὐλήν περιῆμεν· καὶ ἐγὼ [311.b.1] ἀποπειρώμενος τοῦ Ἴπποκράτους τῆς ῥώμης διεσκόπουν αὐτόν καὶ ἠρώτων, Εἰπέ μοι, ἔφην ἐγὼ, ὃ Ἴππόκρατες, παρὰ Πρωταγόραν νῦν ἐπιχειρεῖς ἰέναι, ἀργύριον τελῶν ἐκείνῳ μισθὸν ὑπὲρ σεαυτοῦ, ὡς παρὰ τίνα ἀφιζόμενος καὶ τίς [311.b.5] γενησόμενος; ὥσπερ ἂν εἰ ἐπενόεις παρὰ τὸν σεαυτοῦ ὁμώνυμον ἐλθὼν Ἴπποκράτη τὸν

com ele por mim. Pois eu, além de ser muito jovem, nem nunca vi Protágoras, assim como sequer escutei a voz dele. Ainda era criança quando anteriormente<sup>83</sup> veio aqui. O caso, Sócrates, é que todos o louvam e dizem que ele é o mais sábio na arte de falar. Por que não vamos até ele para encontrá-lo na casa de Cálias de Hipônico<sup>84</sup>?! Pelo que ouvi é lá que ele está hospedado... Então vamos!”

310 e

E eu disse:

311 a

— “Ir para lá ainda não, meu caro, pois está cedo... Mas vamos levantar daqui para dar uma volta no quintal e passar o tempo até que venha a luz da manhã, depois vamos. Além do mais, Protágoras vive enfurnado, então, confie em mim, provavelmente o encontraremos lá dentro.”

E assim nos levantamos para dar uma volta no quintal. E eu, colocando à prova a firmeza de Hipócrates testava-o enquanto o questionava:

311 b

— “Diga-me Hipócrates”, disse eu, “você pretende ir agora até Protágoras lhe oferecer um salário em dinheiro, em teu próprio benefício, visando qual prática, e para você se tornar o quê? Do mesmo modo, digamos que cogitasse de ir ao seu chará, Hipócrates de Cós, o

---

<sup>83</sup> Alusão histórica à estada de Protágoras em Atenas, por volta de 445 a.C. Smith (1861, vol. III, p. 551), na ocasião da legislação de Thurií confiada a ele por Péricles. Diógenes Laércio (IX, cap. VIII, 50) menciona, citando Heracleides como fonte, que Protágoras elaborou as leis de Thurií contudo, sem menção a data. Se aceitarmos os testemunhos de Platão como verdadeiros e acatamos a informação do personagem Hipócrates sobre as visitas esporádicas de Protágoras à Atenas, é falsa a informação que consta na nota n°75, de que Protágoras teria vivido 40 anos em Atenas Nails (2002, p.256).

<sup>84</sup> Neste caso e em outros similares, seria possível desenvolver mais a tradução e, assim, a passagem ficaria: “Cálias, filho de Hipônico”, contudo, conforme já explicado na Nota sobre a tradução, sempre que possível, farei a opção de manter a informalidade e brevidade própria da linguagem dialogada.

O Cálias que Hipócrates se refere é, na verdade, o Cálias III (450 – 367 a.C.), filho de Hipônico II, cuja família, por inúmeras vezes, fizeram uso desses dois nomes na sucessão hereditária. Cálias ficou conhecido pela sua extravagância e desregramento e porque, por volta de 422 a.C., foi considerado o homem mais rico de toda a Grécia Nails (2002, p. 68). Sua casa foi palco não apenas do diálogo *Protágoras*, mas também do *Banquete* de Xenofonte. Cálias, (que tinha como irmão Hermógenes, outro personagem que aparece nos diálogos de Platão), também é mencionado no *Teeteto* (165 a), *Apologia* (20 a) e *Crátilo* (391 c) e, por Aristóteles na *Poética* ( III, 1405a, 20) Smith (1861, vol. I, p. 566).

Κῶνον, τὸν τῶν Ἀσκληπιαδῶν, ἀργύριον τελεῖν ὑπὲρ σουτοῦ μισθὸν ἐκεῖνω, εἴ τίς σε ἤρετο·

Εἰπέ μοι, μέλλεις τελεῖν, ὦ Ἰππόκρατες, Ἰπποκράτει [311.c.1] μισθὸν ὡς τίνι ὄντι; τί ἂν

ἀπεκρίνω; – Εἶπον ἄν, ἔφη, ὅτι ὡς ἱατρῷ. – Ὡς τίς γενησόμενος; – Ὡς ἱατρός, ἔφη. – Εἰ

δὲ παρὰ Πολύκλειτον τὸν Ἀργεῖον ἢ Φειδίαν τὸν Ἀθηναῖον ἐπενόεις ἀφικόμενος μισθὸν

ὑπὲρ σουτοῦ τελεῖν ἐκεῖ [311.c.5] νοῖς, εἴ τίς σε ἤρετο· Τελεῖν τοῦτο τὸ ἀργύριον ὡς τίνι

ὄντι ἐν νῷ ἔχεις Πολυκλείτῳ τε καὶ Φειδίᾳ; τί ἂν ἀπεκρίνω; – Εἶπον ἄν ὡς

ἀγαλματοποιῖς. – Ὡς τίς δὲ γενησόμενος αὐτός; – Δῆλον ὅτι ἀγαλματοποιός. – Εἶεν, ἦν

δ' ἐγώ· [311.d.1] παρὰ δὲ δὴ Πρωταγόραν νῦν ἀφικόμενοι ἐγώ τε καὶ σὺ ἀργύριον ἐκεῖνω

μισθὸν ἔτοιμοι ἐσόμεθα τελεῖν ὑπὲρ σοῦ, ἂν μὲν ἐξικνῆται τὰ ἡμέτερα χρήματα καὶ τούτοις

dos Asclépios<sup>85</sup>, e lhe oferecer dinheiro como salário em teu próprio benefício, se alguém te perguntasse<sup>86</sup>:

\_\_Diga-me, Hipócrates, você está prestes a pagar um salário a Hipócrates sendo ele o quê?

311 c

O que responderia?”

\_\_ “Diria que se trata de um médico.” Ele disse.

\_\_ “A fim de se tornar o quê?”

\_\_ “Um médico”, Disse ele.

\_\_ “E se tivesse ido junto a Policleto, o argivo<sup>87</sup>, ou a Fídias, o ateniense, para pagar-lhes um salário em teu próprio benefício, caso alguém te perguntasse:

\_\_O que você pensa ser Policleto e Fídias para lhes pagar esse dinheiro?

O que responderia?”

\_\_ “Falaria que se tratam de escultores.”

\_\_ “A fim de você mesmo se tornar o quê?”

\_\_ “Claro que um escultor.”

\_\_ “Pois bem”, disse eu, “mas, a partir de agora é ao encontro de Protágoras que eu e você vamos, e estamos prontos a pagar-lhe dinheiro como salário em teu próprio benefício, sendo nossos recursos suficientes, com eles o convenceremos, senão, gastaremos também

311 d

---

<sup>85</sup> Ou seja: “Hipócrates da cidade de Cós, ligado aos seguidores de Asclépio”. Asclépio é o deus da medicina. Hipócrates é o renomado médico da Antiguidade.

<sup>86</sup> Conforme exposto na “Nota sobre a Tradução”, as questões imaginadas por Sócrates deverão aparecer depois de dois pontos, dispostas do lado direito da página.

<sup>87</sup> Ainda que tenha existido outros artistas na Antiguidade que também se chamavam Policleto, o personagem Sócrates se refere, sem dúvida, ao famoso escultor de Argos que, juntamente com Fídias, ficou conhecido forjador de deuses e homens, Smith (1861, vol. III, p. 454) e Pinheiro (1999, p. 151). Policleto teria exercido seu ofício entre 460 – e 410 a.C. Nails (2002, p. 342).

πειθόμεν αὐτόν, εἰ δὲ μή, καὶ τὰ τῶν φίλων προσαναλίσκοντες. εἰ [311.d.5] οὖν τις ἡμᾶς

περὶ ταῦτα οὕτω σφόδρα σπουδάζοντας ἔροιτο· Εἰπέ μοι, ὦ Σώκρατες τε καὶ Ἴπόκρατες,

ὡς τίνοι ὄντι τῷ Πρωταγόρᾳ ἐν νῶ ἔχετε χρήματα τελεῖν; τί ἂν αὐτῷ [311.e.1]

ἀποκριναιόμεθα; τί ὄνομα ἄλλο γε λεγόμενον περὶ Πρωταγόρου ἀκούομεν; ὥσπερ περὶ

Φειδίου ἀγαλματοποιὸν καὶ περὶ Ὀμήρου ποιητήν, τί τοιοῦτον περὶ Πρωταγόρου

ἀκούομεν; – Σοφιστὴν δὴ τοι ὀνομάζουσί γε, ὦ Σώκρατες, τὸν [311.e.5] ἄνδρα εἶναι, ἔφη.

– Ὡς σοφιστῆ ἄρα ἐρχόμεθα τελούντες τὰ χρήματα; – Μάλιστα. – Εἰ οὖν καὶ τοῦτό τις

σε προσέροιτο· [312.a.1] Αὐτὸς δὲ δὴ ὡς τις γενησόμενος ἔρχη παρὰ τὸν Πρωταγόραν; –

Καὶ ὃς εἶπεν ἐρυθριάσας – ἤδη γὰρ ὑπέφαινέν τι ἡμέρας, ὥστε καταφανῆ αὐτὸν γενέσθαι

– Εἰ μὲν τι τοῖς ἔμπροσθεν ἔοικεν, δῆλον ὅτι σοφιστὴς γενησόμενος. – Σὺ δέ, [312.a.5] ἦν

δ' ἐγώ, πρὸς θεῶν, οὐκ ἂν αἰσχύνοιο εἰς τοὺς Ἕλληνας σαυτὸν σοφιστὴν παρέχων; – Νῆ

τὸν Δία, ὦ Σώκρατες, εἶπερ γε ἅ διανοοῦμαι χρῆ λέγειν. – Ἀλλ' ἄρα, ὦ Ἴπόκρατες, μὴ οὐ

τοιαύτην ὑπολαμβάνεις σου τὴν παρὰ Πρωταγόρου μάθησιν ἔσεσθαι, ἀλλ' οἴαπερ

os dos amigos. Assim, em vista da nossa obstinada dedicação nesse fim, se alguém nos perguntasse:

\_\_ Digam-me, Sócrates e Hipócrates, vocês querem consumir seus bens com que ideia a respeito do que seja Protágoras?

O que poderíamos lhe responder? Que outra denominação ouvimos dizer sobre Protágoras, assim como sobre Fídias, escultor, e sobre Homero, poeta, qual outra ouvimos sobre Protágoras?”

311 e

\_\_ “Sem sombra de dúvidas, Sócrates, denominam-o como sofista.” Disse ele.

\_\_ “Ah, então, é com a prática de um sofista que vamos consumir nossos bens?”

\_\_ “Isso!”

\_\_ “Porém, e se alguém te perguntasse o seguinte:

\_\_ Neste caso, você mesmo vai ao encontro de Protágoras a fim de se tornar o quê?”

312 a

E ele respondia ficando vermelho, [digo isso porque] já começava aparecer alguma luz do dia que o tornava visível:

\_\_ “Se o caso é parecido com os exemplos anteriores, é claro que para me tornar um sofista.”

\_\_ “Pelos deuses”, disse eu, “e você não se envergonharia, de, entre os helenos, se apresentar como um sofista?”<sup>88</sup> ”

\_\_ “Sim, por Zeus, Sócrates, se, de fato, é preciso dizer o que passa pela minha cabeça.”

\_\_ “Então, Hipócrates, você não acha que, ao invés disso, seu aprendizado com Protágoras

---

<sup>88</sup> O uso aqui do termo “sofista”( σοφιστής ) nos soa bastante comum e, portanto, pejorativo. Não obstante, o próprio Sócrates irá usar esse mesmo termo com um significado bem diferente em 342 b1. O diálogo traz à tona uma divergência que já era percebida desde a Antiguidade como evidencia Aristides ( *Pros Platona hyper tōn tetarōn*, 311, 01) in: Untersteiner (1949, p. 03). Para um bom panorama da rica significação e evolução do termo “sofista”, cf. Untersteiner (1949, p. xv), Guthrie (1995, p. 27) e Kerferd (1989, p. 24).

[312.b.1]

ἢ παρὰ τοῦ γραμματιστοῦ ἐγένετο καὶ κιθαριστοῦ καὶ παιδοτρίβου; τούτων γὰρ σὺ ἐκάστην

οὐκ ἐπὶ τέχνην ἔμαθες, ὡς δημιουργὸς ἐσόμενος, ἀλλ' ἐπὶ παιδείᾳ, ὡς τὸν ἰδιώτην καὶ τὸν

ἐλεύθερον πρέπει. – Πάνυ [312.b.5] μὲν οὖν μοι δοκεῖ, ἔφη, τοιαύτη μᾶλλον εἶναι ἢ παρὰ

Πρωταγόρου μάθησις. Οἶσθα οὖν ὃ μέλλεις νῦν πράττειν, ἢ σε λανθάνει; ἦν δ' ἐγώ. – Τοῦ

πέρι; – Ὅτι μέλλεις τὴν ψυχὴν τὴν σαυτοῦ παρασχεῖν [312.c.1] θεραπεῦσαι ἀνδρί, ὡς φῆς,

σοφιστῆ· ὅτι δέ ποτε ὁ σοφιστής ἐστιν, θαυμάζοιμι ἂν εἰ οἶσθα. καίτοι εἰ τοῦτ' ἀγνοεῖς, οὐδὲ

ὅτω παραδίδως τὴν ψυχὴν οἶσθα, οὔτ' εἰ ἀγαθῶ οὔτ' εἰ κακῶ πράγματι.

seria da maneira como foi o seu aprendizado com o gramático, o citarista e o pedótriba? Afinal, você não aprendeu nada sobre a arte<sup>89</sup> de cada um deles com vistas a ser um especialista, e sim uma educação geral que é apropriada ao não especialista, ou seja, ao cidadão comum<sup>90</sup>.”

312 b

— “Exatamente!”, disse ele, “é assim mesmo que mais parece ser o ensino de Protágoras.”

— “Você sabe, então, o que está prestes a fazer ou você ignora?” Disse eu.

— “Sobre o quê?”

— “Que você está prestes a entregar sua própria alma<sup>91</sup> para um homem cuidar, sofista, como mesmo você diz... O que, afinal, é um sofista, se você sabe, eu ficaria admirado. Por outro lado, se você ignora, nem sabe a quem entrega a alma, nem se é bom ou mau negócio.”

312 c

---

<sup>89</sup> “Arte” (τέχνη) Embora Platão não tenha nenhuma teoria específica sobre a τέχνη, o termo aparece no *Protágoras* significando tanto “saber prático” (como, por exemplo, em 312 b 3, 316 e 5, 318 e 1, 322 b 5, 323 a 7, dentre outras ocorrências), como também “arte”, seja sofisticada (315 a 5, 316 d 4, 317 c 2), seja política (319 a 4 e 322 b 6). Brisson (2010, p. 70) salienta a relação existente, em Platão, da τέχνη com a ἐπιστήμη, uma vez que o “técnico”, na relação íntima que desenvolve com determinado objeto, só é capaz de dominar sua τέχνη graças à posse de uma ἐπιστήμη, também determinada e, logicamente, diferente de “uma verdadeira ciência”, própria daquele que volta-se ao conhecimento universal da realidade. Por se tratar de um importante termo do jargão filosófico, aponto a seguir todas as ocorrências do termo no diálogo: 312 b3, 315 a5, 316 d4, 316 e 6, 317 c2, 318 e 1, 318 e 2, 319 a4, 319 c7, 321 d9, 321 e1, 322 a7, 322 b4, 322 b5, 322 c5, 322 d4, 323 a 10, 326 d1, 327 b1, 328 a 3, 348 e6, 351 a7, 356 d4, 357 a2, 357 b4 e 357 b5.

<sup>90</sup> “Ao cidadão comum” (τὸν ἰδιώτην καὶ τὸν ἐλεύθερον), ou seja, aqueles que gozavam dos direitos de cidadão da *pólis* por serem do sexo masculino, com idade entre 18 e 60 anos, nascidos na cidade, não sendo escravos.

<sup>91</sup> “Alma” (ψυχή). Há uma vasta discussão na Antiguidade sobre o termo que traduzo aqui por alma. Começando em Homero, em que a ψυχή aparece ligada ao movimento e a vida mesmo dos heróis, passando pelos pré-socráticos, onde a ψυχή aparece ligada à respiração, à percepção pura e simples e à percepção elevada, os pitagóricos associavam-na aos números, mas também que é distinta do corpo. Pitágoras, os órficos e Empédocles tornam notório o antagonismo corpo versus a ψυχή além da própria idéia de reencarnação e reminiscência. Isso sem mencionar Aristóteles que escreveu um tratado sobre o assunto, além de outros Peters (1976, p. 199 – 202). As ocorrências do termo no *Protágoras* deixam claro que não é neste diálogo que Platão irá refletir sobre sua significação: 312 c 3, 313 a 2 e 7, 313 b 3, 313 c 6 e 7, 313 e 1 e 2, 314 b 2, 3, 326 b2, 329 c 1, 337 b 6, 351 b3, 356 e 2. Não obstante, como salienta Brisson (2010, p. 13), Platão tratará da ψυχή nos diálogos *Alcibíades I* (128 d – 132 b), *Fedon* (105 b – 107 a), *Fedro* (245 c – 249 d), *República* (IV, 343 d – 445 e) e *Timeu* (34 a – 40d) e, além de ser a ponte que ligará o sensível e o inteligível, será definida também como o princípio do movimento, não só da vida vegetal, animal e humana, como do próprio κόσμος.

– Οἶμαί γ', ἔφη, εἰδέναί. – Λέγε δὴ, τί ἡγήῃ [312.c.5] εἶναι τὸν σοφιστήν; – Ἐγὼ μὲν, ἦ δ' ὅς, ὥσπερ τοῦνομα λέγει, τοῦτον εἶναι τὸν τῶν σοφῶν ἐπιστήμονα. – Οὐκοῦν, ἦν δ' ἐγώ, τοῦτο μὲν ἔξεστι λέγειν καὶ περὶ ζωγράφων καὶ περὶ τεκτόνων, ὅτι οὗτοί εἰσιν οἱ τῶν σοφῶν ἐπιστήμονες· ἀλλ' [312.d.1] εἴ τις ἔροιτο ἡμᾶς, τῶν τί σοφῶν εἰσιν οἱ ζωγράφοι ἐπιστήμονες, εἴποιμεν ἄν που αὐτῷ ὅτι τῶν πρὸς τὴν ἀπεργασίαν τὴν τῶν εἰκόνων, καὶ τᾶλλα οὕτως. εἰ δέ τις ἐκεῖνο ἔροιτο, Ὁ δὲ σοφιστὴς τῶν τί σοφῶν ἐστίν; τί ἂν [312.d.5] ἀποκρινοίμεθα αὐτῷ; ποίας ἐργασίας ἐπιστάτης; – Τί ἂν εἴποιμεν αὐτὸν εἶναι, ὃ Σώκρατες, ἢ ἐπιστάτην τοῦ ποιῆσαι δεινὸν λέγειν; – Ἴσως ἂν, ἦν δ' ἐγώ, ἀληθῆ λέγοιμεν, οὐ μὲντοι ἰκανῶς γε· ἐρωτήσεως γὰρ ἔτι ἢ ἀπόκρισις ἡμῖν δεῖται, περὶ ὅτου ὁ σοφιστὴς δεινὸν ποιεῖ λέγειν·

\_\_ “Sim, suponho saber.” Disse ele.

\_\_ “Então fala, o que você supõe ser um sofista?”

\_\_ “Para mim”, disse ele, “como diz o termo<sup>92</sup>, é o conhecedor<sup>93</sup> dos saberes<sup>94</sup>.”

\_\_ “Sem dúvida”, disse eu, “isso também se pode dizer acerca dos pintores e dos carpinteiros, que são conhecedores de saberes... Mas se alguém nos perguntasse:

\_\_ De quais saberes os pintores são conhecedores?

312 d

Diríamos a ele que, de algum modo, são conhecedores dos saberes da produção de imagens, assim como nos outros casos. Se, então, “aquele alguém” perguntasse:

\_\_ E o sofista, de quais saberes<sup>95</sup>?

O que poderíamos lhe responder? De qual ocupação é conhecedor<sup>96</sup>?”

\_\_ “O que lhe responderíamos ser, Sócrates, senão o que conhece como transformar as pessoas *experts* no falar?”

\_\_ “Talvez”, disse eu, “disséssemos verdade, contudo, não de maneira suficiente, pois à nossa resposta ainda falta uma questão: a respeito do que ele torna *expert* na [arte] de falar,

---

<sup>92</sup> A afirmação de Hipócrates remete justamente a origem etimológica de σοφιστής: “sábio”, “habilidoso”, “versado em determinada habilidade” cf. Untersteiner (1949, p. xv), Guthrie (1995, p. 27) e Kerferd (1989, p. 24).

<sup>93</sup> O “conhecedor” aqui e nas passagens seguintes traduz o substantivo “ἐπιστήμων” que, por sua vez, é derivado da ἐπιστήμη, uma das cinco partes da ἀρετή.

<sup>94</sup> “Dos saberes” traduz “τῶν σοφῶν” que literalmente significa “das coisas sábias”. A raiz “σοφ-”, também presente em “σοφός”, indica a origem etimológica de outra fundamental parte da ἀρετή que será alvo de discussão neste diálogo, a σοφία.

<sup>95</sup> A pergunta subentendida: “E o sofista, de quais saberes é conhecedor?” inexistente no original. Graças ao fato de o contexto deixar muito claro a intenção da questão, optei em manter a mesma omissão na tradução para reproduzir a concisão própria da linguagem dialogada.

<sup>96</sup> “Conhecedor” (ἐπιστάτης) sinônimo de “ἐπιστήμων”.

ὥσπερ ὁ κιθαριστής [312.e.1] δεινὸν δήπου ποιεῖ λέγειν περὶ οὐ̄περ καὶ ἐπιστήμονα, περὶ  
κιθαρίσεως· ἦ γάρ; – Ναί. – Εἶεν· ὁ δὲ δὴ σοφιστής περὶ τίνος δεινὸν ποιεῖ λέγειν; –  
Δῆλον ὅτι περὶ οὐ̄περ καὶ ἐπίστασθαι; – Εἰκός γε. τί δὴ ἐστὶν τοῦτο περὶ οὐ̄ αὐτός τε  
[312.e.5] ἐπιστήμων ἐστὶν ὁ σοφιστής καὶ τὸν μαθητὴν ποιεῖ; – Μὰ Δί', ἔφη, οὐκέτι ἔχω  
σοι λέγειν. [313.a.1] Καὶ ἐγὼ εἶπον μετὰ τοῦτο· Τί οὖν; οἶσθα εἰς οἶόν τινα κίνδυνον ἔρχη  
ὑποθήσων τὴν ψυχὴν; ἢ εἰ μὲν τὸ σῶμα ἐπιτρέπειν σε ἔδει τῷ διακινδυνεύοντα ἢ χρηστὸν  
αὐτὸ γενέσθαι ἢ πονηρόν, πολλὰ ἂν περιεσκεψῶ εἴτ' ἐπιτρεπτέον [313.a.5] εἴτε οὐ̄, καὶ εἰς  
συμβουλήν τούς τε φίλους ἂν παρεκάλεις καὶ τοὺς οἰκείους σκοπούμενος ἡμέρας συχνάς· ὁ  
δὲ περὶ πλείονος τοῦ σώματος ἢ γῆ, τὴν ψυχὴν, καὶ ἐν ᾧ πάντ' ἐστὶν τὰ σὰ ἢ εὔ ἢ κακῶς  
πράττειν, χρηστοῦ ἢ πονηροῦ αὐτοῦ γενομένου, περὶ δὲ τούτου οὔτε τῷ πατρὶ οὔτε τῷ  
ἀδελφῷ [313.b.1] ἐπεκοινώσω οὔτε ἡμῶν τῶν ἐταίρων οὐδενί, εἴτ' ἐπιτρεπτέον εἴτε καὶ οὐ̄  
τῷ ἀφικομένῳ τούτῳ ξένῳ τὴν σὴν ψυχὴν, ἀλλ' ἐσπέρας ἀκούσας, ὡς φῆς, ὄρθριος ἦκων

seria como o citarista que, em relação ao seu conhecimento<sup>97</sup>, a citarística, torna *expert* na [arte] de falar, é isso<sup>98</sup>?”

\_\_ “Sim.”

\_\_ “Que seja, mas, a respeito do que o sofista torna *expert* em falar? Claro que acerca do que precisamente ele é perito<sup>99</sup> não é?”

\_\_ “Ao menos é o que parece.”

\_\_ “Então, o que é isso a respeito do que, tanto o próprio sofista é instruído<sup>100</sup>, como também torna o aprendiz?”

\_\_ “Por Zeus”, disse ele, “não tenho mais o que te dizer.”

Depois disso eu falei:

\_\_ “Como assim? Você sabe a que tipo de perigo vai expor a alma? Mesmo o corpo, se você tivesse que confiá-lo a alguém correndo o risco de torná-lo sadio ou doente, pensaria muito se o confiaria ou não, pediria tanto o conselho dos amigos como dos familiares, refletindo vários dias.

Já sobre o que há de considerar melhor do que o corpo, a alma, da qual depende todo o seu bem ou mal agir, tornando você mesmo sadio ou doente, a respeito disso, você não consultou nem seu pai nem seu irmão nem, sequer, nenhum dos nossos amigos [para saber] se deveria confiar ou não tua alma a esse estrangeiro recém chegado.

---

<sup>97</sup> Sócrates começa por se referir à τέχνη e ao termo derivado de ἐπιστήμη (ἐπιστήμονα) como termos intimamente relacionados pois, em 312 b3, ele se refere a atividade do gramático, do citarista e do pedótriba como τέχναι.

<sup>98</sup> Sócrates argumenta que todos os especialistas tornam seus aprendizes aptos a discorrer sobre a técnica que ensinam, não apenas a executá-la mas, também, dissertar a respeito dela, cf Brisson (2010, p. 70): “o técnico deve possuir simultaneamente um conhecimento da natureza de seu objeto e do que é apropriado a essa natureza”.

<sup>99</sup> Ou “Sabe de cor” “ἐπίσταται” infinitivo do verbo ἐπίσταμαι “ser versado em”, “saber de cor”, “conhecer”, “ser hábil”, “sábio”, “perito” Dezotti (2010).

<sup>100</sup> O “instruído” aqui e nas passagens seguintes traduz o substantivo “ἐπιστήμων”.

312 e

313 a

περὶ μὲν τούτου οὐδένα λόγον οὐδὲ συμβουλὴν ποιῆ, εἴτε χρὴ ἐπιτρέπειν [313.b.5] σαυτὸν  
αὐτῷ εἴτε μή, ἕτοιμος δ' εἶ ἀναλίσκειν τὰ τε σαυτοῦ καὶ τὰ τῶν φίλων χρήματα, ὡς ἤδη  
διεγνωκῶς ὅτι πάντως συνεστέον Πρωταγόρα, ὃν οὔτε γινώσκεις, ὡς φήεις, οὔτε [313.c.1]  
διείλεξαι οὐδεπώποτε, σοφιστὴν δ' ὀνομάζεις, τὸν δὲ σοφιστὴν ὅτι ποτ' ἔστιν φαίνη  
ἀγνοῶν, ὃ μέλλεις σαυτὸν ἐπιτρέπειν; – Καὶ ὃς ἀκούσας, Ἔοικεν, ἔφη, ὃ Σώκρατες, ἐξῶν  
σὺ λέγεις. – Ἄρ' οὖν, ὃ Ἰππόκρατες, ὁ σοφιστὴς τυγχάνει [313.c.5] ὢν ἔμπορός τις ἢ  
κάπηλος τῶν ἀγωγίμων, ἀφ' ὧν ψυχὴ τρέφεται; φαίνεται γὰρ ἔμοιγε τοιοῦτός τις. –  
Τρέφεται δέ, ὃ Σώκρατες, ψυχὴ τίνη; – Μαθήμασιν δήπου, ἦν δ' ἐγώ. καὶ ὅπως γε μή, ὃ  
ἐταῖρε, ὁ σοφιστὴς ἐπαινῶν ἃ πωλεῖ ἐξαπατήσῃ ἡμᾶς, ὥσπερ οἱ περὶ τὴν τοῦ σώματος  
τροφὴν, ὁ [313.d.1] ἔμπορός τε καὶ κάπηλος. καὶ γὰρ οὗτοί που ὧν ἄγουσιν ἀγωγίμων οὔτε  
αὐτοὶ ἴσασι, ὅτι χρηστὸν ἢ πονηρὸν περὶ τὸ σῶμα, ἐπαινοῦσιν δὲ πάντα πωλοῦντες, οὔτε οἱ  
ὠνούμενοι παρ' αὐτῶν, ἐὰν μή τις τύχη γυμναστικὸς ἢ ἰατρὸς ὢν. [313.d.5] οὔτω δὲ καὶ οἱ  
τὰ μαθήματα περιάγοντες κατὰ τὰς πόλεις καὶ πωλοῦντες καὶ καπηλεύοντες τῷ ἀεὶ  
ἐπιθυμοῦντι ἐπαινοῦσιν μὲν πάντα ἃ πωλοῦσιν, τάχα δ' ἂν τινες, ὃ ἄριστε, καὶ τούτων  
ἀγνοοῖεν ὧν πωλοῦσιν ὅτι χρηστὸν ἢ πονηρὸν

Que nada, [bastou] você escutar à noite [que ele chegou], como você mesmo disse, para chegar cedo sem fazer consulta, sem informação<sup>101</sup> sobre o assunto [para saber] se deveria submeter-se a ele ou não, ao contrário, você está pronto a gastar teus bens e dos amigos, como já se reconhecendo totalmente em conjunção com Protágoras, o qual você nem conhece, como você mesmo disse, nem jamais conversou. Você denomina-o sofista ainda que dê mostras de ignorar o que afinal vem a ser um sofista, aquele mesmo para o qual você está prestes a se submeter.”

313 c

313 b

E ele, tendo escutado, disse:

\_\_ “É provável, Sócrates, a partir do que você fala.”

\_\_ “Então, Hipócrates, acaso o sofista seria um tipo de vendedor ambulante ou feirante das mercadorias com as quais a alma se nutre? Pois, a mim pelo menos, parece ser alguém desse tipo”.

\_\_ “Mas, Sócrates, com o que se nutre a alma?”

\_\_ “É claro que com [diferentes tipos de] matérias”, disse eu, “e como então, meu caro, o sofista, elogiando o que vende também não nos enganaria assim como o vendedor ambulante e o feirante fazem em relação aos alimentos para o corpo? Pois esses, das mercadorias que portam, ainda que elogiem tudo que comercializam, acredito que não sabem o que é saudável ou nocivo para o corpo, nem os que compram deles, a menos que, por sorte, algum deles seja preparador físico ou médico. Do mesmo modo, os que circulam pelas *póleis* e que também distribuem e vendem [vários tipos de] matérias aos que estão sempre ansiando por elas, por elogiarem tudo o que vendem, caríssimo, talvez alguns

313 d

---

<sup>101</sup> “Informação” (λόγος). Como se sabe a gama de significação deste conceito é muito grande. O presente diálogo apresenta tanto usos despreziosos da palavra λόγος, como nesta passagem, em que aparecerá traduzido por “informação”, “discurso”, “fala”, “argumento”, “assunto”, “conversa”, “declaração”, como usos mais complexos, que exploram a vasta significação semântica do termo. Pretendo destacar esses usos mais elaborados do ponto de vista filosófico a partir de notas explicativas. Nos demais casos irei traduzi-lo conforme a necessidade da passagem em questão, sem maiores explicações.

[313.e.1] πρὸς τὴν ψυχὴν· ὡς δ' αὐτῶς καὶ οἱ ὠνούμενοι παρ' αὐτῶν, ἐὰν μὴ τις τύχη περι  
τὴν ψυχὴν αὖ ἰατρικὸς ὤν. εἰ μὲν οὖν σὺ τυγχάνεις ἐπιστήμων τούτων τί χρηστὸν καὶ  
πονηρὸν, ἀσφαλὲς σοὶ ὠνεῖσθαι μαθήματα καὶ παρὰ Πρωταγόρου [313.e.5] καὶ παρ' ἄλλου  
ότουοῦν· εἰ δὲ μή, ὄρα, ὦ μακάριε, [314.a.1] μὴ περὶ τοῖς φιλτάτοις κυβεύῃς τε καὶ  
κινδυνεύῃς. καὶ γὰρ δὴ καὶ πολὺ μείζων κίνδυνος ἐν τῇ τῶν μαθημάτων ὠνῇ ἢ ἐν τῇ τῶν  
σιτίων. σιτία μὲν γὰρ καὶ ποτὰ πριάμενον παρὰ τοῦ καπήλου καὶ ἐμπόρου ἔξεστιν ἐν  
ἄλλοις ἀγγείοις [314.a.5] ἀποφέρειν, καὶ πρὶν δέξασθαι αὐτὰ εἰς τὸ σῶμα πίνοντα ἢ  
φαγόντα, καταθέμενον οἴκαδε ἔξεστιν συμβουλευσασθαι, παρακαλέσαντα τὸν ἐπαῖοντα,  
ὅτι τε ἐδεστέον ἢ ποτέον καὶ ὅτι μή, καὶ ὅποσον καὶ ὅποτε· ὥστε ἐν τῇ ὠνῇ οὐ μέγας ὁ  
[314.b.1] κίνδυνος. μαθήματα δὲ οὐκ ἔστιν ἐν ἄλλῳ ἀγγείῳ ἀπενεγκεῖν, ἀλλ' ἀνάγκη  
καταθέντα τὴν τιμὴν τὸ μάθημα ἐν αὐτῇ τῇ ψυχῇ λαβόντα καὶ μαθόντα ἀπιέναι ἢ  
βεβλαμμένον ἢ ὠφελημένον. ταῦτα οὖν σκοπώμεθα καὶ μετὰ τῶν πρεσβυτέρων ἡμῶν·  
ἡμεῖς γὰρ ἔτι νέοι ὥστε τοσοῦτον πρᾶγμα διελέσθαι. νῦν μέντοι, ὥσπερ ὠρμήσαμεν, ἴωμεν  
καὶ ἀκούσωμεν τοῦ ἀνδρός, ἔπειτα ἀκούσαντες καὶ ἄλλοις ἀνακοινώσωμεθα· καὶ γὰρ οὐ  
μόνος Πρωταγόρας αὐτόθι ἐστίν, [314.c.1] ἀλλὰ καὶ Ἰππίας

podem vir a ignorar se o que comercializam é nocivo ou saudável para alma, bem como os que adquirem deles, a menos que, por sorte, algum deles seja doutor em assuntos da alma.

313 e

Porém, se acaso você está ciente<sup>102</sup>, a respeito dessas coisas, o que é benéfico e nocivo, esteja seguro para comprar essas matérias tanto de Protágoras quanto de qualquer outro, do contrário, abra os olhos, criatura, não corra esse risco e nem jogue dados com os mais prezados bens, afinal, é muito mais perigosa a compra de matérias [relativas à aprendizagem] do que de alimentos.

314 a

Pois é possível, ao comprar alimentos do vendedor ambulante ou do feirante, levá-los em recipientes separados antes do corpo ingeri-los, seja bebendo ou comendo, guardando-os em casa a fim de aconselhar-se com alguém experiente [no assunto] chamado para determinar o que [é adequado para] beber ou comer, e o que não, assim como a quantidade e ocasião para que, com a aquisição, não haja um grande perigo.

Essas matérias [abstratas], por outro lado, não são levadas em recipientes separados, mas é forçoso que, aquele que quitar o combinado, tenha a matéria retida e aprendida na própria alma e retorne [para casa] lesado ou melhorado.

314 b

Porém, averiguemos esses assuntos também com os mais vividos do que nós, pois ainda somos novos para dar a última palavra sobre uma questão tão séria<sup>103</sup>. Contudo, agora que já nos animamos, vamos, escutemos isso dele próprio, depois, escutamos e consultamos os outros. Pois não está só Protágoras em pessoa, mas também Hípias<sup>104</sup>,

---

<sup>102</sup> “Ciente” traduz o substantivo “ἐπιστήμων”.

<sup>103</sup> Neste momento, Sócrates assume sua juventude intelectual e supostamente real, que seria aproximadamente 37 anos, tornando verossímil a datação de 432 a.C. para o suposto acontecimento do diálogo, bem como o fato de ser mais jovem em relação a Protágoras (317 c).

<sup>104</sup> O sofista Hípias de Élis viveu entre os anos de 470 e 399 a.C. Nails (2002, p.168) foi, portanto, contemporâneo de Sócrates e Protágoras. Viajou por diversas cidades gregas oferecendo palestras e declamações públicas em troca de remuneração e reconhecimento. Ele é caracterizado como um sujeito arrogante e prepotente nos dois diálogos de Platão que levam o seu nome: *Hípias Maior* e *Hípias Menor*, a outra fonte contemporânea que temos do sofista é Xenofonte (*Memoráveis*, IV, 4, 4). Não obstante, é inegável (mesmo ao compararmos os testemunhos de Platão com os outros testemunhos que escreveram a respeito do sofista), que Hípias foi um sujeito que detinha um vasto repertório de conhecimentos que abrangia retórica, filosofia, poesia, música, matemática, astronomia, pintura, escultura, sem mencionar a prodigiosa memória e as habilidades práticas de fazer as próprias roupas, calçados e até mesmo o anel, que o tornavam um sujeito notadamente auto-suficiente Smith (1861, vol II, p. 479).

ὁ Ἥλειος – οἶμαι δὲ καὶ Πρόδικον τὸν Κεῖον – καὶ ἄλλοι πολλοὶ καὶ σοφοί. Δόξαν ἡμῖν ταῦτα ἐπορευόμεθα· ἐπειδὴ δὲ ἐν τῷ προθύρῳ ἐγενόμεθα, ἐπιστάντες περὶ τινος λόγου διελεγόμεθα, ὃς ἡμῖν [314.c.5] κατὰ τὴν ὁδὸν ἐνέπεσεν· ἴν' οὖν μὴ ἀτελής γένοιτο, ἀλλὰ διαπερανάμενοι οὕτως ἐσίοιμεν, στάντες ἐν τῷ προθύρῳ διελεγόμεθα ἕως συνωμολογήσαμεν ἀλλήλοις. δοκεῖ οὖν μοι, ὁ θυρωρός, εὐνοῦχός τις, κατήκουεν ἡμῶν, κινδυνεύει δὲ [314.d.1] διὰ τὸ πλῆθος τῶν σοφιστῶν ἄχθεσθαι τοῖς φοιτῶσιν εἰς τὴν οἰκίαν· ἐπειδὴ γοῦν ἐκρούσαμεν τὴν θύραν, ἀνοιξας καὶ ἰδὼν ἡμᾶς, Ἔα, ἔφη, σοφισταὶ τινες· οὐ σχολὴ αὐτῷ· καὶ ἅμα ἀμφοῖν τοῖν χεροῖν τὴν θύραν πάνυ προθύμως ὡς οἶός τ' ἦν ἐπήραξεν. [314.d.5] καὶ ἡμεῖς πάλιν ἐκρούομεν, καὶ ὃς ἐγκεκλημένης τῆς θύρας ἀποκρινόμενος εἶπεν, ὦ ἄνθρωποι, ἔφη, οὐκ ἀκηκόατε ὅτι οὐ σχολὴ αὐτῷ; Ἄλλ' ὠγαθέ, ἔφη, ἐγώ, οὔτε παρὰ Καλλίαν ἤκομεν οὔτε σοφισταὶ ἐσμεν.

o elídeo<sup>105</sup>, suponho que também Pródico<sup>106</sup> de Cós, além de muitos outros também sábios.”

Chegando a esta conclusão, partimos. Quando, então, chegamos à porta da frente, nos detivemos no assunto sobre o qual dialogávamos, o mesmo que nos ocorreu no caminho, com o intuito de que não ficasse sem um desfecho, concluíamos para que pudéssemos entrar. Até que entrássemos em acordo um com o outro, detivemo-nos na porta da frente dialogando. Então, me pareceu que o porteiro, um eunuco, nos escutava. Provavelmente ele se aborreceu por causa dos muitos sofistas e com vai e vem na casa, ainda assim batemos a porta. Ele abriu, nos viu e disse:

314 c

314 d

\_\_ “Ei, ai,... Esses sofistas... Ele não tem tempo livre!”

E, imediatamente, com ambas mãos, bateu o portão com toda força possível. Novamente nós batemos. E ele, cerrando a porta, disse em resposta:

\_\_ “Caros sujeitos”, disse ele, “não escutaram que ele não tem tempo livre?”

\_\_ “Acontece, meu caro”, disse eu, “que nem viemos ao encontro de Cálías, nem somos

---

<sup>105</sup> Cotidianamente, como já observamos anteriormente, os gregos especificavam as pessoas usando um primeiro nome acompanhado do nome do pai (no genitivo). Depois das reformas de Clístenes - Pinheiro (1999, p. 153), os atenienses substituíram o nome do pai pelo nome do demo que o cidadão tinha nascido. Observemos, porém, que todos os cidadãos de outras cidades, como no caso de Hípias de Élis, Pródico de Cós e Protágoras de Abdera, são associados às cidades de origem, sugerindo que o “amigo” que está ouvindo a narração seja também ateniense, pois se refere a todos personagens atenienses pelo nome do pai, e os estrangeiros pelo nome da cidade.

<sup>106</sup> Pródico era natural da cidade de Iulis, na ilha de Cós, o mesmo local em que nasceu o poeta Simônides. Esteve em Atenas por diversas vezes para tratar de assuntos políticos de interesse da sua terra natal. Apesar de ter sido elogiado como orador pelo personagem Sócrates no *Hípias Maior* (282 c), *Banquete* (177b) e por Filostrato nas *Vidas dos Sofistas* (I, 12, 496), sua voz grave não deixa de ser mencionada pelo próprio Filostrato, por Plutarco que faz menção ao seu estado de saúde (*An seni respublica gerenda*, 791 e), além do próprio *Protágoras* (316 a). O personagem Sócrates sugere que acompanhara ensinamentos de Pródico na arte de distinguir os nomes (341 a) e que o sofista também se detinha sobre questões do tamanho dos discursos *Fedro* (267 b). Pródico é mencionado por Suda (π, 2365) como contemporâneo de Demócrito e Górgias, e discípulo de Protágoras e, por ser referido pelo personagem Sócrates como um sofista em atividade, na *Apologia de Sócrates* (19 e), acredita-se que ele estava vivo na ocasião da condenação de Sócrates em 399 a.C. Smith (1861, vol. III, p. 542) Platão é a principal fonte sobre ele Nails (2002, p. 255).

ἀλλὰ θάρρει· [314.e.1] Πρωταγόραν γάρ τοι δεόμενοι ἰδεῖν ἦλθομεν· εἰσάγγειλον οὖν.  
μόγις οὖν ποτε ἡμῖν ἄνθρωπος ἀνέωξεν τὴν θύραν. Ἐπειδὴ δὲ εἰσήλθομεν, κατελάβομεν  
Πρωταγόραν ἐν τῷ προστώφῳ περιπατοῦντα, ἐξῆς δ' αὐτῷ συμπεριεπάτου ἐκ μὲν [314.e.5]  
τοῦ ἐπὶ θάτερα Καλλίας ὁ Ἴππονίκου καὶ ὁ ἀδελφὸς αὐτοῦ [315.a.1] ὁ ὁμομήτριος,  
Πάραλος ὁ Περικλέους, καὶ Χαρμίδης ὁ Γλαύκωνος, ἐκ δὲ τοῦ ἐπὶ θάτερα ὁ ἕτερος τῶν  
Περικλέους Ξάνθιππος, καὶ Φιλιππίδης ὁ Φιλομήλου καὶ Ἀντίμοιρος ὁ Μενδαῖος, ὅσπερ  
εὐδοκιμεῖ μάλιστα τῶν Πρωταγόρου μαθητῶν [315.a.5] καὶ ἐπὶ τέχνῃ μανθάνει, ὡς  
σοφιστὴς ἐσόμενος. τούτων δὲ οἱ ὀπισθεν ἠκολούθουν ἐπακούοντες τῶν λεγομένων τὸ μὲν  
πολὺ ξένοι ἐφαίνοντο – οὐς ἄγει ἐξ ἐκάστων τῶν πόλεων ὁ Πρωταγόρας, δι' ὧν  
διεξέρχεται, κηλῶν τῆ φωνῆ ὅσπερ [315.b.1] Ὀρφεύς, οἱ δὲ κατὰ τὴν φωνὴν ἔπονται  
κεκλημένοι

sofistas. Acredite! Na verdade, viemos querendo ver Protágoras, portanto, mande o recado.” Por fim, a contragosto, o homem nos abriu a porta. Quando, então, entramos, deparamos com Protágoras dando uma volta pela varanda, acompanhando ele formando um círculo de um lado: Cálias de Hipônico e o irmão dele (de mesma mãe, o de Péricles), Páralo<sup>107</sup>, e Cármides<sup>108</sup>, (o de Glauco) e, do outro, Xantipo<sup>109</sup>, (o outro de Péricles), Filípides<sup>110</sup>, (o de Filomeno), além de Antímoro<sup>111</sup>, (o de Mendes), que é o mais bem reputado dos aprendizes de Protágoras e aprende a arte [dele] para se tornar um sofista.

314 e  
315 a

Logo atrás destes que falavam, muitos acompanhavam prestando atenção, pareciam estrangeiros que Protágoras atrai de cada uma das *póleis* que atravessa, encantando com a voz, como Orfeu<sup>112</sup>, e eles, encantados, acompanham a voz.

315 b

---

<sup>107</sup> Páralo viveu entre os anos de 455 e 429 a.C. Nails (2002, p.217) é o segundo e último filho legítimo de Péricles e morreu por ocasião da peste que assolou Atenas na guerra do Peloponeso Ferreira (2010, p.47), Plutarco (*Péricles*, 24.8 e 34.5). Os filhos de Péricles também são mencionados no *Alcibiades I* (118 d).

<sup>108</sup> Filho de Glauco, primo de Crítias e tio de Platão. Viveu entre os anos de 446 e 403 a.C. Nails (2002, p. 90) e teria, na ocasião do diálogo *Protágoras*, entre 13 e 14 anos, já que, em 429, três anos depois, ainda seria um adolescente no diálogo que leva o seu nome, *Cármides*. Mais tarde, em 404 a.C., atuou juntamente ao governo dos trinta, tendo morrido pouco depois, em 403 a.C. Smith (1861, vol I, p. 689). O personagem Cármides também aparece no *Banquete* (222b) e no diálogo apócrifo *Theages* (128 d 8).

<sup>109</sup> Nasceu por volta de 458 a.C. e morreu em 429 a.C., Nails (2002, p. 300) juntamente com seu irmão Páralo, em virtude da peste. Foi o filho mais velho de Péricles, um jovem impetuoso que, em contenda com o pai por questões financeiras, chegou a divulgar a maneira como Péricles geria a casa e que chegara a dispendar um dia de discussão com Protágoras a respeito de um motivo fútil relacionado aos jogos Plutarco (*Péricles*, 24.8 e 34.5). Seu avô, pai de Péricles, também se chamava Xantipo.

<sup>110</sup> Suidas (Suida, φ, 345, 346, 347) menciona três Filípides mas, nenhum seria filho de Filomeno. Dentre esses três, o mais eminente foi certamente o comediógrafo, filho de Fílocles, que teria nascido 335 a.C. Smith (1861, vol. III, p. 269). Filípides, filho de Filomeno nasceu por volta de 450 a.C. Nails (2002, p. 238).

<sup>111</sup> Sofista, natural de Mendes na Trácia, mencionado, de maneira elogiosa, como discípulo de Protágoras somente no presente diálogo Smith (1861, vol. I, p. 191), Nails (2002, p.30).

<sup>112</sup> Orfeu é um personagem mitológico que, juntamente com Olen, Lino, Tâmiris, Filamon, e Museu, seria filho de Apolo e das Musas e representa uma fase originária do desenvolvimento poético da Antiguidade Ocidental. Apesar de não ser mencionado nos poemas épicos de Homero e Hesíodo, Orfeu é um nome de destaque no período lírico e, dentre os tragediógrafos, somente Sófocles não o menciona. Mitógrafos e poetas posteriores desenvolveram mais detalhes da sua “história” em que Orfeu seria filho de Calíope e Oeagrus, e teria vivido na Trácia no período dos Argonautas. Presenteado por Apolo com uma lira, e instruído pelas Musas na maneira de usá-la, o êxito dos Argonautas atravessar o oceano é atribuído ao poder de sua música Smith (1861, vol. III, p. 59).

– ἦσαν δὲ τινες καὶ τῶν ἐπιχωρίων ἐν τῷ χορῷ. τοῦτον τὸν χορὸν μάλιστα ἔγωγε ἰδὼν ἦσθην, ὡς καλῶς ἠύλαβοῦντο μηδέποτε ἐμποδῶν ἐν τῷ πρόσθεν εἶναι Πρωταγόρου, ἀλλ' [315.b.5] ἐπειδὴ αὐτὸς ἀναστρέφοι καὶ οἱ μετ' ἐκείνου, εὖ πως καὶ ἐν κόσμῳ περιεσχίζοντο οὗτοι οἱ ἐπήκοοι ἔνθεν καὶ ἔνθεν, καὶ ἐν κύκλῳ περιιόντες ἀεὶ εἰς τὸ ὄπισθεν καθίσταντο κάλλιστα. <Τὸν δὲ μετ' εἰσενόησα>, ἔφη Ὅμηρος, Ἴππιαν τὸν [315.c.1] Ἥλεϊον, καθήμενον ἐν τῷ κατ' ἀντικρὺ προστώῳ ἐν θρόνῳ· περὶ αὐτὸν δ' ἐκάθηοντο ἐπὶ βάθρων Ἐρυξίμαχος τε ὁ Ἀκουμενοῦ καὶ Φαῖδρος ὁ Μυρρινούσιος καὶ Ἄνδρων ὁ Ἀνδροτίωνος καὶ τῶν ξένων πολῖται τε αὐτοῦ καὶ ἄλλοι [315.c.5] τινές. ἐφαίνοντο δὲ περὶ φύσεώς τε καὶ τῶν μετεώρων ἀστρονομικὰ ἄττα διερωτᾶν τὸν Ἴππιαν, ὁ δ' ἐν θρόνῳ καθήμενος ἐκάστοις αὐτῶν διέκρινεν καὶ διεξήγει τὰ ἐρωτώμενα.

Naquilo que era uma espécie de coro<sup>113</sup> havia também alguns dos nossos concidadãos e eu, pelo menos, adorei ver esse coro, que cuidado eles tinham para jamais estarem de frente do caminho de Protágoras, quando ele se virava, os seguintes também [faziam o mesmo], bem como os outros ouvintes, também em perfeita harmonia separavam-se lado a lado, contornando em círculo para, em seguida, perfeitamente se alinharem.

Depois identifiquei-o, como diz Homero<sup>114</sup>, Hípias de Élis, sentado em [uma espécie de] trono, de costas para a varanda.

Em torno dele, sentavam-se sobre bancadas Erixímaco<sup>115</sup> do Acúmeno, Fedro<sup>116</sup> de Mirrinonte, Ándron<sup>117</sup> do Androtíon, além de estrangeiros, cidadãos dele e alguns outros.

Pareciam interrogar Hípias tanto sobre astronomia como sobre a natureza dos corpos celestes. E, sentado no “trono”, a cada um deles ele explicava enquanto continuavam perguntando.

---

<sup>113</sup> Com uma explícita alusão à tragédia, vemos um exemplo de como Platão dialoga com outros gêneros literários na elaboração dos diálogos *Nightingale* (2000, p. 186). Taylor (1996, p. 72) sugere que talvez Platão esteja lembrando a representação dos encontros dos sofistas na comédia, como na peça os *Aduladores* de Eupolis (produzida em 421) a qual ocorre na casa de Cálías e tem Protágoras e Alcibíades entre os personagens ou a peça *Konnos* de Ameípsias (produzida em 423 mesmo ano que as *Nuvens* de Aristófanes) que tem um coro de pensadores e Sócrates como personagem.

<sup>114</sup> Homero, *Odisséia*, livro 11, 601. A passagem alude a fala de Odisseu ao mundo dos mortos e seu contato com “fantasmas” e “espectros”. Segundo Taylor (1996, p. 72) a escolha da passagem não é acidental, segundo ele os sofistas são relacionados às sombras e Sócrates o real parâmetro da excelência *Mênon* (100 a).

<sup>115</sup> Tendo em vista a data de 432 a.C. como a data do suposto diálogo retratado no *Protágoras*, Erixímaco, que viveu entre os anos de 448 e 415 a.C. Nails (2002, p.143), seria neste diálogo um adolescente. Filho do médico Acúmeno, também se tornou médico mais tarde. É mencionado no *Fedro* (268 a), e também aparece no *Banquete* (185e) onde, além de propor um discurso sobre o assunto em questão, o Ero, ensina Aristófanes parar de soluçar.

<sup>116</sup> Filho de Pítocles, Fedro teria vivido entre 444 e 393 a.C. Nails (2002, p.232). Aparecerá no também no *Banquete* e no diálogo que leva o seu nome, *Fedro*.

<sup>117</sup> Ándron viveu entre 445 e 410 a.C. Nails (2002, p.28) é mencionado também no *Górgias* (487 c). Ándron foi filho de Androtíon I e pai de Andrótíon II, um orador ateniense, pupilo de Isócrates e contemporâneo e oponente de Demóstenes, habilidoso e elegante orador, tido como um dos principais demagogos do seu tempo. De todos seus discursos, resta apenas o fragmento de um presente em Aristóteles (*Retórica*, III, 1406b) Smith (1861, vol. I, p. 177). Ándron foi um dos membros da oligarquia dos 400 em 411 a.C.

Καὶ μὲν δὴ <καὶ Τάνταλόν> γε <εἰσεῖδον> – ἐπεδήμει [315.d.1] γὰρ ἄρα καὶ Πρόδικος ὁ

Κεῖος – ἦν δὲ ἐν οἰκήματί τινι, ᾧ πρὸ τοῦ μὲν ὡς ταμείῳ ἐχρήτο Ἰππόνικος, νῦν δὲ ὑπὸ τοῦ

πλήθους τῶν καταλόντων ὁ Καλλίας καὶ τοῦτο ἐκκενώσας ξένοις κατάλυσιν πεποίηκεν. ὁ

μὲν οὖν Πρόδικος ἔτι κατέκειτο, [315.d.5] ἐγκεκαλυμμένος ἐν κωδίοις τισὶν καὶ στρώμασιν

καὶ μάλα πολλοῖς, ὡς ἐφαίνετο· παρεκάθητο δὲ αὐτῷ ἐπὶ ταῖς πλησίον κλίναις Πausανίας

τε ὁ ἐκ Κεραμέων καὶ μετὰ Πausανίου νέον τι ἔτι μειράκιον, ὡς μὲν ἐγῶμαι καλὸν τε

[315.e.1] κάγαθὸν τὴν φύσιν, τὴν δ' οὖν ιδέαν πάνυ καλός. ἔδοξα ἀκοῦσαι ὄνομα αὐτῷ

εἶναι Ἀγάθωνα, καὶ οὐκ ἂν θαυμάζοιμι εἰ παιδικὰ Πausανίου τυγχάνει ὄν. τοῦτό τ' ἦν τὸ

μειράκιον, καὶ τὸ Ἀδειμάντω ἀμφοτέρω, ὃ τε Κήπιδος καὶ ὁ [315.e.5] Λευκολοφίδου, καὶ

ἄλλοι τινὲς ἐφαίνοντο· περὶ δὲ ὧν διελέγοντο

Vi até mesmo Tântalo<sup>118</sup>, [quero dizer], Pródico de Cós. Ele também estava presente, para ser exato, ele estava em um cômodo que antes Hipônico usava como cabedal agora, porém, por causa dos muitos convidados, Cálias o limpou e o transformou em alojamento de hóspedes.

Enquanto isso, Pródico ainda repousava, parecia que estava envolto em muitos velos e cobertas. Sentavam-se ao redor dele, sobre colchas, Pausânias<sup>119</sup>, o de Ceramis e, junto de Pausânias um rapaz ainda novo, que, além de traços muito belos, suponho ser de índole nobre-elevada<sup>120</sup>.

Pelo que me lembro ter ouvido, seu nome é Agatão<sup>121</sup> e não admiraria se fosse o caso de ele ser pupilo de Pausânias. Além desse rapaz, estavam por lá os dois Adimantos<sup>122</sup>, o de Cepes e o de Leucolófides, assim como alguns outros<sup>123</sup>. A respeito do que

<sup>118</sup> Homero (*Odisséia*, XI, 582). Em uma das versões a seu respeito, Tântalo teria sido punido pelos deuses por servir como jantar aos deuses o próprio filho, Pélope. Devido à sua ambição, sua pena foi de não poder saciar mais sua sede e fome Smith (1861, vol. III, p. 974). Ao que tudo indica, a comparação de Tântalo com Pródico se deve à incessante prática de Pródico de questionar o significado das palavras, buscando, exaustivamente, usos mais adequados e precisos.

<sup>119</sup> Ateniense do demo de Ceramis, Pausânias era conhecido pela sua inclinação a relacionamentos com parceiros do mesmo sexo. Ele também é mencionado no *Banquete* de Platão (176 a) e no *Banquete* de Xenofonte (VIII, 32.5), Nails (2002, p. 222).

<sup>120</sup> “Nobre-elevada” (καλόν τε κάγαθόν), literalmente “belo e bom”, expressão recorrente na literatura grega para se referir aos dotados das mais elevadas qualidades físicas, morais e intelectuais. É usada, neste diálogo, mais como qualificativo da moral, uma ênfase duplicada de uma qualidade interior. Observamos que se nesta passagem o sentido da expressão καλόν τε κάγαθόν fosse de “belo e bom”, o adjetivo a seguir, “καλός” “belo”, seria desnecessário. Todas as outras passagens em que ocorrerem o termo καλόν τε κάγαθόν no presente diálogo irão legitimar esta tradução alternativa. Em 328 b 3, por exemplo, Protágoras promete tornar qualquer um καλόν τε κάγαθόν e, como bem sabemos, a proposta educativa de Protágoras não faz qualquer menção aos atributos do corpo, ou seja, Protágoras não tornará nenhum discípulo diferente em relação à “beleza”.

<sup>121</sup> Agatão, o quarto tragediógrafo ateniense, nasceu por volta de 447 a.C. e morreu em 401 a.C. Nails (2002, p. 8). Filho de Tisameno, de família abastada, obteve sua primeira vitória no festival das Lenéias em 416 a.C. quando tinha cerca de trinta anos, ocasião retratada pelo *Banquete* de Platão. Em poesia, imitou a prosa de Górgias. O estilo de seus versos, em especial de suas composições líricas, é representado por Aristófanes nas *Tesmoforiantes* (177) de modo a destacar um caráter afetado e afeminado que corresponderia à sua aparência e aos seus modos Smith (1861, vol. I, p. 66).

<sup>122</sup> Trata-se do filho de Cepes, um ateniense, e do filho de Leucolófides, de Escambonida. Nails (2002, p. 4) nos informa apenas que o segundo teria vivido entre 445 e 405 a.C.

<sup>123</sup> Como pudemos notar, apesar da ausência de Górgias, contemporâneo de Protágoras, estavam presentes na casa de Cálias os mais eminentes sofistas: Protágoras, Hípias e Pródico, além de um grupo eminentemente aristocrático de cidadãos, incluindo, poetas, oradores e influentes políticos da época.

οὐκ ἐδυνάμην ἔγωγε μαθεῖν ἔξωθεν, καίπερ λιπαρῶς ἔχων ἀκούειν τοῦ Προδίκου –  
πάσσοφος γάρ μοι δοκεῖ ἀνὴρ [316.a.1] εἶναι καὶ θεῖος – ἀλλὰ διὰ τὴν βαρύτητα τῆς φωνῆς  
βόμβος τις ἐν τῷ οἰκήματι γινόμενος ἀσαφῆ ἐποίει τὰ λεγόμενα. Καὶ ἡμεῖς μὲν ἄρτι  
εἰσεληλύθεμεν, κατόπιν δὲ ἡμῶν ἐπεισῆλθον Ἀλκιβιάδης τε ὁ καλός, ὡς φῆς σὺ καὶ ἐγὼ  
[316.a.5] πείθομαι, καὶ Κριτίας ὁ Καλλαίσχρου. Ἡμεῖς οὖν ὡς εἰσήλθομεν, ἔτι σμίκρ' ἄττα  
διατρίψαντες καὶ ταῦτα διαθεασάμενοι προσῆμεν πρὸς τὸν Πρωταγόραν, [316.b.1] καὶ ἐγὼ  
εἶπον· ὦ Πρωταγόρα, πρὸς σέ τοι ἦλθομεν ἐγὼ τε καὶ Ἴπποκράτης οὗτος. Πότερον, ἔφη,  
μόνῳ βουλόμενοι διαλεχθῆναι ἢ καὶ μετὰ τῶν ἄλλων; [316.b.5] Ἡμῖν μὲν, ἦν δ' ἐγὼ, οὐδὲν  
διαφέρει· ἀκούσας δὲ οὐ ἔνεκα ἦλθομεν, αὐτὸς σκέψαι. Τί οὖν δὴ ἐστίν, ἔφη, οὐ ἔνεκα  
ἦκετε; Ἴπποκράτης ὅδε ἐστίν μὲν τῶν ἐπιχωρίων, Ἀπολλοδώρου υἱός, οἰκίας μεγάλης τε καὶ  
εὐδαίμονος, αὐτὸς δὲ τὴν φύσιν δοκεῖ ἐνάμιλλος εἶναι τοῖς ἡλικιώταις. ἐπιθυμεῖν δέ μοι  
[316.c.1] δοκεῖ ἐλλόγιμος γενέσθαι ἐν τῇ πόλει, τοῦτο δὲ οἶεταί οἱ μάλιστα ἄ<v> γενέσθαι,  
εἰ σοὶ συγγένοιτο· ταῦτ' οὖν ἤδη σὺ σκόπει, πότερον περὶ αὐτῶν μόνος οἶει δεῖν  
διαλέγεσθαι πρὸς μόνους, ἢ μετ' ἄλλων. [316.c.5] Ὅρθῶς, ἔφη, προμηθεῖ, ὦ Σώκρατες,  
ὑπὲρ ἐμοῦ. ξένον γὰρ ἄνδρα καὶ ἰόντα εἰς πόλεις μεγάλας, καὶ ἐν ταύταις πείθοντα τῶν  
νέων τοὺς βελτίστους ἀπολείποντας τὰς τῶν ἄλλων συνουσίας, καὶ οἰκείων καὶ ὀθνείων,  
καὶ πρεσβυτέρων καὶ νεωτέρων,

dialogavam, pelo menos eu, de fora, não podia vir a saber, embora tentasse, insistentemente, ouvir o Pródico, já que esse homem me parece ser onisciente e divino.

Mas, por causa da sua voz grave aconteceu um certo zunzum no cômodo que tornava as falas ininteligíveis. Entramos e daí a pouco, logo atrás, chegaram na sequência Alcibíades, o belo, como você disse, e eu admito, e Crítias<sup>124</sup> do Calescro. Depois que entramos, já se passara um pouco, assistimos à movimentação e fomos na direção de Protágoras, então falei:

316 a

\_\_ “Protágoras, viemos para te encontrar, eu e este Hipócrates aqui.”

316 b

\_\_ “Acaso”, disse ele, “querem dialogar a sós ou junto dos outros?”

\_\_ “Para nós”, eu disse, “não faz diferença, depois de ouvir o motivo que nos trouxe, você mesmo decide.”

\_\_ “Qual é, então”, disse ele, “o motivo pelo qual vocês vieram?”

\_\_ “Eis aqui Hipócrates, natural desta terra, filho de Apolodoro, de próspera e bem-reputada morada e, ao que tudo indica, está na natureza dele competir de igual para igual com os que tem a mesma idade que ele. Estimula-o, pelo que me parece, ser eloquente e renomado na *pólis*, e presume que isso virá acontecer, principalmente, se puder gozar de sua companhia. Agora, então, a partir disso, decide se você considera necessário dialogar a sós conosco ou na companhia dos outros.”

316 c

\_\_ “Sua preocupação comigo está correta, Sócrates”, disse ele, “afinal, o estrangeiro que vai às grandes *poléis*, e nelas convencem os melhores jovens a deixarem a convivência dos outros, tanto dos familiares quanto das demais pessoas, tanto dos jovens quanto dos velhos,

---

<sup>124</sup> Crítias IV um aristocrata, filho Calescro I, neto de outro Crítias, Nails (2002, p.108). Um do pupilos de Sócrates que se aproveitou dos ensinamentos do seu mestre não do ponto de vista moral, mas, utilitário. Xenofonte afirma nas *Memoráveis* (I, 2, 12), que Crítias buscou a companhia de Sócrates não pelo desejo real de se aperfeiçoar e sim para ser hábil o bastante para impor-se aos adversários Smith (1861, vol. I, p. 892). Junto com Alcibíades deram motivo para que ganhasse consistência a idéia de que Sócrates de fato corrompia a juventude. Nasceu na década de 460 a C e morreu em 403 a C. depois de ter sido exilado e retornado para Atenas para se tornar um dos líderes do governo dos Trinta. Crítias deu nome a um dos diálogos de Platão que, juntamente com *Timeu* e *República*, integram, desde a Antiguidade, uma trilogia organizada por Aristófanes de Bizâncio. *Crítias* é uma continuação ininterrupta do *Timeu*.

ἑαυτῷ συνεῖναι ὡς βελτίους ἐσομένους διὰ [316.d.1] τὴν ἑαυτοῦ συνουσίαν, χρῆ  
εὐλαβεῖσθαι τὸν ταῦτα πράττοντα· οὐ γὰρ σμικροὶ περὶ αὐτὰ φθόνοι τε γίνονται καὶ ἄλλαι  
δυσμένειαι τε καὶ ἐπιβουλαί. ἐγὼ δὲ τὴν σοφιστικὴν τέχνην φημὶ μὲν εἶναι παλαιάν, τοὺς δὲ  
μεταχειριζομένους [316.d.5] αὐτὴν τῶν παλαιῶν ἀνδρῶν, φοβουμένους τὸ ἐπαχθὲς αὐτῆς,  
πρόσχημα ποιεῖσθαι καὶ προκαλύπτεσθαι, τοὺς μὲν ποιήσιν, οἷον Ὅμηρον τε καὶ Ἡσίοδον  
καὶ Σιμωνίδην, τοὺς δὲ αὖτε τελετάς τε καὶ χρησμοφδίας, τοὺς ἀμφὶ τε Ὀρφέα καὶ Μουσαῖον·  
ἐπίουσι δὲ τινὰς ἥσθηται καὶ γυμναστικὴν, οἷον Ἴκκος τε ὁ Ταραντῖνος καὶ ὁ νῦν ἔτι ὢν  
οὐδενὸς ἥττων σοφιστῆς [316.e.1] Ἡρόδικος ὁ Σηλυμβριανός, τὸ δὲ ἀρχαῖον Μεγαρεύς·  
μουσικὴν δὲ Ἀγαθοκλῆς τε ὁ ὑμέτερος πρόσχημα ἐποίησατο, μέγας ὢν σοφιστῆς, καὶ

para conviver com ele a fim de que tornem-se melhores através da convivência com ele, é necessário ter cuidado agindo assim, pois, sobre esse comportamento surgem não apenas pequenas contrariedades, como também outros tipos de inimizades e conspirações.

Não obstante, declaro ser antiga a arte sofística, embora os homens antigos que fizeram uso dela, temendo o seu impacto, criassem subterfúgios para disfarçá-la. Alguns com a poesia, como Homero, Hesíodo e Simônides<sup>125</sup>, outros, diferentemente, com iniciações e profecias, como os seguidores de Orfeu e de Museu<sup>126</sup>, outros ainda, de acordo com meu entendimento, também com a ginástica, tal qual Ico de Tarento<sup>127</sup> e mesmo Heródico de Selumbria<sup>128</sup>, originário de Mégara e, ainda hoje em dia, não é inferior a nenhum sofista.

Temos também, por outro lado, o Agátocles de vocês<sup>129</sup>, que fez como subterfúgio a

316 d

316 e

---

<sup>125</sup> Simônides, filho de Leoprepes, natural de Julis, na ilha de Cós, viveu entre 558 e 468 a.C. Nails (2002, p. 343) e foi um dos mais eminentes poetas líricos da Grécia, tendo atingido a excelência nos epigramas e nos poemas elegíacos além de ser rival de Píndaro e Lasus nos ditirambos e nas odes epinícias. Tido como o inventor da arte mnemotécnica Smith (1861, vol. III, p. 835), Simônides fez da literatura uma profissão e foi o primeiro a receber dinheiro por seus poemas, informação que o promove ao posto de precursor inequívoco da profissão de sofista, juntamente ao fato de que o conteúdo dos seus escritos marcam uma perspectiva notadamente humanística (como poderemos constatar a seguir, em 339 a, quando o seu poema foi alvo de discussão entre Sócrates e Protágoras).

<sup>126</sup> Museu é um personagem semi-mitológico que pode ser descrito tanto como um remoto autor de várias composições poéticas (especialmente as que guardam relação com os ritos místicos de Deméter), como um personagem mitológico que seria filho de Orfeu (além de discípulo e imitador). É possível encontrar algumas composições que os antigos atribuem a sua autoria Smith (1861, vol. II, p. 1126).

<sup>127</sup> Ico de Tarento foi um renomado atleta de pentatlo e professor de ginástica - Pausânias (VI, 10, § 5). Tamanho era seu zelo pela arte que praticava que, segundo o personagem “ateniense” da *República* (VIII, 840), Ico de Tarento se absteve de mulheres e filhos, dedicando-se exclusivamente a ginástica e aos exercícios, ficando conhecido por ser um modelo de temperança Smith (1861, vol. II, p. 559).

<sup>128</sup> Heródico foi um treinador físico, pedótriba e médico de Selumbria, na Trácia, que viveu no séc. V a.C. e foi um dos tutores do famoso médico Hipócrates (Suida, τ, 564). Ele e Ico de Tarento são considerados os primeiros a usarem a ginástica como tratamento de algumas enfermidades Smith (1861, vol. II, p. 430), Nails (2002, p. 164).

<sup>129</sup> Ou seja, o Agátocles de Atenas, mencionado pelo personagem Nícias no *Laques* (180 d) não só como exemplo de músico, como também uma excelente e estimável influência aos jovens, em todos os sentidos.

Πυθοκλείδης ὁ Κεῖος καὶ ἄλλοι πολλοί. οὗτοι πάντες, ὥσπερ λέγω, φοβηθέντες τὸν φθόνον ταῖς [316.e.5] τέχναις ταύταις παραπετάσμασιν ἐχρήσαντο. ἐγὼ δὲ τούτοις [317.a.1] ἅπασιν κατὰ τοῦτο εἶναι οὐ συμφέρομαι· ἡγοῦμαι γὰρ αὐτοὺς οὐ τι διαπράξασθαι ὃ ἐβουλήθησαν – οὐ γὰρ λαθεῖν τῶν ἀνθρώπων τοὺς δυναμένους ἐν ταῖς πόλεσι πράττειν, ὥνπερ ἕνεκα ταῦτ' ἐστὶν τὰ προσχήματα· ἐπεὶ οἱ γε πολλοὶ ὡς [317.a.5] ἔπος εἰπεῖν οὐδὲν αἰσθάνονται, ἀλλ' ἄττ' ἂν οὗτοι διαγγέλλωσι, ταῦτα ὑμνοῦσιν – τὸ οὖν ἀποδιδράσκοντα μὴ δύνασθαι ἀποδρᾶναι, ἀλλὰ καταφανῆ εἶναι, πολλὴ μωρία καὶ τοῦ ἐπι [317.b.1] χειρήματος, καὶ πολὺ δυσμενεστέρους παρέχεσθαι ἀνάγκη τοὺς ἀνθρώπους· ἡγοῦνται γὰρ τὸν τοιοῦτον πρὸς τοῖς ἄλλοις καὶ πανοῦργον εἶναι. ἐγὼ οὖν τούτων τὴν ἐναντίαν ἅπασαν ὁδὸν ἐλήλυθα, καὶ ὁμολογῶ τε σοφιστὴς εἶναι καὶ παιδεύειν [317.b.5] ἀνθρώπους, καὶ εὐλάβειαν ταύτην οἶμαι βελτίω ἐκείνης εἶναι, τὸ ὁμολογεῖν μᾶλλον ἢ ἕξαρνον εἶναι· καὶ ἄλλας πρὸς ταύτη ἔσκεμμαι, ὥστε, σὺν θεῷ εἰπεῖν, μηδὲν δεινὸν πάσχειν διὰ [317.c.1] τὸ ὁμολογεῖν σοφιστὴς εἶναι. καίτοι πολλὰ γε ἔτη ἤδη εἰμι ἐν τῇ τέχνῃ· καὶ γὰρ καὶ τὰ σύμπαντα πολλὰ μοί ἐστιν – οὐδενὸς ὅτου οὐ πάντων ἂν ὑμῶν καθ' ἡλικίαν πατήρ εἴην – ὥστε πολὺ μοι ἡδιστόν ἐστιν, εἴ τι βούλεσθε, περὶ τούτων [317.c.5] ἀπάντων ἐναντίον τῶν ἔνδον ὄντων τὸν λόγον ποιεῖσθαι.

música, sendo grande sofista, assim como Pitóclides, o de Cós<sup>130</sup>, além de vários outros.

Como eu digo, todos esses, temendo a inveja, usavam essas artes como subterfúgios. Mas eu discordo da postura de todos eles, afinal, considero que não obtiveram êxito com o que almejavam, pois não foram ignorados pelos homens que têm o poder de ação nas *póleis*, e esses subterfúgios existem justamente por causa deles, visto que, para dizer em poucas palavras, a maioria, pelo menos, não percebe nada, mas, basta que esses homens [poderosos] ditem a palavra, eis o que esta repete junta<sup>131</sup>.

317 a

Além disso, o estar fugindo sem poder fugir e fazer algo passível de ser visto é muita tolice, tanto na tentativa em si quanto na grande antipatia que forçosamente advém dos homens, pois assim são considerados entre os demais que são capazes-de-tudo. Eu, então, tracei uma rota oposta a todos esses e tanto assumo ser sofista como educar homens, também suponho ser essa deliberação melhor do que aquela: é melhor assumir do que ser dissimulado.

317 b

Além dessa, já tomei outras precauções, e posso afirmar, junto aos deuses, que não sofro nada de terrível por assumir ser sofista, mesmo estando há muitos anos neste ofício – e, somando todos juntos, já tenho muitos, a julgar pela idade, eu poderia ser pai de qualquer um de vocês<sup>132</sup>. Assim, é mais agradável para mim, se é o que querem, realizar essa conversa a respeito dessas questões aqui dentro, diante de todos os presentes”.

317 c

---

<sup>130</sup> Pitóclides de Cós foi um aclamado músico na época de Péricles, de quem poderia ter sido seu mestre de música Plutarco (*Péricles*, 4.1). Um escoliasta afirmou que Pitóclides teria sido um filósofo pitagórico e mestre de Agátocles Smith (1861, vol. III, p.629). Pitóclides também é mencionado pelo personagem Alcibíades no diálogo homônimo *Alcibíades I* (118 c) Nails (2002, p. 259).

<sup>131</sup> Protágoras está dizendo que são os “homens de poder” que ditam as convenções adotadas pela “maioria”, e que a censura aos sofistas não seria geral, mas determinada pela classe dominante, a principal ameaçada pela postura inovadora dos sofistas, de oferecer um tipo de ensino que era restrito aos “bem nascidos”. Esta colocação de Protágoras contradiz a afirmação de que os sofistas eram mal vistos tanto pela aristocracia, que estaria perdendo seus privilégios, como pela classe menos favorecida, que não teria meios de pagar pelas suas aulas, conforme podemos observar em Vaz Pinto (2005, p.15).

<sup>132</sup> Cf. Introdução: “Conteúdo Histórico”, p. 31.

Καὶ ἐγὼ – ὑπόπτευσά γὰρ βούλεσθαι αὐτὸν τῷ τε Προδίκῳ καὶ τῷ Ἰππία ἐνδείξασθαι καὶ καλλωπίσασθαι ὅτι ἐρασταὶ [317.d.1] αὐτοῦ ἀφιγμένοι εἴμεν– Τί οὖν, ἔφη ἐγώ, οὐ καὶ Πρόδικον καὶ Ἰππίαν ἐκαλέσαμεν καὶ τοὺς μετ' αὐτῶν, ἵνα ἐπακούσωσιν ἡμῶν; Πάνυ μὲν οὖν, ἔφη ὁ Πρωταγόρας. [317.d.5] Βούλεσθε οὖν, ὁ Καλλίας ἔφη, συνέδριον κατασκευάσωμεν, ἵνα καθεζόμενοι διαλέγησθε; Ἐδόκει χρῆναι· ἄσμενοι δὲ πάντες ἡμεῖς, ὡς ἀκουσόμενοι ἀνδρῶν σοφῶν, καὶ αὐτοὶ τε ἀντιλαβόμενοι τῶν βάθρων καὶ τῶν κλινῶν κατεσκευάζομεν παρὰ τῷ Ἰππία – ἐκεῖ γὰρ προὔπηρχε τὰ βάθρα – ἐν δὲ τούτῳ Καλλίας τε καὶ Ἄλκι [317.e.1] βιάδης ἠκέτην ἄγοντε τὸν Πρόδικον, ἀναστήσαντες ἐκ τῆς κλίνης, καὶ τοὺς μετὰ τοῦ Προδίκου. Ἐπεὶ δὲ πάντες συνεκαθεζόμεθα, ὁ Πρωταγόρας, Νῦν δὴ ἄν, ἔφη, λέγοις, ὦ Σώκρατες, ἐπειδὴ καὶ οἶδε πάρεισιν, περὶ [317.e.5] ὧν ὀλίγον πρότερον μνεῖαν ἐποιοῦ πρὸς ἐμὲ ὑπὲρ τοῦ νεανίσκου. [318.a.1] Καὶ ἐγὼ εἶπον ὅτι Ἡ αὐτὴ μοι ἀρχὴ ἐστίν, ὦ Πρωταγόρα, ἥπερ ἄρτι, περὶ ὧν ἀφικόμην. Ἰπποκράτης γὰρ ὅδε τυγχάνει ἐν ἐπιθυμίᾳ ὧν τῆς σῆς συνουσίας· ὅτι οὖν αὐτῷ ἀποβήσεται, ἐάν σοι συνῆ, ἠδέως ἄν φησι πυθέσθαι. τοσοῦτος ὁ γε [318.a.5] ἡμέτερος λόγος. Ὑπολαβῶν οὖν ὁ Πρωταγόρας εἶπεν· ὦ νεανίσκε, ἔσται τοίνυν σοι, ἐάν ἐμοὶ συνῆς, ἢ ἂν ἡμέρα ἐμοὶ συγγένη, ἀπιέναι οἴκαδε βελτίονι γεγονότι, καὶ ἐν τῇ ὑστεραίᾳ ταῦτά ταῦτα· καὶ ἐκάστης ἡμέρας ἀεὶ ἐπὶ τὸ βέλτιον ἐπιδιδόναι.

E eu desconfie de que ele queria glorificar-se e mostrar para Pródico e a Hípias que tínhamos chegado desejosos dele:

317 d

\_\_ “Por que, então”, disse eu, “também não chamamos Pródico e Hípias, assim como seus acompanhantes, a fim de que nos ouçam?”

\_\_ “Isso mesmo!” Disse Protágoras.

\_\_ “Vocês querem, então”, disse Cálías, “que organizemos um círculo para que vocês dialoguem sentados?”

Foi aceita a proveitosa proposta e todos nós ficamos satisfeitos porque escutaríamos homens sábios. Nós mesmos pegamos as bancadas e colchas e as dispusemos junto a Hípias, onde já tinham outras bancadas. Enquanto isso, depois de terem levantado Pródico do colchão, Cálías e Alcibíades traziam ele, assim como os que estavam com Pródico. Enquanto todos sentávamos, Protágoras disse:

317 e

\_\_ “Agora sim, Sócrates! Já que também estes estão presentes, pode falar a respeito do que, há pouco, você me dizia sobre o jovem”.

E eu respondi que:

318 a

\_\_ “Para mim, como no começo, cabe repetir o que nos fez vir, Protágoras... O caso é que este Hipócrates está ansioso para desfrutar da sua companhia. E diz que gostaria de saber o que ele obterá se conviver com você. Eis do que se trata a nossa conversa.”

Então Protágoras disse em resposta:

\_\_ “Caro jovem, se você conviver comigo, a cada dia que me encontrar, retornará para casa tendo se tornado melhor, também no dia seguinte, no outro, e no outro, e a cada dia

[318.b.1] Καὶ ἐγὼ ἀκούσας εἶπον· ὦ Πρωταγόρα, τοῦτο μὲν οὐδὲν θαυμαστὸν λέγεις, ἀλλὰ εἰκός, ἐπεὶ κἂν σύ, καίπερ τηλικούτος ὢν καὶ οὕτως σοφός, εἴ τις σε διδάξειεν ὃ μὴ τυγχάνοις ἐπιστάμενος, βελτίων ἂν γένοιο. ἀλλὰ μὴ οὕτως, [318.b.5] ἀλλ' ὥσπερ ἂν εἰ αὐτίκα μάλα μεταβάλων τὴν ἐπιθυμίαν Ἴπποκράτης ὅδε ἐπιθυμήσειεν τῆς συνουσίας τούτου τοῦ νεανίσκου τοῦ νῦν νεωστὶ ἐπιδημοῦντος, Ζευξίππου τοῦ Ἡρακλεώτου, καὶ ἀφικόμενος παρ' αὐτόν, ὥσπερ παρὰ σὲ [318.c.1] νῦν, ἀκούσειεν αὐτοῦ ταῦτα ταῦτα ἅπερ σοῦ, ὅτι ἐκάστης ἡμέρας συνὼν αὐτῷ βελτίων ἔσται καὶ ἐπιδώσει, εἰ αὐτὸν ἐπανερόιτο· Τί δὴ φῆς βελτίω ἔσεσθαι καὶ εἰς τί ἐπιδώσειν; εἶποι ἂν αὐτῷ ὁ Ζεύξιππος ὅτι πρὸς γραφικὴν κἂν [318.c.5] εἰ Ὀρθαγόρα τῷ Θηβαίῳ συγγενόμενος, ἀκούσας ἐκείνου ταῦτα ταῦτα ἅπερ σοῦ, ἐπανερόιτο αὐτὸν εἰς ὅτι βελτίων καθ' ἡμέραν ἔσται συγγινόμενος ἐκείνῳ, εἶποι ἂν ὅτι εἰς αὐλήσιν· οὕτω δὴ καὶ σὺ εἶπὲ τῷ νεανίσκῳ καὶ ἐμοὶ ὑπὲρ [318.d.1] τούτου ἐρωτῶντι, Ἴπποκράτης ὅδε Πρωταγόρα συγγενόμενος, ἧ ἂν αὐτῷ ἡμέρα συγγένηται, βελτίων ἅπεισι γενόμενος καὶ τῶν ἄλλων ἡμερῶν ἐκάστης οὕτως ἐπιδώσει εἰς τί, ὃ Πρωταγόρα, καὶ περὶ τοῦ; [318.d.5] Καὶ ὁ Πρωταγόρας ἐμοῦ ταῦτα ἀκούσας,

sempre se aperfeiçoar para o melhor, certamente, eis o que acontecerá com você”.

E eu, tendo escutado, disse:

318 b

\_\_ “Protágoras, o que você fala não tem nada de impressionante, mas até natural, já que mesmo você, sendo assim sábio e com tal idade, se alguém te ensinasse o que acaso não sabe, você também se tornaria melhor. Mas, não trata-se disso; se subitamente o ânimo de Hipócrates mudasse completamente e se animasse pela convivência do jovem que chegou agora há pouco, Zeuxipo de Heracléia<sup>133</sup> e, se aproximando dele, como agora de você, ouvisse isso e aquilo deste, como também ele [ouviu] de você: “que cada dia na convivência dele seria melhor e se aperfeiçoaria”, se o indagasse:

318 c

\_\_ Em que você afirma que serei melhor e em que hei de me aperfeiçoar?

Zeuxipo diria a ele que em pintura. E se em Tebas encontrasse com Ortágoras<sup>134</sup>, e ele escutasse isso e aquilo deste, como [escutou] de você, e indagasse este em que seria melhor, a cada dia, acompanhando-o, este responderia que é na flauta. Então, proceda assim, diga ao jovem e a mim que estou perguntando por ele: este Hipócrates, na companhia de Protágoras, em cada dia que acompanhá-lo, retornaria tendo se tornado melhor assim como se aperfeiçoaria em cada um dos outros dias em que, Protágoras, e a respeito do quê?”

318 d

E Protágoras, tendo ouvido isso de mim:

---

<sup>133</sup> O pintor Zeuxipo residiu em Atenas Nails (2002, p. 345), apesar de ser natural de Heracléia, a mesma cidade de Zeuxis o mais renomado artista de pintura antigo de modo que seria difícil supor que não tratariam-se da mesma pessoa Smith (1861, vol. III, p. 1324). Xenofonte, por intermédio do seu personagem Sócrates (*Banquete*, IV, 63), também se refere ao “estrangeiro de Heracléia” sem uma menção explícita a Zeuxipo ou Zeuxis, sugerindo, assim, que não poderia haver dúvida quanto ao referido.

<sup>134</sup> Tido como o professor de flauta de Epaminondas – Athenaeus (IV, 184), Ortágoras de Tebas - Smith (1861, vol. III, p. 63) seria um conhecido tocador de aulo, que poderia designar vários tipos de flautas ou um instrumento parecido a um oboé duplo Nails (2002, p. 341).

Σύ τε καλῶς ἐρωτᾷς, ἔφη, ὦ Σώκρατες, καὶ ἐγὼ τοῖς καλῶς ἐρωτῶσι χαίρω ἀποκρινόμενος. Ἴπποκράτης γὰρ παρ' ἐμὲ ἀφικόμενος οὐ πείσεται ἄπερ ἂν ἔπαθεν ἄλλῳ τῷ συγγενόμενος τῶν σοφιστῶν. οἱ μὲν γὰρ ἄλλοι λωβῶνται τοὺς νέους· [318.e.1] τὰς γὰρ τέχνας αὐτοὺς πεφευγότας ἄκοντας πάλιν αὖ ἄγοντες ἐμβάλλουσιν εἰς τέχνας, λογισμούς τε καὶ ἀστρονομίαν καὶ γεωμετρίαν καὶ μουσικὴν διδάσκοντες – καὶ ἅμα εἰς τὸν Ἴππιαν ἀπέβλεψεν – παρὰ δ' ἐμὲ ἀφικόμενος μαθήσεται οὐ [318.e.5] περὶ ἄλλου τοῦ ἢ περὶ οὗ ἦκει. τὸ δὲ μάθημά ἐστιν εὐβουλία περὶ τῶν οἰκείων, ὅπως ἂν ἄριστα τὴν αὐτοῦ οἰκίαν διοικοῖ, [319.a.1] καὶ περὶ τῶν τῆς πόλεως, ὅπως τὰ τῆς πόλεως δυνατώτατος ἂν εἴη καὶ πράττειν καὶ λέγειν. Ἄρα, ἔφην ἐγὼ, ἔπομαί σου τῷ λόγῳ; δοκεῖς γὰρ μοι λέγειν τὴν πολιτικὴν τέχνην καὶ ὑπισχνεῖσθαι ποιεῖν ἄνδρας [319.a.5] ἀγαθοὺς πολίτας. Αὐτὸ μὲν οὖν τοῦτό ἐστιν, ἔφη, ὦ Σώκρατες, τὸ ἐπάγγελμα ὃ ἐπαγγέλλομαι. Ἡ καλόν, ἦν δ' ἐγὼ, τέχνημα ἄρα κέκτησαι, εἴπερ κέκτησαι· οὐ γὰρ τι ἄλλο πρὸς γε σὲ εἰρήσεται ἢ ἄπερ νοῶ. ἐγὼ γὰρ τοῦτο, ὦ Πρωταγόρα, οὐκ ᾤμην διδακτὸν [319.b.1] εἶναι, σοὶ δὲ λέγοντι οὐκ ἔχω ὅπως [ἂν] ἀπιστῶ. ὅθεν δὲ αὐτὸ ἠγοῦμαι οὐ διδακτὸν εἶναι μὴδ' ὑπ' ἀνθρώπων παρασκευαστὸν ἀνθρώποις, δίκαιός εἰμι εἰπεῖν. ἐγὼ γὰρ Ἀθηναίους, ὥσπερ καὶ οἱ ἄλλοι Ἕλληνας, φημί σοφοὺς εἶναι. [319.b.5] ὁρῶ οὖν, ὅταν συλλεγῶμεν εἰς τὴν ἐκκλησίαν, ἐπειδὰν μὲν περὶ οἰκοδομίας τι δέη πρᾶξαι τὴν πόλιν, τοὺς οἰκοδόμους μεταπεμπομένους συμβούλους περὶ τῶν οἰκοδομημάτων, ὅταν δὲ περὶ ναυπηγίας, τοὺς ναυπηγούς, καὶ τᾶλλα πάντα οὕτως, [319.c.1] ὅσα ἠγοῦνται μαθητὰ τε καὶ διδακτὰ εἶναι· ἐὰν δέ τις ἄλλος ἐπιχειρῇ αὐτοῖς συμβουλεύειν ὃν ἐκεῖνοι μὴ οἶονται δημιουργὸν εἶναι, κἂν πάνυ καλὸς ἦ καὶ πλούσιος καὶ τῶν γενναίων, οὐδέν τι μᾶλλον ἀποδέχονται, ἀλλὰ καταγελῶσι

— “Você questiona bem, Sócrates”, disse ele, “e eu, aos que questionam bem respondo com satisfação. Certamente Hipócrates, vindo até mim, não padecerá daquilo que padeceria na companhia de outros sofistas. Pois enquanto eles maltratam os jovens que fogem das matérias [técnicas] relutantes e, mais uma vez, os encaminham e forçam-os à essas matérias, ensinando-lhes cálculo, astronomia, geometria, música”, ao mesmo tempo, deu uma olhada no Hípias<sup>135</sup>, “ao vir ao meu encontro, por outro lado, não estudará nada além do que motivou sua vinda. Pois bem, essa matéria é o bom senso a respeito das questões privadas, como melhor cuidar da própria casa e, a respeito das questões relativas às *póleis*, como ser o mais dinâmico das *póleis* tanto no agir como no falar”.

318 e

— “Será”, disse eu, “que estou acompanhando o seu discurso? Pois você me parece estar falando sobre a arte política<sup>136</sup>, garantindo fazer dos homens bons cidadãos”.

319 a

— “Mas é esse mesmo, Sócrates”, disse ele, “o programa que propago”.

— “Que admirável artifício<sup>137</sup> você detêm!”, disse eu, “se de fato o detêm mesmo... O que penso a respeito disso te direi, nada além. Pois eu, Protágoras, não imaginava que isso fosse ensinável mas, você falando, não tenho como duvidar. O motivo de eu considerar que isso não é ensinável nem manipulável de homens para homens, justamente vou dizer.

319 b

De fato, eu declaro que os atenienses, assim como os outros helenos, são dotados de sabedoria, e reparo, sempre que nos reunimos na assembleia, que quando algo relativo à construção deve ser feito na *pólis*, encaminham os construtores como os conselheiros das construções, e que quando trata-se da construção naval, [encaminham] os construtores navais, e assim se dá em relação à todas as outras matérias também consideradas ensináveis.

Porém, se alguém diferente se aventura a aconselhá-los, sendo que não o consideram ser especialista, ainda que seja muito belo, rico ou de família nobre, ignoram

319 c

---

<sup>135</sup> Essa “olhada de rabo de olho” sugere que a crítica que Protágoras está fazendo caberia a Hípias, afinal, Hípias ficou caracterizado, sobretudo pelos escritos de Platão, como um sofista polímata cf. nota nº 37.

<sup>136</sup> Note-se que primeiro Sócrates se refere à “política” usando o termo τέχνη.

<sup>137</sup> “Artifício” τέχνημα derivação de “τέχνη”.

[319.c.5] καὶ θορυβοῦσιν, ἕως ἂν ἢ αὐτὸς ἀποστῆ ὁ ἐπιχειρῶν λέγειν καταθορυβηθείς, ἢ οἱ τοξόται αὐτὸν ἀφελκύσωσιν ἢ ἐξάρωνται κελευόντων τῶν πρυτάνεων. περὶ μὲν οὖν ὧν οἴονται ἐν τέχνῃ εἶναι, οὕτω διαπράττονται· ἐπειδὴν δέ τι περὶ τῶν τῆς [319.d.1] πόλεως διοικήσεως δέη βουλευσασθαι, συμβουλεύει αὐτοῖς ἀνιστάμενος περὶ τούτων ὁμοίως μὲν τέκτων, ὁμοίως δὲ χαλκεὺς σκυτοτόμος, ἔμπορος ναύκληρος, πλούσιος πένης, γενναῖος ἀγεννής, καὶ τούτοις οὐδεὶς τοῦτο ἐπιπλήττει ὥσπερ [319.d.5] τοῖς πρότερον, ὅτι οὐδαμῶθεν μαθῶν, οὐδὲ ὄντος διδασκάλου οὐδενὸς αὐτῷ, ἔπειτα συμβουλεύειν ἐπιχειρεῖ· δῆλον γὰρ ὅτι οὐχ ἡγοῦνται διδακτὸν εἶναι. μὴ τοίνυν ὅτι τὸ κοινὸν τῆς [319.e.1] πόλεως οὕτως ἔχει, ἀλλὰ ἰδίᾳ ἡμῖν οἱ σοφώτατοι καὶ ἄριστοι τῶν πολιτῶν ταύτην τὴν ἀρετὴν ἦν

toda suposta superioridade, caçoam e barulham até que o que tenta falar, tendo sido vaiado, se afaste por si só ou os guardiões expulsem ou, ainda, sejam escoltados e exortados pelos prítanes.

Se, por um lado, resolvem assim o que presumem ser assunto relativo ao [conhecimento] técnico, por outro, quando convém a alguém deliberar a respeito da administração da *pólis*, qualquer um, indistintamente, pode levantar-se e aconselhá-los sobre essas questões tanto o ferreiro como o construtor, o coureiro, o comerciante, o comandante naval, rico, pobre, bem ou mal nascido, e ninguém censura isso neles como [censuravam] no caso anterior, pois não aprenderam em lugar algum, nem tiveram nenhum professor e, mesmo assim, tentam aconselhar. Por conseguinte, é claro que não consideram se tratar [de um assunto] ensinável.

319 d

É assim não só nos assuntos relativos à *pólis*, mas também na vida particular; os mais sábios e melhores dentre os nossos cidadãos que dominam a virtude por excelência<sup>138</sup>

319 e

---

<sup>138</sup> Agora Sócrates evidencia a distinção entre as “artes práticas”, usando o termo τέχναι, e ἀρετή, para se referir às questões relativas a pólis e à “vida particular”, ou seja, os “valores morais”. Protágoras fará o mesmo em 324 c. A argumentação de Sócrates é claramente defender que as τέχναι podem ser ensinadas e que a ἀρετή não, contudo, se a política pode se tratar tanto de uma τέχνη como de uma ἀρετή o espanto de Sócrates em 319 a (quando Protágoras afirma que é essa a matéria do seu ensino) aparentemente não se justifica.

Ἀρετή é o conceito principal do diálogo *Protágoras*. Para entendermos a trajetória desse conceito, é importante destacar que o conceito de ἀρετή não aparece desde sempre incorporado à problemática da filosofia (PETERS, 1976, p.38), dentre os pré-socráticos apenas Heráclito e Demócrito chegam a mencioná-la, mas é mesmo a partir da geração de Sócrates que a ἀρετή volta-se ao centro do debate filosófico. Como se sabe, outros diálogos de Platão tratarão da ἀρετή, ou mesmo tentarão definir alguma das várias ἀρεται: *Alcibíades I*, *Cármides*, *Eutidemo*, *Eutífron*, *Górgias*, *Hípias Menor*, *Hípias Maior*, *Ion*, *Laques*, *Leis*, *Menéxeno*, *Mênnon*, *Parmênides* e *República* Teixeira (1986, p. 09) e Brisson (2010, p. 75). Trata-se, evidentemente, de um conceito central dos diálogos de Platão que será tratado no Protágoras conjuntamente à ἐπιστήμη e à τέχνη. E, ainda que o termo também tenha em Platão um sentido geral e simples (cf. a nota nº 81), o debate que observamos no Protágoras em torno da ἀρετή refere-se à sua ensinabilidade, além das partes que a compõem. Sócrates não irá exatamente definir a ἀρετή, ele começa por defender que a ἀρετή não é ensinável (320 b 5) mas, depois da argumentação de Protágoras, acaba por aceitar sua ensinabilidade (329 b 7). Quanto às partes da ἀρετή: a justiça (δικαιοσύνη), a piedade (ὀσιότης), a temperança (σωφροσύνη), a sabedoria (σοφία) e a coragem (ανδρεία), os personagens Sócrates e Protágoras acordaram que se tratavam de partes diferentes entre si que compunham um todo, como as partes do rosto (329 e 1), como se a ἀρετή, assim como o rosto, pudesse ser melhor entendida pelas partes que a compõem ao invés de ser, a partir dela mesma, definida e restrita à um termo. Ampliando sua significação, em 349 d 8, o personagem Protágoras afirma que a coragem tratava-se de

ἔχουσιν οὐχ οἷοί τε ἄλλοις παραδιδόναι· ἐπεὶ Περικλῆς, ὁ τουτωνὶ τῶν νεανίσκων πατήρ, τούτους ἃ μὲν διδασκάλων εἵχετο καλῶς καὶ εὖ ἐπαίδευσεν, [320.a.1] ἃ δὲ αὐτὸς σοφός ἐστιν οὔτε αὐτὸς παιδεύει οὔτε τῷ ἄλλῳ παραδίδωσιν, ἀλλ' αὐτοὶ περιούντες νέμονται ὥσπερ ἄφεται, ἐάν που αὐτόματοι περιτύχωσιν τῇ ἀρετῇ. εἰ δὲ βούλει, Κλεινίαν, τὸν Ἀλκιβιάδου τουτουὶ νεώτερον ἀδελφόν, ἐπιτροπεύων [320.a.5] ὁ αὐτὸς οὗτος ἀνήρ Περικλῆς, δεδιὼς περὶ αὐτοῦ μὴ διαφθαρεῖ δὴ ὑπὸ Ἀλκιβιάδου, ἀποσπάσας ἀπὸ τούτου, καταθέμενος ἐν Ἀρίφρονος ἐπαίδευε· καὶ πρὶν ἐξ μῆνας γεγονέναι, [320.b.1] ἀπέδωκε τούτῳ οὐκ ἔχων ὅτι χρήσαιτο αὐτῷ. καὶ ἄλλους σοὶ παμπόλλους ἔχω λέγειν, οἳ αὐτοὶ ἀγαθοὶ ὄντες οὐδένα πάποτε βελτίῳ ἐποίησαν οὔτε τῶν οἰκείων οὔτε τῶν ἀλλοτρίων. ἐγὼ οὖν, ὦ Πρωταγόρα, εἰς ταῦτα ἀποβλέπων οὐχ ἠγοῦμαι [320.b.5] διδασκόντων εἶναι ἀρετὴν· ἐπειδὴ δὲ σοὺ ἀκούω ταῦτα λέγοντος, κάμπτομαι καὶ οἶμαι τί σε λέγειν διὰ τὸ ἠγεῖσθαί σε πολλῶν μὲν ἔμπειρον γεγονέναι, πολλὰ δὲ μεμαθηκέναι, τὰ δὲ αὐτὸν ἐξηυρηκέναι. εἰ οὖν ἔχεις ἐναργέστερον ἡμῖν ἐπιδείξαι ὡς [320.c.1] διδασκόντων ἐστιν ἡ ἀρετὴ, μὴ φθονήσης ἀλλ' ἐπίδειξον. Ἀλλ', ὦ Σώκρατες, ἔφη, οὐ φθονήσω· ἀλλὰ πότερον ὑμῖν, ὡς πρεσβύτερος νεωτέροις, μῦθον λέγων ἐπιδείξω ἢ λόγῳ διεξελθὼν;

---

uma ἀρετὴ à parte, e que é possível alguém possuir a coragem, ainda que seja ignorante. O personagem Sócrates, por sua vez, conclui o diálogo afirmando que tanto ele quanto Protágoras mudaram de opinião em relação ao início do diálogo: Sócrates porque aceitou que a ἀρετὴ é ensinável, e Protágoras porque no começo do diálogo afirmava que a ἀρετὴ era ensinável, mas passou a afirmar o contrário (361 a,b,c). Desse modo, além da ideia de “virtude” e, portanto, “moralidade”, “caráter”, é possível perceber claramente o esforço do personagem Sócrates de vincular a ἀρετὴ à ἐπιστήμη, e à σοφία. Como defende Brisson (2010, p. 75), a vinculação ἀρετὴ com a ἐπιστήμη teria, em Platão, a função de estabelecer e nomear quais seriam as condutas verdadeiramente boas e, assim, transformar a ética e a política em assuntos passíveis de busca da verdade. Essa relação, que faz crescer ainda mais o sentido de ἀρετὴ, será totalmente desenvolvida em Aristóteles (PETERS, 1976, p.39). As ocorrências do termo ἀρετὴ no diálogo são as seguintes: 319 e2, 320 a4, 320 b5, 320 c1, 322 d7, 323 a1, 323 a4, 323 a8, 323 a9, 322 d7, 323 b3, 323 c4, 324 a1, 324 a6, 324 b7, 324 c5, 324 c8, 324 d5, 325 a3, 325 c1, 326 e3, 326 e4, 327 a1, 327 b3, 327 d3, 327 e2, 328 a8, 328 a9, 328 c4, 329 b8, 329 c5, 329 c7, 329 d3, 329 e3, 330 a1, 330 a9, 330 b4, 330 e5, 331 a3, 333 a3, 339 a5, 340 d3, 340 e4, 348 e1, 349 a3, 349 c2, 349 d3, 349 e4, 353 b2, 359 a5, 359 b6, 360 e7, 360 e8, 361 a3, 361 a7, 361 b3, 361 b4 e 361 c5.

não podem transmiti-la aos outros. Veja o caso de Péricles, o pai daqueles rapazes ali, com primor já tinha cuidadosamente ensinado a eles aquilo que depende dos professores, mas, por outro lado, naquilo em que ele mesmo é sábio, nem ele ensina, nem a outro delega, mas eles vivem perambulando à mercê do destino, como se fosse espontâneo o ato de se deparar com a virtude.

Se quiser outro exemplo, Clínias<sup>139</sup>, o irmão mais novo deste Alcibíades aí, tutelado por esse mesmo homem, Péricles, que temendo, então, que fosse corrompido por Alcibíades, afastou-o dele confiando a Arífron<sup>140</sup> sua educação e, antes que viesse o sexto mês, este o devolveu, não tendo como lhe ser útil. E posso mencionar muitos outros [casos] a você de pessoas boas que jamais promoveram melhora de ninguém, nem aos de casa, nem aos outros.

Portanto, Protágoras, ao examinar tais coisas não considero ser ensinável a virtude. Mas, quando te escuto falando essas coisas, me curvo e medito sobre o que diz por que te considero ser muito experiente, [eu sei que] você estudou e descobriu muitas coisas sozinho<sup>141</sup>. Desse modo, se você tiver como, mais explicitamente, revelar-nos que a virtude é ensinável, não hesite, mas demonstre”.

— “Não hesitarei, Sócrates”, disse ele, “mas, para vocês, como seria melhor: que eu ilustre com um mito, falando como um velho para os mais jovens, ou delineando com um discurso

320 a

320 b

320 c

---

<sup>139</sup> Clínias, o irmão mais novo de Alcibíades, também é descrito por este, no diálogo homônimo, *Alcibíades I*, como alguém realmente desajuizado (118 e).

<sup>140</sup> Arífron, irmão notadamente sábio de Péricles, teria compartilhado a tutoria de Alcibíades após a morte de Clínias, seu pai, em 446 aC. na batalha de Coroneia, Plutarco (37.1, Nota nº296)

<sup>141</sup> Cf. Introdução: “Conteúdo Histórico”, p. 31.

[320.c.5] Πολλοὶ οὖν αὐτῷ ὑπέλαβον τῶν παρακαθημένων ὅποτέρως βούλοιο οὕτως διεξιέναι. Δοκεῖ τοίνυν μοι, ἔφη, χαριέστερον εἶναι μῦθον ὑμῖν λέγειν.

Ἦν γάρ ποτε χρόνος ὅτε θεοὶ μὲν ἦσαν, θνητὰ δὲ γένη [320.d.1] οὐκ ἦν. ἐπειδὴ δὲ καὶ τούτοις χρόνος ἦλθεν εἰμαρμένος γενέσεως, τυποῦσιν αὐτὰ θεοὶ γῆς ἔνδον ἐκ γῆς καὶ πυρὸς μείζαντες καὶ τῶν ὅσα πυρὶ καὶ γῆ κεράννυται. ἐπειδὴ δ' ἄγειν αὐτὰ πρὸς φῶς ἔμελλον, προσέταξαν Προμηθεῖ καὶ [320.d.5] Ἐπιμηθεῖ κοσμησαί τε καὶ νεῖμαι δυνάμεις ἐκάστοις ὡς πρέπει. Προμηθεῖα δὲ παραιτεῖται Ἐπιμηθεὺς αὐτὸς νεῖμαι, Νείμαντος δέ μου, ἔφη, ἐπίσκεψαι· καὶ οὕτω πείσας νέμει. νέμων δὲ τοῖς μὲν ἰσχὺν ἄνευ τάχους προσήπτεν, [320.e.1] τοὺς δ' ἀσθενεστέρους τάχει ἐκόσμει· τοὺς δὲ ὤπλιζε, τοῖς δ' ἄοπλον διδοὺς φύσιν ἄλλην τιν' αὐτοῖς ἐμηχανᾶτο δύναμιν εἰς σωτηρίαν. ἃ μὲν γὰρ αὐτῶν σμικρότητι ἠμπισχεν, πτηνὸν φυγὴν ἢ κατάγειον οἴκησιν ἔνεμεν· ἃ δὲ ἠῤῥξε μεγέθει, τῷδε [321.a.1] αὐτῷ αὐτὰ ἔσφραζεν· καὶ τᾶλλα οὕτως ἐπανισῶν ἔνεμεν. ταῦτα δὲ ἐμηχανᾶτο εὐλάβειαν ἔχων μή τι γένος ἀϊστοθελείη·

argumentativo<sup>142</sup>?”

Então a maioria dos expectadores consentiu que expusesse da maneira como quisesse.

\_\_ “Então”, disse ele, “me parece ser mais agradável contar um mito para vocês:

Era uma vez um tempo em que, enquanto as divindades existiam, as espécies dos mortais não existiam. Quando, então, para esses também chegou o tempo fixado à sua geração, os deuses os forjaram dentro da terra, tendo misturado a partir de terra e fogo e tudo o que se combina ao fogo e à terra. Então, quando estavam prestes a lhes trazerem à luz mandaram Prometeu e Epimeteu<sup>143</sup> distribuir e organizar as capacidades conforme apropriado. A Prometeu, então, Epimeteu pede para ele mesmo distribuir. Ele disse:

320 d

\_\_ Depois que eu distribuir, você inspecionará.

Tendo assim o convencido, começou a distribuir. Então, distribuindo, enquanto a uns atribuía robustez sem agilidade a outros, mais franzinos, por outro lado, compensava com rapidez. Enquanto a uns equipava, outros, diferentemente, por conceder uma natureza desequipada, os maquinava alguma outra capacidade para salvação. Aos mesmos que revestia de pequenez, oferecia fuga alada ou abrigo subterrâneo. Já aos que aumentava o tamanho, com este mesmo [tamanho] os salvava. E assim [procedia] em relação às outras [espécies], distribuía equilibrando. Maquinava essas coisas tendo todo o cuidado para que nenhuma espécie desaparecesse.

320 e

321 a

---

<sup>142</sup> “Discurso argumentativo” (λόγος). Tanto nessa passagem como em 324 d7 e em 328 c4 Protágoras usa do paralelo mito X logos - um *topos* do pensamento antigo para se colocar “acima de qualquer suspeita”. Expor seu pensamento com a ilustração de um *mito* mas também com um *logos* significa abarcar tanto a tradição mitológica como a emergente reflexão filosófica.

<sup>143</sup> “Prometeu” significa literalmente o “previdente”, “precavido” e “Epimeteu” o “imprevidente”, “descuidado”.

ἐπειδὴ δὲ αὐτοῖς ἀλληλοφθοριῶν διαφυγὰς ἐπήρκεσε, πρὸς τὰς ἐκ Διὸς ὥρας εὐμάρειαν ἐμηχανᾶτο ἀμφιεννὺς αὐτὰ πυκναῖς [321.a.5] τε θριξίν καὶ στερεοῖς δέρμασιν, ἱκανοῖς μὲν ἀμῦναι χειμῶνα, δυνατοῖς δὲ καὶ καύματα, καὶ εἰς εὐνάς ἰοῦσιν ὅπως ὑπάρχοι τὰ αὐτὰ ταῦτα στρωμνὴ οἰκεία τε καὶ αὐτοφυῆς ἐκάστω· καὶ [321.b.1] ὑποδῶν τὰ μὲν ὄπλαῖς, τὰ δὲ [θριξίν καὶ] δέρμασιν στερεοῖς καὶ ἀναίμοις. τούντεϋθεν τροφὰς ἄλλοις ἄλλας ἐξεπόριζεν, τοῖς μὲν ἐκ γῆς βοτάνην, ἄλλοις δὲ δένδρων καρπούς, τοῖς δὲ ρίζας· ἔστι δ' οἷς ἔδωκεν εἶναι τροφήν ζῶων ἄλλων βοράν· [321.b.5] καὶ τοῖς μὲν ὀλιγογονίαν προσῆψε, τοῖς δ' ἀναλισκομένοις ὑπὸ τούτων πολυγονίαν, σωτηρίαν τῷ γένει πορίζων. ἄτε δὴ οὖν οὐ πάνυ τι σοφὸς ὢν ὁ Ἐπιμηθεὺς ἔλαθεν αὐτὸν [321.c.1] καταναλώσας τὰς δυνάμεις εἰς τὰ ἄλογα· λοιπὸν δὲ ἀκόσμητον ἔτι αὐτῷ ἦν τὸ ἀνθρώπων γένος, καὶ ἠπόρει ὅτι χρήσαιτο. ἀποροῦντι δὲ αὐτῷ ἔρχεται Προμηθεὺς ἐπισκεψόμενος τὴν νομήν, καὶ ὄρᾳ τὰ μὲν ἄλλα ζῶα ἐμμελῶς πάντων [321.c.5] ἔχοντα, τὸν δὲ ἄνθρωπον γυμνόν τε καὶ ἀνυπόδητον καὶ ἄστρωτον καὶ ἄοπλον· ἤδη δὲ καὶ ἡ εἰμαρμένη ἡμέρα παρῆν, ἐν ἣ ἔδει καὶ ἄνθρωπον ἐξιέναι ἐκ γῆς εἰς φῶς. ἀπορία οὖν σχόμενος ὁ Προμηθεὺς ἦντινα σωτηρίαν τῷ ἀνθρώπῳ εὔροι, [321.d.1] κλέπτει Ἡφαίστου καὶ Ἀθηνᾶς τὴν ἔντεχνον σοφίαν σὺν πυρί – ἀμήχανον γὰρ ἦν ἄνευ πυρὸς αὐτὴν κτητὴν τῷ ἢ χρησίμην γενέσθαι – καὶ οὕτω δὴ δωρεῖται ἀνθρώπῳ. τὴν μὲν οὖν περὶ τὸν βίον σοφίαν ἄνθρωπος ταύτη ἔσχεν, τὴν δὲ [321.d.5] πολιτικὴν οὐκ εἶχεν· ἦν γὰρ παρὰ τῷ Δίῳ. τῷ δὲ Προμηθεῖ εἰς μὲν τὴν ἀκρόπολιν τὴν τοῦ Διὸς οἴκησιν οὐκέτι ἐνεχώρει εἰσελθεῖν – πρὸς δὲ καὶ

E, tão logo que assegurou escapatória do aniquilamento recíproco dessas [espécies], começou a maquirar uma proteção contra as estações de Zeus, envolvendo-as com densas pelugens e peles firmes, satisfatórias tanto para defender do inverno, como resistentes ao calor, de modo que, ao buscarem refúgios, cada uma delas também tivesse à disposição uma morada a partir da natureza que lhes é própria.

Enquanto calçava umas com casco, outras, diferentemente, [munia] com pêlos, pele firme e sem sangue. E, a partir disso, em seguida providenciava diferentes alimentos às diferentes [espécies]: enquanto a umas erva da terra, a outras frutas das árvores e, a outras ainda, raízes. Chegou até a dar como alimento dos animais uns aos outros como refeição, aos [beneficiados] concedeu pequena geração, mas, por outro lado, grande geração aos que perecem por aqueles, favorecendo, desse modo, a salvação das espécies.

321 b

E como Epimeteu não era assim tão sábio, distraiu-se desperdiçando as capacidades com as espécies destituídas de razão<sup>144</sup>; e faltava a ele justamente a espécie humana, ainda desordenada. Estava em apuros em relação ao que poderia fazer e, nessa condição de perplexidade, Prometeu vai até ele inspecionar a partilha e vê que, enquanto os outros animais tinham tudo em harmonia, o homem estava desnudo, descalço, descoberto e desarmado; e já se aproximava o dia fixado, no qual também o homem deveria sair da terra à luz.

321 c

E Prometeu, estando em apuros em relação a qual salvação poderia encontrar ao homem, rouba de Hefesto e Atena a sabedoria técnica<sup>145</sup> conjuntamente com o fogo (pois seria impossível, sem o fogo, que ela<sup>146</sup> viesse se tornar adquirível ou útil a alguém), e assim, dessa maneira, provê o homem. Mas, enquanto o homem já desfrutava de uma vida com saber, ainda não detinha a política, afinal, ela estava com Zeus. Além do mais, não dava mais tempo de Prometeu entrar na acrópole, a morada de Zeus e, [para piorar], os

321 d

---

<sup>144</sup> “Espécies destituídas de razão” é a tradução para τὰ ἄλογα que significa tanto “privados de razão” como “os sem articulação de fala”.

<sup>145</sup> “Sabedoria técnica” (τὴν ἔντεχνον σοφίαν).

<sup>146</sup> A “sabedoria técnica”.

αἱ Διὸς φυλακαὶ φοβεραὶ ἦσαν – εἰς δὲ τὸ τῆς Ἀθηνᾶς καὶ Ἡφαίστου οἶκημα τὸ κοινόν, ἐν ᾧ [321.e.1] ἐφιλοτεχνεῖτην, λαθὼν εἰσέρχεται, καὶ κλέψας τὴν τε ἔμπυρον τέχνην τὴν τοῦ Ἡφαίστου καὶ τὴν ἄλλην τὴν τῆς Ἀθηνᾶς δίδωσιν ἀνθρώπῳ, καὶ ἐκ τούτου εὐπορία μὲν ἀνθρώπῳ τοῦ [322.a.1] βίου γίνεται, Προμηθεὰ δὲ δι' Ἐπιμηθεὰ ὕστερον, ἥπερ λέγεται, κλοπῆς δίκη μετῆλθεν. Ἐπειδὴ δὲ ὁ ἄνθρωπος θείας μετέσχε μοίρας, πρῶτον μὲν διὰ τὴν τοῦ θεοῦ συγγένειαν ζῶων μόνον θεοὺς ἐνόμισεν, καὶ [322.a.5] ἐπεχείρει βωμούς τε ἰδρῦεσθαι καὶ ἀγάλματα θεῶν· ἔπειτα φωνὴν καὶ ὀνόματα ταχὺ διηθρώσατο τῇ τέχνῃ, καὶ οἰκῆσεις καὶ ἐσθῆτας καὶ ὑποδέσεις καὶ στρωμνὰς καὶ τὰς ἐκ γῆς τροφὰς ἤϋρετο. οὕτω δὲ παρεσκευασμένοι κατ' ἀρχὰς [322.b.1] ἄνθρωποι ᾧκουν σποράδην, πόλεις δὲ οὐκ ἦσαν· ἀπώλλυντο οὖν ὑπὸ τῶν θηρίων διὰ τὸ πανταχῇ αὐτῶν ἀσθενέστεροι εἶναι, καὶ ἡ δημιουργικὴ τέχνη αὐτοῖς πρὸς μὲν τροφήν ἱκανὴ βοηθὸς ἦν, πρὸς δὲ τὸν τῶν θηρίων πόλεμον ἐνδεής [322.b.5] – πολιτικὴν γὰρ τέχνην οὐπω εἶχον, ἥς μέρος πολεμικὴ ἐζήτουν δὴ ἀθροίζεσθαι καὶ σώζεσθαι κτίζοντες πόλεις· ὅτ' οὖν ἀθροισθεῖεν, ἠδίκουν ἀλλήλους ἅτε οὐκ ἔχοντες τὴν πολιτικὴν τέχνην, ὥστε πάλιν σκεδαννύμενοι διεφθείροντο. [322.c.1] Ζεὺς οὖν δείσας περὶ τῷ γένει ἡμῶν μὴ ἀπόλοιτο πᾶν, Ἑρμῆν πέμπει ἄγοντα εἰς ἀνθρώπους αἰδῶ τε καὶ δίκην, ἵν' εἶεν πόλεων κόσμοι τε καὶ δεσμοὶ φιλίας συναγωγοί. ἐρωτᾷ οὖν Ἑρμῆς Δία τίνα οὖν τρόπον δοίη δίκην καὶ αἰδῶ ἀνθρώποις; [322.c.5] Πότερον ὡς αἱ τέχναι νενέμηνται, οὕτω καὶ ταύτας νείμω;

guardas de Zeus também eram temíveis.

Então, rumo à tenda em comum de Atena e Hefesto, na qual trabalhavam com técnica e amabilidade, entrou despercebidamente e, roubando tanto a técnica de fundição de Hefesto como a outra, a de Atena<sup>147</sup>, entregando-as ao homem.

321 e

Então, graças a essa solução, surgiu a vida do homem, mas, depois, por outro lado, Prometeu, por causa de Epimeteu, como dizem, foi condenado pela justiça por roubo.

322 a

Então, uma vez que o homem partilhava do quinhão divino devido à ascendência com a divindade, foi o primeiro e único dos animais que creu nos deuses e pôs-se a elevar altares e estátuas dos deuses e, em seguida, rapidamente, munido de técnica, estabeleceu a voz e os nomes das coisas, engendrou habitações, vestes, calçados, leitos e alimentos da terra.

Mesmo assim providos, no começo, moravam dispersos, pois não existiam *póleis*. Pereciam, assim, por causa da plenitude das feras, eram mais indefesos do que elas. E, por um lado, enquanto as especialidades técnicas deles eram suficientes à salvação do alimento, por outro, eram insuficientes na guerra contra as feras, afinal ainda não tinham a arte política, da qual a guerra faz parte. Buscavam se salvar agrupando-se e construindo *póleis*.

322 b

322 c

E quando, então, se agrupavam, por não terem a arte política<sup>148</sup>, injustiçavam-se reciprocamente e, assim, mais uma vez, se dispersavam e pereciam. Zeus, então, receando que nossa espécie fosse arrasada completamente, ordena a Hermes levar pudor<sup>149</sup> e justiça aos homens, a fim de que fossem unidos os laços de amizade e organizações das *póleis*. Então, Hermes questiona Zeus de que maneira conferiria justiça e pudor aos homens:

---

<sup>147</sup> Além de reconhecidamente associada à “sabedoria” em geral, Atena também era associada à arte da tecelagem e à arte da cerâmica Taylor (1996, p. 77).

<sup>148</sup> É interessante notar que Protágoras, no mito, assim como Sócrates em 319 a 4, associa, por duas vezes, a “política” não com a ἀρετή, mas com a τέχνη, cf. nota nº 89.

<sup>149</sup> “Pudor”(αἰδῶ) abarca tudo que entendemos por “decência”, “temor respeitoso”, “dignidade de conduta”, “sentimento de vergonha”, “compaixão” e “misericórdia” Lidell & Scott (1996).

νεπέμηνηται δέ ὦδε· εἷς ἔχων ἱατρικὴν πολλοῖς ἱκανὸς ἰδιώταις, καὶ οἱ ἄλλοι δημιουργοί· καὶ δίκην δὴ καὶ αἰδῶ [322.d.1] οὕτω θῶ ἐν τοῖς ἀνθρώποις, ἢ ἐπὶ πάντα νείμω; Ἐπὶ πάντα, ἔφη ὁ Ζεὺς, καὶ πάντες μετεχόντων· οὐ γὰρ ἂν γένοιτο πόλεις, εἰ ὀλίγοι αὐτῶν μετέχουεν ὥσπερ ἄλλων τεχνῶν· καὶ νόμον γε θεὸς παρ' ἐμοῦ τὸν μὴ δυνάμενον [322.d.5] αἰδοῦς καὶ δίκης μετέχειν κτείνειν ὡς νόσον πόλεως. οὕτω δὴ, ὃ Σώκρατες, καὶ διὰ ταῦτα οἱ τε ἄλλοι καὶ Ἀθηναῖοι, ὅταν μὲν περὶ ἀρετῆς τεκτονικῆς ἢ λόγος ἢ ἄλλης τινὸς δημιουργικῆς, ὀλίγοις οἴονται μετεῖναι συμβουλῆς, καὶ ἐάν [322.e.1] τις ἐκτὸς ὧν τῶν ὀλίγων συμβουλεύῃ, οὐκ ἀνέχονται, ὡς σὺ φῆς – εἰκότως, ὡς ἐγὼ φημι – ὅταν δὲ εἰς συμβουλήν πολιτικῆς [323.a.1] ἀρετῆς ἴωσιν, ἣν δεῖ διὰ δικαιοσύνης πᾶσαν ἰέναι καὶ σωφροσύνης, εἰκότως ἅπαντος ἀνδρὸς ἀνέχονται, ὡς παντὶ προσῆκον ταύτης γε μετέχειν τῆς ἀρετῆς ἢ μὴ εἶναι πόλεις. αὕτη, ὃ Σώκρατες, τούτου αἰτία.

\_\_Distribuo estas assim como foram distribuídas as outras artes? (Elas foram distribuídas de modo a ter um médico, assim como os outros especialistas, a cada porção de indivíduos), então, assim também a justiça e o pudor ofereço aos homens ou compartilho com todos?

322 d

\_\_Equalizando sobre tudo”, disse Zeus, “e para todos. Pois não surgiriam *póleis* se poucos deles partilhassem, como é o caso com as outras artes. E estabeleça por mim a lei de sacrificar como doença da *pólis* o que não pode partilhar do pudor e da justiça.

Então assim, Sócrates, e por causa dessas coisas que, quando o assunto é a respeito da excelência [na arte] da marcenaria<sup>150</sup>, ou de alguma outra especialidade, tanto os atenienses quanto os outros consideram que são poucos os [que podem] participar dos conselhos. E se alguém, afora os poucos, aconselhar, não acatam, como você afirma, e é natural, como estou dizendo. Quando, porém, vão a um conselho sobre virtude política<sup>151</sup>, no qual são completamente necessárias tanto a justiça quanto a temperança<sup>152</sup>, razoavelmente aceitam de tudo quanto é homem, já que todos incorporam e partilham dessa virtude, ou não existiriam *póleis*. Então, Sócrates, esta é a causa desse [comportamento].

322 e

323 a

<sup>150</sup> Protágoras usa aqui o termo ἀρετή em conformidade com o sentido defendido por Brisson (2010, p. 72): “excelência em uma função própria”, a execução perfeita de determinada função ou arte, no caso a “excelência na marcenaria”, referindo-se simplesmente à uma ocupação prática e profissional, à uma τέχνη. Cf. nota nº 138.

<sup>151</sup> Protágoras parece usar indistintamente, sem maiores justificativas conceituais, τέχνη política e ἀρετή política, cf. 322 b 5. Logo em seguida menciona “justiça” e “temperança” como exemplos do que ele chamará, também em 323a 8, de “virtudes políticas”, não obstante, no mito que acabara de narrar, as qualidades que Hermes teria enviado aos homens era a “justiça” e o “pudor” (e não justiça e temperança). Este fato não torna seu discurso incoerente, não obstante, sabemos o exercício filosófico emergente primará pela precisão e regularidade dos conceitos. Observamos que o sofista Protágoras vive o paradigma da transição entre o pensamento mítico e o pensamento filosófico. Como veremos a seguir, ele também primará pela correção dos termos em 331 e 2.

<sup>152</sup> “Temperança” σωφροσύνη, Lidell & Scott (1996). Σωφροσύνη abarca nossa concepção de “sensatez”, “boa medida”, “temperança”, “prudência”, entre outras. O termo é tão importante e amplo que o diálogo *Cármides* tenta, como um de seus principais assuntos, trazer mais esclarecimentos a seu respeito. Cf. Taylor (1986, p. 79).

[323.a.5] Ἴνα δὲ μὴ οἷη ἀπατᾶσθαι ὡς τῷ ὄντι ἡγοῦνται πάντες ἄνθρωποι πάντα ἄνδρα μετέχειν δικαιοσύνης τε καὶ τῆς ἄλλης πολιτικῆς ἀρετῆς, τόδε αὖ λαβὲ τεκμήριον. ἐν γὰρ ταῖς ἄλλαις ἀρεταῖς, ὥσπερ σὺ λέγεις, ἐάν τις φῆ ἀγαθὸς ἀύλητῆς εἶναι, ἢ ἄλλην ἠντινοῦν τέχνην ἢν μὴ ἐστίν, ἢ καταγελῶσιν [323.b.1] ἢ χαλεπαίνουσιν, καὶ οἱ οἰκεῖοι προσιόντες νουθετοῦσιν ὡς μαινόμενον· ἐν δὲ δικαιοσύνη καὶ ἐν τῇ ἄλλῃ πολιτικῇ ἀρετῇ, ἐάν τινα καὶ εἰδῶσιν ὅτι ἀδίκος ἐστίν, ἐάν οὗτος αὐτὸς καθ' αὐτοῦ τάληθῆ λέγη ἐναντίον πολλῶν, ὃ ἐκεῖ σωφροσύνην [323.b.5] ἡγοῦντο εἶναι, τάληθῆ λέγειν, ἐνταῦθα μανίαν, καὶ φασιν πάντας δεῖν φάναι εἶναι δικαίους, ἐάντε ᾧσιν ἐάντε μὴ, ἢ μαίνεσθαι τὸν μὴ προσποιούμενον [δικαιοσύνην]· ὡς ἀναγκαῖον [323.c.1] οὐδένα ὄντιν' οὐχὶ ἀμῶς γέ πως μετέχειν αὐτῆς, ἢ μὴ εἶναι ἐν ἀνθρώποις. Ὅτι μὲν οὖν πάντ' ἄνδρα εἰκότως ἀποδέχονται περὶ ταύτης τῆς ἀρετῆς σύμβουλον διὰ τὸ ἡγεῖσθαι παντὶ μετεῖναι αὐτῆς, [323.c.5] ταῦτα λέγω· ὅτι δὲ αὐτὴν οὐ φύσει ἡγοῦνται εἶναι οὐδ' ἀπὸ τοῦ αὐτομάτου, ἀλλὰ διδακτόν τε καὶ ἐξ ἐπιμελείας παραγίγνεσθαι ᾧ ἂν παραγίγνηται, τοῦτό σοι μετὰ τοῦτο πειράσομαι ἀποδειῖξαι. ὅσα γὰρ ἡγοῦνται ἀλλήλους κακὰ ἔχειν ἄνθρωποι [323.d.1] φύσει ἢ τύχῃ, οὐδεὶς θυμοῦται οὐδὲ νουθετεῖ οὐδὲ διδάσκει οὐδὲ κολάζει τοὺς ταῦτα ἔχοντας, ἵνα μὴ τοιοῦτοι ᾧσιν, ἀλλ' ἐλεοῦσιν· οἷον τοὺς αἰσχροὺς ἢ μικροὺς ἢ ἀσθενεῖς τίς οὕτως ἀνόητος ὥστε τι τούτων ἐπιχειρεῖν ποιεῖν; ταῦτα μὲν γὰρ [323.d.5] οἷμαι ἴσασιν ὅτι φύσει τε καὶ τύχῃ τοῖς ἀνθρώποις γίγνεται, τὰ καλὰ καὶ τὰναντία τούτοις·

Mas, para que você não suponha equivocar-se quanto ao fato de que todos os homens avaliam ser partilhadas por todos os homens tanto a justiça quanto as outras virtudes políticas, atente a esta outra prova.

Pois em relação às outras virtudes, como você diz, se alguém disser que é bom flautista, ou em alguma outra arte na qual não é, ou riem ou irritam-se e os mais chegados aproximam-se e repreendem-no como louco. Já no tocante à justiça e às outras virtudes políticas, se sabem que alguém é injusto e esse mesmo, por si, assume a verdade diante de muitos, aquilo que até então avaliavam ser [uma qualidade] temperante, falar verdade, agora, seria uma loucura. E afirmam que todos precisam declarar ser justos, sejam ou não, afinal, o que não dissimulasse a justiça estaria louco. Tratando-se, assim, de algo obrigatório, não há como alguém não partilhar dela, ou não estaria entre os homens.

323 b

323 c

Então, por um lado, digo essas coisas [para explicar o fato] de eles<sup>153</sup> acatarem com naturalidade os conselhos de todos os homens a respeito dessa virtude e por avaliarem que todos partilham dela. Mas, por outro, que avaliam que ela não é nem inata e nem automaticamente adquirível e sim, ao contrário, que se trata de algo ensinável e que emerge, nos que emergem, a partir de dedicação, eis o que, em seguida, tentarei mostrar<sup>154</sup>.

Pois, tudo de ruim que os homens consideram existir, seja pelo acaso ou pela natureza, ninguém irrita-se, nem repreende, nem ensina, nem pune os detentores dessas coisas para que não sejam assim, apenas apiedam-se. Como alguém ousaria, assim incoerentemente, fazer algo contra os disformes ou franzinos ou débeis? Suponho que tais coisas sejam desse modo porque eles sabem que pela natureza e pelo acaso que advêm aos homens tanto as dádivas como seus opostos.

323 d

---

<sup>153</sup> O pronome pessoal desta passagem e das seguintes se referem aos “atenienses e aos outros”, ou seja, aos “homens em geral”.

<sup>154</sup> As colocações de Protágoras logo após seu mito: “digo essas coisas para explicar o fato deles acatarem com naturalidade o conselho de todos os homens” mostram que o sofista julga ingênuos os que pensam como Sócrates, ou seja, que eles aceitam conselhos nas assembleias não porque os que falam merecem atenção, mas porque a tradição (religiosa) cultural, amparada pelo mito, impõe determinados parâmetros.

ὅσα δὲ ἐξ ἐπιμελείας καὶ ἀσκήσεως καὶ διδασχῆς οἴονται γίνεσθαι ἀγαθὰ ἀνθρώποις,  
[323.e.1] ἐάν τις ταῦτα μὴ ἔχη, ἀλλὰ τάναντία τούτων κακά, ἐπὶ τούτοις που οἱ τε θυμοὶ  
γίνονται καὶ αἱ κολάσεις καὶ αἱ νοθετήσεις. ὧν ἐστὶν ἓν καὶ ἡ ἀδικία καὶ ἡ ἀσέβεια καὶ  
[324.a.1] συλλήβδην πᾶν τὸ ἐναντίον τῆς πολιτικῆς ἀρετῆς· ἐνθα δὲ πᾶς παντὶ θυμοῦται  
καὶ νοθετεῖ, δῆλον ὅτι ὡς ἐξ ἐπιμελείας καὶ μαθήσεως κτητῆς οὔσης. εἰ γὰρ ἐθέλεις  
ἐννοῆσαι τὸ κολάζειν, ὃ Σώκρατες, τοὺς ἀδικοῦντας τί ποτε δύναται, [324.a.5] αὐτό σε  
διδάξει ὅτι οἱ γε ἄνθρωποι ἡγοῦνται παρασκευαστὸν εἶναι ἀρετῆν. οὐδεὶς γὰρ κολάζει τοὺς  
ἀδικοῦντας πρὸς τούτῳ τὸν νοῦν ἔχων καὶ τούτου ἕνεκα, ὅτι ἠδίκησεν, ὅστις [324.b.1] μὴ  
ὥσπερ θηρίον ἀλογίστως τιμωρεῖται· ὁ δὲ μετὰ λόγου ἐπιχειρῶν κολάζειν οὐ τοῦ  
παρρηλυθότος ἕνεκα ἀδικήματος τιμωρεῖται – οὐ γὰρ ἂν τό γε πραχθὲν ἀγένητον θεῖη –  
ἀλλὰ τοῦ μέλλοντος χάριν, ἵνα μὴ αὐθις ἀδικήσῃ μήτε αὐτὸς οὗτος [324.b.5] μήτε ἄλλος ὁ  
τούτων ἰδὼν κολασθέντα. καὶ τοιαύτην διάνοιαν ἔχων διανοεῖται παιδευτὴν εἶναι ἀρετῆν·  
ἀποτροπῆς γοῦν ἕνεκα κολάζει. ταύτην οὖν τὴν δόξαν πάντες ἔχουσιν ὅσοιπερ [324.c.1]  
τιμωροῦνται καὶ ἰδίᾳ καὶ δημοσίᾳ. τιμωροῦνται δὲ καὶ κολάζονται οἱ τε ἄλλοι ἀνθρωποιοῦς  
ἂν οἴωνται ἀδικεῖν, καὶ οὐχ ἥκιστα Ἀθηναῖοι οἱ σοὶ πολῖται· ὥστε κατὰ τοῦτον τὸν λόγον  
καὶ Ἀθηναῖοί εἰσι τῶν ἡγουμένων παρασκευαστὸν [324.c.5] εἶναι καὶ διδασκτὸν ἀρετῆν.

Por outro lado, tudo quanto supõem ocasionar de bom aos homens a partir da dedicação, do exercício e do ensino, se alguém não tiver essas coisas, mas, ao contrário dessas, um comportamento indigno, aí sim, sobre estes, de algum modo, surgem tanto as inquietações, como as punições e as repreensões.

323 e

A injustiça e a impiedade e a soma de tudo o que é contrário à virtude política, [são exemplos disso, contra tais práticas é] que qualquer um se zanga e repreende, evidentemente porque [entendem que a piedade e a virtude política] são adquiríveis a partir de dedicação e estudo.

324 a

E se você quiser entender, Sócrates, a dinâmica de se castigar os injustos, isso lhe ensinará que, de fato, os homens avaliam ser alcançável a virtude. Afinal, ninguém castiga os injustos tendo em mente apenas que cometeram injustiça, por ela mesma, como, sem a faculdade de pensar<sup>155</sup>, se vingaria uma besta.

324 b

Mas, aquele que, por meio da razão<sup>156</sup>, empreende castigar, não se vinga por causa da injustiça que passou – pois não há como reverter o que está estabelecido – mas, em favor do porvir, a fim de que nem ele próprio volte a injustiçar, nem os outros, que o vejam tendo sido castigado. Com esse raciocínio, conclui-se que a virtude é educativa<sup>157</sup> e castiga-se, de algum modo, para evitar seu avanço<sup>158</sup>.

Então, têm essa opinião todos quantos se vingam tanto na vida pública quanto na privada, e assim também os outros homens, não menos que os atenienses e seus concidadãos, vingam-se e castigam aqueles que consideram cometer injustiça.

324 c

Assim, conforme esse raciocínio, os atenienses estão entre os que avaliam que a

---

<sup>155</sup> Ou seja, “sem-logos” (ἀλογίστως).

<sup>156</sup> “Razão” (λόγου).

<sup>157</sup> O adjetivo verbal παιδευτήν, que também poderia ser traduzido como “ensinável” aparece, pela primeira vez no texto, diferentemente de διδακτόν, que justamente vinha sendo traduzido como “ensinável”. Minha opção aqui de traduzir o termo por “educativa” se deve, sobretudo à argumentação desenvolvida por Protágoras de que a punição existe para “ensinar” a não se cometer mais injustiças. Taylor (1996, p. 21) adotou uma opção parecida: “excellence can be produced by education”.

<sup>158</sup> Ou seja, o avanço da injustiça.

ὡς μὲν οὖν εἰκότως ἀποδέχονται οἱ σοὶ πολῖται καὶ χαλκῆως καὶ σκυτοτόμου  
συμβουλευόντος τὰ πολιτικά, καὶ ὅτι διδακτὸν καὶ παρασκευαστὸν ἡγοῦνται ἀρετὴν,  
ἀποδέδεικταί σοι, ὃ Σώκρατες, ἱκανῶς, ὡς γέ μοι [324.d.1] φαίνεται. Ἔτι δὴ λοιπὴ ἀπορία  
ἐστίν, ἣν ἀπορεῖς περὶ τῶν ἀνδρῶν τῶν ἀγαθῶν, τί δήποτε οἱ ἄνδρες οἱ ἀγαθοὶ τὰ μὲν ἄλλα  
τοὺς αὐτῶν ὑεῖς διδάσκουσιν ἢ διδασκάλων ἔχεται καὶ [324.d.5] σοφοὺς ποιοῦσιν, ἣν δὲ  
αὐτοὶ ἀρετὴν ἀγαθοὶ οὐδενὸς βελτίους ποιοῦσιν. τούτου δὴ πέρι, ὃ Σώκρατες, οὐκέτι  
μῦθόν σοι ἐρῶ ἀλλὰ λόγον. ὧδε γὰρ ἐννόησον· πότερον ἔστιν τι ἐν ἧ οὐκ ἔστιν οὗ  
ἀναγκαῖον πάντας τοὺς πολίτας μετέχειν, [324.e.1] εἴπερ μέλλει πόλις εἶναι; ἐν τούτῳ γὰρ  
αὕτη λύεται ἡ ἀπορία ἣν σὺ ἀπορεῖς ἢ ἄλλοθι οὐδαμοῦ. εἰ μὲν γὰρ ἔστιν, καὶ τοῦτό ἐστιν τὸ  
ἐν οὐ τεκτονικῇ οὐδὲ χαλκείᾳ οὐδὲ κεραμείᾳ [325.a.1] ἀλλὰ δικαιοσύνη καὶ σωφροσύνη  
καὶ τὸ ὅσιον εἶναι, καὶ συλλήβδην ἐν αὐτῷ προσαγορεύω εἶναι ἀνδρὸς ἀρετὴν – εἰ τοῦτ'  
ἐστὶν οὗ δεῖ πάντας μετέχειν καὶ μετὰ τούτου πάντ' ἄνδρα, ἐάν τι καὶ ἄλλο βούληται  
μανθάνειν ἢ πράττειν, οὕτω [325.a.5] πράττειν, ἄνευ δὲ τούτου μή, ἢ τὸν μὴ μετέχοντα καὶ  
διδάσκειν καὶ κολάζειν καὶ παῖδα καὶ ἄνδρα καὶ γυναῖκα, ἕωσπερ ἂν κολαζόμενος βελτίων  
γένηται, ὃς δ' ἂν μὴ ὑπακούῃ κολαζόμενος καὶ διδασκόμενος, ὡς ἀνίατον ὄντα τοῦτον  
[325.b.1] ἐκβάλλειν ἐκ τῶν πόλεων ἢ ἀποκτείνειν – εἰ οὕτω μὲν ἔχει, οὕτω δ' αὐτοῦ  
πεφυκότος οἱ ἀγαθοὶ ἄνδρες εἰ τὰ μὲν ἄλλα διδάσκονται τοὺς ὑεῖς, τοῦτο δὲ μή, σκέψαι ὡς

virtude é tanto alcançável como ensinável. Razoavelmente, então, seus concidadãos admitem tanto do ferreiro quanto do coureiro que aconselhem sobre temas políticos e, ao menos a mim parece, que foi suficientemente demonstrado a você, Sócrates, que eles avaliam que a virtude é ensinável e passível de ser adquirida.

Mas ainda resta uma dificuldade que te deixa perplexo a respeito dos homens bons: como, afinal, os homens bons ensinam as outras [matérias] dominadas pelos professores aos próprios filhos e os tornam sábios, enquanto que, a respeito da virtude por excelência<sup>159</sup>, que eles mesmos são bons, não tornam ninguém melhor. Então, acerca disso, Sócrates, te direi não mais um mito, mas um discurso argumentativo<sup>160</sup>, desse modo, presta atenção.

324 d

Acaso há ou não alguma coisa necessária a todos cidadãos partilharem para *pólis* poder existir? Isso, pois, e nada mais, desfaz esta dificuldade que te deixa perplexo. Pois, se, de fato, isto existe, e é único, [não trata-se] nem da carpintaria, nem ferraria, nem cerâmica, mas da justiça, da temperança, do ser pio<sup>161</sup> e, para dizer em uma palavra, o que chamo de virtude por excelência do homem.

324 e

325 a

Se esta é aquilo que todo homem, e todos<sup>162</sup>, na prática, precisaria partilhar caso quisesse agir ou aprender qualquer outra coisa e, sem isso, não, [do contrário], só restaria ensinar e castigar o que não partilha, seja criança, homem ou mulher, para que, castigado, torne-se melhor, e aquele que não acatar, mesmo tendo sido castigado e ensinado, matá-lo ou expulsá-lo das *póleis*, como sendo intratável.

Se ela é assim considerada e, por outro lado, os homens bons a tem como inata, já que, quanto as outras questões ensinam aos filhos, mas não quando se trata dela, note como

325 b

---

<sup>159</sup> Protágoras também evidencia a distinção entre as τέχναι dos professores e a ἀρετή política. Assim como Sócrates também apresenta essa distinção em 319 c.

<sup>160</sup> Esse paralelo “mito” e “logos” já apareceu em 320c 4 e aparecerá novamente em 328c 4.

<sup>161</sup> “O ser pio” (τὸ ὄσιον εἶναι). Ὀσιότης seria a “observância das leis divinas”, “respeito aos deuses” Lidell & Scott (1996).

<sup>162</sup> Ou seja, todos os humanos, homens, mulheres, crianças, gregos e bárbaros.

θαυμασίως γίνονται οἱ ἀγαθοί. ὅτι μὲν γὰρ διδακτὸν αὐτὸ ἡγοῦνται [325.b.5] καὶ ἰδίᾳ καὶ δημοσίᾳ, ἀπεδείξαμεν· διδακτοῦ δὲ ὄντος καὶ θεραπευτοῦ τὰ μὲν ἄλλα ἄρα τοὺς ὑεῖς διδάσκονται, ἐφ' οἷς οὐκ ἔστι θάνατος ἢ ζημία ἐὰν μὴ ἐπίστωνται, ἐφ' ᾧ δὲ ἢ τε ζημία θάνατος αὐτῶν τοῖς παισὶ καὶ φυγαὶ μὴ μαθοῦσι [325.c.1] μηδὲ θεραπευθεῖσιν εἰς ἀρετήν, καὶ πρὸς τῷ θανάτῳ χρημάτων τε δημεύσεις καὶ ὡς ἔπος εἰπεῖν συλλήβδην τῶν οἴκων ἀνατροπαί, ταῦτα δ' ἄρα οὐ διδάσκονται οὐδ' ἐπιμελοῦνται πᾶσαν ἐπιμέλειαν; οἴεσθαί γε χρή, ὃ Σώκρατες. [325.c.5] ἐκ παίδων σμικρῶν ἀρξάμενοι, μέχρι οὐπὲρ ἂν ζῶσι, καὶ διδάσκουσι καὶ νουθετοῦσιν. ἐπειδὴν θᾶπτον συνιῆ τις τὰ λεγόμενα, καὶ τροφὸς καὶ μήτηρ καὶ παιδαγωγὸς καὶ αὐτὸς [325.d.1] ὁ πατήρ περὶ τούτου διαμάχονται, ὅπως βέλτιστος ἔσται ὁ παῖς, παρ' ἑκάστον καὶ ἔργον καὶ λόγον διδάσκοντες καὶ ἐνδεικνύμενοι ὅτι τὸ μὲν δίκαιον, τὸ δὲ ἄδικον, καὶ τότε μὲν καλόν, τότε δὲ αἰσχρόν, καὶ τότε μὲν ὄσιον, τότε δὲ ἀνόσιον, [325.d.5] καὶ τὰ μὲν ποίει, τὰ δὲ μὴ ποίει. καὶ ἐὰν μὲν ἐκὼν πειθῆται· εἰ δὲ μὴ, ὥσπερ ξύλον διαστρεφόμενον καὶ καμπτόμενον εὐθύνουσιν ἀπειλαῖς καὶ πληγαῖς. μετὰ δὲ ταῦτα εἰς διδασκάλων πέμποντες πολὺ μᾶλλον ἐντέλλονται ἐπιμελεῖσθαι [325.e.1] εὐκοσμίας τῶν παίδων ἢ γραμμάτων τε καὶ κιθαρίσεως· οἱ δὲ διδάσκαλοι τούτων τε ἐπιμελοῦνται, καὶ ἐπειδὴν αὖ γράμματα μάθωσιν καὶ μέλλωσιν συνήσειν τὰ γεγραμμένα ὥσπερ τότε τὴν φωνήν, παρατιθέασιν αὐτοῖς ἐπὶ τῶν βάρων [325.e.5] ἀναγιγνώσκειν ποιητῶν ἀγαθῶν ποιήματα καὶ ἐκμανθάνειν [326.a.1] ἀναγκάζουσιν, ἐν οἷς πολλὰ μὲν νουθετήσεις ἔνεισιν πολλὰ δὲ διέξοδοι καὶ ἔπαινοι καὶ ἐγκώμια παλαιῶν ἀνδρῶν ἀγαθῶν,

esses “bons” são dignos de espanto<sup>163</sup>.

Já demonstramos que consideram-na ensinável, tanto na vida particular quanto na pública, mas, [mesmo] sendo ensinável e cultivável, enquanto que ensinam aos filhos a respeito das outras questões, sobre as quais, se não souberem, não há pena de morte, de modo diferente, sobre o que há pena de morte e banimento aos filhos deles por não aprenderem nem zelarem pela virtude, somado à morte, a extorsão dos bens e, para dizer em uma palavra, a ruína dos parentes, então, sobre essas questões não ensinam nem cuidam com todo zelo? Dá para imaginar, Sócrates?

325 c

[Pelo contrário:] desde o começo, da mais tenra infância e, ao longo do que viverem, tanto lhes ensinam quanto lhes advertem. Assim que [a criança começa] compreender o que [lhe] falam, tanto a nutriz, quanto a mãe, o preceptor e o próprio pai, pelem em torno dessas questões a fim de que a criança seja melhor, ensinando e descrevendo, em cada palavra e ação, o que é justo, de um lado, e o que é injusto, de outro, o que isto tem de belo, e aquilo tem de feio, o que isto tem de pio, e aquilo de ímpio, [o porquê de] fazer essas coisas mas não fazer aquelas.

325 d

Se prontamente obedecer, ótimo, senão, como se faz com um galho dobrado e retorcido<sup>164</sup>, a corrigem<sup>165</sup> com broncas e palmadas. Depois disso, as crianças são encaminhadas aos professores, [e os pais] ordenam [que eles] cuidem muito mais dos bons modos delas do que das lições e da citaródia, e os professores deles zelam por isso de tal modo que quando [elas] estão aprendendo as letras e estão prestes a escrever, [em um processo] semelhante [a aquisição] da fala, colocam-nas em cima das bancadas para que, forçosamente, conheçam e aprendam as poesias dos bons poetas que abarcam, de um lado, muitas advertências e, de outro, muitos esclarecimentos, louvores e encômios dos bons

325 e

326 a

---

<sup>163</sup> Em favor da tese de que Sócrates e Protágoras equiparam-se em vários aspectos no presente diálogo, cf. Introdução “Conteúdo Filosófico” p. 42, notamos que Protágoras, assim como Sócrates, também apresenta pitadas de ironia.

<sup>164</sup> É como se Protágoras estivesse respondendo ao nosso ditado popular: “pau que nasce torto (...) pode ser endireitado”.

<sup>165</sup> Traduzo como “corrigem” o verbo εὐθύνουσιν (εὐθύνω), o mesmo verbo que aparecerá em 326 e 2 e que ilustrará a ação legislativa da *pólis* sobre os cidadãos.

ἵνα ὁ παῖς ζηλῶν μιμῆται καὶ ὀρέγηται τοιοῦτος γενέσθαι. οἳ τ' αὖ καθαρισταί, ἕτερα  
τοιαῦτα, σωφροσύνης [326.a.5] τε ἐπιμελοῦνται καὶ ὅπως ἂν οἱ νέοι μηδὲν κακουργῶσιν·  
πρὸς δὲ τούτοις, ἐπειδὴν καθαρίζειν μάθωσιν, ἄλλων αὖ ποιητῶν ἀγαθῶν ποιήματα  
διδάσκουσι μελοποιῶν, εἰς τὰ [326.b.1] καθαρίσματα ἐντείνοντες, καὶ τοὺς ῥυθμούς τε καὶ  
τὰς ἀρμονίας ἀναγκάζουσιν οἰκειοῦσθαι ταῖς ψυχαῖς τῶν παιδῶν, ἵνα ἡμερώτεροί τε ᾧσιν,  
καὶ εὐρυθμότεροι καὶ εὐαρμοστότεροι γινόμενοι χρήσιμοι ᾧσιν εἰς τὸ λέγειν τε καὶ  
πράττειν· [326.b.5] πᾶς γὰρ ὁ βίος τοῦ ἀνθρώπου εὐρυθμίας τε καὶ εὐαρμοστίας δεῖται. ἔτι  
τοίνυν πρὸς τούτοις εἰς παιδοτρίβου πέμπουσιν, ἵνα τὰ σώματα βελτίω ἔχοντες ὑπηρετῶσι  
τῇ διανοίᾳ χρηστῇ [326.c.1] οὔσῃ, καὶ μὴ ἀναγκάζονται ἀποδειλιᾶν διὰ τὴν πονηρίαν τῶν  
σωμάτων καὶ ἐν τοῖς πολέμοις καὶ ἐν ταῖς ἄλλαις πράξεσιν. καὶ ταῦτα ποιοῦσιν οἱ μάλιστα  
δυνάμενοι <μάλιστα> · μάλιστα δὲ δύνανται οἱ πλουσιώτατοι – καὶ οἱ [326.c.5] τούτων  
ὑεῖς, πρῶταίετα εἰς διδασκάλων τῆς ἡλικίας ἀρξάμενοι φοιτᾶν, ὀψιμαίετα ἀπαλλάττονται.  
ἐπειδὴν δὲ ἐκ διδασκάλων ἀπαλλαγῶσιν, ἡ πόλις αὖ τούτους τε νόμους ἀναγκάζει μανθάνειν  
καὶ κατὰ τούτους ζῆν κατὰ παράδειγμα, [326.d.1] ἵνα μὴ αὐτοὶ ἐφ' αὐτῶν εἰκῆ πράττωσιν,  
ἀλλ' ἀτεχνῶς ὥσπερ οἱ γραμματισταὶ τοῖς μήπω δεινοῖς γράφειν τῶν παιδῶν ὑπογράψαντες  
γραμμὰς τῇ γραφίδι οὕτω τὸ γραμματεῖον διδῶσιν καὶ ἀναγκάζουσι γράφειν κατὰ τὴν  
ὑφήγησιν [326.d.5] τῶν γραμμῶν, ὡς δὲ καὶ ἡ πόλις νόμους ὑπογράψασα, ἀγαθῶν καὶ  
παλαιῶν νομοθετῶν εὐρήματα, κατὰ τούτους ἀναγκάζει καὶ ἄρχειν καὶ ἄρχεσθαι, ὅς δ' ἂν  
ἐκτὸς βαίνει τούτων, κολάζει· καὶ ὄνομα τῇ κολάσει ταύτη καὶ παρ' ὑμῖν [326.e.1] καὶ  
ἄλλοθι πολλαχοῦ, ὡς εὐθυνούσης τῆς δίκης, εὐθῆναι. τοσαύτης οὖν τῆς ἐπιμελείας οὔσης  
περὶ ἀρετῆς ἰδίᾳ καὶ δημοσίᾳ, θαυμάζεις, ᾧ Σώκρατες, καὶ ἀπορεῖς εἰ διδακτόν ἐστιν ἀρετή;

homens do passado, a fim de que a criança, invejando-os, os imite e tenda a se tornar como eles.

E assim também os citaristas, [além da sua própria arte], zelam [também] pela temperança e [pelos bons modos, para os] jovens não agirem mal. Pois, quando ensinam-os a tocar cítara, mais uma vez ensinam poemas de diversos bons poetas líricos, vertendo-os à citaródia, e fazem com que, forçosamente, os ritmos e as harmonias incorporem às almas das crianças, para que sejam mais singelas, eurrítmicas e harmoniosas, tornando-se profícuas no falar e no agir.

326 b

Afinal, por toda a vida humana, a eurrítmia e a harmonia são necessárias. Então, em seguida, encaminham-as ao pedótriba, a fim de que, tendo melhores corpos, estes sejam mais úteis à mente, e que elas não sejam forçadas a recuar, nas guerras e nas outras ações práticas, por causa da fraqueza dos corpos.

326 c

E, na verdade, fazem tais coisas os que têm mais possibilidades, ou seja, os mais ricos. Enquanto os filhos destes começam a frequentar os professores com a mais precoce idade, também são os que mais tardiamente os deixam. E, tão logo deixam os professores, a *pólis*, por sua vez, impele-os aprenderem as leis e viverem de acordo com seus paradigmas, para que eles não ajam, por si mesmos, ao acaso. Mas, como os alfabetizadores que subscrevem traços com goiva às crianças que ainda não são *experts* em grafar por falta de técnica, e entregam um molde para, assim, forçá-las a grafar conforme a indicação dos traços, assim também o faz a *pólis*, subscrevendo leis, contribuição dos bons e antigos legisladores<sup>166</sup>, que impele, de acordo com esses, tanto a gerir quanto a ser gerido. Então, castiga aquele que anda fora delas, e o nome desse castigo, tanto entre vocês<sup>167</sup> quanto em vários outros lugares, é o “corrigir”, e os indivíduos ficam “corretos” por ação da justiça.

326 d

326 e

Então, sendo tamanho o zelo em torno da virtude, tanto na vida pública quanto na privada, você admira-se, Sócrates, e fica perplexo se a virtude é ensinável? Mas não é

---

<sup>166</sup> Conforme já mencionado, Protágoras também foi um legislador.

<sup>167</sup> “Vocês”: os atenienses.

ἀλλ' οὐ χρή θαυμάζειν, ἀλλὰ πολὺ μᾶλλον [326.e.5] εἰ μὴ διδακτόν. Διὰ τί οὖν τῶν ἀγαθῶν πατέρων πολλοὶ ὑεῖς φαῦλοι γίνονται; τοῦτο αὖ μάθε· οὐδὲν γὰρ θαυμαστόν, εἴπερ ἀληθῆ ἐγὼ ἐν τοῖς ἔμπροσθεν ἔλεγον, ὅτι τούτου τοῦ πράγματος, [327.a.1] τῆς ἀρετῆς, εἰ μέλλει πόλις εἶναι, οὐδένα δεῖ ιδιωτεύειν. εἰ γὰρ δὴ ὁ λέγω οὕτως ἔχει – ἔχει δὲ μάλιστα πάντων οὕτως – ἐνθυμήθητι ἄλλο τῶν ἐπιτηδευμάτων ὅτιοῦν καὶ μαθημάτων προελόμενος. εἰ μὴ οἷόν τ' ἦν πόλιν εἶναι [327.a.5] εἰ μὴ πάντες ἀύληται ἤμεν ὁποῖός τις ἐδύνατο ἕκαστος, καὶ τοῦτο καὶ ἰδίᾳ καὶ δημοσίᾳ πᾶς πάντα καὶ ἐδίδασκε καὶ ἐπέπληττε τὸν μὴ καλῶς ἀλοῦντα, καὶ μὴ ἐφθόνηι τούτου, ὥσπερ νῦν τῶν δικαίων καὶ τῶν νομίμων οὐδεὶς φθονεῖ οὐδ' [327.b.1] ἀποκρύπτεται ὥσπερ τῶν ἄλλων τεχνημάτων – λυσιτελεῖ γὰρ οἶμαι ἡμῖν ἢ ἀλλήλων δικαιοσύνη καὶ ἀρετή· διὰ ταῦτα πᾶς παντὶ προθύμως λέγει καὶ διδάσκει καὶ τὰ δίκαια καὶ τὰ νόμιμα – εἰ οὖν οὕτω καὶ ἐν ἀυλήσει πᾶσαν προθυμίαν [327.b.5] καὶ ἀφθονίαν εἶχομεν ἀλλήλους διδάσκειν, οἶει ἂν τι, ἔφη, μᾶλλον, ὃ Σώκρατες, τῶν ἀγαθῶν ἀύλητῶν ἀγαθοὺς ἀύλητὰς τοὺς ὑεῖς γίγνεσθαι ἢ τῶν φαύλων; οἶμαι μὲν οὐ, ἀλλὰ ὅτου ἔτυχεν ὁ υἱὸς εὐφρέστατος γενόμενος εἰς ἀύλησιν, οὗτος [327.c.1] ἂν ἐλλόγιμος ηὔξῃθη, ὅτου δὲ ἀφυῆς, ἀκλεῆς· καὶ πολλάκις μὲν ἀγαθοῦ ἀύλητοῦ φαῦλος ἂν ἀπέβη, πολλάκις δ' ἂν φαύλου ἀγαθός· ἀλλ' οὖν ἀύληταί γ' ἂν πάντες ἦσαν ἱκανοὶ ὡς πρὸς τοὺς

necessário, ao contrário, [você deveria] admirar, e muito mais, se ela não fosse ensinável.

Por que, então, muitos filhos de pais bons se tornam desprezíveis? A respeito disso, considere o seguinte: não há nada de excepcional se, de fato, eu falava verdade nos assuntos anteriores, a respeito daquela questão sobre a virtude, para *pólis* poder existir, [há assuntos] que ninguém [pode deixar de partilhar]<sup>168</sup>. Pois, se o que digo é assim, absolutamente assim para todos [sem exceção], reflita sobre qualquer uma das outras ocupações ou matérias que preferir.

327 a

Como se não fosse possível, por exemplo, a *pólis* existir se não fôssemos todos flautistas. E, de acordo com as possibilidades de cada um, nesse quesito, tanto na vida pública quanto na privada, todo mundo ensinasse a todos e reprimisse o mal tocador de flauta, e não se omitisse nisso, como [já ocorre] agora: ninguém se omite nem se esquivava de [participar do] que é relativo à justiça, às leis, e às outras artes [relacionadas com elas] - pois considero que a justiça e a virtude fazem com que nos beneficiemos reciprocamente, por meio delas, com toda boa vontade, todos falam e ensinam o que é relativo à justiça e às leis.

327 b

Se fosse assim e, portanto, tivéssemos total boa vontade e altruísmo em ensinarmos uns aos outros tocar flauta”, disse ele, “você consideraria, Sócrates, mais razoável se tornarem bons flautistas os filhos dos bons flautistas do que os dos maus [flautistas]? Eu acho que não, e sim que o filho que teve a sorte de nascer com boa natureza para tocar flauta lograria elogios, enquanto que o mau nascido [lograria críticas e] ingloria. E pode acontecer frequentemente de descender um mau flautista de um bom, assim como, muitas vezes, um bom de um mau<sup>169</sup>. Mas o caso é que todos seriam flautistas competentes o

327 c

---

<sup>168</sup> Protágoras se refere a passagem ilustrada pelo mito em que Zeus afirma que as “não surgiriam *póleis* se poucos (homens) partilhassem (...) de pudor e justiça” (322d 1), porque se não fossem por elas os homens iriam se injustiçar reciprocamente, escravos dos próprios instintos individuais.

<sup>169</sup> Protágoras mostra que também acredita na “predisposição inata”, porém, diferente de Sócrates que vinculava esse traço somente a *ἀρετή*, argumentando que as demais *τέχναι* são ensináveis, Protágoras argumenta que tanto as *τέχναι* quanto a *ἀρετή* obedecem o mesmo paradigma: embora todas sejam passíveis de ensino, os que são dotados de predisposições naturais que favoreçam sua aquisição tendem a se destacar sejam filhos de pais excelentes ou de desprezíveis.

ιδιώτας και μηδὲν ἀλλήσεως ἐπαίοντας. οὕτως [327.c.5] οἴου και νῦν, ὅστις σοι ἀδικώτατος φαίνεται ἄνθρωπος τῶν ἐν νόμοις και ἀνθρώποις τεθραμμένων, δίκαιον αὐτὸν εἶναι και δημιουργὸν τούτου τοῦ πράγματος, εἰ δεοὶ αὐτὸν κρίνεσθαι [327.d.1] πρὸς ἀνθρώπους οἷς μήτε παιδεία ἐστὶν μήτε δικαστήρια μήτε νόμοι μηδὲ ἀνάγκη μηδεμία διὰ παντὸς ἀναγκάζουσα ἀρετῆς ἐπιμελεῖσθαι, ἀλλ' εἶεν ἄγριοί τινες οἷοίπερ οὓς πέρυσιν Φερεκράτης ὁ ποιητῆς ἐδίδαξεν ἐπὶ Ληναίῳ. ἦ σφόδρα ἐν [327.d.5] τοῖς τοιούτοις ἀνθρώποις γενόμενος, ὥσπερ οἱ ἐν ἐκείνῳ τῷ χορῷ μισάνθρωποι, ἀγαπήσαις ἂν εἰ ἐντύχοις Εὐρυβάτῳ και Φρυνώνδῃ, και ἀνολοφύραι' ἂν ποθῶν τὴν τῶν ἐνθάδε ἀνθρώπων [327.e.1] πονηρίαν. νῦν δὲ τρυφᾷς, ὃ Σώκρατες, διότι πάντες διδάσκαλοί εἰσιν ἀρετῆς καθ' ὅσον δύνανται ἕκαστος, και οὐδεὶς σοι φαίνεται· εἶθ', ὥσπερ ἂν εἰ ζητοῖς τίς διδάσκαλος

bastante quando comparados aos outros indivíduos que nada compreendem de flauta.

[Considere] agora, nessas mesmas condições, aquele que te parece o mais injusto dos homens, [educado] e mantido sob as leis desses mesmos homens. Nesse quesito, ele pode ser considerado justo e versado se compará-lo aos homens que não têm uma educação que se preze<sup>170</sup>, nem tribunais, nem leis, nem obrigação nenhuma que os forcem zelar totalmente pela virtude [e que, por isso], tratam-se de rústicos assim como aqueles que, no ano passado, o poeta Ferécrates<sup>171</sup> apresentou nas Lenéias<sup>172</sup>.

327 d

Ao deparar-se com tais homens, misantropos, como naquele coro, certamente você adoraria ter a sorte de topar Eurítrato<sup>173</sup> e Frinondas<sup>174</sup> e iria lastimar-se e sentir falta da pobreza dos homens daqui.

Mas agora, Sócrates, você fica aí todo afetado porque todos, de acordo com as possibilidades de cada um, são professores da virtude e, para você, é como se ninguém [tivesse esta capacidade].

327 e

Desse mesmo jeito, se você procurar quem foi o [primeiro] professor [da língua]

---

<sup>170</sup> “Uma educação que se preze” é como traduzimos o que em grego aparece simplesmente como Παιδεία.

<sup>171</sup> Comediógrafo ateniense (Suida, Φ, 212), um dos melhores representantes da antiga comédia, contemporâneo de Cratinus, Crates, Eupolis, Platão e Aristófanes, Smith (1861, vol. III, p. 257).

<sup>172</sup> Cf. Introdução, “Conteúdo Histórico”, p.33.

<sup>173</sup> Um efésio que recebeu de Cresos uma grande quantia de dinheiro para providenciar mercenários contra Ciro. Eurítrato, por sua vez, entregou o plano a Ciro (e supostamente ficou com o dinheiro). Graças a esse comportamento vil ele ficou proverbialmente conhecido como o protótipo do mau caráter entre os gregos Smith (1861, vol. II, p. 108).

<sup>174</sup> Também mencionado por Aristófanes nas *Tesmoforiantes* (861), levando-nos a crer que tratava-se de um protótipo de mau caráter, assim como Eurítrato.

[328.a.1] τοῦ ἐλληνίζειν, οὐδ' ἂν εἶς φανεῖη, οὐδέ γ' ἂν οἶμαι εἰ ζητοῖς τίς ἂν ἡμῖν διδάξειεν τοὺς τῶν χειροτεχνῶν ὑεῖς αὐτὴν ταύτην τὴν τέχνην ἣν δὴ παρὰ τοῦ πατρὸς μεμαθήκασι, καθ' ὅσον οἶός τ' ἦν ὁ πατήρ καὶ οἱ τοῦ πατρὸς φίλοι [328.a.5] ὄντες ὁμότεχνοι, τούτους ἔτι τίς ἂν διδάξειεν, οὐ ῥάδιον οἶμαι εἶναι, ὃ Σώκρατες, τούτων διδάσκαλον φανῆναι, τῶν δὲ ἀπείρων παντάπασι ῥάδιον, οὕτω δὲ ἀρετῆς καὶ τῶν ἄλλων πάντων· ἀλλὰ κἂν εἰ ὀλίγον ἔστιν τις ὅστις διαφέρει [328.b.1] ἡμῶν προβιάσαι εἰς ἀρετὴν, ἀγαπητόν. ὣν δὴ ἐγὼ οἶμαι εἶς εἶναι, καὶ διαφερόντως ἂν τῶν ἄλλων ἀνθρώπων ὄνησαί τινα πρὸς τὸ καλὸν καὶ ἀγαθὸν γενέσθαι, καὶ ἀξίως τοῦ μισθοῦ ὃν πράττομαι καὶ ἔτι πλείονος, ὥστε καὶ αὐτῷ δοκεῖν [328.b.5] τῷ μαθόντι. διὰ ταῦτα καὶ τὸν τρόπον τῆς πράξεως τοῦ μισθοῦ τοιοῦτον πεποιήμαι· ἐπειδὴν γάρ τις παρ' ἐμοῦ μάθη, ἐὰν μὲν βούληται, ἀποδέδωκεν ὃ ἐγὼ πράττομαι ἀργύριον· [328.c.1] ἐὰν δὲ μὴ, ἐλθὼν εἰς ἱερόν, ὁμόσας ὅσου ἂν φῆ ἀξία εἶναι τὰ μαθήματα, τοσοῦτον κατέθηκε. Τοιοῦτόν σοι, ἔφη, ὃ Σώκρατες, ἐγὼ καὶ μῦθον καὶ λόγον εἶρηκα, ὡς διδακτὸν ἀρετῆ καὶ Ἀθηναῖοι οὕτως ἡγοῦνται, [328.c.5] καὶ ὅτι οὐδὲν θαυμαστὸν τῶν ἀγαθῶν πατέρων φαύλους ὑεῖς γίνεσθαι καὶ τῶν φαύλων ἀγαθούς, ἐπεὶ καὶ οἱ Πολυκλείτου ὑεῖς, Παράλου καὶ Ξανθίππου τοῦδε ἡλικιῶται, οὐδὲν πρὸς τὸν πατέρα εἰσίν, καὶ ἄλλοι ἄλλων δημιουργῶν. τῶνδε δὲ [328.d.1] οὕπω ἀξίον τοῦτο κατηγορεῖν· ἔτι γὰρ ἐν αὐτοῖς εἰσιν ἐλπίδες· νέοι γάρ.

helênica, imagino que não aparecerá nenhum, nem se você procurar quem teria ensinado aquela arte que os filhos dos nossos artesãos aprenderam dos seus pai, afinal, trata-se da mesma arte que o pai deles aprenderam com os amigos e, por fim, quem teria ensinado a esses, suponho não ser simples, Sócrates, aparecer o professor deles. Não é o que ocorre em relação aos ignorantes: trata-se de algo totalmente simples [identificar a origem de suas informações], o mesmo ocorre em relação à virtude e todas as outras questões.

328 a

Não obstante, se há alguém que nos leve a avançar, mesmo que minimamente, rumo à virtude, [eis aí um ente] benquisto. E me considero justamente ser um desses, me sobressaindo em relação aos outros homens no ato de favorecer, quem quer que seja, a se tornar nobre-elevado<sup>175</sup>, e com um detalhe [importante]: digno do salário que estipulo conforme o critério do próprio estudante. Estipulei a cobrança do salário da seguinte maneira: quando alguém aprende algo comigo, se quiser, paga o valor que eu estipulei, caso contrário, vai para o templo e jura o quanto declara ser o valor dos ensinamentos, eis o quanto deposita.

328 b

328 c

Aí está, Sócrates”, disse ele, “te disse tanto em mito como em discurso argumentativo<sup>176</sup>, como os atenienses julgam [ser] ensinável a virtude<sup>177</sup>, e que não há nada de excepcional em nascer filhos maus de pais bons, nem bons dos maus. Uma vez que os filhos de Policleto, que têm a mesma idade que Páralo e que este Xantipo, não são nada quando são comparados ao pai, [fato recorrente em relação aos filhos] de outros especialistas. Mas, esses ainda não são merecedores desta crítica, ainda lhes restam esperanças, afinal, são jovens”.

328 d

---

<sup>175</sup> O personagem Protágoras explicita uma das mais impactantes e ousadas propostas dos sofistas: oferecer a possibilidade de ascensão social a “qualquer um” mas, como ele já evidenciou antes (em 327 b), somente obterá êxito no aprendizado o indivíduo “favorecido pela natureza”, ou seja, dotado de pré-disposição para se tornar um “καλὸς τε καὶ ἀγαθός”.

<sup>176</sup> Λόγος; terceira ocorrência da dicotomia “mitos” X “logos”.

<sup>177</sup> A forte influência da “cultura oral” no século V a.C., período retratado pelos diálogos de Platão, faz com que encontremos afirmações como a do personagem Protágoras, que diz o que “pensam os atenienses”, como se sua opinião pessoal ou não tivesse relevância ou não se caracterizaria de maneira individual. Acreditamos que é exatamente assim que Platão aparece em seus diálogos: elaborando artisticamente, e com inconfundível maestria, relatos das opiniões e doutrinas de seus predecessores e contemporâneos, eclipsando sua opinião pessoal ou, pelo menos, fazendo com que sua opinião aparecesse em meio a um oceano de opiniões construídas coletivamente.

Πρωταγόρας μὲν τοσαῦτα καὶ τοιαῦτα ἐπιδειξάμενος ἀπεπαύσατο τοῦ λόγου. καὶ ἐγὼ ἐπὶ μὲν πολὺν χρόνον κεκλημένος [328.d.5] ἔτι πρὸς αὐτὸν ἔβλεπον ὡς ἐροῦντά τι, ἐπιθυμῶν ἀκούειν· ἐπεὶ δὲ δὴ ἠσθόμην ὅτι τῷ ὄντι πεπαυμένος εἶη, μόγις πῶς ἐμαυτὸν ὡσπερὶ συναγείρας εἶπον, βλέψας πρὸς τὸν Ἴπποκράτη· ὦ παῖ Ἀπολλοδώρου, ὡς χάριν σοι ἔχω ὅτι πρῶτρεψάς με ὧδε ἀφικέσθαι· πολλοῦ γὰρ ποιοῦμαι [328.e.1] ἀκηκοέναι ἢ ἀκήκοα Πρωταγόρου. ἐγὼ γὰρ ἐν μὲν τῷ ἔμπροσθεν χρόνῳ ἠγούμην οὐκ εἶναι ἀνθρωπίνην ἐπιμέλειαν ἢ ἀγαθοὶ οἱ ἀγαθοὶ γίνονται· νῦν δὲ πέπεισμαι. πλὴν σμικρὸν τί μοι ἐμποδῶν, ὃ δῆλον ὅτι Πρωταγόρας ῥαδίως [328.e.5] ἐπεκδιδάξει, ἐπειδὴ καὶ τὰ πολλὰ ταῦτα ἐξεδίδαξεν. καὶ γὰρ εἰ μὲν τις περὶ αὐτῶν τούτων συγγένοιτο ὄψοῦν τῶν [329.a.1] δημηγόρων, τάχ' ἂν καὶ τοιούτους λόγους ἀκούσειεν ἢ Περικλέους ἢ ἄλλου τινὸς τῶν ἱκανῶν εἰπεῖν· εἰ δὲ ἐπανέροιτό τινά τι, ὡσπερ βιβλία οὐδὲν ἔχουσιν οὔτε ἀποκρίνασθαι οὔτε αὐτοὶ ἐρέσθαι, ἀλλ' ἐάν τις καὶ σμικρὸν ἐπερωτήσῃ τι τῶν [329.a.5] ῥηθέντων, ὡσπερ τὰ χαλκία πληγέντα μακρὸν ἤχει καὶ ἀποτείνει ἐὰν μὴ ἐπιλάβηταί τις, καὶ οἱ ῥήτορες οὕτω, σμικρὰ [329.b.1] ἐρωτηθέντες δόλιχον κατατείνουσι τοῦ λόγου. Πρωταγόρας δὲ ὅδε ἱκανὸς μὲν μακροὺς λόγους καὶ καλοὺς εἰπεῖν, ὡς αὐτὰ δηλοῖ, ἱκανὸς δὲ καὶ ἐρωτηθεὶς ἀποκρίνασθαι κατὰ βραχὺ καὶ ἐρόμενος περιμεῖναι τε καὶ ἀποδέξασθαι τὴν [329.b.5] ἀπόκρισιν,

Tendo discursado assim, de tal modo<sup>178</sup>, Protágoras interrompeu a fala. E eu, embevecido, ansiando escutar mais, durante muito tempo ainda olhava para ele, como se fosse falar algo. E quando, então, percebi que ele tinha acabado<sup>179</sup>, com certo pesar, meio que me restabeleci e falei olhando para Hipócrates:

— “Filho de Apolodoro, quanta gratidão tenho por você que me estimulou a vir aqui, afinal estimo, e muito, ter escutado o que escutei de Protágoras.

328 e

Pois, enquanto antes julgava não ser pela dedicação humana que os bons se tornam bons, agora, porém, me convenci. Exceto por um pequeno entrave, o qual certamente Protágoras facilmente me explicaria, uma vez que muitas dessas questões já explicou.

Com efeito, se alguém conversa com um desses demagogos sobre essas questões, provavelmente escuta discursos desse tipo, seja de Péricles, seja desses [que vivem] a tagarelar. Mas, se alguém pergunta sobre alguma coisa diferente [do que já falaram], eles não têm nada para responder nem questionar, assim como os livros.

329 a

Mas, se alguém questiona sobre qualquer detalhe do que já falaram, são como escudos de bronze que, uma vez golpeados, ecoam e perduram longamente se ninguém segurar, como os rétores que, quando brevemente questionados, também se alongam bastante na fala.

329 b

Já Protágoras, aqui, se auto-distinguiu eficiente em dizer longos e belos discursos, e também é eficiente em responder brevemente quando questionado. Além disso, [quando ele mesmo que está] questionando, [ele sabe] aguardar e acatar a resposta, disposição própria

---

<sup>178</sup> Ou seja, longamente e com versatilidade, afinal, foram 40 parágrafos proferidos, ininterruptamente, inicialmente com um mito, como um rapsodo e, em seguida, com um discurso argumentativo ao modo de Sócrates.

<sup>179</sup> A fala do personagem Sócrates dá a entender que, para ele, o discurso de Protágoras não fora totalmente claro e elucidador, afinal, ele sequer tinha se dado conta que o discurso de Protágoras tinha chegado a uma conclusão.

ἃ ὀλίγοις ἐστὶ παρεσκευασμένα. νῦν οὖν, ὃ Πρωταγόρα, σμικροῦ τινος ἐνδεής εἰμι πάντ' ἔχειν, εἴ μοι ἀποκρίναιο τόδε. τὴν ἀρετὴν φῆς διδακτὸν εἶναι, καὶ ἐγὼ εἶπερ ἄλλω τῷ ἀνθρώπῳ πειθοίμην ἄν, καὶ σοὶ πείθομαι· [329.c.1] ὁ δ' ἐθαύμασά σου λέγοντος, τοῦτό μοι ἐν τῇ ψυχῇ ἀποπλήρωσον. ἔλεγες γὰρ ὅτι ὁ Ζεὺς τὴν δικαιοσύνην καὶ τὴν αἰδῶ πέμψει τοῖς ἀνθρώποις, καὶ αὐτὴν πολλαχοῦ ἐν τοῖς λόγοις ἐλέγετο ὑπὸ σοῦ ἢ δικαιοσύνη καὶ σωφροσύνη [329.c.5] καὶ ὁσιότης καὶ πάντα ταῦτα ὡς ἐν τι εἴῃ συλλήβδην, ἀρετή· ταῦτ' οὖν αὐτὰ διέλθέ μοι ἀκριβῶς τῷ λόγῳ, πότερον ἐν μὲν τί ἐστὶν ἡ ἀρετή, μόρια δὲ αὐτῆς ἐστὶν ἢ δικαιοσύνη καὶ σωφροσύνη καὶ ὁσιότης, ἢ ταῦτ' ἐστὶν ἅ νυνδὴ ἐγὼ [329.d.1] ἔλεγον πάντα ὀνόματα τοῦ αὐτοῦ ἐνὸς ὄντος. τοῦτ' ἐστὶν ὃ ἔτι ἐπιποθῶ. Ἀλλὰ ῥάδιον τοῦτό γ', ἔφη, ὃ Σώκρατες, ἀποκρίνασθαι, ὅτι ἐνὸς ὄντος τῆς ἀρετῆς μόριά ἐστὶν ἢ ἐρωτᾷς. – Πότερον, [329.d.5] ἔφην, ὡς περ προσώπου τὰ μόρια μόρια ἐστὶν, στόμα τε καὶ ῥίς καὶ ὀφθαλμοὶ καὶ ὄτα, ἢ ὡς περ τὰ τοῦ χρυσοῦ μόρια οὐδὲν διαφέρει τὰ ἕτερα τῶν ἐτέρων, ἀλλήλων καὶ τοῦ ὅλου, ἀλλ' ἢ μεγέθει καὶ σμικρότητι; – Ἐκείνως μοι φαίνεται, ὃ [329.e.1] Σώκρατες, ὡς περ τὰ τοῦ προσώπου μόρια ἔχει πρὸς τὸ ὅλον πρόσωπον. – Πότερον οὖν, ἢν δ' ἐγὼ, καὶ μεταλαμβάνουσιν οἱ ἄνθρωποι τούτων τῶν τῆς ἀρετῆς μορίων οἱ μὲν ἄλλο, οἱ δὲ ἄλλο, ἢ ἀνάγκη, ἐάνπερ τις ἐν λάβῃ, ἅπαντα ἔχειν; – [329.e.5] Οὐδαμῶς, ἔφη, ἐπεὶ πολλοὶ ἀνδρεῖοί εἰσιν, ἄδικοι δέ, καὶ δίκαιοι αὐτῶν,

de poucos<sup>180</sup>. Então agora, Protágoras, falta pouco para eu ficar completamente [satisfeito], basta responder o seguinte.

Você declara que a virtude é ensinável – e, [na possibilidade de alguém] me convencer, dentre [todos] homens, você, de fato, me convenceu – porém, satisfaça minha alma com aquilo que me deixou perplexo no curso de sua fala. Pois você falava que Zeus concedeu a justiça e o pudor<sup>181</sup> aos homens, não obstante, em vários momentos dos [seus dois] discursos você falava sobre a justiça, a temperança, a piedade e todas elas como se, conjuntamente, a virtude tivesse alguma unidade<sup>182</sup>.

329 c

Então, com um discurso argumentativo<sup>183</sup>, discorra a mim precisamente o seguinte: acaso a virtude se compõe de uma unidade, cujas partes dela seriam a justiça, a temperança, a piedade ou, na verdade, todos estes nomes que eu me referia até agora são [sinônimos] dela mesma, que seriam uma só coisa? Isso é o que ainda anseio [saber]”.

329 d

\_\_ “Mas isso é fácil responder, Sócrates”, disse ele, “essas sobre as quais você questiona são partes da virtude que é única”.

\_\_ “Acaso”, disse eu, “são como partes de partes do rosto, boca, nariz, olhos e orelhas, ou como as partes do ouro que nada diferem entre si umas das outras, e do todo, a não ser [em relação à quantidade, que pode ser] grande ou pequena?”

\_\_ “Me parece, Sócrates, como as partes do rosto são [em relação a] todo o rosto”.

\_\_ “Acaso”, eu disse, “os homens também recebem [apenas] uma ou outra dessas partes da virtude, ou é necessário, ao receber uma, ter todas elas?”

329 e

\_\_ “De jeito nenhum”, disse ele, “afinal, muitos são corajosos, mas injustos, ou justos,

---

<sup>180</sup> Protágoras quebraria, segundo a fala do próprio personagem Sócrates, o paradigma de que os sofistas se caracterizam pelos longos discursos retóricos e o filósofo pelo discurso dialético. Embora pouco depois (de 334c 8 até 336b 3) Sócrates contradiga essa fala e afirma o contrário, ou seja, que Protágoras está inclinado a longos discursos.

<sup>181</sup> Cf. 322d 1 .

<sup>182</sup> Cf. 325a 1.

<sup>183</sup> “Discurso argumentativo” (λόγος); mais uma alusão ao paralelo “mito” e “logos” já referido por Protágoras, Sócrates enfatiza que agora espera de Protágoras não um “mito”, e sim um “logos”.

σοφοὶ δὲ οὐ. – Ἔστιν γὰρ οὖν καὶ ταῦτα μόρια [330.a.1] τῆς ἀρετῆς, ἔφην ἐγώ, σοφία τε καὶ ἀνδρεία; – Πάντων μάλιστα δήπου, ἔφη· καὶ μέγιστόν γε ἡ σοφία τῶν μορίων. – Ἐκαστον δὲ αὐτῶν ἐστίν, ἦν δ' ἐγώ, ἄλλο, τὸ δὲ ἄλλο; – Ναί. – Ἡ καὶ δύναμιν αὐτῶν ἕκαστον ἰδίαν ἔχει; ὥσπερ τὰ [330.a.5] τοῦ προσώπου, οὐκ ἔστιν ὀφθαλμὸς οἷον τὰ ὄτα, οὐδ' ἡ δύναμις αὐτοῦ ἢ αὐτῆ· οὐδὲ τῶν ἄλλων οὐδέν ἐστιν οἷον τὸ ἕτερον οὔτε κατὰ τὴν δύναμιν οὔτε κατὰ τὰ ἄλλα· ἄρ' οὖν οὕτω καὶ τὰ τῆς ἀρετῆς μόρια οὐκ ἔστιν τὸ ἕτερον οἷον τὸ [330.b.1] ἕτερον, οὔτε αὐτὸ οὔτε ἡ δύναμις αὐτοῦ; ἢ δήλα δὴ ὅτι οὕτως ἔχει, εἶπερ τῷ παραδείγματί γε ἔοικε; – Ἄλλ' οὕτως, ἔφη, ἔχει, ὃ Σώκρατες. – Καὶ ἐγὼ εἶπον· Οὐδὲν ἄρα ἐστίν τῶν τῆς ἀρετῆς μορίων ἄλλο οἷον ἐπιστήμη, οὐδ' οἷον [330.b.5] δικαιοσύνη, οὐδ' οἷον ἀνδρεία, οὐδ' οἷον σωφροσύνη, οὐδ' οἷον ὀσιότης. – Οὐκ ἔφη. – Φέρε δή, ἔφην ἐγώ, κοινῇ σκεψώμεθα ποῖόν τι αὐτῶν ἐστίν ἕκαστον. πρῶτον μὲν τὸ τοιόνδε· [330.c.1] ἢ δικαιοσύνη πράγμα τί ἐστίν ἢ οὐδὲν πράγμα; ἐμοὶ μὲν γὰρ δοκεῖ· τί δὲ σοί; – Κάμοι, ἔφη. – Τί οὖν; εἴ τις ἔροιτο ἐμέ τε καὶ σέ·

porém, não sábios”.

\_\_ “Então”, eu disse, “também são partes da virtude a sabedoria e a coragem?”

330 a

\_\_ “Certamente!”, disse ele, “e, de fato, a sabedoria é a mais importante de todas as partes”.

\_\_ “Então cada uma delas é diferente uma da outra?”, Disse eu.

\_\_ “Sim”.

\_\_ “E, a rigor, a propriedade de cada uma delas tem peculiaridades, como as [partes] do rosto? Afinal, os olhos não são iguais aos ouvidos, nem a propriedade deles é a mesma. Nem das outras partes, nenhuma delas é igual à outra, nem quanto a propriedade nem quanto as outras coisas. Acaso, então, é assim também as partes da virtude, nenhuma delas é igual à outra, nem em si mesmas, nem no tocante às propriedades delas? Se, de fato, é análoga ao paradigma [do rosto], é claro que tem que ser assim, certo?”

330 b

\_\_ “Assim mesmo, Sócrates.” Disse ele.

E eu disse:

\_\_ “Então nenhuma outra dentre as partes da virtude é igual a ciência<sup>184</sup>, nem igual à justiça, nem igual à coragem, nem igual à temperança, nem igual à piedade?”

\_\_ “Não”, disse ele.

\_\_ “Que seja”, eu disse, “examinemos juntos o que é próprio de cada uma delas. Primeiro assim: a justiça é alguma coisa ou coisa nenhuma? A mim parece algo, e a você?”

330 c

\_\_ “A mim também”, disse ele.

\_\_ “Mas, o quê? Se alguém nos questionasse:

---

<sup>184</sup> Podemos perceber como o termo “ciência” (ἐπιστήμη) aparece aqui como sinônimo de sabedoria (σοφία). Não obstante, como defende Brisson (2010, p. 36), o termo terá em Platão um sentido particularmente específico: “a percepção que a alma tem da realidade” e “único conhecimento verdadeiro”, tal significação será fruto de uma evolução no interior dos Diálogos. Tido como um dos primeiros diálogos de Platão, o *Protágoras* evidencia que os usos ἐπιστήμη ainda não conotam um sentido particular além de “ciência”, “sabedoria” e “conhecimento”. As ocorrências do termo no diálogo são as seguintes: 330 b5, 345 b5, 351 a2, 352 b2, 352 b4, 352 b7, 352 c1, 352 c3, 352 c6, 352 d2, 356 e9, 357 b4, 357 b5, 357 b6, 357 c3, 357 d3, 357 d6, 357 e1, 361 b1, 361 b3, 361 b5 e 361 c1.

Ἦ Πρωταγόρα τε καὶ Σώκρατες, εἶπετον δὴ μοι, τοῦτο τὸ πρᾶγμα ὃ ὠνομάσατε ἄρτι, ἢ

δικαιοσύνη, αὐτὸ [330.c.5] τοῦτο δίκαιόν ἐστιν ἢ ἄδικον; ἐγὼ μὲν ἂν αὐτῷ ἀποκριναίμην

ὅτι δίκαιον· σὺ δὲ τίς ἂν ψῆφον θεῖο; τὴν αὐτὴν ἐμοὶ ἢ ἄλλην; – Τὴν αὐτὴν, ἔφη. –

Ἦ ἔστιν ἄρα τοιοῦτον ἢ δικαιοσύνη οἷον δίκαιον εἶναι, φαίην ἂν ἐγωγε ἀποκρινόμενος τῷ

[330.d.1] ἐρωτῶντι· οὐκοῦν καὶ σύ; – Ναί, ἔφη. – Εἰ οὖν μετὰ τοῦτο ἡμᾶς ἔροιτο· Οὐκοῦν

καὶ ὀσιότητά τινά φατε εἶναι; φαῖμεν ἂν, ὡς ἐγῶμαι. – Ναί, ἦ δ' ὅς. – Οὐκοῦν φατε καὶ

τοῦτο πρᾶγμα τι εἶναι; φαῖμεν ἂν· ἢ οὐ; – Καὶ τοῦτο [330.d.5] συνέφη. – Πότερον δὲ

τοῦτο αὐτὸ τὸ πρᾶγμα φατε τοιοῦτον πεφυκέναι οἷον ἀνόσιον εἶναι ἢ οἷον ὄσιον;

ἀγανακτήσαιμι' ἂν ἐγωγ', ἔφην, τῷ ἐρωτήματι, καὶ εἶπομι' ἂν·

\_\_Protágoras e Sócrates, vocês dois<sup>185</sup>, me respondam o seguinte: essa coisa que vocês nomearam há pouco, a justiça, ela é, em si mesma, justa ou injusta?

Eu responderia a ele que é justa, e você, que voto daria? O mesmo que o meu ou outro?”.

\_\_ “O mesmo”, disse ele.

\_\_ “Nesse caso é assim, a justiça igual ao que é justo, eis o que eu, ao menos, diria em resposta aquele que perguntou, você também não [responderia assim]?”

330 d

\_\_ “Sim”, disse ele.

\_\_ “Se, então, depois disso nos questionasse:

\_\_Então não declaram existir também a piedade?

Declararíamos [que sim], conforme considero”...

\_\_ “Sim”, então ele.

\_\_ “Então não declaram que isso também é alguma coisa?

\_\_ Declararíamos ou não?”

E ele concordou com isso também.

\_\_ “Mas em que, afinal, vocês declaram que consiste a natureza dessa mesma coisa: em ser do tipo ímpio ou do tipo pio?

\_\_ Eu, pelo menos, me irritaria com este sujeito que está perguntando”, disse eu, “e responderia:

---

<sup>185</sup> Nem sempre é necessário marcar na tradução a desinência do dual, não obstante, no caso deste diálogo em que o personagem Sócrates distinguirá o que foi dito por ele do que foi dito por Protágoras e do que foi dito pelos dois, me parece importante traduzir o verbo “ἔπειτον” no dual por: “vocês dois, me respondam...”. Cf. 330 e 8.

Εὐφήμει, ὦ ἄνθρωπε· σχολῆ μεντᾶν τι ἄλλο ὅσιον εἶη, εἰ μὴ αὐτή [330.e.1] γε ἡ ὀσιότης ὅσιον ἔσται. τί δὲ σύ; οὐχ οὕτως ἂν ἀποκρίναιο; – Πάνυ μὲν οὖν, ἔφη. Εἰ οὖν μετὰ τοῦτο εἶποι ἐρωτῶν ἡμᾶς· Πῶς οὖν ὀλίγον πρότερον ἐλέγετε; ἄρ' οὐκ ὀρθῶς ὑμῶν κατήκουσα; ἐδόξατέ [330.e.5] μοι φάναι <τὰ> τῆς ἀρετῆς μόρια εἶναι οὕτως ἔχοντα πρὸς ἄλληλα, ὡς οὐκ εἶναι τὸ ἕτερον αὐτῶν οἷον τὸ ἕτερον· εἶποιμ' ἂν ἔγωγε ὅτι Τὰ μὲν ἄλλα ὀρθῶς ἤκουσας, ὅτι δὲ καὶ ἐμὲ οἶει εἰπεῖν τοῦτο, παρήκουσας· Πρωταγόρας γὰρ [331.a.1] ὅδε ταῦτα ἀπεκρίνατο, ἐγὼ δὲ ἠρώτων. εἰ οὖν εἶποι· Ἀληθῆ ὅδε λέγει, ὦ Πρωταγόρα; σὺ φῆς οὐκ εἶναι τὸ ἕτερον μόριον οἷον τὸ ἕτερον τῶν τῆς ἀρετῆς; σὸς οὗτος ὁ λόγος ἐστίν; τί ἂν αὐτῷ ἀποκρίναιο; – Ἀνάγκη, ἔφη, [331.a.5] ὦ Σώκρατες, ὁμολογεῖν. Τί οὖν, ὦ Πρωταγόρα, ἀποκρινόμεθα αὐτῷ, ταῦτα ὁμολογήσαντες, ἐὰν ἡμᾶς ἐπανεῖρηται·

\_\_Indivíduo, se não tem nada melhor para falar então se cale, afinal, dificilmente alguma outra coisa seria pia, se a própria piedade não fosse.

330 e

e você? Não responderia assim?”

\_\_ “Certamente.” Disse ele.

\_\_ “Se, então, depois disso, ele respondesse nos questionando:

\_\_Mas, o que é mesmo que vocês estavam falando há pouco? Será que eu não escutei vocês direito? Me pareceu que vocês afirmaram que as partes da virtude eram reciprocamente assim: nenhuma delas é uma igual à outra.

Mas eu, pelo menos, responderia que:

\_\_Se por um lado você escutou direito, [de fato eu e ele tratamos juntos] a respeito de outras questões, por outro, você escutou mal ao considerar que eu também respondi esta [última] questão. Pois foi esse Protágoras aí que a respondeu, eu só estava perguntando.

331 a

E, com isso, ele poderia dizer:

\_\_É verdade o que ele fala Protágoras? Você declara que nenhuma parte da virtude é como a outra? É essa mesma a sua fala?

O que você responderia a ele?”

\_\_ “Seria necessário concordar, Sócrates.” Disse ele.

\_\_ “O que, então, Protágoras, uma vez que concordamos com essas questões, responderíamos a ele se ainda nos perguntasse:

Οὐκ ἄρα ἐστὶν ὀσιότης οἷον δίκαιον εἶναι πρᾶγμα, οὐδὲ δικαιοσύνη οἷον ὄσιον ἀλλ' οἷον μὴ ὄσιον· ἢ δ' ὀσιότης οἷον μὴ δίκαιον, ἀλλ' ἄδικον [331.b.1] ἄρα, τὸ δὲ ἀνόσιον; τί αὐτῷ ἀποκρινούμεθα; ἐγὼ μὲν γὰρ αὐτὸς ὑπὲρ γε ἑμαυτοῦ φαίην ἂν καὶ τὴν δικαιοσύνην ὄσιον εἶναι καὶ τὴν ὀσιότητα δίκαιον· καὶ ὑπὲρ σοῦ δέ, εἴ με ἐφῶς, ταῦτα ἂν ταῦτα ἀποκρивоίμην, ὅτι ἦτοι ταῦτόν γ' ἐστὶν δικαιοσύνη [331.b.5] ὀσιότητι ἢ ὅτι ὁμοιότατον, καὶ μάλιστα πάντων ἢ τε δικαιοσύνη οἷον ὀσιότης καὶ ἢ ὀσιότης οἷον δικαιοσύνη. ἀλλ' ὄρα εἰ διακωλύεις ἀποκρίνεσθαι, ἢ καὶ σοὶ συνδοκεῖ οὕτως. — Οὐ πάνυ μοι δοκεῖ, ἔφη, ὃ Σώκρατες, οὕτως ἀπλοῦν [331.c.1] εἶναι, ὥστε συγχωρῆσαι τὴν τε δικαιοσύνην ὄσιον εἶναι καὶ τὴν ὀσιότητα δίκαιον, ἀλλὰ τί μοι δοκεῖ ἐν αὐτῷ διάφορον εἶναι. ἀλλὰ τί τοῦτο διαφέρει; ἔφη· εἰ γὰρ βούλει, ἔστω ἡμῖν καὶ δικαιοσύνη ὄσιον καὶ ὀσιότης δίκαιον. — Μή μοι, ἦν [331.c.5] δ' ἐγὼ· οὐδὲν γὰρ δέομαι τῷ βούλει τοῦτο κατεῖ σοι δοκεῖ ἐλέγχεσθαι, ἀλλ' ἐμέ τε καὶ σέ· τὸ δ' ἐμέ τε καὶ σέ τοῦτο λέγω, οἰόμενος οὕτω τὸν λόγον βέλτιστ' [331.d.1] ἂν ἐλέγχεσθαι, εἴ τις τῷ ἀφέλοι αὐτοῦ. — Ἀλλὰ μέντοι, ἦ δ' ὅς, προσέοικέν τι δικαιοσύνη ὀσιότητι· καὶ γὰρ ὀτιοῦν ὀτιοῦν ἀμῆ γέ πη προσέοικεν. τὸ γὰρ λευκὸν τῷ μέλανι ἔστιν ὅπη προσέοικεν, καὶ τὸ σκληρὸν τῷ μαλακῷ, [331.d.5] καὶ τὰλλα ἃ δοκεῖ ἐναντιώτατα εἶναι ἀλλήλοις· καὶ ἃ τότε ἔφαμεν ἄλλην δύναμιν ἔχειν καὶ οὐκ εἶναι τὸ ἕτερον οἷον τὸ ἕτερον, τὰ τοῦ προσώπου μόρια, ἀμῆ γέ πη προσέοικεν καὶ ἔστιν τὸ ἕτερον οἷον τὸ ἕτερον. ὥστε τούτω γε τῷ τρόπῳ [331.e.1] κἂν ταῦτα ἐλέγχεις, εἰ βούλοιο, ὡς ἅπαντά ἐστιν ὁμοια ἀλλήλοις.

\_\_Ora, ao que parece, a piedade é a mesma coisa que ser justo, e a justiça o mesmo que ser pio. [Então], faria sentido [a justiça ser igual ao] não ser pio? Ou a piedade ser o mesmo que não ser justo? Assim, o ser injusto não seria o mesmo que o ser ímpio?

O que responderíamos a ele? Da minha parte, eu também declararia que a justiça é pia, e a piedade justa. E, da sua parte, se me permite, responderia igualmente que a justiça e a piedade são certamente iguais ou que parecidíssimas e, neste caso, mais do que tudo, a justiça é como a piedade e a piedade como a justiça. Então, veja se você é dessa mesma opinião ou se você me censura ao responder assim.”

331 b

\_\_ “Não me parece ser tão simples assim, Sócrates”, disse ele, “de modo a serem associadas a justiça como sendo pia e a piedade como sendo justa, na verdade, me parece que há algo de diferente nelas. Mas, que diferença isso faz?” Disse ele. “Pois, se você quiser, que seja para nós tanto a justiça [vinculada ao] ser pio, como a piedade [vinculada ao] ser justo.”

331 c

\_\_ “Sem essa de ‘para mim’!” Eu disse, “para averiguar [tais questões] não careço de nada como: ‘se você quer isso’, nem ‘se te parece’, e sim de algo como: ‘para mim e você’<sup>186</sup>. Falo isso, ‘para mim e você’, considerando que assim averiguaríamos melhor o argumento, se o ‘se’ fosse suprimido dele.”

331 d

\_\_ “De fato”, disse ele, “a justiça tem alguma semelhança com a piedade, afinal, qualquer coisa que seja, de algum modo, assemelha-se a algo para nós. Pois o claro, de algum modo, assemelha-se ao escuro, e o duro, ao mole, assim como as outras coisas que parecem ser as mais incompatíveis entre si. Como as partes do rosto, que antes declarávamos terem propriedades diferentes e que, de modo algum, não nos [pareciam] iguais umas às outras. Porém, o fato é que, de certo modo, se quisesse, você também poderia averiguar que todas

331 e

---

<sup>186</sup> Momentos antes, é o próprio Sócrates que faz questão de destacar que é “esse Protágoras aí que respondia essas questões, eu só questionava”(331a 1). A proximidade das duas passagens antagônicas evidencia o caráter contraditório e cômico da colocação de Sócrates.

ἀλλ' οὐχὶ τὰ ὅμοιον τι ἔχοντα ὅμοια δίκαιον καλεῖν, οὐδὲ τὰ ἀνόμοιον τι ἔχοντα ἀνόμοια,

κἂν πάνυ σμικρὸν ἔχη τὸ ὅμοιον. – Καὶ ἐγὼ θαυμάσας εἶπον πρὸς [331.e.5] αὐτόν· ἼΗ γὰρ

οὕτω σοὶ τὸ δίκαιον καὶ τὸ ὅσιον πρὸς ἀλληλα ἔχει, ὥστε ὅμοιον τι σμικρὸν ἔχειν

ἀλλήλοις; – Οὐ πάνυ, [332.a.1] ἔφη, οὕτως, οὐ μέντοι οὐδὲ αὖ ὡς σύ μοι δοκεῖς οἶεσθαι.

– Ἀλλὰ μήν, ἔφην ἐγώ, ἐπειδὴ δυσχερῶς δοκεῖς μοι ἔχειν πρὸς τοῦτο, τοῦτο μὲν ἐάσωμεν,

τόδε δὲ ἄλλο ὧν ἔλεγες ἐπισκεψώμεθα. ἀφροσύνην τι καλεῖς; – ἼΕφη. – Τούτῳ τῷ

[332.a.5] πράγματι οὐ πᾶν τοῦναντίον ἐστὶν ἡ σοφία; – ἼΕμοιγε δοκεῖ, ἔφη. – Πότερον δὲ

ὅταν πράττωσιν ἄνθρωποι ὀρθῶς τε καὶ ὠφελίμως, τότε σωφρονεῖν σοὶ δοκοῦσιν οὕτω

πράττοντες, ἢ [εἰ] τοῦναντίον [ἔπραττον]; – Σωφρονεῖν, ἔφη.

as coisas são iguais entre si<sup>187</sup>. Por outro lado, chamar de iguais coisas que têm algo de igual não é certo, nem de diferentes as que possuem alguma diferença, mesmo que a igualdade seja muito pequena.”

E eu, admirado, disse a ele:

\_\_ “Você realmente [acha] que ser justo e ser pio guardam apenas uma pequena igualdade recíproca entre si?”

\_\_ “Não é exatamente assim”, disse ele, “nem, tampouco, como eu acho que você considera.”

332 a

\_\_ “Entretanto”, disse eu, “como tenho a impressão de que você se incomodou com esse assunto, deixemo-lo de lado e averiguemos essa outra questão sobre a qual você falava; existe alguma coisa que você chama de intemperança?”

E ele respondia<sup>188</sup>.

\_\_ “E a sabedoria não é totalmente oposta a essa coisa?”

\_\_ “A mim, pelo menos, parece.” Disse ele.

\_\_ “E, por acaso, os homens te parecem agir com temperança quando agem com retidão e benevolência ou o oposto disso?”

\_\_ “[Parecem] agir com temperança.” Disse ele.

---

<sup>187</sup> Temos aqui uma mostra prática do relativismo de Protágoras, mais uma vez Platão está em harmonia com os outros testemunhos existentes de Protágoras histórico, cf. Introdução, p. 35.

<sup>188</sup> O texto dá a entender que a partir desse momento o personagem Protágoras estava tão incomodado que começa a responder acenando, sem se dar ao trabalho de responder oralmente. Esse fato, como recurso de interlocução para demonstrar a insatisfação de Protágoras, se repetirá nas passagens seguintes, a partir de 332 b 5. Desse modo, para acompanharmos o que realmente é afirmado pelo personagem Protágoras e o que o personagem Sócrates o induz a concordar, será preciso mais atenção porque, diferente das passagens anteriores, nas quais havia em quase todo momento falas intercaladas de Sócrates e algum interlocutor, nas passagens que se seguem, os travessões que marcam a fala de algum personagem se referem, sequencialmente, a Sócrates, enquanto Protágoras só acena com a cabeça, sem falar.

– Οὐκοῦν [332.b.1] σωφροσύνη σωφρονοῦσιν; – Ἀνάγκη. – Οὐκοῦν οἱ μὴ ὀρθῶς

πράττοντες ἀφρόνως πράττουσιν καὶ οὐ σωφρονοῦσιν οὕτω πράττοντες; – Συνδοκεῖ μοι,

ἔφη. – Τοῦναντίον ἄρα ἐστὶν τὸ ἀφρόνως πράττειν τῷ σωφρόνως; – Ἔφη. – Οὐκοῦν τὰ

μὲν [332.b.5] ἀφρόνως πραττόμενα ἀφροσύνη πράττεται, τὰ δὲ σωφρόνως σωφροσύνη; –

Ὡμολόγει. – Οὐκοῦν εἴ τι ἰσχύϊ πράττεται, ἰσχυρῶς πράττεται, καὶ εἴ τι ἀσθενεία,

ἀσθενῶς; – Ἐδόκει. – Καὶ εἴ τι μετὰ τάχους, ταχέως, καὶ εἴ τι μετὰ βραδυτήτος, [332.c.1]

βραδέως; – Ἔφη. – Καὶ εἴ τι δὴ ὡσαύτως πράττεται, ὑπὸ τοῦ αὐτοῦ πράττεται, καὶ εἴ τι

ἐναντίως, ὑπὸ τοῦ ἐναντίου; – Συνέφη.

\_\_ “Então não é com a temperança que se age de maneira temperante?”

\_\_ “Necessariamente”.

\_\_ “Então, não é verdade que os que não agem com retidão agem, [ao contrário], intemperantemente, e não agem com temperança?”

332 b

\_\_ “Também acho.” Disse ele.

\_\_ “Então, agir intemperantemente é o oposto de agir com com temperança?”

E ele afirmava.

\_\_ “Então, não é verdade que as ações intemperantes são as praticadas com intemperança, e temperantes [praticadas] com temperança?”

Ele concordava.

\_\_ “Então, não é verdade que se alguém agir com força, agirá fortemente e, se alguém agir com fraqueza, agirá fracamente?”

É o que parecia a ele.

\_\_ “E com velocidade, velozmente, e com lerdeza, lerdamente?”

332 c

E ele afirmava.

\_\_ “Então, é semelhante o que é feito conforme si mesmo, e oposto o que se opõe [a si mesmo]?”

Ele consentia.

– Φέρε δὴ, ἦν δ' ἐγώ, ἔστιν τι καλόν; – Συνεχώρει. – Τούτῳ ἔστιν τι ἐναντίον πλὴν τὸ

αἰσχρόν; – Οὐκ ἔστιν. [332.c.5] – Τί δέ; ἔστιν τι ἀγαθόν; – Ἔστιν. – Τούτῳ ἔστιν τι

ἐναντίον πλὴν τὸ κακόν; – Οὐκ ἔστιν. – Τί δέ; ἔστιν τι ὀξύ ἐν φωνῇ; – Ἐφη. – Τούτῳ

μὴ ἔστιν τι ἐναντίον ἄλλο πλὴν τὸ βαρύ; – Οὐκ ἔφη. – Οὐκοῦν, ἦν δ' ἐγώ, ἐνὶ ἐκάστῳ

τῶν ἐναντίων ἐν μόνον ἔστιν ἐναντίον καὶ οὐ πολλά; – Συνωμολόγει. [332.d.1] Ἴθι δὴ, ἦν

δ' ἐγώ, ἀναλογισώμεθα τὰ ὠμολογημένα ἡμῖν. ὠμολογήκαμεν ἐν ἐνὶ μόνον ἐναντίον εἶναι,

πλείω δὲ μὴ; – Ὁμολογήκαμεν.

\_\_ “Pois bem”, eu disse, “há algo bonito?”

Ele convinha<sup>189</sup>.

\_\_ “Existe algo, exceto o feio, que seja oposto a isso?”

\_\_ “Não há”.

\_\_ “Como assim?... Há algo bom?”

\_\_ “Há.”

\_\_ “Existe algo, exceto o mau, que seja oposto a isso?”

\_\_ “Não há”.

\_\_ “Como assim? Há, na voz, algo de agudo?”

E ele afirmava.

\_\_ “Não existe algo, exceto o grave, que seja oposto a isso?”

\_\_ “Não.” Disse ele.

\_\_ “Então”, eu disse, “não é verdade que há apenas uma oposição para cada um dos opostos e não muitas?”

Concordava<sup>190</sup>.

\_\_ “Vamos lá”, eu disse, “analisemos o nosso acordo firmado: estamos de acordo que há apenas um oposto para cada coisa, e não muitos?”

332 d

Concordamos.

---

<sup>189</sup> Platão não repete o verbo para se referir ao assentimento de Protágoras, é como se fosse uma maneira de não deixar monótona a ação repetida, um recurso estilístico que tentei manter na tradução.

<sup>190</sup> Aqui, em 332 c 10, Protágoras “concorda” (Συνωμολόγει) que há apenas um oposto para cada contrário, diferente do que afirmara expressamente em 331 e1: “Porém, o fato é que, de certo modo, se quisesse, você também poderia averiguar que todas as coisas são iguais entre si”.

– Τὸ δὲ ἐναντίως πραττόμενον ὑπὸ ἐναντίων πράττεσθαι; – Ἐφη. – Ὡμολογήκαμεν δὲ

[332.d.5] ἐναντίως πράττεσθαι ὃ ἂν ἀφρόνως πράττηται τῷ σωφρόνως πραττομένῳ; –

Ἐφη. – Τὸ δὲ σωφρόνως πραττόμενον ὑπὸ σωφροσύνης πράττεσθαι, τὸ δὲ ἀφρόνως ὑπὸ

ἀφροσύνης; [332.e.1] – Συνεχώρει. – Οὐκοῦν εἴπερ ἐναντίως πράττεται, ὑπὸ ἐναντίου

πράττοιτ' ἄν; – Ναί. – Πράττεται δὲ τὸ μὲν ὑπὸ σωφροσύνης, τὸ δὲ ὑπὸ ἀφροσύνης; –

Ναί. – Ἐναντίως; – Πάνυ γε. – Οὐκοῦν ὑπὸ ἐναντίων ὄντων; – Ναί. – Ἐναντίον

[332.e.5] ἄρ' ἐστὶν ἀφροσύνη σωφροσύνης; – Φαίνεται. – Μέμνησαι οὖν ὅτι ἐν τοῖς

ἔμπροσθεν ὡμολόγηται ἡμῖν ἀφροσύνη σοφία ἐναντίον εἶναι;

\_\_ “E o agir contrariamente ocorre por meio de ações contrárias?”

E ele acenava.

\_\_ “Então, estamos de acordo que aquele que age intemperantemente age contrariamente ao que age com temperança?”

E ele acenava.

\_\_ “Então, o agir temperantemente ocorre por meio de uma ação com temperança, enquanto o [agir] intemperantemente por meio de [uma ação] intemperante?”

Ele convinha.

332 e

\_\_ “Então, não é verdade que agir contrariamente seria agir através do oposto?”

\_\_ “Sim.”

\_\_ “Há o agir através da temperança e o agir através da intemperança?”

\_\_ “Sim.”

\_\_ “Opostamente?”

\_\_ “Isso mesmo!”

\_\_ “Por serem opostos?”

\_\_ “Sim.”

\_\_ “Então a intemperança é oposta à temperança?”

\_\_ “É o que parece.”

\_\_ “Contudo, você se lembra que antes já tínhamos acordado que a intemperança e a sabedoria que eram opostas<sup>191</sup>?”

---

<sup>191</sup> Em 332 a 5.

– Συνωμολόγει. – Ἐν δὲ ἐνὶ μόνον ἐναντίον [333.a.1] εἶναι; – Φημί. – Πότερον οὖν, ὃ

Πρωταγόρα, λύσωμεν τῶν λόγων; τὸ ἐν ἐνὶ μόνον ἐναντίον εἶναι, ἢ ἐκεῖνον ἐν ᾧ ἐλέγετο

ἕτερον εἶναι σωφροσύνης σοφία, μόνιον δὲ ἐκάτερον ἀρετῆς, καὶ πρὸς τῷ ἕτερον εἶναι καὶ

ἀνόμοια καὶ αὐτὰ καὶ [333.a.5] αἱ δυνάμεις αὐτῶν, ὥσπερ τὰ τοῦ προσώπου μόρια;

πότερον οὖν δὴ λύσωμεν; οὗτοι γὰρ οἱ λόγοι ἀμφοτέροι οὐ πάνυ μουσικῶς λέγονται· οὐ

γὰρ συνάδουσιν οὐδὲ συναρμόττουσιν ἀλλήλοις. πῶς γὰρ ἂν συνάδοιεν, εἴπερ γε ἀνάγκη

ἐνὶ [333.b.1] μὲν ἐν μόνον ἐναντίον εἶναι, πλείοσιν δὲ μή, τῇ δὲ ἀφροσύνη ἐνὶ ὄντι σοφία

ἐναντία καὶ σωφροσύνη αὖ φαίνεται· ἢ γάρ, ὃ Πρωταγόρα, ἔφην ἐγώ, ἢ ἄλλως πως; –

Ὡμολόγησεν καὶ μάλ' ἀκόντως. – Οὐκοῦν ἐν ἂν εἴη ἡ σωφροσύνη καὶ ἡ [333.b.5] σοφία;

τὸ δὲ πρότερον αὖ ἐφάνη ἡμῖν ἡ δικαιοσύνη καὶ ἡ ὀσιότης σχεδόν τι ταῦτόν ὄν. ἴθι δὴ, ἦν

δ' ἐγώ, ὃ Πρωταγόρα, μὴ ἀποκάμωμεν ἀλλὰ καὶ τὰ λοιπὰ διασκευώμεθα. [333.c.1] ἄρα τίς

σοὶ δοκεῖ ἀδικῶν ἄνθρωπος σωφρονεῖν, ὅτι ἀδικεῖ;

Ele concordava<sup>192</sup>.

\_\_\_ “...e que para cada coisa há apenas um oposto?”<sup>193</sup>”

\_\_\_ “Tá bom!”<sup>194</sup>”

\_\_\_ “Então, Protágoras, qual dos duas sentenças renunciamos? Aquela em que havia apenas um oposto à cada coisa, ou aquela na qual você falava que a sabedoria era diferente da temperança e que todas as partes da virtude eram diferentes entre si tanto em relação aos nomes diferentes, quanto em relação às respectivas propriedades delas, assim como as partes do rosto? Qual das duas renunciamos? Pois esses duas sentenças não são ditas com musicalidade alguma; não se harmonizam nem monodiam reciprocamente. E como se harmonizariam, se é necessário existir apenas um oposto, e não muitos, enquanto a intemperança, por sua vez, mesmo sendo una, parece ser oposta tanto à sabedoria quanto à temperança. E então, Protágoras”, disse eu, “não é isso mesmo?”

333 a

333 b

Ele, com muita resistência, concordava.

\_\_\_ “Então, não é verdade que assim como antes nos parecia que a justiça e a piedade eram quase idênticas<sup>195</sup>, a temperança e a sabedoria formariam uma unidade? Vamos lá, Protágoras”, eu disse, “não nos desencorajemos, mas averiguemos também o que falta. Acaso algum homem que comete injustiça te parece agir com temperança?”

333 c

---

<sup>192</sup> Conforme destacado, em *331 e1* Protágoras já deixou claro que tudo pode se assemelhar entre si em algum grau.

<sup>193</sup> Em *331e 10* e *331d 1*.

<sup>194</sup> “Tá bom!” refere-se ao verbo φημί que está na 1ª pessoa do singular e pode, antecedido de perguntas negativas, ser uma resposta afirmativa, simplesmente “sim”. Optei pelo “tá bom” para enfatizar que Protágoras apenas acompanha o questionamento de Sócrates, sem envolvimento, como já ficou bem claro nas passagens anteriores. Protágoras concorda não porque pensa dessa maneira, mas porque Sócrates, e os participantes, constrangeram Protágoras a continuar a proposta de Sócrates, mesmo a contragosto. Cf. Nota sobre a tradução, p. 48.

<sup>195</sup> Na verdade Protágoras recusou-se em concordar que a “justiça” e a “piedade” eram parecidas e, por fim, afirmou que se elas são parecidas, todas as coisas são, de algum modo, semelhantes, cf. *331 b,c e d*.

– Αἰσχυνοίμην ἂν ἔγωγ', ἔφη, ὦ Σώκρατες, τοῦτο ὁμολογεῖν, ἐπεὶ πολλοὶ γέ φασιν τῶν ἀνθρώπων. – Πότερον οὖν πρὸς ἐκείνους τὸν λόγον ποιήσομαι, ἔφην, ἢ πρὸς σέ; – Εἰ βούλει, ἔφη, πρὸς τοῦτον [333.c.5] πρῶτον τὸν λόγον διαλέχθητι τὸν τῶν πολλῶν. – Ἄλλ' οὐδέν μοι διαφέρει, ἐὰν μόνον σύ γε ἀποκρίνη, εἴτ' οὖν δοκεῖ σοι ταῦτα εἶτε μή· τὸν γὰρ λόγον ἔγωγε μάλιστα ἐξετάζω, συμβαίνει μέντοι ἴσως καὶ ἐμὲ τὸν ἐρωτῶντα καὶ τὸν ἀποκρινόμενον ἐξετάζεσθαι. [333.d.1] Τὸ μὲν οὖν πρῶτον ἐκαλλωπίζετο ἡμῖν ὁ Πρωταγόρας – τὸν γὰρ λόγον ἠτιᾶτο δυσχερῆ εἶναι – ἔπειτα μέντοι συνεχώρησεν ἀποκρίνεσθαι. – Ἴθι δὴ, ἔφην ἐγώ, ἐξ ἀρχῆς μοι ἀποκρίναι. δοκοῦσί τινές σοι σωφρονεῖν ἀδικοῦντες; – Ἔστω, ἔφη.

\_\_ “Ainda que muitos homens cheguem a fazer tal afirmação, Sócrates, eu, pelo menos, teria vergonha de concordar com isso.” Disse ele.

\_\_ “Para quem, então, devo elaborar a argumentação<sup>196</sup>, para aqueles ou para você?” Disse eu.

\_\_ “Se você preferir”, disse ele, “dialogue primeiro com a ‘opinião’<sup>197</sup> desses muitos.”

\_\_ “Para mim não faz diferença, desde que só você responda<sup>198</sup>, seja sua opinião sobre o assunto ou não. Pois eu, pelo menos, investigo principalmente o raciocínio<sup>199</sup>, daí resulta, conseqüentemente, que tanto eu que estou perguntando, como o que está respondendo se submetem à prova do mesmo modo.”

Primeiramente, então, Protágoras se fazia de difícil para nós, pois alegava que o tema<sup>200</sup> era embaraçoso. Mas, na seqüência, aceitou responder<sup>201</sup>.

333 d

\_\_ “Vamos lá”, disse eu, “me responda desde o princípio. Alguns te parecem agir com temperança quando cometem injustiça?”

\_\_ “Que seja.” Disse ele.

---

<sup>196</sup> “Argumentação” (λόγος).

<sup>197</sup> “Opinião” (λόγος).

<sup>198</sup> Sócrates torna explícita sua aversão à “multidão”, que fundamenta a tese de que ele dialoga com apenas um, ainda que seja a opinião de muitos.

<sup>199</sup> “Raciocínio” (λόγος). Sócrates aqui parece se referir ao “confronto das ideias” mas, também, ao “curso da fala”, “diálogo”, “embate de idéias”. Essa passagem, da maneira como entendemos, sintetiza a essência filosófica dos diálogos de Platão: possibilitar que o embate de ideias, algumas vezes antagônicas, traga luz à compreensão das coisas. Diferente de um conteúdo estático e incapaz de ser confrontado de maneira viva com as elaborações que o contradizem, os diálogos de Platão permitiram uma revolução definitiva na maneira de escrever teorias filosóficas que se colocam continuamente à prova.

<sup>200</sup> “Tema” (λόγος).

<sup>201</sup> Protágoras passa a responder segundo a “opinião da maioria”, mas está claro que ele mesmo não pensa dessa maneira: “É o que muitos homens declaram, Sócrates, eu, pelo menos, teria vergonha de concordar com isso” (333 c2).

– [333.d.5] Τὸ δὲ σωφρονεῖν λέγεις εὖ φρονεῖν; – Ἔφη. – Τὸ δ' εὖ φρονεῖν εὖ  
βουλεύεσθαι, ὅτι ἀδικοῦσιν; – Ἔστω, ἔφη. – Πότερον, ἦν δ' ἐγώ, εἰ εὖ πράττουσιν  
ἀδικοῦντες ἢ εἰ κακῶς; – Εἰ εὖ. – Λέγεις οὖν ἀγαθὰ ἅττα εἶναι; – Λέγω. – Ἄρ' οὖν, ἦν  
δ' ἐγώ, ταῦτ' ἐστὶν ἀγαθὰ ἃ ἐστὶν ὠφέλιμα τοῖς ἀνθρώποις; [333.e.1] – Καὶ ναὶ μὰ Δί', ἔφη,  
κὰν μὴ τοῖς ἀνθρώποις ὠφέλιμα ἦ, ἔγωγε καλῶ ἀγαθὰ. – Καί μοι ἐδόκει ὁ Πρωταγόρας  
ἤδη τετραχύνθαι τε καὶ ἀγωνιᾶν καὶ παρατετάχθαι πρὸς τὸ ἀποκρίνεσθαι· ἐπειδὴ οὖν  
ἑώρων αὐτὸν οὕτως ἔχοντα, [333.e.5] εὐλαβούμενος ἠρέμα ἠρόμην. Πότερον, ἦν δ' ἐγώ,  
λέγεις, ὧ [334.a.1] Πρωταγόρα, ἃ μηδενὶ ἀνθρώπων ὠφέλιμά ἐστιν, ἢ ἃ μηδὲ τὸ παράπαν  
ὠφέλιμα; καὶ τὰ τοιαῦτα σὺ ἀγαθὰ καλεῖς; – Οὐδαμῶς, ἔφη· ἀλλ' ἔγωγε πολλὰ οἶδ' ἃ  
ἀνθρώποις μὲν ἀνωφελῆ ἐστὶ, καὶ σιτία καὶ ποτὰ καὶ φάρμακα καὶ ἄλλα [334.a.5] μυρία, τὰ  
δέ γε ὠφέλιμα· τὰ δὲ ἀνθρώποις μὲν οὐδέτερα, ἵπποις δέ· τὰ δὲ βουσίῃ μόνον, τὰ δὲ κυσίῃ·  
τὰ δέ γε τούτων μὲν οὐδενί, δένδροις δέ·

\_\_ “E o agir com temperança você chama pensar bem?”

E ele respondia<sup>202</sup>.

\_\_ “Mas [é possível] cometerem injustiça [no ato de] pensar bem e deliberar bem?”

\_\_ “Que seja.” Disse ele.

\_\_ “Acaso”, eu disse, “[eles obtêm êxito] na prática da injustiça se agem bem ou se agem mal?”

\_\_ “Se [agem] bem.”

\_\_ “Você afirma, então, que há algumas coisas que são boas?”

\_\_ “Afirmo.”

\_\_ “Por acaso”, eu disse, “essas coisas que são boas, são aquelas benéficas aos homens?”

\_\_ “Sim, por Zeus”, disse ele, “e, mesmo que não fossem benéficas aos homens eu, pelo menos, ainda chamaria de boas.”

333 e

E me parecia que o Protágoras já estava inquieto, irritado e se colocava na defensiva para responder. Então, depois que eu vi que ele estava desse jeito, tendo precaução, amistosamente perguntei:

\_\_ “De quais você estaria falando, Protágoras”, eu disse, “daquelas que [só] não são benéficas aos homens, ou das que não são benéficas em absoluto? Mesmo as desse tipo você chamaria de boas?”

334 a

\_\_ “Não é nada disso”, disse ele, “na verdade eu, pelo menos, conheço muitas coisas que são prejudiciais aos homens: alimentos, bebidas, remédios, além incontáveis outras, ao passo que outras são, de fato, benéficas. Outras ainda, [boas] aos cavalos, mas indiferente aos homens, outras, só aos bois, outras aos cães. Outras a nenhum desses, mas às árvores.

---

<sup>202</sup> O contexto deixa a entender que mais uma vez Protágoras, contrariado, responde acenando, sem se dar ao trabalho de responder oralmente.

τὰ δὲ τοῦ δένδρου ταῖς μὲν ρίζαις ἀγαθὰ, ταῖς δὲ βλάσταις πονηρά, οἶον καὶ ἡ κόπρος πάντων [334.b.1] τῶν φυτῶν ταῖς μὲν ρίζαις ἀγαθὸν παραβαλλομένη, εἰ δ' ἐθέλοις ἐπὶ τοὺς πτόρθους καὶ τοὺς νέους κλῶνας ἐπιβάλλειν, πάντα ἀπόλλυσιν· ἐπεὶ καὶ τὸ ἔλαιον τοῖς μὲν φυτοῖς ἅπασιν ἐστὶν πάγκακον καὶ ταῖς θριξὶν πολεμιώτατον ταῖς τῶν ἄλλων [334.b.5] ζώων πλὴν ταῖς τοῦ ἀνθρώπου, ταῖς δὲ τοῦ ἀνθρώπου ἀρωγὸν καὶ τῷ ἄλλῳ σώματι. οὕτω δὲ ποικίλον τί ἐστὶν τὸ ἀγαθὸν καὶ παντοδαπὸν, ὥστε καὶ ἐνταῦθα τοῖς μὲν ἔξωθεν τοῦ [334.c.1] σώματος ἀγαθὸν ἐστὶν τῷ ἀνθρώπῳ, τοῖς δ' ἐντὸς ταῦτόν τοῦτο κάκιστον· καὶ διὰ τοῦτο οἱ ἰατροὶ πάντες ἀπαγορεύουσιν τοῖς ἀσθενοῦσιν μὴ χρῆσθαι ἐλαίῳ ἀλλ' ἢ ὅτι σμικροτάτῳ ἐν τούτοις οἷς μέλλει ἔδεσθαι, ὅσον μόνον τὴν δυσχέρειαν [334.c.5] κατασβέσαι τὴν ἐπὶ ταῖς αἰσθήσεσι ταῖς διὰ τῶν ῥινῶν γιγνομένην ἐν τοῖς σιτίοις τε καὶ ὄψοις. Εἰπόντος οὖν ταῦτα αὐτοῦ οἱ παρόντες ἀνεθορύβησαν ὡς εὖ λέγοι, καὶ ἐγὼ εἶπον· ὦ Πρωταγόρα, ἐγὼ τυγχάνω ἐπιλήσμων τις ὢν ἄνθρωπος, καὶ ἐάν τις μοι μακρὰ λέγη, [334.d.1] ἐπιλανθάνομαι περὶ οὗ ἂν ἦ ὁ λόγος. ὥσπερ οὖν εἰ ἐτύγχανον ὑπόκωφος ὢν, ὅου ἂν χρῆναι, εἶπερ ἔμελλές μοι διαλέξεσθαι, μείζον φθέγγεσθαι ἢ πρὸς τοὺς ἄλλους, οὕτω καὶ νῦν, ἐπειδὴ ἐπιλήσμωνι ἐνέτυχες, σύντεμένε μοι τὰς ἀποκρίσεις καὶ [334.d.5] βραχυτέρας ποίει, εἰ μέλλω σοι ἔπεσθαι. Πῶς οὖν κελεύεις με βραχέα ἀποκρίνεσθαι; ἢ βραχυτέρά σοι, ἔφη, ἀποκρίνωμαι ἢ δεῖ; Μηδαμῶς, ἦν δ' ἐγώ. Ἄλλ' ὅσα δεῖ, ἔφη. [334.e.1] Ναί, ἦν δ' ἐγώ. Πότερα οὖν ὅσα ἐμοὶ δοκεῖ δεῖν ἀποκρίνεσθαι, τοσαῦτά σοι ἀποκρίνωμαι,

Outras boas às raízes das árvores, mas ruim aos brotos, como o esterco, que é bom quando colocado nas raízes de todas as plantas porém, se você tentar colocar sobre as mudas e ramos novos, ele acaba com tudo.

Assim também o azeite: enquanto é completamente ruim à todas plantas e o mais nocivo aos pêlos de todos os outros animais, para os do homem, excepcionalmente, tanto é favorável aos seus pêlos [e cabelos] quanto às outras partes do corpo.

334 b

[Vemos], então, que o [que chamamos de] bom é algo tanto diversificado<sup>203</sup> como de diferentes formas, de tal modo que, aquilo que fora do corpo do homem é bom, dentro dele mesmo é mau. E, por causa disso, todos médicos aconselham os enfermos não fazerem uso do azeite ou que, pelo menos, usem pouco naquilo que vão comer, apenas o suficiente para diminuir o cheiro desagradável que vêm dos grãos e assados.

334 c

Então, tendo dito essas coisas, os presentes aplaudiram-no por falar bem. E eu disse:

\_\_ “Acontece, Protágoras, que eu sou um homem esquecido, e se alguém fala longamente comigo eu me esqueço sobre o que era o assunto. Então, como se eu fosse meio surdo e você achasse necessário falar mais alto comigo do que com os outros, (se, de fato, você tivesse a intenção de conversar comigo), proceda de maneira similar agora. Afinal, o caso é que eu sou esquecido, então, me resume as respostas e as faça menores para que eu possa te acompanhar.”

334 d

\_\_ “De que maneira, então, você me pede para dar respostas menores?” Disse ele. “Dar respostas menores segundo você ou segundo o necessário?”

\_\_ “Absolutamente!” Eu disse.

\_\_ “Somente o tanto quanto necessário?” Ele disse.

334 e

\_\_ “Sim.” Eu disse.

\_\_ “Como, então, eu te responderia: a partir do tanto quanto me parece necessário

---

<sup>203</sup> Mais uma vez podemos notar a presença do relativismo do “Protágoras histórico”, cf. Introdução, “Conteúdo Filosófico”, p. 35.

ἢ ὅσα σοί; Ἀκήκοα γοῦν, ἦν δ' ἐγώ, ὅτι σὺ οἴός τ' εἶ καὶ αὐτὸς καὶ [334.e.5] ἄλλον διδάξαι  
περὶ τῶν αὐτῶν καὶ μακρὰ λέγειν, ἐὰν βούλη, οὕτως ὥστε τὸν λόγον μηδέποτε ἐπιλιπεῖν,  
καὶ αὖ βραχέα [335a.1] οὕτως ὥστε μηδένα σοῦ ἐν βραχυτέροις εἰπεῖν· εἰ οὖν μέλλεις ἐμοὶ  
διαλέξεσθαι, τῷ ἐτέρῳ χρῶ τρόπῳ πρὸς με, τῇ βραχυλογίᾳ. Ὡς Σώκρατες, ἔφη, ἐγὼ πολλοῖς  
ἤδη εἰς ἀγῶνα λόγων [335a.5] ἀφικόμην ἀνθρώποις, καὶ εἰ τοῦτο ἐποιοῦν ὁ σὺ κελεύεις, ὡς  
ὁ ἀντιλέγων ἐκέλευέν με διαλέγεσθαι, οὕτω διελεγόμην, οὐδενὸς ἂν βελτίων ἐφαινόμην  
οὐδ' ἂν ἐγένετο Πρωταγόρου ὄνομα ἐν τοῖς Ἑλλησιν. Καὶ ἐγώ – ἔγνω γὰρ ὅτι οὐκ ἤρεσεν  
αὐτὸς αὐτῷ ταῖς [335b.1] ἀποκρίσεσιν ταῖς ἔμπροσθεν, καὶ ὅτι οὐκ ἐθελήσοι ἐκὼν εἶναι  
ἀποκρινόμενος διαλέγεσθαι – ἠγησάμενος οὐκέτι ἐμὸν ἔργον εἶναι παρεῖναι ἐν ταῖς  
συνουσίαις, Ἀλλά τοι, ἔφη, ὦ Πρωταγόρα, οὐδ' ἐγὼ λιπαρῶς ἔχω παρὰ τὰ σοὶ δοκοῦντα  
[335b.5] τὴν συνουσίαν ἡμῖν γίνεσθαι, ἀλλ' ἐπειδὴν σὺ βούλη διαλέγεσθαι ὡς ἐγὼ  
δύναμαι ἔπεσθαι, τότε σοὶ διαλέξομαι. σὺ μὲν γάρ, ὡς λέγεται περὶ σοῦ, φῆς δὲ καὶ αὐτός,  
καὶ ἐν μακρολογίᾳ καὶ ἐν βραχυλογίᾳ οἴός τ' εἶ συνουσίας ποιεῖσθαι [335c.1] – σοφὸς γὰρ εἶ  
– ἐγὼ δὲ τὰ μακρὰ ταῦτα ἀδύνατος, ἐπεὶ ἐβουλόμην ἂν οἴός τ' εἶναι. ἀλλὰ σὲ ἐχρῆν ἡμῖν  
συγχωρεῖν τὸν ἀμφοτέρα δυνάμενον, ἵνα ἡ συνουσία ἐγίγνετο· νῦν δὲ ἐπειδὴ οὐκ ἐθέλεις  
καὶ ἐμοὶ τις ἀσχολία ἐστὶν καὶ οὐκ ἂν οἴός [335c.5] τ' εἶην σοὶ παραμεῖναι ἀποτείνοντι  
μακροῦς λόγους – ἐλθεῖν γὰρ ποί με δεῖ –

responder, ou a partir do quanto [parece] a você?”

— “Pelo que ouvi falar”, eu disse, “você é daqueles que, [detêm a perícia e é capaz] de ensinar aos outros, sobre os mesmos assuntos, a falar longamente, se quiser, de modo a jamais faltar assunto, como também, por outro lado, [é capaz] de o fazer com uma brevidade tal que ninguémalaria mais brevemente do que você<sup>204</sup>. Se, então, você está disposto a dialogar comigo, escolha para mim o outro modo, o do discurso breve.”

335 a

— “Sócrates”, disse ele, “eu já enfrentei muitos homens em combates discursivos e, se tivesse feito isso que você pede, se tivesse dialogado assim como o antagonista me pedia para dialogar, eu nem teria parecido superar a ninguém, nem o nome de Protágoras teria emergido entre os helenos<sup>205</sup> [como, de fato, emergiu].”

E eu, afinal, entendi que ele não estava satisfeito com suas próprias respostas anteriores e que não gostaria, voluntariamente, de ser o que responde no diálogo. Avaliando que não me seria mais produtivo estar presente no encontro, eu disse:

335 b

— “Mas, na verdade, Protágoras, eu certamente também não quero tornar nosso encontro maçante, adverso à sua maneira de pensar. De todo modo, dialogarei com você na ocasião em que você quiser dialogar, de um jeito em que eu possa te acompanhar. Pois, conforme dizem a seu respeito e conforme você mesmo se declara, você é daqueles que, nos colóquios, faz uso tanto de discursos longos como de breves, afinal, é um sábio.

335 c

Eu, porém, sou incapaz [de lidar] com esses longos, ainda que também quisesse ser [capaz]<sup>206</sup>. Mas você, apto a usar ambos, deveria ter se alinhado comigo para que a conversa tivesse fluído. Contudo, como agora você não quer [ceder] e eu estou um pouco ocupado, não poderia te acompanhar estendendo-se nesses longos discursos. Preciso ir a um

---

<sup>204</sup> Sócrates mesmo defendeu essa ideia em 329b.

<sup>205</sup> Enquanto aqui o próprio personagem Protágoras se caracteriza como um competidor erístico, no *Teeteto* (168 a), quando é Sócrates que fala em nome de Protágoras, ele é caracterizado como um benevolente e educado questionador, que valoriza antes um a boa relação com o debatedor do que o contrário.

<sup>206</sup> Além de inúmeros exemplos existentes em outros diálogos, basta observar o discurso de Sócrates (de 342a até 347a) para perceber que Sócrates está mentindo, ele também faz usos dos longos discursos, cf. também 361 a2.

εἶμι· ἐπεὶ καὶ ταῦτ' ἂν ἴσως οὐκ ἀηδῶς σου ἤκουον. Καὶ ἅμα ταῦτ' εἰπὼν ἀνιστάμην ὡς ἀπιών· καὶ μου ἀνισταμένου ἐπιλαμβάνεται ὁ Καλλίας τῆς χειρὸς τῆ δεξιᾶ, [335d.1] τῆ δ' ἀριστερᾶ ἀντελάβετο τοῦ τρίβωνος τουτουῖ, καὶ εἶπεν· Οὐκ ἀφήσομέν σε, ὦ Σώκρατες· ἐὰν γὰρ σὺ ἐξέλθῃς, οὐχ ὁμοίως ἡμῖν ἔσονται οἱ διάλογοι. δέομαι οὖν σου παραμεῖναι ἡμῖν· ὡς ἐγὼ οὐδ' ἂν ἐνὸς ἡδίων ἀκούσαιμι ἢ σοῦ τε [335d.5] καὶ Πρωταγόρου διαλεγομένων. ἀλλὰ χάρισαι ἡμῖν πᾶσιν. Καὶ ἐγὼ εἶπον – ἤδη δὲ ἀνειστήκη ὡς ἐξιών – ὦ παῖ Ἴππονίκου, ἀεὶ μὲν ἔγωγέ σου τὴν φιλοσοφίαν ἄγαμαι, ἀτὰρ [335e.1]καὶ νῦν ἐπαινῶ καὶ φιλῶ, ὥστε βουλοίμην ἂν χαρίζεσθαί σοι, εἴ μου δυνατὰ δέοιο· νῦν δ' ἐστὶν ὥσπερ ἂν εἰ δέοιό μου Κρίσωνι τῷ Ἱμεραίῳ δρομεῖ ἀκμάζοντι ἔπεσθαι, ἢ τῶν δολιχοδρόμων τῷ ἢ τῶν ἡμεροδρόμων διαθεῖν τε καὶ ἔπεσθαι, [336.a.1]εἵπομι ἂν σοι ὅτι πολὺ σοῦ μᾶλλον ἐγὼ ἐμαυτοῦ δέομαι θεούσιν τούτοις ἀκολουθεῖν, ἀλλ' οὐ γὰρ δύναμαι,

lugar e, já vou indo, ainda que, se fosse o caso, teria te escutado com satisfação.”

E ao mesmo tempo que eu disse isso, me levantava para ir embora. E, levantando, Cálías me segurou pela mão direita, pegou esse manto<sup>207</sup> com a mão esquerda e disse:

335 d

— “Não o deixaremos ir embora, Sócrates, pois se você sair os nossos diálogos não serão os mesmos. Preciso fazer você permanecer conosco, pois nada me daria mais satisfação do que escutar você e Protágoras dialogando. Então, dê esse privilégio a todos nós.”

E eu respondi já de pé, quase saindo:

— “Filho de Hipônico, constantemente admiro sua *philosophia*<sup>208</sup> e, mais do que nunca agora: aprovo-a e estimo-a, por isso, gostaria de agradá-lo se você me pedisse um favor que eu pudesse fazer. Nesse momento, porém, é como se você me pedisse para acompanhar o corredor Crisão de Hemera no auge da carreira ou para competir e acompanhar um dos maratonistas ou dos *hemeródromos*<sup>209</sup>. Nesse caso, eu mesmo te diria que eu precisaria correr muito mais do que você para acompanhá-los, mas o fato é que, ainda assim, é algo que eu não poderia fazer.

335 e

336 a

---

<sup>207</sup> Sócrates está narrando ao “amigo” o encontro que acabara de ter com Protágoras e, de acordo com a sequência dramática dos fatos, é o mesmo manto que, a rigor, Sócrates usara no encontro com Protágoras e durante o relato ao “amigo”, dado que permite Sócrates destacar a proximidade do encontro que teve com Protágoras ao se referir a uma peça de roupa comum às duas narrações - ainda que saibamos se tratar de algo bastante comum, sobretudo entre os jovens lacedemônios da época, o uso de apenas um mesmo manto por ano, Flacelière (1904, p. 98).

<sup>208</sup> “*Philosophia*” (φιλοσοφία) “amor pela sabedoria”. Sócrates usa a palavra *philosophia* com o seu sentido primeiro: “devoção ao saber”, “inclinação à sabedoria”, “vontade de saber”, diferente do significado da nossa palavra “filosofia” que, para nós, possui um significado mais técnico: “a disciplina que estuda os além de questões reflexivas, ontológicas, existenciais, também teoriza a respeito da história do pensamento ocidental com a “história da filosofia” pela qual estuda-se os filósofos e suas doutrinas” Houaiss (2001), cf. Nota sobre a tradução, p. 50.

<sup>209</sup> “Hemeródromos” (Ἡμερο-δρόμος) literalmente: “o que corre o dia inteiro”, “leva um dia para correr” (de um lugar ao outro) Liddell & Scott (1996). Mensageiro que corria para levar as informações de um *demo* ao outro.

ἀλλ' εἴ τι δέη θεάσασθαι ἐν τῷ αὐτῷ ἐμέ τε καὶ Κρίσωνα θέοντας, τούτου δέου  
συγκαθεῖναι· ἐγὼ μὲν γὰρ οὐ δύναμαι ταχὺ θεῖν, [336.a.5] οὗτος δὲ δύναται βραδέως. εἰ  
οὖν ἐπιθυμεῖς ἐμοῦ καὶ Πρωταγόρου ἀκούειν, τούτου δέου, ὥσπερ τὸ πρῶτόν μοι  
ἀπεκρίνατο διὰ βραχέων τε καὶ αὐτὰ τὰ ἐρωτώμενα, οὕτω καὶ νῦν ἀποκρίνεσθαι· [336.b.1]  
εἰ δὲ μή, τίς ὁ τρόπος ἔσται τῶν διαλόγων; χωρὶς γὰρ ἔγωγ' ὄμην εἶναι τὸ συνεῖναι τε  
ἀλλήλοις διαλεγόμενους καὶ τὸ δημηγορεῖν. Ἄλλ' – ὀρᾷς; – ἔφη, ὦ Σώκρατες, δίκαια  
δοκεῖ λέγειν [336.b.5] Πρωταγόρας ἀξιῶν αὐτῷ τε ἐξεῖναι διαλέγεσθαι ὅπως βούλεται, καὶ  
σὺ ὅπως ἂν αὐτὸν βούλη. Ὑπολαβὼν οὖν ὁ Ἀλκιβιάδης, Οὐ καλῶς λέγεις, ἔφη, ὦ Καλλία·  
Σωκράτης μὲν γὰρ ὁδε ὁμολογεῖ μὴ μετεῖναι οἱ μακρολογίας καὶ παραχωρεῖ Πρωταγόρα,  
τοῦ δὲ διαλέγεσθαι [336.c.1] οἷός τ' εἶναι καὶ ἐπίστασθαι λόγον τε δοῦναι καὶ δέξασθαι  
θαυμάζοιμ' ἂν εἴ τῳ ἀνθρώπῳ παραχωρεῖ. εἰ μὲν οὖν καὶ Πρωταγόρας ὁμολογεῖ  
φαιλότερος εἶναι Σωκράτους διαλεχθῆναι, ἐξαρκεῖ Σωκράτει· εἰ δὲ ἀντιποιεῖται,  
διαλεγέσθω [336.c.5] ἐρωτῶν τε καὶ ἀποκρινόμενος, μὴ ἐφ' ἐκάστη ἐρωτήσῃ μακρὸν  
λόγον ἀποτείνων, ἐκκρούων τοὺς λόγους καὶ οὐκ ἐθέλων [336.d.1] διδόναι λόγον, ἀλλ'  
ἀπομηκύνων ἕως ἂν ἐπιλάθωνται περὶ ὅτου τὸ ἐρώτημα ἦν οἱ πολλοὶ τῶν ἀκουόντων· ἐπεὶ  
Σωκράτη γε ἐγὼ ἐγγυῶμαι μὴ ἐπιλήσεσθαι, οὐχ ὅτι παίζει καὶ φησὶν ἐπιλήσμων εἶναι. ἐμοὶ  
μὲν οὖν δοκεῖ ἐπεικέστερα Σωκράτης [336.d.5] λέγειν·

Mas, se você precisasse assistir eu e o Crisão correr nessas condições, é da condescendência dele que você precisaria. Pois enquanto eu não posso correr rápido, ele, por outro lado, pode ir lentamente. Então, se você deseja escutar a mim e a Protágoras, [é da condescendência] dele que você precisa, para que ele responda agora aquelas mesmas questões através de [respostas] breves, como no começo, se não, o que serão dos diálogos? Pois eu, pelo menos, considerava que tratavam-se de coisas diferentes o ato de nos reunirmos para dialogar reciprocamente do ato de discursar como um demagogo<sup>210</sup>.

336 b

— “Mas veja bem, Sócrates”, disse ele, [Cálias], “parece justo Protágoras falar de acordo com o que ele considera adequado a si próprio e, desse modo, dialogar como quiser, assim como você, por sua vez, como você quiser.”

Então, Alcibíades toma a palavra:

— “Cálias, a coisa não é bem assim como você está falando”, disse ele, “pois Sócrates, por um lado, assume aqui não se adequar aos longos discursos e se submete a Protágoras, por outro, é daqueles que, dialogando, sabe dar e receber a palavra, me admiraria se algum homem [dominasse essa arte] como ele. Se, então, Protágoras também assume ser pior do que Sócrates [na arte de] dialogar, já basta para Sócrates.

336 c

Mas, se quiser travar uma disputa, que dialogue questionando e respondendo, e não se estendendo com um longo discurso a cada questão, se esquivando dos argumentos e não querendo dar a palavra, sendo prolixo até que muitos dos ouvintes se esqueçam a respeito do que era a questão. Na verdade, ainda que brinque e declare ser esquecido, não é Sócrates se esquecerá de algo<sup>211</sup>, eu garanto. De fato, Sócrates me parece falar mais

336 d

---

<sup>210</sup> Trata-se do verbo *δημιγορέω* que pode ser traduzido como “falar diante do povo” Liddell & Scott (1996), mas, também, “falar como um demagogo” Dezotti (2011) e, conseqüentemente, “fazer demagogia”.

<sup>211</sup> A afirmação de Alcibíades se confirma ao final do diálogo. De fato, Sócrates retoma boa parte das questões tratadas no início do diálogo, ainda que seja as adaptando às suas armadilhas argumentativas.

χρῆ γὰρ ἕκαστον τὴν ἑαυτοῦ γνώμην ἀποφαίνεσθαι. Μετὰ δὲ τὸν Ἀλκιβιάδην, ὡς ἐγῶμαι, Κριτίας ἦν ὁ εἰπὼν· ὦ Πρόδικε καὶ Ἴππία, Καλλίας μὲν δοκεῖ μοι μάλα πρὸς [336.e.1] Πρωταγόρου εἶναι, Ἀλκιβιάδης δὲ ἀεὶ φιλόνομός ἐστι πρὸς ὃ ἂν ὀρμήσῃ· ἡμᾶς δὲ οὐδὲν δεῖ συμφιλονικεῖν οὔτε Σωκράτει οὔτε Πρωταγόρα, ἀλλὰ κοινῇ ἀμφοτέρων δεῖσθαι μὴ μεταξὺ διαλῦσαι τὴν συνουσίαν. [337.a.1] Εἰπόντος δὲ αὐτοῦ ταῦτα, ὁ Πρόδικος, Καλῶς μοι, ἔφη, δοκεῖς λέγειν, ὦ Κριτία· χρῆ γὰρ τοὺς ἐν τοιοῖσδε λόγοις παραγινομένους κοινούς μὲν εἶναι ἀμφοῖν τοῖν διαλεγόμενοι ἀκροατάς, ἴσους δὲ μὴ – ἔστιν γὰρ οὐ ταῦτόν· κοινῇ μὲν γὰρ [337.a.5] ἀκοῦσαι δεῖ ἀμφοτέρων, μὴ ἴσον δὲ νεῖμαι ἑκατέρῳ, ἀλλὰ τῷ μὲν σοφωτέρῳ πλέον, τῷ δὲ ἀμαθεστέρῳ ἔλαττον. ἐγὼ μὲν καὶ αὐτός, ὦ Πρωταγόρα τε καὶ Σώκρατες, ἀξιῶ ὑμᾶς συγχωρεῖν καὶ ἀλλήλοις περὶ τῶν λόγων ἀμφισβητεῖν μὲν, [337.b.1] ἐρίζειν δὲ μὴ – ἀμφισβητοῦσι μὲν γὰρ καὶ δι' εὐνοίαν οἱ φίλοι τοῖς φίλοις, ἐρίζουσιν δὲ οἱ διάφοροί τε καὶ ἐχθροὶ ἀλλήλοις – καὶ οὕτως ἂν καλλίστη ἡμῖν ἡ συνουσία γίγνοιτο· ὑμεῖς τε γὰρ οἱ λέγοντες μάλιστ' ἂν οὕτως ἐν ἡμῖν τοῖς [337.b.5] ἀκούουσιν εὐδοκιμοῖτε καὶ οὐκ ἐπαινοῖσθε – εὐδοκιμεῖν μὲν γὰρ ἔστιν παρὰ ταῖς ψυχαῖς τῶν ἀκουόντων ἄνευ ἀπάτης, ἐπαινεῖσθαι δὲ ἐν λόγῳ πολλάκις

plausivelmente<sup>212</sup>. É necessário, pois, cada um manifestar a própria maneira de pensar.”

Então, depois de Alcibíades, pelo que lembro, foi Crítias que disse:

— “Pródico e Hípias, enquanto Cálías me parece estar mais a favor de Protágoras, Alcibíades, por sua vez, tem sempre desejoso de vitória contra tudo aquilo que ataca. Nós, porém, não precisamos nos juntar ao desejo de vitória nem em relação a Sócrates e nem em relação a Protágoras, e sim pedir para que os dois, juntos, não interrompam o encontro pela metade.”

336 e

E, depois que ele falou essas coisas, aí foi Pródico:

337 a

— “Concordo com você, Crítias”, disse ele, “de fato é necessário que os presentes em diálogos<sup>213</sup> como esses sejam ouvintes daqueles que dialogam de modo neutro, o que não significa dizer de modo igual, afinal, não tratam-se da mesma coisa. Pois, escutar ambos com neutralidade é necessário, mas não igualmente a cada um deles, e sim, dar mais atenção ao mais sábio e menos ao mais ignorante.

Eu mesmo, Protágoras e Sócrates, considero adequado que vocês entrem em um acordo recíproco em relação aos discursos e que [até] discordem, se for o caso, mas não que rivalizem. Pois só disputam entre si os adversários e inimigos, enquanto os amigos discordam dos argumentos dos amigos com bom senso, e, assim, nós teríamos um encontro elevado.

337 b

Desse modo, vocês, os falantes, seriam bem reputados, e não [apenas] elogiados, por nós, os ouvintes. Já que o bem reputar [acontece] nas próprias almas dos ouvintes, sem artimanhas. Enquanto que o elogiar com a palavra [se dá], muitas vezes, a partir de uma

---

<sup>212</sup> Conforme já pré-anunciado em 309b 6, eis o momento em que Alcibíades falou em favor de Sócrates.

<sup>213</sup> “Diálogos” (λόγοι).

παρὰ δόξαν ψευδομένων – [337.c.1] ἡμεῖς τ' αὖ οἱ ἀκούοντες μάλιστ' ἂν οὕτως  
εὐφραινοίμεθα, οὐχ ἡδοίμεσθα – εὐφραίνεσθαι μὲν γὰρ ἔστιν μανθάνοντά τι καὶ  
φρονήσεως μεταλαμβάνοντα αὐτῇ τῇ διανοίᾳ, ἡδεσθαι δὲ ἐσθίοντά τι ἢ ἄλλο ἢδὸν πάσχοντα  
αὐτῷ τῷ σώματι. [337.c.5] Ταῦτα οὖν εἰπόντος τοῦ Προδίκου πολλοὶ πάνυ τῶν παρόντων  
ἀπεδέξαντο· μετὰ δὲ τὸν Πρόδικον Ἰππίας ὁ σοφὸς εἶπεν, ὦ ἄνδρες, ἔφη, οἱ παρόντες,  
ἡγοῦμαι ἐγὼ ὑμᾶς συγγενεῖς τε καὶ οἰκείους καὶ πολίτας ἅπαντας εἶναι – [337.d.1] φύσει,  
οὐ νόμῳ· τὸ γὰρ ὅμοιον τῷ ὁμοίῳ φύσει συγγενές ἐστιν, ὁ δὲ νόμος, τύραννος ὢν τῶν  
ἀνθρώπων, πολλὰ παρὰ τὴν φύσιν βιάζεται – ἡμᾶς οὖν αἰσχρὸν τὴν μὲν φύσιν τῶν  
πραγμάτων εἰδέναι, σοφωτάτους δὲ ὄντας τῶν Ἑλλήνων, καὶ [337.d.5] κατ' αὐτὸ τοῦτο νῦν  
συνεληλυθότας τῆς τε Ἑλλάδος εἰς αὐτὸ τὸ πρυτανεῖον τῆς σοφίας καὶ αὐτῆς τῆς πόλεως  
εἰς τὸν μέγιστον καὶ ὀλβιώτατον οἶκον τόνδε, μηδὲν τούτου τοῦ [337.e.1] ἀξιώματος ἄξιον  
ἀποφίνασθαι, ἀλλ' ὥσπερ τοὺς φαυλοτάτους τῶν ἀνθρώπων διαφέρεσθαι ἀλλήλοις. ἐγὼ  
μὲν οὖν καὶ δέομαι καὶ συμβουλεύω, ὦ Πρωταγόρα τε καὶ Σώκρατες, συμβῆναι ὑμᾶς  
ὥσπερ ὑπὸ δαιτητῶν ἡμῶν συμβιβαζόντων [338.a.1] εἰς τὸ μέσον, καὶ μήτε σὲ τὸ ἀκριβὲς  
τοῦτο εἶδος τῶν διαλόγων ζητεῖν τὸ κατὰ βραχὺ λίαν, εἰ μὴ ἢδὸν Πρωταγόρα, Ἄλλ' ἐφεῖναι  
καὶ χαλάσαι τὰς ἡνίας τοῖς λόγοις, ἵνα μεγαλοπρεπέστεροι καὶ εὐσχημονέστεροι ἡμῖν  
φαίνωνται, μήτ' αὖ [338.a.5] Πρωταγόραν

opinião não verdadeira.

Ademais nós, os ouvintes, desse modo, nos encantariamos mais, e não [apenas] sentiríamos prazer. Pois enquanto o encantar-se é aprender algo e, de maneira inteligível, captá-lo pela genuína [faculdade] do pensamento, o sentir prazer, por sua vez, é o que se sente comendo algo ou experimentando satisfação com o mero corpo<sup>214</sup>.

337 c

Então, Pródico tendo dito essas coisas, muitos dos presentes acataram completamente. E o sábio Hípias falou depois de Pródico:

— “Homens presentes”, disse ele, “eu avalio que todos vocês são familiares, parentes e cidadãos pela natureza e não por convenção<sup>215</sup>, pois é pela natureza que as coisas similares são da mesma espécie, enquanto que a convenção, sendo tirana dos homens, muitas vezes contraria a natureza. Nós conhecemos a natureza das coisas, somos os mais sábios entre os helenos e, por essa razão que nos reunimos agora na Hélade, na maior e mais próspera casa dessa pólis, para o *prítaneu* do saber. Por isso tudo, então, seria vergonhoso para nós se não demonstrássemos nada digno dessa reputação, mas desafinássemos reciprocamente como os mais desprezíveis dos homens.

337 d

337 e

Então eu não só peço como conselho, Protágoras e Sócrates, que vocês, de fato, caminhem juntos através dos nossos julgamentos e se reconciliem rumo ao meio termo.

338 a

E que você<sup>216</sup> não procure, por meio de brevidade excessiva, essa forma estrita dos diálogos se ela não é agradável a Protágoras, mas relaxe e ‘solte as rédeas dos discursos’ a fim de que nos pareçam mais magnificentes e elegantes. E nem que Protágoras, por sua vez,

---

<sup>214</sup> Eis aqui o primeiro exemplo prático do tão comentado estilo de fazer a distinção das palavras, atribuído a Pródico, cf. nota nº 106.

<sup>215</sup> Oposição entre “natureza” (φύσις) e “convenção” (νόμος), ou seja, entre o que é dado pela natureza e o que é convencionado pelo homem. Tema comum aos sofistas do séc. V, cf. *Górgias* (482 e, segs.), cf. também Guthrie (1996, p. 55). A opinião de Hípias sobre as convenções aparecem em Xenofonte (*Memoráveis*, IV, 4, 14).

<sup>216</sup> O contexto sugere que, certamente, Hípias disse essas palavras olhando para Sócrates.

πάντα κάλων ἐκτείναντα, οὐρία ἐφέντα, φεύγειν εἰς τὸ πέλαγος τῶν λόγων ἀποκρύψαντα γῆν, ἀλλὰ μέσον τι ἀμφοτέρους τεμεῖν. ὡς οὖν ποιήσετε, καὶ πείθεσθέ μοι ῥαβδοῦχον καὶ ἐπιστάτην καὶ πρύτανιν ἐλέσθαι ὃς ὑμῖν [338.b.1] φυλάξει τὸ μέτριον μῆκος τῶν λόγων ἑκατέρου. Ταῦτα ἤρεσε τοῖς παροῦσι, καὶ πάντες ἐπήνεσαν, καὶ ἐμέ τε ὁ Καλλίας οὐκ ἔφη ἀφήσειν καὶ ἐλέσθαι ἐδέοντο ἐπιστάτην. εἶπον οὖν ἐγὼ ὅτι αἰσχρὸν εἶη βραβευτὴν ἐλέσθαι τῶν λόγων. [338.b.5] εἴτε γὰρ χείρων ἔσται ἡμῶν ὁ αἰρεθείς, οὐκ ὀρθῶς ἂν ἔχοι τὸν χείρω τῶν βελτιόνων ἐπιστατεῖν, εἴτε ὅμοιος, οὐδ' οὕτως ὀρθῶς· ὁ γὰρ ὅμοιος ἡμῖν ὅμοια καὶ ποιήσει, ὥστε ἐκ [338.c.1] περιττοῦ ἡρήσεται. ἀλλὰ δὴ βελτίονα ἡμῶν αἰρήσεσθε. τῇ μὲν ἀληθείᾳ, ὡς ἐγὼμαι, ἀδύνατον ὑμῖν ὥστε Πρωταγόρου τοῦδε σοφώτερόν τινα ἐλέσθαι· εἰ δὲ αἰρήσεσθε μὲν μηδὲν βελτίω, φήσετε δέ, αἰσχρὸν καὶ τοῦτο τῷδε γίγνεται, ὥσπερ [338.c.5] φαύλω ἀνθρώπῳ ἐπιστάτην αἰρεῖσθαι, ἐπεὶ τό γ' ἐμὸν οὐδὲν μοι διαφέρει. ἀλλ' οὕτως ἐθέλω ποιῆσαι, ἵν' ὁ προθυμεῖσθε συνουσία τε καὶ διάλογοι ἡμῖν γίνωνται· εἰ μὴ βούλεται [338.d.1] Πρωταγόρας ἀποκρίνεσθαι, οὗτος μὲν ἐρωτάτω, ἐγὼ δὲ ἀποκρινούμαι, καὶ ἅμα πειράσομαι αὐτῷ δεῖξαι ὡς ἐγὼ φημι χρῆναι τὸν ἀποκρινόμενον ἀποκρίνεσθαι· ἐπειδὴν δὲ ἐγὼ ἀποκρίνωμαι ὅπως' ἂν οὗτος βούληται ἐρωτᾶν, πάλιν οὗτος [338.d.5] ἐμοὶ λόγον ὑποσχέτω ὁμοίως. ἐὰν οὖν μὴ δοκῇ πρόθυμος εἶναι πρὸς αὐτὸ τὸ ἐρωτώμενον ἀποκρίνεσθαι, καὶ ἐγὼ καὶ ὑμεῖς κοινῇ δεησόμεθα αὐτοῦ ἅπερ ὑμεῖς ἐμοῦ, μὴ διαφθεῖρην τὴν συνουσίαν· [338.e.1] καὶ οὐδὲν δεῖ τούτου ἕνεκα ἓνα ἐπιστάτην γενέσθαι, ἀλλὰ

‘desenrolando todas as velas’ e soltando-as ao vento, fuja ao ‘mar [ilimitado] dos [longos] discursos’ e suma da terra. [O melhor] é ambos partilharem do meio termo. Então, [se] vocês estiverem de acordo comigo, façam o seguinte: elejam um juiz, *epístata* ou *prítane* que cuidará para que cada um dos discursos de vocês tenha um tamanho mediano.”

Essas coisas satisfizeram os presentes, todos aprovaram. Cálias disse que não me deixaria ir embora, e eles me pediam para escolher um epístata. Então eu falei que:

338 b

— “Seria vergonhoso escolher alguém para julgar as falas; tanto no caso do escolhido vir a ser pior do que nós, pois não seria correto os piores presidirem os melhores, como também não seria correto se fosse igual, pois o igual fará também igual a nós e, assim, teríamos uma escolha redundante. A não ser que vocês escolham, então, uma pessoa melhor do que nós!

338 c

Mas, na verdade, eu acho que é impossível vocês escolherem alguém mais sábio do que este Protágoras aqui presente<sup>217</sup>. Contudo, se vocês escolherem alguém que não é melhor, mas declarem que é, como, por exemplo, escolher como epístata um homem medíocre, isso também se torna vergonhoso a ele, ainda que, para mim pelo menos, não faz a menor diferença.

Não obstante, para que o nosso colóquio e os nossos diálogos aconteçam [de fato], que é aquilo que vocês tanto querem, gostaria de propor o seguinte: se Protágoras não quer responder, então, que ele questione para que eu possa responder e, ao mesmo tempo, tentarei demonstrar a ele, respondendo, a maneira que se deve responder, de acordo com o que estou falando. E depois, então, de eu responder o tanto quanto ele quiser questionar, em sentido inverso, ele deverá, igualmente, submeter [sua] fala às minhas [questões].

338 d

E se, por ventura, ele não parecer estar animado para responder o que for questionado, eu e vocês, em conjunto (assim como vocês [fizeram] comigo), pediremos a ele para não arruinar o colóquio. Por causa disso, não deveria ter nenhum epístata, e sim

338 e

---

<sup>217</sup> A acirrada logomaquia travada por Sócrates e Protágoras não dá margem para entendermos que Sócrates estaria sendo irônico nesta passagem.

πάντες κοινή ἐπιστατήσετε. Ἐδόκει πᾶσιν οὕτω ποιητέον εἶναι· καὶ ὁ Πρωταγόρας πάνυ  
μὲν οὐκ ἤθελεν, ὅμως δὲ ἠναγκάσθη ὁμολογήσαι ἐρωτήσεις, καὶ ἐπειδὴν ἱκανῶς [338.e.5]  
ἐρωτήση, πάλιν δώσειν λόγον κατὰ σμικρὸν ἀποκρινόμενος. Ἦρξατο οὖν ἐρωτᾶν οὕτωςί  
πως· Ἦγοῦμαι, ἔφη, ὃ Σώκρατες, ἐγὼ ἀνδοὶ παιδείας μέγιστον μέρος εἶναι περὶ ἐπῶν  
[339.a.1] δεινὸν εἶναι· ἔστιν δὲ τοῦτο τὰ ὑπὸ τῶν ποιητῶν λεγόμενα οἷόν τ' εἶναι συνιέναι ἅ  
τε ὀρθῶς πεποιήται καὶ ἅ μὴ, καὶ ἐπίστασθαι διελεῖν τε καὶ ἐρωτώμενον λόγον δοῦναι. καὶ  
δὴ καὶ νῦν ἔσται τὸ ἐρώτημα περὶ τοῦ αὐτοῦ μὲν περὶ οὐπερ ἐγώ [339.a.5] τε καὶ σὺ νῦν  
διαλεγόμεθα, περὶ ἀρετῆς, μετενηνεγμένον δ' εἰς ποίησιν· τοσοῦτον μόνον διοίσει. λέγει  
γάρ που Σιμωνίδης πρὸς Σκόπαν τὸν Κρέοντος ὑὸν τοῦ Θετταλοῦ ὅτι –

[339.b.1]

ἄνδρ' ἀγαθὸν μὲν ἀλαθέως γενέσθαι  
χαλεπὸν, χερσὶν τε καὶ ποσὶ καὶ νόφ  
τετράγωνον, ἄνευ ψόγου τετυγμένον.

τοῦτο ἐπίστασαι τὸ ἄσμα, ἢ πᾶν σοὶ διεξέλθω;

que todos, em conjunto, sejamos epístatas.”

A todos parecia que assim deveria ser feito. Protágoras não estava gostando muito, no entanto, foi impelido a concordar que questionaria e que, depois que questionasse o bastante, daria de volta a palavra, respondendo de maneira breve. Então, ele começou por questionar da seguinte maneira:

— “Sócrates”, disse ele, “eu considero que a parte mais importante da educação de um homem é ser *expert* a respeito dos poesias<sup>218</sup>, isto é, ser capaz de compreender as elaborações dos poetas, e [saber] quais foram feitas corretamente e quais não, além de, sendo questionado, saber interpretá-las e apresentar [seu próprio] raciocínio<sup>219</sup>. A propósito, [em relação ao poema que me acaba de me ocorrer] agora, teremos, na verdade, uma questão a respeito do mesmo [assunto] que eu e você conversávamos há pouco: a virtude, com a diferença de que [agora o assunto] foi vertido para a poesia. Pois, em algum lugar, Simônides fala a Scopas, o filho do tessálio Creonte, que:

339 a

‘Vir a ser’ homem bom, de fato,  
forjado sem falha  
de mãos, de pés e de mente, simetricamente,  
difícil, verdadeiramente<sup>220</sup>.

339 b

você sabe esta ode ou [eu devo] delinear toda ela para você?”

---

<sup>218</sup> No contexto histórico da Atenas do século V a.C, as “poesias” representavam o principal acervo intelectual de que se dispunha. Protágoras afirma que a parte mais importante da educação é ser fluente nessa tradição que engloba, assim, além de poesias propriamente ditas, relatos históricos, poemas filosóficos e toda a tradição mitológica e literária, no sentido mais amplo possível do termo.

<sup>219</sup> “Raciocínio” (λόγος).

<sup>220</sup> Simônides, Fr. 37 1.1.

[339.b.5] Καὶ ἐγὼ εἶπον ὅτι Οὐδὲν δεῖ· ἐπίσταμαί τε γάρ, καὶ πάνυ μοι τυγχάνει μεμεληκὸς

τοῦ ἄσματος. Εὖ, ἔφη, λέγεις. πότερον οὖν καλῶς σοι δοκεῖ πεποιῆσθαι καὶ ὀρθῶς, ἢ οὐ; –

Πάνυ, ἔφην ἐγώ, <καλῶς> τε καὶ ὀρθῶς. – Δοκεῖ δέ σοι καλῶς πεποιῆσθαι, εἰ ἐναντία

λέγει αὐτὸς αὐτῷ ὁ ποιητής; – Οὐ καλῶς, ἦν δ' ἐγώ. – Ὅρα δὴ, ἔφη, [339.c.1]βέλτιον. –

Ἀλλ', ὠγαθέ, ἔσκεμμαι ἱκανῶς. – Οἶσθα οὖν, ἔφη, ὅτι προῖόντος τοῦ ἄσματος λέγει που –

οὐδέ μοι ἐμμελέως τὸ Πιττάκειον

νέμεται, καίτοι σοφοῦ παρὰ φωτὸς εἰ-

ρημένον· χαλεπὸν φάτ' ἐσθλὸν ἔμμεναι. [339.c.5]

ἐννοεῖς ὅτι ὁ αὐτὸς οὗτος καὶ τάδε λέγει κάκεῖνα τὰ ἔμπροσθεν; – Οἶδα, ἦν δ' ἐγώ. –

Δοκεῖ οὖν σοι, ἔφη, ταῦτα ἐκείνοις ὁμολογεῖσθαι; – Φαίνεται ἔμοιγε (καὶ ἅμα μέντοι

ἐφοβούμην μὴ τι λέγοι) ἀτάρ, ἔφην ἐγώ, σοὶ οὐ φαίνεται;

E eu falei que:

\_\_ “Não precisa, pois também sei. Além disso, o caso é que já faz tempo que eu penso sobre essa ode.”

\_\_ “Foi bom você falar.” Disse ele. “E te parece que ela foi bem feita e de maneira correta ou não?”

\_\_ “Com certeza”, disse eu, “bem [feita] e de maneira correta.”

\_\_ “Mas te parece bem feita, se o próprio poeta fala contrariamente a si mesmo?”

\_\_ “[Como assim], não está bem [feita]?” Disse eu.

\_\_ “Então observe melhor.” Disse ele.

\_\_ “Mas, excelentíssimo, já averigui o suficiente.”

\_\_ “Então você já sabe”, ele disse, “que indo adiante, em algum lugar da ode, ele diz:

339 c

Embora por um homem sábio tenha sido dito,  
não me soa melódico o que considera Pítaco  
que declara: é difícil ‘ser’ íntegro<sup>221</sup>.

[já] passou pela sua cabeça que esse daqui é o mesmo que fala aquelas coisas de antes?”

\_\_ “Eu sei!” Disse eu.

\_\_ “Então te parece que essas coisas concordam com aquelas?”

\_\_ “A mim, pelo menos, parece.”

Contudo, fiquei com receio que ele falasse algo [que confirmasse sua tese] e disse:

\_\_ “Também não te parece?”

---

<sup>221</sup> “Íntegro” neste verso pode ser sinônimo de “bom” no verso anterior, contudo, optei por uma palavra diferente para evidenciar a elaboração no grego; no primeiro verso com: ἀγαθος e no segundo com: ἐσθλο:. Contudo, como veremos adiante, o debate conceitual será, a rigor, entre os verbos “vir a ser” (γίγνομαι) e “ser” (εἶμί).

– Πῶς γὰρ ἂν [339.d.1] φαίνοιτο ὁμολογεῖν αὐτὸς ἑαυτῷ ὅ ταῦτα ἀμφοτέρω λέγων, ὅς γε τὸ μὲν πρῶτον αὐτὸς ὑπέθετο χαλεπὸν εἶναι ἄνδρα ἀγαθὸν γενέσθαι ἀλαθείᾳ, ὀλίγον δὲ τοῦ ποιήματος εἰς τὸ πρόσθεν προελθὼν ἐπελάθετο, καὶ Πιττακὸν τὸν ταῦτα [339.d.5] λέγοντα ἑαυτῷ, ὅτι χαλεπὸν ἐσθλὸν ἔμμεναι, τοῦτον μέμφεται τε καὶ οὐ φησιν ἀποδέχεσθαι αὐτοῦ τὰ αὐτὰ ἑαυτῷ λέγοντος; καίτοι ὅποτε τὸν ταῦτα λέγοντα αὐτῷ μέμφεται, δῆλον ὅτι καὶ ἑαυτὸν μέμφεται, ὥστε ἦτοι τὸ πρότερον ἢ ὕστερον οὐκ ὀρθῶς λέγει. Εἰπὼν οὖν ταῦτα πολλοῖς θόρυβον παρέσχεν καὶ ἔπαινον [339.e.1] τῶν ἀκουόντων· καὶ ἐγὼ τὸ μὲν πρῶτον, ὥσπερ εἰ ὑπὸ ἀγαθοῦ πύκτου πληγείς, ἐσκοτώθην τε καὶ ἰλιγγίασα εἰπόντος αὐτοῦ ταῦτα καὶ τῶν ἄλλων ἐπιθορυβησάντων· ἔπειτα – ὥς γε πρὸς σὲ εἰρηῆσθαι τάληθῆ, ἵνα μοι χρόνος ἐγγένηται τῆ σκέψει τί [339.e.5] λέγοι ὁ ποιητής – τρέπομαι πρὸς τὸν Πρόδικον, καὶ καλέσας αὐτόν, ὦ Πρόδικε, ἔφην ἐγὼ, σὸς μέντοι Σιμωνίδης πολίτης· [340.a.1] δίκαιος εἶ βοηθεῖν τῷ ἀνδρί. δοκῶ οὖν μοι ἐγὼ παρακαλεῖν σέ· ὥσπερ ἔφη Ὅμηρος

\_\_ “Mas como ele poderia estar de acordo consigo mesmo dizendo essas duas coisas? Pois enquanto ele mesmo primeiramente propõe que:

339 d

é difícil ‘vir a ser’ homem bom verdadeiramente

pouco depois, indo adiante, se esqueceu do poema anterior e, quando é Pítaco que está lhe falando essas coisas, que é:

difícil ‘ser’ íntegro<sup>222</sup>.

reprova isso e declara não acatar daquele as mesmas coisas que ele próprio falou. Desse modo, quando reprova as mesmas coisas faladas por si próprio é claro que reprova a si mesmo e, então, a rigor, é como não falar corretamente seja antes ou depois.”

Então, tendo falado tais coisas, a maioria dos ouvintes aplaudiram e elogiaram<sup>223</sup>. E eu, a princípio, como que golpeado por um bom pugilista<sup>224</sup>, titubeei e fiquei aturdido com ele falando essas coisas e com os outros o clamando. Depois, para te dizer toda a verdade, para que eu tivesse tempo de averiguar o que o poeta poderia ter dito, me dirigi a Pródico e o chamei:

339 e

\_\_ “Pródico”, disse eu, “para todos os efeitos, Simônides é teu concidadão, será justo você salvar o homem. Então, acho bom eu te invocar, como disse Homero<sup>225</sup> [no caso de]

340 a

---

<sup>222</sup> Como Sócrates irá demonstrar, de fato não há contradição no poema, o primeiro trecho afirma que é difícil “vir a ser” bom enquanto que o segundo afirma que é difícil “ser” íntegro.

<sup>223</sup> Protágoras se mostra apto a usar contra Sócrates o mesmo recurso que distingue o filósofo ateniense: a contradição induzida, fazendo coerente a afirmação presente em Diógenes Laércio (IX, 8, 53) de que Protágoras teria sido o primeiro a usar o método socrático de discussão. Nesse ponto Platão, como fonte histórica, está de acordo com uma outra fonte, ainda que pouco confiável, Diógenes Laércio.

<sup>224</sup> Primeiro Sócrates usa a metáfora de um corredor (335 e) e, agora, de um pugilista para mostrar a supremacia de Protágoras em relação a ele. Em ambos os casos a alusão à disputa, à competição entre adversários.

<sup>225</sup> Em *Iliada* (XXI, 308).

τὸν Σκάμανδρον πολιορκούμενον ὑπὸ τοῦ Ἀχιλλέως τὸν Σιμόεντα παρακαλεῖν, εἰπόντα –

φίλε κασίγνητε, σθένος ἀνέρος ἀμφοτέροί περ

[340.a.5] σχῶμεν,

ἀτὰρ καὶ ἐγὼ σὲ παρακαλῶ, μὴ ἡμῖν ὁ Πρωταγόρας τὸν Σιμωνίδην ἐκπέρσῃ. καὶ γὰρ οὖν  
καὶ δεῖται τὸ ὑπὲρ Σιμωνίδου ἐπανόρθωμα τῆς σῆς μουσικῆς, ἧ τὸ τε βούλεσθαι καὶ  
[340.b.1] ἐπιθυμεῖν διαιρεῖς ὡς οὐ ταῦτόν ὄν, καὶ ἅ νυνδὴ εἶπες πολλά τε καὶ καλά. καὶ νῦν  
σκόπει εἴ σοι συνδοκεῖ ὄπερ ἐμοί. οὐ γὰρ φαίνεται ἐναντία λέγειν αὐτὸς αὐτῷ Σιμωνίδης.  
σὺ γάρ, ὃ Πρόδικε, προαπόφηναι τὴν σὴν γνώμην· ταῦτόν σοι [340.b.5] δοκεῖ εἶναι τὸ  
γενέσθαι καὶ τὸ εἶναι, ἢ ἄλλο; – Ἄλλο νῆ Δί', ἔφη ὁ Πρόδικος. – Οὐκοῦν, ἔφην ἐγώ, ἐν  
μὲν τοῖς πρώτοις αὐτὸς ὁ Σιμωνίδης τὴν ἑαυτοῦ γνώμην ἀπεφήνατο, ὅτι ἄνδρα [340.c.1]  
ἀγαθὸν ἀληθείᾳ γενέσθαι χαλεπὸν εἶη; – Ἀληθῆ λέγεις, ἔφη ὁ Πρόδικος. – Τὸν δέ γε  
Πιττακόν, ἧν δ' ἐγώ, μέμφεται, οὐχ ὡς οἶεται Πρωταγόρας, ταῦτόν ἑαυτῷ λέγοντα, ἀλλ'  
ἄλλο. οὐ γὰρ τοῦτο ὁ Πιττακὸς ἔλεγεν τὸ χαλεπὸν, <γενέσθαι> [340.c.5] ἐσθλόν, ὥσπερ ὁ  
Σιμωνίδης, ἀλλὰ τὸ <ἔμμεναι>· ἔστιν δὲ οὐ ταῦτόν, ὃ Πρωταγόρα, ὡς φησιν Πρόδικος ὄδε,  
τὸ εἶναι καὶ τὸ γενέσθαι. εἰ δὲ μὴ τὸ αὐτὸ ἐστὶν τὸ εἶναι τῷ γενέσθαι, οὐκ ἐναντία λέγει ὁ  
Σιμωνίδης αὐτὸς αὐτῷ. καὶ ἴσως ἂν [340.d.1] φαίη Πρόδικος ὄδε καὶ ἄλλοι πολλοὶ καθ'  
Ἡσίοδον

Escamandro<sup>226</sup> que, cercado por Aquiles, invocou Símois<sup>227</sup> tendo falado:

ainda assim, querido irmão,  
tenhamos ambos  
força de homem

pois bem, eu também te invoco para Protágoras não nos assolar Simônides.

De fato, a correção de Simônides pede por tua destreza<sup>228</sup>, aquela com a qual você distingue o querer e o desejar como não sendo idênticos, com a mesma que, há pouco, falou muitas e belas coisas. Também agora, examine [com ela] se você concorda comigo. Pois Simônides não parece falar contrariamente a si mesmo. Então, Pródico, antes de mais nada, diga o que você acha: o ‘ser’ e o ‘vir a ser’ te parecem serem iguais ou diferentes?”

340 b

\_\_\_ “Diferentes, por Zeus.” Disse Pródico.

\_\_\_ “A rigor, não teria se manifestado nos primeiros [versos] o pensamento do próprio Simônides, que, na verdade, um homem “vir a ser” bom seria difícil?”

340 c

\_\_\_ “É verdade o que você fala.” Disse Pródico.

\_\_\_ “Por outro lado, ele reprova Pítaco”, eu disse, “não como considera Protágoras, por falar o mesmo que ele, mas, por outro [motivo]. Pois Pítaco não afirmou a Simônides que: é difícil ‘vir a ser’, mas, ‘ser’ íntegro. E, meu caro Protágoras, como o Pródico declara, não são idênticos o ‘ser’ e o ‘vir a ser’. Se, então, não são a mesma coisa o ‘ser’ ao ‘vir a ser’, Simônides não fala [de maneira] contraditória. Pródico aqui presente, e muitos outros, [também] poderiam declarar igualmente, seguindo Hesíodo, [que]:

340 d

---

<sup>226</sup> Mencionado também por Hesíodo (*Teogonia*, 345), Escamandro é, por vezes, confundido com seu afluente Símios, Escamandro é o mais importante deus-rio da planície troiana e tem como epíteto Xanto, “ouro avermelhado”, Smith (1861, vol. III, p. 734).

<sup>227</sup> Descrito como um filho do Oceano e de Tétis, Símois é o deus do rio que leva o mesmo nome, Smith (1861, vol. III, p. 828).

<sup>228</sup> “Destreza” (μουσική), literalmente “musicalidade” - habilidade relativa às Musas, às artes, à poesia.

γενέσθαι μὲν ἀγαθὸν χαλεπὸν εἶναι – τῆς γὰρ <ἀρετῆς ἔμπροσθεν> τοὺς θεοὺς <ιδρῶτα>

θεῖναι – ὅταν δέ τις αὐτῆς <εἰς ἄκρον ἵκηται, ῥηϊδίην δῆπειτα πέλειν, χαλεπὴν [340.d.5] περ

εἰσαν>, ἐκτῆσθαι. Ὅ μὲν οὖν Πρόδικος ἀκούσας ταῦτα ἐπήγεσέν με· ὁ δὲ Πρωταγόρας,

Τὸ ἐπανόρθωμά σοι, ἔφη, ὃ Σώκρατες, μείζον ἀμάρτημα ἔχει ἢ ὁ ἐπανορθοῖς. Καὶ ἐγὼ

εἶπον· Κακὸν ἄρα μοι εἴργασται, ὡς ἔοικεν, ὃ [340.e.1] Πρωταγόρα, καὶ εἰμί τις γελοῖος

ιατρός· ἰώμενος μείζον τὸ νόσημα ποιῶ. Ἄλλ' οὕτως ἔχει, ἔφη. Πῶς δὲ; ἦν δ' ἐγώ.

[340.e.5] Πολλὴ ἄν, ἔφη, ἀμαθία εἴη τοῦ ποιητοῦ, εἰ οὕτω φαῦλόν τί φησιν εἶναι τὴν

ἀρετὴν ἐκτῆσθαι, ὃ ἐστὶν πάντων χαλεπώτατον, ὡς ἅπασιν δοκεῖ ἀνθρώποις. Καὶ ἐγὼ

εἶπον· Νῆ τὸν Δία, εἰς καιρὸν γε παρατετύχηκεν ἡμῖν ἐν τοῖς λόγοις Πρόδικος ὅδε.

κινδυνεύει γάρ τοι, ὃ [341.a.1] Πρωταγόρα, ἢ Προδίκου σοφία θεία τις εἶναι

Vir a ser bom é difícil, pois, antes da virtude, os deuses impuseram o suor. E quando, então, alguém alcança o topo dela, com facilidade, depois, vai se aproximar, ainda assim, é difícil chegar a adquiri-la <sup>229</sup>”.

Então, Pródico escutou essas coisas e me aprovou, já Protágoras...

\_\_\_ “A sua correção, Sócrates”, ele disse, “tem um erro maior do que aquilo que você corrige.”

E eu falei:

\_\_\_ “Ih, Protágoras, pelo visto me dei mal e sou uma espécie de médico paspalhão; na ação de curar torno a doença maior.” 340 e

\_\_\_ “Mas é isso mesmo!” Disse ele.

\_\_\_ “Como assim?” Disse eu.

\_\_\_ “Seria muita ignorância do poeta se declarasse que a virtude se adquire assim facilmente, justo ela que é, de acordo com a opinião [comum] a todos os homens, dentre todas as coisas, a mais difícil [de se adquirir].”

E eu falei:

\_\_\_ “Por Zeus!, veio bem a calhar do Pródico ter estado aqui presente em meio aos nossos debates<sup>230</sup>. É bem provável, Protágoras, que a sabedoria de Pródico tenha algo de divino e 341 a

---

<sup>229</sup> Paráfrase da passagem 289 – 292 d’*Os trabalhos e os Dias* de Hesíodo.

<sup>230</sup> “Debates” (λόγοι).

πάλαι, ἤτοι ἀπὸ Σιμωνίδου ἀρξαμένη, ἢ καὶ ἔτι παλαιότερα. σὺ δὲ ἄλλων πολλῶν ἔμπειρος ὢν ταύτης ἄπειρος εἶναι φαίνει, οὐχ ὥσπερ ἐγὼ ἔμπειρος διὰ τὸ μαθητῆς εἶναι Προδίκου τουτουί· [341.a.5] καὶ νῦν μοι δοκεῖς οὐ μανθάνειν ὅτι καὶ τὸ χαλεπὸν τοῦτο ἴσως οὐχ οὕτως Σιμωνίδης ὑπελάμβανεν ὥσπερ σὺ ὑπολαμβάνεις, ἀλλ' ὥσπερ περὶ τοῦδαινοῦ Πρόδικός με οὕτως νουθετεῖ ἐκάστοτε, ὅταν ἐπαιῶν ἐγὼ ἢ σὲ ἢ ἄλλον τινὰ λέγω ὅτι Πρωταγόρας σοφὸς καὶ δεινὸς ἐστὶν ἀνὴρ, ἐρωτᾷ [341.b.1] εἰ οὐκ αἰσχύνομαι τάγαθὰ δεινὰ καλῶν. τὸ γὰρ δεινόν, φησὶν, κακόν ἐστίν· οὐδεὶς γοῦν λέγει ἐκάστοτεδαινοῦ πλούτου οὐδέδαινης εἰρήνης οὐδέδαινης ὑγείας, ἀλλὰ δαινης νόσου καὶδαινοῦ πολέμου καὶδαινης πενίας, [341.b.5] ὡς τοῦ δαινοῦ κακοῦ ὄντος. ἴσως οὖν καὶ τὸ χαλεπὸν αὐτὸ οἱ Κεῖοι καὶ ὁ Σιμωνίδης ἢ κακὸν ὑπολαμβάνουσι ἢ ἄλλο τι ὃ σὺ οὐ μανθάνεις· ἐρώμεθα οὖν Πρόδικον – δίκαιον γὰρ τὴν Σιμωνίδου φωνὴν τοῦτον ἐρωτᾶν – τί ἔλεγεν, ὃ Πρόδικε, τὸ [341.c.1] χαλεπὸν Σιμωνίδης; Κακόν, ἔφη. Διὰ ταῦτ' ἄρα καὶ μέμφεται, ἦν δ' ἐγώ, ὃ Πρόδικε, τὸν Πιπτακὸν λέγοντα <χαλεπὸν ἐσθλὸν ἔμμεναι>, ὥσπερ ἂν [341.c.5] εἰ ἤκουεν αὐτοῦ λέγοντος ὅτι ἐστὶν κακόν <ἐσθλὸν ἔμμεναι>. Ἀλλὰ τί οἶει, ἔφη, λέγειν, ὃ Σώκρατες, Σιμωνίδην ἄλλο ἢ τοῦτο, καὶ ὀνειδίζειν

primordial, certamente iniciada a partir de Simônides ou antes ainda. Mas você, enquanto está familiarizado com muitas outras coisas, parece não estar familiarizado com essa [arte]<sup>231</sup>, não como eu, [que estou] familiarizado por ser aprendiz de Pródico aqui presente.

E agora, me parece que você não está entendendo que esse ‘difícil’ não foi interpretado por Simônides exatamente como você está interpretando. De maneira parecida, a respeito do [termo] terrível<sup>232</sup>, o Pródico me chama a atenção a todo momento. Quando, [por exemplo], eu aprecio você ou algum outro e digo que Protágoras é um homem sábio e terrível, ele me pergunta se eu não tenho vergonha de ficar chamando uma coisa boa de terrível. Pois ele afirma que o terrível [se refere a algo] ruim.

341 b

Pelo menos ninguém fala a todo momento de uma terrível riqueza, de uma terrível paz, terrível saúde, e sim de uma terrível doença, de uma terrível guerra e de uma pobreza terrível, justamente porque terrível trata-se de um mau. Assim também com [o termo] difícil, talvez Simônides e os [habitantes] de Cós o interpretam como um mau, ou como alguma outra coisa que você não está entendendo.

Então, vamos questionar Pródico (afinal, faz sentido questioná-lo sobre a linguagem de Simônides). Pródico, o que Simônides [queria] dizer com [o termo] ‘difícil?’”

341 c

— “Mau.” Disse ele.

— “[E seria] principalmente por causa disso, Pródico”, eu disse, “que ele reprova Pítaco que, [por sua vez], fala que é ‘difícil ser íntegro’, como se [Simônides] escutasse [Pítaco] falando que é ‘mau ser íntegro?’”

— “Que outra coisa você imagina, Sócrates”, disse ele, “que Simônides iria falar e censurar

---

<sup>231</sup> De fato, Protágoras mostra que não é versado na mesma arte que elogia em 338e 8, de “ser expert a respeito das poesias”, pois, como Sócrates irá mostrar Simônides não entrou em contradição. E, para piorar a situação de Protágoras, nesse trecho acima, a idéia defendida é que a ἀρετή é dificilmente adquirida e não o contrário, como parece que Protágoras entendeu. Por outro lado, de acordo com a interpretação de Souza (1964, p. 116), Protágoras não acreditaria necessariamente nas colocações que faz a Sócrates. O que o sofista almejava, na verdade, era entrar em um confronto argumentativo contra Sócrates, qualquer que fosse a resposta de Sócrates, Protágoras iria discordar.

<sup>232</sup> O termo que aqui é traduzido como “terrível” se refere ao δεινός, que anteriormente foi traduzido como “expert” (em 312 d,e , 338e).

τῷ Πιπτακῷ ὅτι τὰ ὀνόματα οὐκ ἠπίστατο ὀρθῶς διαιρεῖν ἅτε Λέσβιος ὢν καὶ ἐν φωνῇ βαρβάρῳ τεθραμμένος; Ἀκούεις δὴ, ἔφην ἐγώ, ὦ Πρωταγόρα, Προδίκου τοῦδε. [341.d.1] ἔχεις τι πρὸς ταῦτα λέγειν; Καὶ ὁ Πρωταγόρας, Πολλοῦ γε δεῖ, ἔφη, οὕτως ἔχειν, ὦ Πρόδικε· ἀλλ' ἐγὼ εὖ οἶδ' ὅτι καὶ Σιμωνίδης τὸ χαλεπὸν ἔλεγεν ὅπερ ἡμεῖς οἱ ἄλλοι, οὐ τὸ κακόν, ἀλλ' ὃ ἂν μὴ [341.d.5] ῥᾶδιον ἦ ἀλλὰ διὰ πολλῶν πραγμάτων γίγνηται. Ἀλλὰ καὶ ἐγὼ οἶμαι, ἔφην, ὦ Πρωταγόρα, τοῦτο λέγειν Σιμωνίδην, καὶ Πρόδικόν γε τόνδε εἰδέναί, ἀλλὰ παίζειν καὶ σοῦ δοκεῖν ἀποπειρᾶσθαι εἰ οἷός τ' ἔση τῷ σαυτοῦ λόγῳ βοηθεῖν. ἐπεὶ ὅτι γε Σιμωνίδης οὐ λέγει τὸ χαλεπὸν [341.e.1] κακόν, μέγα τεκμήριόν ἐστιν εὐθὺς τὸ μετὰ τοῦτο ῥῆμα· λέγει γὰρ ὅτι –

θεὸς ἂν μόνος τοῦτ' ἔχοι γέρας,

οὐ δῆπου τοῦτό γε λέγων, κακόν <ἐσθλὸν ἔμμεναι>, εἶτα [341.e.5] τὸν θεόν φησιν μόνον τοῦτο ἂν ἔχειν καὶ τῷ θεῷ τοῦτο γέρας ἀπένειμε μόνῳ· ἀκόλαστον γὰρ ἂν τινα λέγοι Σιμωνίδην ὁ Πρόδικος καὶ οὐδαμῶς Κεῖον. ἀλλ' ἅ μοι δοκεῖ διανοεῖσθαι Σιμωνίδης ἐν τούτῳ τῷ ᾄσματι, ἐθέλω σοι εἰπεῖν,

em Pítaco que, [por sua vez], não sabia distinguir corretamente os nomes já que era lésbio e foi criado na linguagem bárbara?”

— “Você, Protágoras, escutou [bem] o Pródico?” Eu disse. “Tem algo a falar sobre [o assunto]?”

341 d

E Protágoras:

— “Passou longe, Pródico.” Disse ele. “Na verdade, eu sei muito bem, assim como todos nós [aqui presentes], que Simônides não [queria] dizer que o [termo] ‘difícil’ [significava algo] mau, e sim que [significaria] aquilo que não acontece facilmente e [que trata-se de algo que] só seria possível depois de muitas peripécias.”

— “Também acho, Protágoras, que Simônides está falando isso.” Disse eu. “Pródico também sabe bem disso, mas parece que ele está brincando com você ao colocá-lo à prova [para ver] se você seria capaz de salvar seu próprio argumento<sup>233</sup>, afinal, de fato, Simônides não se refere ao difícil como mau, um forte indício é que logo depois desse verso ele afirma que:

341 e

só uma divindade possuiria tal prerrogativa<sup>234</sup>

certamente não estaria afirmando que o íntegro seria mau para em seguida declarar que ‘só uma divindade possuiria isso’ e somente ‘à divindade se destina tal prerrogativa’ já que, [do contrário], [é como se] Pródico falasse que Simônides [era] um licencioso, [comportamento estranho] a um habitante de Cós<sup>235</sup>. O fato é que eu gostaria de te falar

---

<sup>233</sup> A afirmação de Sócrates nesta passagem torna a “tese” de Souza (1964, p. 116), de que Protágoras não acreditava necessariamente que o poema de Simônides estivesse em contradição (e apenas gostaria de provocar um momento de discórdia com Sócrates), ainda mais pertinente e aceitável, cf. nota nº231.

<sup>234</sup> Ou seja, somente um deus teria a “prerrogativa” (γέρας), de articular corpo e mente e ser verdadeiramente “bom”, cf. a continuação do fragmento em 339 b.

<sup>235</sup> Pela segunda vez Sócrates se refere aos costumes e características dos habitantes de Cós. Aqui a sugestão é que os habitantes dessa cidade seriam prudentes e íntegros cf. 341 b 6.

[342.a.1] εἰ βούλει λαβεῖν μου πείραν ὅπως ἔχω, ὃ σὺ λέγεις τοῦτο, περὶ ἐπῶν· ἐὰν δὲ βούλη, σοῦ ἀκούσομαι. Ὁ μὲν οὖν Πρωταγόρας ἀκούσας μου ταῦτα λέγοντος, Εἰ σὺ βούλει, ἔφη, ὦ Σώκρατες· ὁ δὲ Πρόδικός τε καὶ ὁ Ἰππίας [342.a.5] ἐκελευέτην πάνυ, καὶ οἱ ἄλλοι. Ἐγὼ τοίνυν, ἦν δ' ἐγώ, ἅ γέ μοι δοκεῖ περὶ τοῦ ἄσματος τούτου, πειράσομαι ὑμῖν διεξελθεῖν. φιλοσοφία γάρ ἐστιν παλαιότατη τε καὶ πλείστη τῶν Ἑλλήνων ἐν Κρήτη τε καὶ [342.b.1] ἐν Λακεδαίμονι, καὶ σοφισταὶ πλείστοι γῆς ἐκεῖ εἰσιν· ἀλλ' ἐξαρνοῦνται καὶ σχηματίζονται ἀμαθεῖς εἶναι, ἵνα μὴ κατάδηλοι ᾖσιν ὅτι σοφία τῶν Ἑλλήνων περίεστιν, ὥσπερ οὖς Πρωταγόρας ἔλεγε τοὺς σοφιστάς, ἀλλὰ δοκῶσιν τῷ μάχεσθαι [342.b.5] καὶ ἀνδρεία περιεῖναι, ἡγούμενοι, εἰ γνωσθεῖεν ᾧ περίεστιν, πάντας τοῦτο ἀσκήσειν, τὴν σοφίαν.

aquilo que eu acho que passou pela cabeça de Simônides nesta ode, se você estiver disposto a admitir a experiência que tenho a respeito das poesias – [habilidade] que você se refere [como importante]<sup>236</sup> - mas, se você preferir, te escutarei.”

Protágoras me escutou e disse:

342 a

\_\_ “Como preferir, Sócrates.”

Enquanto ele falou [desse jeito indiferente], Pródico e Hípias, insistiram bastante [para que eu continuasse com a palavra], assim como os outros.

\_\_ “Bem, eu tentarei explicar”, disse eu, “aquilo que eu acho a respeito dessa ode. Entre os helenos, a *philosophia*<sup>237</sup> é mais antiga e mais difundida em Creta e na Lacedemônia<sup>238</sup> e a maior parte dos sofistas<sup>239</sup> da Terra estão lá, mas negam e simulam serem ignorantes a fim de não seja patente que, no tocante a sabedoria, excedem os outros helenos, exatamente como o próprio Protágoras falava [há pouco] sobre os sofistas. Então, [preferiram] parecer que excediam nos combates e em relação a coragem, por avaliarem que se fossem reconhecidos no que [realmente] excedem, a sabedoria, todos iriam [querer] praticar [essa arte].

342 b

---

<sup>236</sup> Cf. 338 e. A alusão à fala de Protágoras se refere à importância que ele deu a ser “expert a respeito das poesias”, além de saber argumentar a respeito delas.

<sup>237</sup> “*Philosophia*” (φιλοσοφία) cf. nota 208.

<sup>238</sup> Croiset (1984, p.61) e Taylor (1996, p.83) se referem a colocação de Sócrates como irônica. De fato, é amplamente sabido que Creta e Lacedemônia não tinham tradição de revelar filósofos mas, na sequência, Sócrates se refere justamente a essa visão “tradicional” argumentando que a “sabedoria” dessas culturas é sutil, e que associar esses povos unicamente à guerra e à austeridade trata-se de uma visão estreita dos fatos. Desse modo, é difícil definir com precisão os propósitos da associação da filosofia com a região de Creta e Lacedemônia.

<sup>239</sup> Diferente da acepção que se cristaliza com o tempo, o termo “sofista” originalmente se referia também aos filósofos, poetas, ginastas, músicos. Aqui, é inegável que Sócrates utiliza o termo em seu sentido originário, sinônimo a “filósofo”, cf. nota nº 88.

νῦν δὲ ἀποκρυψάμενοι ἐκεῖνο ἐξηπατήκασιν τοὺς ἐν ταῖς πόλεσι λακωνίζοντας, καὶ οἱ μὲν ὧτά τε κατάγνυνται μιμούμενοι [342.c.1] αὐτούς, καὶ ἱμάντας περιειλίττονται καὶ φιλογυμναστοῦσιν καὶ βραχείας ἀναβολὰς φοροῦσιν, ὡς δὴ τούτοις κρατοῦντας τῶν Ἑλλήνων τοὺς Λακεδαιμονίους· οἱ δὲ Λακεδαιμόνιοι, ἐπειδὴν βούλωνται ἀνέδην τοῖς παρ' αὐτοῖς συγγενέσθαι [342.c.5] σοφισταῖς καὶ ἤδη ἄχθονται λάθρα συγγιγνόμενοι, ξηνηλασίας ποιούμενοι τῶν τε λακωνιζόντων τούτων καὶ ἐάν τις ἄλλος ξένος ὦν ἐπιδημήσῃ, συγγίγνεται τοῖς σοφισταῖς λανθάνοντες τοὺς ξένους, καὶ αὐτοὶ οὐδένα ἐῷσιν τῶν νέων [342.d.1] εἰς τὰς ἄλλας πόλεις ἐξιέναι, ὥσπερ οὐδὲ Κρήτες, ἵνα μὴ ἀπομανθάνωσιν ἃ αὐτοὶ διδάσκουσιν. εἰσὶν δὲ ἐν ταύταις ταῖς πόλεσιν οὐ μόνον ἄνδρες ἐπὶ παιδεύσει μέγα φρονοῦντες, ἀλλὰ καὶ γυναῖκες. γνοῖτε δ' ἂν ὅτι ἐγὼ ταῦτα ἀληθῆ [342.d.5] λέγω καὶ Λακεδαιμόνιοι πρὸς φιλοσοφίαν καὶ λόγους ἄριστα πεπαιδευνται, ὧδε· εἰ γὰρ ἐθέλει τις Λακεδαιμονίων τῷ φαυλοτάτῳ συγγενέσθαι, τὰ μὲν πολλὰ ἐν τοῖς λόγοις εὐρή [342.e.1] σει αὐτὸν φαῦλόν τινα φαινόμενον, ἔπειτα, ὅπου ἂν τύχη τῶν λεγομένων, ἐνέβαλεν ῥῆμα ἄξιον λόγου βραχὺ καὶ συνεστραμμένον ὥσπερ δεινὸς ἀκοντιστής, ὥστε φαίνεσθαι τὸν προσδιαλεγόμενον παιδὸς μηδὲν βελτίω. τοῦτο οὖν [342.e.5] αὐτὸ καὶ τῶν νῦν εἰσὶν οἱ κατανενοήκασιν καὶ τῶν πάλαι, ὅτι τὸ λακωνίζειν πολὺ μᾶλλον ἐστὶν φιλοσοφεῖν ἢ φιλογυμναστεῖν, εἰδότες ὅτι τοιαῦτα οἷόν τ' εἶναι ῥήματα φθέγγεσθαι [343.a.1] τελέως πεπαιδευμένου ἐστὶν ἀνθρώπου. τούτων ἦν καὶ Θαλῆς ὁ Μιλήσιος καὶ Πιπτακὸς ὁ Μυτιληναῖος καὶ Βίας ὁ Πριηνεὺς καὶ Σόλων ὁ ἡμέτερος καὶ Κλεόβουλος ὁ Λίνδιος καὶ Μύσων ὁ Χηνεὺς, καὶ ἕβδομος ἐν τούτοις ἐλέγετο Λακεδαιμόνιος

Desse modo, então, tendo escondido aquela [sabedoria] enganaram aqueles que nas outras cidades imitam os lacedemônios e esfolam as orelhas, enrolam tiras nas mãos [para proteger nas lutas], tomam gosto pelos exercícios físicos e portam pequenos mantos, como se fosse realmente assim que esses lacedemônios superaram todos os helenos.

342 c

O fato é que assim que os lacedemônios querem entrar em contato com seus próprios sofistas sem restrições e já estão cheios de entrar em contato às escondidas, expulsam os que imitam os lacedemônios e [todos] os outros estrangeiros que por ventura estejam ali, entram em contato com os sofistas fora do campo de visão dos estrangeiros. E, assim como os cretenses, também não permitem que nenhum dos jovens se dirijam para as outras *póleis*, para que não desaprendam aquilo que eles mesmos ensinaram. E tem mais: nessas *póleis*, não são apenas os homens que têm grande apreço a respeito das questões educativas, mas também as mulheres.

342 d

E, para que vocês reconheçam que é verdade o que falo, que os lacedemônios educam melhor em relação a *philosophia*<sup>240</sup> e aos discursos<sup>241</sup>, notem que ao depararem com o mais desprezível dos lacedemônios, em muitos momentos da conversa vocês perceberão que ele parece mesmo um medíocre, depois, em um momento oportuno do que está sendo falado, ele, como um terrível flecheiro, lança de sua fala uma expressão axiomática, concisa e consistente, de tal modo que o interlocutor não pareça melhor do que uma criança.

342 e

Estão cientes desse fato tanto os de agora quanto os de antigamente, que agir como os lacedemônios é muito mais um *filosofar* do que o gosto pelo exercícios físicos, sabendo que articular tais expressões é próprio de um homem educado no mais alto grau. Dessa estirpe eram Tales de Mileto, Pítaco de Mitilene, Bias de Priene, Sólon - o nosso, Cleobulo de Lindos, Míson de Quenéia e, o sétimo deles, se chamava Quílon da

343 a

---

<sup>240</sup> “*Philosophia*” (φιλοσοφία) cf. nota 208.

<sup>241</sup> “Discursos” (λόγος).

[343.a.5] Χίλων.οὔτοι πάντες ζηλωταὶ καὶ ἐρασταὶ καὶ μαθηταὶ ἦσαν τῆς Λακεδαιμονίων παιδείας, καὶ καταμάθοι ἄν τις αὐτῶν τὴν σοφίαν τοιαύτην οὔσαν, ῥήματα βραχέα ἀξιομνημόνευτα ἐκάστω εἰρημένα· οὔτοι καὶ κοινῇ συνελθόντες [343.b.1] ἀπαρχὴν τῆς σοφίας ἀνέθεσαν τῷ Ἀπόλλωνι εἰς τὸν νεῶν τὸν ἐν Δελφοῖς, γράψαντες ταῦτα ἃ δὴ πάντες ὕμνοῦσιν,

Lacedemônia<sup>242</sup>.

Todos esses eram apaixonados aprendizes e emuladores da educação dos lacedemônios, e qualquer um pode perceber que a sabedoria deles é [justamente] desse tipo. Cada um deles proferiu expressões concisas e axiomáticas as quais, depois de reunidas, foram consagradas conjuntamente, como oferenda primordial da sabedoria [que almejavam], a Apolo, no seu templo de Delfos, [local onde] eles grafaram aquilo que certamente todos entoam:

343 b

---

<sup>242</sup> Ainda que haja discrepâncias na lista dos nomes dos sete sábios que seriam, sobretudo, pensadores que viveram entre os séculos VII e VI a.C., cf. Diógenes Laércio (I, 13, 40 e 42) e Diels (X [ou 73a]), por outro lado, curiosamente, a quantidade referida a esses sábios é sempre sete, Taylor (1996, p.83). Entre os mais mencionados como os sete sábios estão:

Tales de Mileto teria nascido em 640 a.C. e teria cerca de 35 anos quando previu, em 585 a.C. um eclipse solar. É tido como um dos primeiros filósofos e matemáticos do ocidente e ainda hoje é lembrado por meio do seu teorema matemático e pela precoce previsão do eclipse, que talvez tenha sido possível graças ao seu contato com as ciências orientais, Smith (1861, vol. III, p. 1016).

Pítaco, natural de Mitilene, situada em Lesbos, teria nascido por volta 652 a.C, segundo Suidas (Suida, π , 1659) e, segundo Diógenes Laércio (I, 79) ele estaria no seu “apogeu” 612 a.C. e, além de poeta, também foi aclamado como soldado, filósofo e político, Smith (1861, vol. III, p. 379).

Bias, naturalde Priene, situada na Ionia. Aristóteles (*Retórica*, II, 13, 1389 b, §20) menciona um dos seus pensamentos: “há aqueles que amam a tal ponto que podem chegar a odiar e odeiam a tal ponto que podem chegar a amar”. Bias foi um advogado e um exemplo paradigmático daquele que detinha o que caracterizava os sete sábios: “uma sabedoria prática”, afinal, ficou conhecido não por voltar-se à filosofia especulativa, mas pela sua vocação para tratar de assuntos práticos com sabedoria, Smith (1861, vol. I, p. 486).

Sólon, o legislador ateniense. Nasceu por volta de 638 a.C. e ficou conhecido não só pela origem afortunada e nobre, mas pela sua influência política, cuidados com a saúde e precoce habilidade poética. Sua notoriedade é tamanha que é um dos únicos que aparece nas diferentes listas dos sete sábios, Smith (1861, vol. III, p. 857).

Cleobulo, cidadão de Lindos, em Rhodes, contemporâneo de Sólon. Viveu cerca de 60 anos e morreu por volta do ano de 560 a.C. Um dos seus pensamentos que foram preservados, Smith (1861, vol. I, p. 790), atesta que Cleobulo valorizava a educação das mulheres mais do que era comum na época em que viveu.

Mison, natural de Quenéia, na Lacedemônia, ocuparia na galeria dos sete sábios o lugar que normalmente seria de Periando, Smith (1861, vol. II, p. 1133).

Quílon da Lacedemônia, sábio de “poucas palavras” (Suida, χ , 311), é o autor das máximas: “nada em excesso” e “tudo que [ocorre] no momento oportuno é belo”, Diógenes Laércio (I, 40).

Γνωθὶ σαυτὸν καὶ Μηδὲν ἄγαν. τοῦ δὴ ἔνεκα ταῦτα λέγω; ὅτι οὗτος ὁ τρόπος ἦν τῶν παλαιῶν τῆς φιλοσοφίας, [343.b.5] βραχυλογία τις Λακωνική· καὶ δὴ καὶ τοῦ Πιττακοῦ ἰδίᾳ περιεφέρετο τοῦτο τὸ ῥῆμα ἐγκωμιαζόμενον ὑπὸ τῶν σοφῶν, τὸ <Χαλεπὸν ἐσθλὸν ἔμμεναι>. ὁ οὖν Σιμωνίδης, [343.c.1] ἄτε φιλότιμος ὢν ἐπὶ σοφία, ἔγνω ὅτι εἰ καθέλοι τοῦτο τὸ ῥῆμα ὡςπερ εὐδοκιμοῦντα ἀθλητὴν καὶ περιγένοιτο αὐτοῦ, αὐτὸς εὐδοκιμήσει ἐν τοῖς τότε ἀνθρώποις. εἰς τοῦτο οὖν τὸ ῥῆμα καὶ τούτου ἔνεκα τούτῳ ἐπιβουλεύων κολουῶσαι αὐτὸ [343.c.5] ἅπαν τὸ ἄσμα πεποίηκεν, ὡς μοι φαίνεται. Ἐπισκεψώμεθα δὴ αὐτὸ κοινῇ ἅπαντες, εἰ ἄρα ἐγὼ ἀληθῆ λέγω. εὐθύς γὰρ τὸ πρῶτον τοῦ ἄσματος μανικὸν ἂν φανείη, εἰ βουλόμενος λέγειν ὅτι ἄνδρα ἀγαθὸν γενέσθαι χαλεπὸν, [343.d.1] ἔπειτα ἐνέβαλε τὸ μὲν. τοῦτο γὰρ οὐδὲ πρὸς ἓνα λόγον φαίνεται ἐμβεβλήσθαι, ἐὰν μὴ τις ὑπολάβῃ πρὸς τὸ τοῦ Πιττακοῦ ῥῆμα ὡςπερ ἐρίζοντα λέγειν τὸν Σιμωνίδην· λέγοντος τοῦ Πιττακοῦ ὅτι χαλεπὸν ἐσθλὸν ἔμμεναι, ἀμφισβητοῦντα [343.d.5] εἰπεῖν ὅτι Οὐκ, ἀλλὰ γενέσθαι μὲν χαλεπὸν ἄνδρα ἀγαθὸν ἐστίν, ὃ Πιττακέ, ὡς ἀληθῶς – οὐκ ἀληθείᾳ ἀγαθόν, οὐκ ἐπὶ τούτῳ λέγει τὴν ἀλήθειαν, ὡς ἄρα ὄντων τινῶν [343.e.1] τῶν μὲν ὡς ἀληθῶς ἀγαθῶν, τῶν δὲ ἀγαθῶν μὲν, οὐ μέντοι

conhece-te a ti mesmo e nada em excesso.

Mas, por que, afinal, eu falo essas coisas? Porque era assim mesmo o estilo da *philosophia* dos antigos, de uma concisão lacônica, bem como este aforismo de Pítaco que circulava privadamente, elogiada pelos sábios:

é difícil ser íntegro.

E como Simônides queria se destacar no tocante à sabedoria, percebeu que se pudesse vencer esse aforismo, como a um atleta bem reputado, e superar [Pítaco] ele mesmo seria bem reputado entre os homens daquela época. Assim, ao que me parece, diante deste aforismo e de sua própria motivação, elaborou toda a ode tramando acabar com o aforismo. Então, todos juntos, averiguemos o [aforismo para constatarmos] se eu falo a verdade.

343 c

Pois logo no começo do poema pode parecer despropositado, se ele está querendo dizer que é difícil um homem vir a ser bom, lançar, depois, um “de fato”<sup>243</sup>. Pois isso não parece ter objetado nada em relação à expressão como um todo, a não ser que interpretássemos que Simônides, ao falar [essas coisas], estivesse rivalizando contra o aforismo de Pítaco, como se depois de Pítaco falar que é “difícil ser bom”, [Simônides] discordasse ao falar que:

343 d

\_\_ Não, Pítaco, a verdade é que vir a ser homem bom que é, ‘de fato’ difícil.

E não “bom de verdade”, pois, não é sobre isso que se refere a “verdade”, se fosse assim, uns seriam bons “verdadeiramente” e, outros, seriam bons “de fato”, mas não

343 e

---

<sup>243</sup> A tradução para a expressão “de fato” se refere à “μὲν” - uma partícula afirmativa que marca assentimento.

ἀληθῶς – εὖηθες γὰρ τοῦτό γε φανείη ἂν καὶ οὐ Σιμωνίδου – ἀλλ' ὑπερβατὸν δεῖ θεῖναι ἐν

τῷ ἄσματι τὸ <ἀλαθέως>, οὕτωςί πως ὑπειπόντα τὸ τοῦ Πιττακοῦ, ὥσπερ ἂν εἰ θεῖμεν

[343.e.5] αὐτὸν λέγοντα τὸν Πιττακὸν καὶ Σιμωνίδην ἀποκρινόμενον εἰπόντα· ἼΩ

ἄνθρωποι, χαλεπὸν ἐσθλὸν ἔμμεναι, τὸν δὲ [344.a.1] ἀποκρινόμενον ὅτι ἼΩ Πιττακέ, οὐκ

ἀληθῆ λέγεις· οὐ γὰρ εἶναι ἀλλὰ γενέσθαι μὲν ἐστὶν ἄνδρα <ἀγαθὸν χερσὶ τε καὶ ποσὶ καὶ

νόῳ τετράγωνον, ἄνευ ψόγου τετυγμένον, χαλεπὸν ἀλαθέως>. οὕτω φαίνεται [τὸ] πρὸς

[344.a.5] λόγον τὸ μὲν ἐμβεβλημένον καὶ τὸ ἀλαθέως ὀρθῶς ἐπ' ἐσχάτῳ κείμενον· καὶ

τὰ ἐπιόντα πάντα τούτῳ μαρτυρεῖ, ὅτι οὕτως εἴρηται. πολλὰ μὲν γὰρ ἔστι καὶ περὶ ἐκάστου

τῶν [344.b.1] ἐν τῷ ἄσματι εἰρημένων ἀποδειῖξαι ὡς εὖ πεποιήται – πάνυ γὰρ χαριέντως καὶ

μεμελημένως ἔχει – ἀλλὰ μακρὸν ἂν εἴη αὐτὸ οὕτω διελθεῖν· ἀλλὰ τὸν τύπον αὐτοῦ τὸν

ὅλον διεξέλθωμεν καὶ τὴν βούλησιν, ὅτι παντὸς μᾶλλον ἔλεγχός ἐστιν [344.b.5] τοῦ

Πιττακείου ῥήματος διὰ παντὸς τοῦ ἄσματος. Λέγει γὰρ μετὰ τοῦτο ὀλίγα διελθὼν, ὡς ἂν

εἰ λέγοι λόγον,

“verdadeiramente”<sup>244</sup>. Com efeito, tal [raciocínio] soaria próprio de um tolo mas, certamente, não de Simônides. A não ser que consideremos uma inversão na ordem das palavras, [em particular da] expressão “verdadeiramente”, e que a [fala] de Pítaco teria sido dita antes, como se fosse possível colocarmos o próprio Pítaco falando e Simônides respondendo [da seguinte maneira]:

(Pítaco) \_\_Homens: é difícil ser íntegro

e, ele respondeu:

(Simônides)\_\_ Ó Pítaco, você não fala a verdade, pois, não é ‘ser’, mas, ‘vir a ser’ um homem bom que, de fato, é difícil; forjado sem falha, verdadeiramente, de mãos, de pés e de mente, simetricamente.

344 a

assim, o “de fato” parece adequado ao argumento e o “verdadeiramente” encontra-se corretamente no final, e tudo que resultar disso atesta que foi dito assim.

Sem dúvida há muitas questões a respeito de cada uma das coisas ditas na ode que indicam que foi bem feita, pois ela possui grande graça e perfeito arranjo. Mas seria muito demorado [ter que] explicá-la em seus pormenores, a não ser que explicássemos seu propósito e traço geral que é, acima de tudo, a refutação da expressão de Pítaco que [permeia] todo o poema.

344 b

Pouco depois disso, explicando em uma espécie de discurso argumentativo<sup>245</sup> ele

---

<sup>244</sup> O trecho é bastante confuso, sobretudo, porque usa o advérbio ἀληθως, “verdadeiramente” como sinônimo da partícula μέν, “de fato” (mas que também poderia ser traduzida como “verdadeiramente”), depois, a mesma partícula, μέν, é usada como correlativa de outra partícula δέ, resultando na expressão: “de um lado..., de outro...”. Contudo, o que interessa saber é que Sócrates propõe que a partícula μέν, deve se referir à toda expressão e não somente ao adjetivo “bom”.

<sup>245</sup> “Discurso argumentativo” (λόγος).

ὅτι γενέσθαι μὲν ἄνδρα ἀγαθὸν χαλεπὸν ἀλαθέως, οἷόν τε μέντοι ἐπὶ γε χρόνον τινά·  
γενόμενον δὲ διαμένειν [344.c.1] ἐν ταύτῃ τῇ ἔξει καὶ εἶναι ἄνδρα ἀγαθόν, ὡς σὺ λέγεις, ὦ  
Πιττακέ, ἀδύνατον καὶ οὐκ ἀνθρώπειον, ἀλλὰ θεὸς ἂν μόνος τοῦτο ἔχοι τὸ γέρας, ἄνδρα δ'  
οὐκ ἔστι μὴ οὐ κακὸν ἔμμεναι, [344.c.5] ὃν [ἂν] ἀμήχανος συμφορὰ καθέλη.  
[344.c.5] τίνα οὖν ἀμήχανος συμφορὰ καθαιρεῖ ἐν πλοίου ἀρχῇ; δῆλον ὅτι οὐ τὸν ιδιώτην·  
ὁ μὲν γὰρ ιδιώτης ἀεὶ καθήρηται. ὥσπερ οὖν οὐ τὸν κείμενόν τις ἂν καταβάλῃ, ἀλλὰ τὸν  
μὲν ἐστῶτά ποτε καταβάλῃ ἂν τις ὥστε κείμενον ποιῆσαι, τὸν δὲ κείμενον [344.d.1] οὔ,  
οὔτω καὶ τὸν εὐμήχανον ὄντα ποτὲ ἀμήχανος ἂν συμφορὰ καθέλοι, τὸν δὲ ἀεὶ ἀμήχανον  
ὄντα οὔ, καὶ τὸν κυβερνήτην μέγας χειμῶν ἐπιπεσὼν ἀμήχανον ἂν ποιήσειεν, καὶ γεωργὸν  
χαλεπὴ ὥρα ἐπελθοῦσα ἀμήχανον ἂν θείῃ, καὶ [344.d.5] ἰατρὸν ταῦτά ταῦτα. τῷ μὲν γὰρ  
ἐσθλῷ ἐγχωρεῖ κακῷ γενέσθαι, ὥσπερ καὶ παρ' ἄλλου ποιητοῦ μαρτυρεῖται τοῦ εἰπόντος –

fala que:

(Simônides)\_\_\_ (...) é difícil ‘vir a ser’, de fato, um homem verdadeiramente bom, ainda que possível, ao menos por um tempo, mas, atingir esse estado, mantê-lo e ‘ser’ um homem bom, como você está falando, Pítaco, é impossível e não diz respeito ao estatuto humano, somente um deus possuiria essa prerrogativa; (...)

344 c

ora, é impossível não ‘estar’<sup>246</sup> mau o homem  
que foi surpreendido por um revés irreversível.

Na realidade<sup>247</sup>, quem se surpreende por um revés irreversível no comando do navio? É claro que não é leigo já que, de fato, o leigo sempre é surpreendido. Do mesmo modo que, com toda certeza, não é possível fazer deitar alguém que já esteja caído, somente o que, de fato, está de pé, e alguém, por fim, venha derrubar e fazer deitar, ao passo que, ao contrário, o que já está deitado, não.

344 d

Do mesmo modo, alguém hábil, em algum momento, também poderia vir a se surpreender com um revés irreversível, diferente do incapaz, [que se surpreenderia] sempre. Assim como uma grande intempérie poderia deixar um timoneiro incapaz, do mesmo jeito que, ao chegar uma penosa estação, impor incapacidade ao lavrador, e o mesmo a um médico. De fato é possível que alguém íntegro venha ficar mau, conforme testemunha outro poeta<sup>248</sup> que disse:

---

<sup>246</sup> “Estar” trata-se aqui do verbo εἶμί (ἔμμεναι), traduzível por ser ou estar.

<sup>247</sup> Não fica claro se Sócrates continua o trecho como um discurso indireto, sobretudo, mais adiante em 344e quando usa a 2ª pessoa do singular como se dialogasse com Pítaco.

<sup>248</sup> Embora trate-se de um autor desconhecido para nós, ele também é mencionado, através do mesmo verso, pelo personagem Sócrates de Xenofonte (*Memoráveis*, I, 2, 20).

αὐτὰρ ἀνὴρ ἀγαθὸς τοτὲ μὲν κακός, ἄλλοτε δ' ἐσθλός·

[344.e.1] τῷ δὲ κακῷ οὐκ ἐγχωρεῖ γενέσθαι, ἀλλ' αἰεὶ εἶναι ἀνάγκη. ὥστε τὸν μὲν  
εὐμήχανον καὶ σοφὸν καὶ ἀγαθὸν ἐπειδὴν ἀμήχανος συμφορὰ καθέλη, <οὐκ ἔστι μὴ οὐ  
κακὸν ἔμμεναι>· σὺ δὲ φῆς, ὦ Πιττακέ, <χαλεπὸν ἐσθλὸν ἔμμεναι>· [344.e.5] τὸ δ' ἔστι  
γενέσθαι μὲν χαλεπὸν, δυνατὸν δέ, ἐσθλόν, ἔμμεναι δὲ ἀδύνατον·

πράξας μὲν γὰρ εὖ πᾶς ἀνὴρ ἀγαθός,  
κακός δ' εἰ κακῶς.

[345.a.1] τίς οὖν εἰς γράμματα ἀγαθὴ πρᾶξις ἐστίν, καὶ τίς ἄνδρα ἀγαθὸν ποιεῖ εἰς  
γράμματα; δῆλον ὅτι ἢ τούτων μάθησις. τίς δὲ εὐπραγία ἀγαθὸν ἱατρὸν ποιεῖ;

em alguns momentos o homem bom [permanece] íntegro,  
entretanto, em outros, [fica] mau.

Porém, ao mau, não é dado “vir a ser”, mas, forçoso, sempre “ser” [mau] . Do mesmo modo que o hábil, e sábio e o bom, quando se surpreendem por um revés irreversível, não há como não “ficarem”<sup>249</sup> [em um estado] ruim.

344 e

\_\_E você, Pítaco, afirma, por outro lado, que é difícil ‘ser’ íntegro. É difícil mas, pelo menos ‘vir a ser’ é possível, ao passo que ‘ser’ [íntegro] é impossível<sup>250</sup> .

Todo homem é bom, certamente, se agir beneficentemente,  
mau, se, maleficamente.

Então, em que consiste o bem agir em relação às letras e o que um homem [deve] fazer [para ser considerado] bom em relação às letras?<sup>251</sup> Claro que [realizar] o estudo delas. E qual é a prática adequada que um homem deve dominar [para ser considerado] um

345 a

---

<sup>249</sup> Novamente trata-se do verbo εἰμί (εἴμμεναι).

<sup>250</sup> Neste trecho, parece que depois de alguma reflexão, é Sócrates que fala com Pítaco. No entanto, pelo conteúdo expresso, nada impede de pensarmos que mais uma vez seria Simônides falando a Pítaco. O fato é que não há marcas gráficas no texto explicito o autor desta passagem. Já o aforismo seguinte é grafado pelo editor como um texto a parte, assim como são dispostas as poesias.

<sup>251</sup> Sócrates retorna à proposta de Protágoras, colocada em 338 e, e, 339a, de tratar “da parte mais importante da educação”; as poesias e as letras que, por isso mesmo, devem ser entendidas como os paradigmas de todo o conhecimento dominado tanto pelo registro escrito, como pela tradição oral e, conforme já salientado, de maneira alguma restrito somente a idéia que temos hoje de “poesia” e “letras”, cf. nota nº 218.

δῆλον ὅτι ἢ τῶν καμνόντων τῆς θεραπείας μάθησις. <κακὸς δὲ κακῶς>· τίς [345.a.5] οὖν ἂν κακὸς ἰατρὸς γένοιτο; δῆλον ὅτι ᾧ πρῶτον μὲν ὑπάρχει ἰατρῶ εἶναι, ἔπειτα ἀγαθῶ ἰατρῶ – οὗτος γὰρ ἂν καὶ κακὸς γένοιτο – ἡμεῖς δὲ οἱ ἰατρικῆς ἰδιῶται οὐκ ἂν ποτε γενοίμεθα κακῶς πράξαντες οὔτε ἰατροὶ οὔτε τέκτονες οὔτε [345.b.1] ἄλλο οὐδὲν τῶν τοιούτων· ὅστις δὲ μὴ ἰατρὸς ἂν γένοιτο κακῶς πράξας, δῆλον ὅτι οὐδὲ κακὸς ἰατρός. οὕτω καὶ ὁ μὲν ἀγαθὸς ἀνὴρ γένοιτ' ἂν ποτε καὶ κακὸς ἢ ὑπὸ χρόνου ἢ ὑπὸ πόνου ἢ ὑπὸ νόσου ἢ ὑπὸ ἄλλου τινὸς περιπτώματος – [345.b.5] αὕτη γὰρ μόνη ἐστὶ κακὴ πράξις, ἐπιστήμης στερηθῆναι – ὁ δὲ κακὸς ἀνὴρ οὐκ ἂν ποτε γένοιτο κακός – ἔστιν γὰρ ἀεὶ – ἀλλ' εἰ μέλλει κακὸς γενέσθαι, δεῖ αὐτὸν πρότερον ἀγαθὸν γενέσθαι. ὥστε καὶ τοῦτο τοῦ ἄσματος πρὸς τοῦτο τείνει, [345.c.1] ὅτι εἶναι μὲν ἄνδρα ἀγαθὸν οὐχ οἷόν τε, διατελοῦντα ἀγαθόν, γενέσθαι δὲ ἀγαθὸν οἷόν τε, καὶ κακόν γε τὸν αὐτὸν τοῦτον· ἐπὶ πλεῖστον δὲ καὶ ἄριστοὶ εἰσιν οὓς ἂν οἱ θεοὶ φιλῶσιν. Ταῦτά τε οὖν πάντα πρὸς τὸν Πιπτακὸν εἴρηται, καὶ τὰ [345.c.5] ἐπιόντα γε τοῦ ἄσματος ἔτι μᾶλλον δηλοῖ. φησὶ γάρ·

τοῦνεκεν οὐ ποτ' ἐγὼ τὸ μὴ γενέσθαι  
δυνατὸν διζήμενος κενεὰν ἐς ἅ  
πρακτὸν ἐλπίδα μοῖραν αἰῶνος βαλέω,

bom médico? É claro que é [ter] conhecimento do tratamento dos enfermos, e [será considerado] um mau [médico o que tem um domínio] ruim [desta prática]. Quem, então, pode vir a ser um mau médico? Em primeiro lugar, é claro que é aquele que começa por ser médico e que, em seguida, [torna-se] um bom médico, este sim, pode vir a ser um mau [médico].

Nós, por outro lado, leigos em medicina, ainda que agíssemos maleficamente [no tocante à determinada arte], jamais viríamos a ser, [por isso], nem médicos, nem construtores nem nada dessas outras coisas. Ora, aquele que não viria a ser médico por agir maleficamente [nessa área], claro que, tampouco, seria mau médico. De fato, assim também o homem bom poderia, em algum momento, vir a ser mau seja graças ao tempo, ou por excesso de trabalho, ou por doença ou por algum outro infortúnio, ademais, a única situação [verdadeiramente] má é esta: ser estéril<sup>252</sup> em relação à ciência.

345 b

Por outro lado, o homem mau jamais poderia “vir a ser” mau, já que , sempre “é”. Entretanto, para poder vir a ser mau, seria necessário a ele, primeiro, vir a ser bom. Do mesmo modo que esta ode aponta para isso: que, de fato, não é possível ser um homem bom, passando a vida toda bom, muito pelo contrário; o que é possível é que o mesmo que venha a ser bom também [esteja sujeito a se tornar] mau.

345 c

Os que os deuses estimam, pelo menos, são perfeitos por mais tempo.

Portanto, [Simônides] disse tudo isso a Pítaco e, avançando sobre a ode, torna ainda mais clara [a sua posição] já que declara:

Por isso, jamais vou procurar, [como se isso fizesse] parte da [minha] existência,  
algo diferente do que é factível: o ‘vir a ser’.

Nem apostar na inútil esperança de que vamos encontrar,

---

<sup>252</sup> “Ser estéril” (στειρέω).

πανάμωμον ἄνθρωπον, εὐρυεδοῦς ὅσοι

καρπὸν αἰνύμεθα χθονός·

ἐπὶ θ' ὑμῖν εὐρῶν ἀπαγγελέω,

[345.d.1]

φησὶν – οὕτω σφόδρα καὶ δι' ὅλου τοῦ ἄσματος ἐπεξέρχεται τῷ τοῦ Πιττακοῦ ῥήματι –

πάντας δ' ἐπαίνημι καὶ φιλέω

[345.d.5]

ἐκὼν ὅστις ἔρδη

μηδὲν αἰσχρόν· ἀνάγκη δ' οὐδὲ θεοὶ μάχονται·

καὶ τοῦτ' ἐστὶ πρὸς τὸ αὐτὸ τοῦτο εἰρημένον. οὐ γὰρ οὕτως ἀπαίδευτος ἦν Σιμωνίδης, ὥστε

τούτους φάναι ἐπαινεῖν, ὅς ἂν ἐκὼν μηδὲν κακὸν ποιῇ, ὡς ὄντων τινῶν οἱ ἐκόντες κακὰ

ποιοῦσιν. ἐγὼ γὰρ σχεδὸν τι οἶμαι τοῦτο, ὅτι οὐδεὶς τῶν [345.e.1] σοφῶν ἀνδρῶν ἠγεῖται

οὐδένα ἀνθρώπων ἐκόντα ἐξαμαρτάνειν οὐδὲ αἰσχρὰ τε καὶ κακὰ ἐκόντα ἐργάζεσθαι, ἀλλ'

εὖ ἴσασιν ὅτι πάντες οἱ τὰ αἰσχρὰ καὶ τὰ κακὰ ποιοῦντες ἄκοντες ποιοῦσιν· καὶ δὴ καὶ ὁ

Σιμωνίδης οὐχ ὅς ἂν μὴ κακὰ [345.e.5] ποιῇ ἐκὼν, τούτων φησὶν ἐπαινέτης εἶναι, ἀλλὰ

περὶ ἑαυτοῦ λέγει τοῦτο τὸ <ἐκὼν>. ἠγεῖτο γὰρ ἄνδρα καλὸν κάγαθὸν πολλάκις

como um fruto na imensidão de [toda a] Terra,  
um homem todo-sem-falha.  
[Mas], assim que o encontrar,  
a vocês vou anunciar.

345 d

Ele fala desse modo veemente e, ao longo de toda a ode, continua a acompanhar o aforismo de Pítaco:

Aprecio e estimo todo aquele que, intencionalmente,  
nada pratica de inadequado, contudo,  
*versus* à necessidade, nem os deuses lutam.

E isso vai ao encontro do mesmo assunto que já tinha sido dito. Com efeito, Simônides não seria tosco a ponto de declarar apreço àqueles que nada de mau fariam intencionalmente, como se houvessem aqueles que agiriam mal por livre e espontânea vontade. A respeito disso, de maneira geral, eu penso que nenhum dos homens dotados de sabedoria considera que um ser humano erra intencionalmente, e nem que a pratica de coisas inadequadas e más aconteçam intencionalmente, pelo contrário, eles sabem muito bem que é sem intenção que se realizam todos os atos inadequados e maus.

345 e

Além disso, [não significa] que Simônides estava afirmando que apreciava as ações más que seriam realizadas intencionalmente, e sim que ele falava dessa intenção em relação a si mesmo<sup>253</sup>. É provável que ele considerava que um homem nobre-elevado<sup>254</sup> muitas

---

<sup>253</sup> Como se a ordem correta das palavras fosse a seguinte: “Aprecio e estimo, intencionalmente, todo aquele que nada pratica de inadequado”.

<sup>254</sup> “Nobre-elevado” (καλός τε καί ἀγαθός).

αὐτὸν ἐπαναγκάζειν φίλον τινὶ γίγνεσθαι καὶ ἐπαινέτην [346.a.1] [φιλεῖν καὶ ἐπαινεῖν], οἷον ἀνδρὶ πολλάκις συμβῆναι μητέρα ἢ πατέρα ἀλλόκοτον ἢ πατρίδα ἢ ἄλλο τι τῶν τοιούτων. τοὺς μὲν οὖν πονηροὺς, ὅταν τοιοῦτόν τι αὐτοῖς συμβῆ, ὥσπερ ἀσμένους ὄραν καὶ ψέγοντας ἐπιδεικνύει καὶ [346.a.5] κατηγορεῖν τὴν πονηρίαν τῶν γονέων ἢ πατρίδος, ἵνα αὐτοῖς ἀμελοῦσιν αὐτῶν μὴ ἐγκαλῶσιν οἱ ἄνθρωποι μηδ' ὄνειδίζωσιν ὅτι ἀμελοῦσιν, ὥστε ἔτι μᾶλλον ψέγειν τε αὐτοὺς καὶ ἔχθρας [346.b.1] ἐκουσίους πρὸς ταῖς ἀναγκαίαις προστίθεσθαι· τοὺς δ' ἀγαθοὺς ἐπικρύπτεσθαι τε καὶ ἐπαινεῖν ἀναγκάζεσθαι, καὶ ἂν τι ὀργισθῶσιν τοῖς γονεῦσιν ἢ πατρίδι ἀδικηθέντες, αὐτοὺς ἑαυτοὺς παραμυθεῖσθαι καὶ διαλλάττεσθαι προσαναγκάζοντας [346.b.5] ἑαυτοὺς φιλεῖν τοὺς ἑαυτῶν καὶ ἐπαινεῖν. πολλάκις δὲ οἶμαι καὶ Σιμωνίδης ἠγήσατο καὶ αὐτὸς ἢ τύραννον ἢ ἄλλον τινὰ τῶν τοιούτων ἐπαινέσαι καὶ ἐγκωμιάσαι οὐχ ἐκῶν, ἀλλ' ἀναγκαζόμενος. ταῦτα δὲ καὶ τῷ Πιπτακῷ λέγει ὅτι Ἐγώ, [346.c.1] ὦ Πιπτακέ, οὐ διὰ ταῦτά σε ψέγω, ὅτι εἰμι φιλόσογος, ἐπεὶ

ἔμοιγ' ἐξαρκεῖ ὅς ἂν μὴ κακὸς ἦ

μηδ' ἄγαν ἀπάλαμνος, εἰ

[346.c.5] δῶς τ' ὀνησίπολιν δίκαν ὑγιῆς ἀνήρ·

οὐ μιν ἐγὼ μωμήσομαι ·

οὐ γάρ εἰμι φιλόμωμος ·

vezes é coagido a apreciar e vir a ser amigável com alguém<sup>255</sup>, como [no caso de] um homem originar-se de mãe ou de pai ou de pátria esdrúxulos, ou de coisas equivalentes<sup>256</sup>.

Na verdade, quando algo dessas coisas acontece aos perversos, observa-se como ficam satisfeitos em recriminar, acusar e falar abertamente da ruindade dos genitores ou da pátria. [Eles fazem isso] para que os outros homens não os recriminem nem os insultem pelo fato deles desprezarem [os entes que os originaram], mas o que acontece é que ele são recriminados mais ainda e, por isso, acrescentam inimigos “intencionais” aos que são por “necessidade”<sup>257</sup>.

346 a

346 b

Os afáveis, por outro lado, [ao enfrentarem a mesma situação], se obrigam tanto a disfarçar como a apreciar [os genitores e a pátria] e, se por ventura se encolerizam com algo que os genitores ou a pátria fizeram de injusto, sozinhos acalmam-se, reconciliam-se e obrigam-se a si mesmos a estima-los e aprecia-los.

Muitas vezes, penso eu, o próprio Simônides também considerou [que ele tinha que] louvar e apreciar seja um tirano, seja algum outro desses tais, não por querer, mas obrigando-se. Essas coisas, então, também fala a Pítaco que:

(Simônides) \_\_Não é por eu ser implicante que eu te recrimino em relação a essas coisas, Pítaco, afinal:

346 c

a mim já basta aquele que não seja mau nem exageradamente imprestável, conhecendo o útil-à-pólis e [o que é] ‘justo’, trata-se de um homem são, não zombarei dele, não sou sarcástico, com efeito,

---

<sup>255</sup> Φιλεῖν καὶ ἐπαινεῖν que estariam na sequência do texto foram suprimidos pelo editor. De fato, o contexto parece não precisar desses dois infinitivos que, juntos, poderia ser uma espécie de provérbio.

<sup>256</sup> Sócrates argumenta que seria nobre aceitar as vicissitudes da vida, afinal, “*versus* à necessidade, nem os deuses lutam” (345 d).

<sup>257</sup> Sócrates argumenta que “ser ruim”, por natureza, πονηρός, tem como consequência ter inimigos de antemão, ou seja, por necessidade, ἀνάγκη.

τῶν γὰρ ἠλιθίων ἀπείρων γενέθλα,

ὥστ' εἴ τις χαίρει ψέγων, ἐμπλησθεῖη ἂν ἐκείνους μεμφόμενος ·

[346.c.1] πάντα τοι καλά, τοῖσί τ' αἰσχρὰ μὴ μέμικται.

οὐ τοῦτο λέγει, ὥσπερ ἂν εἰ ἔλεγε πάντα τοι λευκά, οἷς μέλανα μὴ μέμικται – γελοῖον γὰρ

ἂν εἶη πολλαχῆ – ἀλλ' ὅτι αὐτὸς καὶ τὰ μέσα ἀποδέχεται ὥστε μὴ ψέγειν. καὶ οὐ ζητῶ, ἔφη,

πανάμωμον ἄνθρωπον, εὐρυεδοῦς ὅσοι [346.d.5] καρπὸν αἰνύμεθα χθονός, ἐπί θ' ὑμῖν

εὐρὸν ἀπαγγελέω· ὥστε τούτου γ' ἔνεκα οὐδένα ἐπαινέσομαι, ἀλλὰ μοι ἐξαρκεῖ ἂν ἧ

μέσος καὶ μηδὲν κακὸν ποιῆ, ὡς ἐγὼ πάντας φιλέω καὶ ἐπαίνημι – καὶ τῆ φωνῆ ἐνταῦθα

κέχρηται τῆ [346.e.1] τῶν Μυτιληναίων, ὡς πρὸς Πιττακὸν λέγων τὸ <πάντας δὲ ἐπαίνημι

καὶ φιλέω ἐκών> – ἐνταῦθα δεῖ ἐν τῷ <ἐκών> διαλαβεῖν λέγοντα – <ὅστις ἔρδη μηδὲν

αἰσχρόν>, ἄκων δ' ἔστιν οὗς ἐγὼ ἐπαινῶ καὶ φιλῶ. σὲ οὖν, καὶ εἰ μέσως [347.a.1] ἔλεγες

ἐπιεικῆ καὶ ἀληθῆ, ὦ Πιττακέ, οὐκ ἂν ποτε ἔψεγον· νῦν

é ilimitada a corja dos zuretas.

(De fato, se alguém ficasse feliz recriminando, [é contra aqueles que] poderia se voltar reprovando.)

É belo, com certeza, tudo aquilo que não se mesclou com o disforme.

Ele não fala isso como se dissesse: é “claro”, com certeza, tudo aquilo que não se mesclou com o “escuro” já que isso seria bastante ridículo, o fato é que, do mesmo modo, ele também aceita o mediano sem recriminar. Ele disse:

346 d

(Simônides) Também não busco um homem todo-sem-falha, como um fruto na imensidão [de toda a] Terra, assim que o encontrar, a vocês vou anunciar. Isso porque ninguém atingiria tais quesitos. Mas, já me seria suficiente o mediano, aquele que não fizesse [um grande] mau, motivo pelo qual eu estimo e aprecio a todos.

E, naquele momento, ele tomou emprestado o dialeto dos Mitilenos, pois [era] contra Pítaco que ele estava falando:

346 e

(Simônides) \_\_Aprecio e estimo, ‘intencionalmente’ (aqui no ‘intencionalmente’ é necessário fazer uma pausa quando estamos falando)<sup>258</sup>, todo aquele que não praticar nada de inadequado. Por outro lado, há alguns que aprecio e estimo a contragosto. Então, Pítaco, se você tivesse falado de modo mediano o que é razoável e verdadeiro, jamais o teria recriminado. Agora,

347 a

---

<sup>258</sup> Ainda que não tenhamos como caracterizar precisamente o dialeto dos mitilenos deste período, só podemos supor que Sócrates estaria aludindo a ele como se o tom solene e pausado fosse sua marca característica.

δὲ σφόδρα γὰρ καὶ περὶ τῶν μεγίστων ψευδόμενος δοκεῖς ἀληθῆ λέγειν, διὰ ταῦτά σε ἐγὼ  
ψέγω. ταῦτά μοι δοκεῖ, ὃ Πρόδικε καὶ Πρωταγόρα, ἦν δ' ἐγώ, Σιμωνίδης διανοούμενος  
[347.a.5]πεποιηκέναι τοῦτο τὸ ἄσμα. Καὶ ὁ Ἰππίας, Εὖ μὲν μοι δοκεῖς, ἔφη, ὃ Σώκρατες,  
καὶ σὺ περὶ τοῦ ἄσματος διεληλυθέναι· ἔστιν μέντοι, ἔφη, καὶ [347.b.1]ἐμοὶ λόγος περὶ  
αὐτοῦ εὖ ἔχων, ὃν ὑμῖν ἐπιδείξω, ἂν βούλησθε. Καὶ ὁ Ἀλκιβιάδης, Ναί, ἔφη, ὃ Ἰππία, εἰς  
αὐτίς γε· νῦν δὲ δίκαιόν ἐστιν ἃ ὠμολογησάτην πρὸς ἀλλήλω Πρωταγόρας [347.b.5]καὶ  
Σωκράτης, Πρωταγόρας μὲν εἰ ἔτι βούλεται ἐρωτᾶν, ἀποκρίνεσθαι Σωκράτη, εἰ δὲ δὴ  
βούλεται Σωκράτει ἀποκρίνεσθαι, ἐρωτᾶν τὸν ἕτερον. Καὶ ἐγὼ εἶπον· Ἐπιτρέπω μὲν ἔγωγε  
Πρωταγόρα ὁπότερον αὐτῷ ἥδιον· εἰ δὲ βούλεται, περὶ μὲν ἁσμάτων τε καὶ ἐπῶν [347.c.1]  
ἐάσωμεν, περὶ δὲ ὧν τὸ πρῶτον ἐγὼ σε ἠρώτησα, ὃ Πρωταγόρα, ἠδέως ἂν ἐπὶ τέλος  
ἔλθοιμι μετὰ σοῦ σκοπούμενος. καὶ γὰρ δοκεῖ μοι τὸ περὶ ποιήσεως διαλέγεσθαι  
ὁμοιώτατον εἶναι τοῖς συμποσίοις τοῖς τῶν φαύλων καὶ ἀγοραίων

porém, te recrimino porque você imagina falar a verdade, mas está completamente enganado a respeito das mais importantes questões.

Ao que me parece, Pródico e Protágoras”, eu disse, “eram essas coisas que passavam pela cabeça de Simônides quando ele elaborou essa ode.”

E o Hípias:

\_\_ “Também acho”, disse ele, “além disso, você, Sócrates, discorreu muito bem a respeito da ode. Para todos os efeitos”, disse ele, “eu também tenho um bom discurso a respeito dela e, se quiserem, posso expor para vocês.”

347 b

E o Alcibíades:

\_\_ “Sim, Hípias”, disse ele, “certamente depois. Agora, porém, é justo manter aquilo que concordaram entre si, Protágoras e Sócrates. Se, por um lado, Protágoras ainda quer perguntar, Sócrates responde, caso contrário, se [Protágoras] quer responder, [é Sócrates] que irá questioná-lo.”

E eu falei:

\_\_ “Da minha parte, delego a escolha a Protágoras, o que lhe for mais agradável. Além do mais, se ele quiser, deixaremos de tratar a respeito de odes e de poemas [em geral], afinal, Protágoras, é a respeito do que eu te questionava antes que eu [realmente] gostaria de examinar com você, para que [cheguemos] à uma conclusão. Ademais, me parece que conversar a respeito de poesias são parecidíssimo com os sarais<sup>259</sup> dos homens medíocres

347 c

---

<sup>259</sup> Não temos uma palavra que traduza exatamente a palavra grega συμπόσιον. A rigor, nem sequer temos em nossa cultura algo parecido com “a segunda parte de um banquete ou festim, durante a qual os convidados bebiam, conversavam, ouviam música e se entregavam a outros divertimentos” Houaiss (2001). Taylor (1996, p.48) optou por “drinking-party”, Croiset (2001, p. 68) preferiu “les banquets”.

ἀνθρώπων. [347.c.5] καὶ γὰρ οὗτοι, διὰ τὸ μὴ δύνασθαι ἀλλήλοις δι' ἑαυτῶν συνεῖναι ἐν τῷ πότῳ μηδὲ διὰ τῆς ἑαυτῶν φωνῆς καὶ τῶν λόγων τῶν ἑαυτῶν ὑπὸ ἀπαιδευσίας, τιμίας ποιῶσι [347.d.1] τὰς ἀυλητρίδας, πολλοῦ μισθούμενοι ἀλλοτρίαν φωνὴν τὴν τῶν ἀυλῶν, καὶ διὰ τῆς ἐκείνων φωνῆς ἀλλήλοις σύνεισιν· ὅπου δὲ καλοὶ κάγαθοὶ συμπόται καὶ πεπαιδευμένοι εἰσίν, οὐκ ἂν ἴδοις οὔτ' ἀυλητρίδας οὔτε ὀρχηστρίδας οὔτε ψαλτρίας, [347.d.5] ἀλλὰ αὐτοὺς αὐτοῖς ἱκανοὺς ὄντας συνεῖναι ἄνευ τῶν λήρων τε καὶ παιδιῶν τούτων διὰ τῆς αὐτῶν φωνῆς, λέγοντάς τε καὶ ἀκούοντας ἐν μέρει ἑαυτῶν κοσμίως, κἄν πάνυ [347.e.1] πολὺν οἶνον πίωσιν. οὕτω δὲ καὶ αἱ τοιαῖδε συνουσίαι, ἐὰν μὲν λάβωνται ἀνδρῶν οἰοίπερ ἡμῶν οἱ πολλοὶ φασιν εἶναι, οὐδὲν δέονται ἀλλοτρίας φωνῆς οὐδὲ ποιητῶν, οὓς οὔτε ἀνερέσθαι οἶόν τ' ἐστὶν περὶ ὧν λέγουσιν, ἐπαγόμενοί τε [347.e.5] αὐτοὺς οἱ πολλοὶ ἐν τοῖς λόγοις οἱ μὲν ταῦτά φασιν τὸν ποιητὴν νοεῖν, οἱ δ' ἕτερα, περὶ πράγματος διαλεγόμενοι ὃ ἀδυνατοῦσι ἐξελέγξαι· ἀλλὰ τὰς μὲν τοιαύτας συνουσίας [348.a.1] ἐῶσιν χαίρειν, αὐτοὶ δ' ἑαυτοῖς σύνεισιν δι' ἑαυτῶν, ἐν τοῖς ἑαυτῶν λόγοις πεῖραν ἀλλήλων λαμβάνοντες καὶ διδόντες. τοὺς τοιούτους μοι δοκεῖ χρῆναι μᾶλλον μιμεῖσθαι ἐμέ τε καὶ σέ, καταθεμένους τοὺς ποιητὰς αὐτοὺς δι' ἡμῶν αὐτῶν [348.a.5] πρὸς ἀλλήλους τοὺς λόγους ποιεῖσθαι, τῆς ἀληθείας καὶ ἡμῶν αὐτῶν πεῖραν λαμβάνοντας·

e desocupados<sup>260</sup>. Pois esses, por não poderem conviver reciprocamente uns com os outros, nem pela bebedeira, nem pelas próprias falas, nem pelos próprios raciocínios<sup>261</sup>, devido a falta de uma educação de verdade, fazem valorizar as flautistas pagando caro a “voz outra” das flautas e, por meio dessas outras vozes é que eles convivem.

Onde há indivíduos nobres-elevados<sup>262</sup> e convidados educados de maneira adequada, por outro lado, não se ouve falar nem de flautistas, nem de dançarinas, nem de harpistas, mas, na certa, esses são suficientes uns aos outros para se relacionarem por intermédios das próprias falas, sem nenhuma dessas bobagens e criancices, falando e escutando ordenadamente, um de cada vez, mesmo que tenham exagerado no vinho<sup>263</sup>.

347 d

Assim, então, são tais encontros se, de fato, ocorrerem com homens, como muitos de nós declaramos ser, que não precisam de nenhuma voz alheia nem dos poetas, que, [a rigor], não [estão estão presentes] para serem consultados a respeito do que falam. [Desse modo, esses homens seriam diferentes de] muitos que citam [os poetas] em seus discursos e declaram que o poeta pensa “isso”, outros, que é “aquilo”, dialogando em torno de uma questão que não podem provar.

347 e

É com satisfação que [esses homens] declinam daqueles encontros [vulgares], já que se relacionam uns em função dos outros ao colocarem à prova os discursos deles mesmos, ora apresentando, ora analisando. Me parece ser mais proveitoso, a mim e a você, imitar estes deste tipo, deixando de lado os poetas e, por nossos próprios meios, elaborarmos reciprocamente nossos próprios discursos para que, quando os analisarmos, estejamos colocando à prova a verdade de nós mesmos.

348 a

---

<sup>260</sup> Traduzo por “desocupados” o adjetivo plural *ἀγοραίων*, literalmente: “os da ágora” e, conseqüentemente, “os que passeiam na ágora”, “desocupados”. Note-se que Sócrates critica o esteriótipo que volta-se a ele mesmo.

<sup>261</sup> “Raciocínios” (*λόγοι*).

<sup>262</sup> “Nobres-elevados” (*καλοί τε καί ἀγαθοί*).

<sup>263</sup> Note-se que nessa passagem a idéia de “nobre-elevado” (*καλός τε καί ἀγαθός*) não está em contradição com a possibilidade de beber muito vinho, ou seja, a virtude de conter a embriaguez não é ofuscada pelo fato de ter exagerado na quantidade.

κἂν μὲν βούλη ἔτι ἐρωτᾶν, ἕτοιμός εἰμί σοι παρέχειν ἀποκρινόμενος· ἐὰν δὲ βούλη, σὺ ἐμοὶ παράσχες, περὶ ὧν μεταξὺ ἐπαυσάμεθα διεξιόντες, τούτοις τέλος ἐπιθεῖναι. [348.b.1] Λέγοντος οὖν ἐμοῦ ταῦτα καὶ τοιαῦτα ἄλλα οὐδὲν ἀπεσάφει ὁ Πρωταγόρας ὁπότερα ποιήσοι. εἶπεν οὖν ὁ Ἀλκιβιάδης πρὸς τὸν Καλλίαν βλέψας, ἼΩ Καλλία, δοκεῖ σοι, ἔφη, καὶ νῦν καλῶς Πρωταγόρας ποιεῖν, οὐκ ἐθέλων εἶτε [348.b.5] δώσει λόγον εἶτε μὴ διασαφεῖν; ἐμοὶ γὰρ οὐ δοκεῖ· ἀλλ' ἦτοι διαλεγέσθω ἢ εἰπέτω ὅτι οὐκ ἐθέλει διαλέγεσθαι, ἵνα τούτῳ μὲν ταῦτα συνειδῶμεν, Σωκράτης δὲ ἄλλῳ τῷ διαλέγεται ἢ ἄλλος ὅστις ἂν βούληται ἄλλῳ. Καὶ ὁ Πρωταγόρας αἰσχυρθεὶς, ὥς γέ μοι ἔδοξεν, τοῦ τε Ἀλκιβιάδου ταῦτα λέγοντος καὶ τοῦ Καλλίου δεομένου καὶ τῶν ἄλλων σχεδόν τι τῶν παρόντων, μόγις προουράπετο εἰς τὸ διαλέγεσθαι καὶ ἐκέλευεν ἐρωτᾶν αὐτὸν ὡς ἀποκρινόμενος. [348.c.5] Εἶπον δὴ ἐγώ· ἼΩ Πρωταγόρα, μὴ οἴου διαλέγεσθαί με σοι ἄλλο τι βουλόμενον ἢ ἃ αὐτὸς ἀπορῶ ἐκάστοτε, ταῦτα διασκέψασθαι. ἡγοῦμαι γὰρ πάνυ λέγειν τι τὸν Ὅμηρον τὸ –

[348.d.1] σύν τε δὴ ἐρχομένῳ, καὶ τε πρὸ ὃ τοῦ ἐνόησεν.

εὐπορώτεροι γὰρ πως ἅπαντές ἐσμεν οἱ ἄνθρωποι πρὸς ἅπαν ἔργον καὶ λόγον καὶ διανόημα·

Se você ainda quiser questionar, estou pronto a me submeter e responder [as suas questões], contudo, se você quiser me conceder [o direito de questionar], proponho concluir com as [mesmas questões] que paramos de tratar pela metade.”

Então, falei essas coisas e outras do tipo, mas Protágoras não deixava claro qual das duas opções poderia ser. E Alcibíades falou olhando para Cálias:

348 b

— “E agora, Cálias, também te parece que Protágoras está agindo bem?” Disse ele. “Não querendo nem dar a palavra nem sequer deixar nada transparecer? Pois para mim não parece. Ora, [esperamos] que ele explique [o que quer] ou que, pelo menos, fale que não quer [mais] dialogar, para que todos saibamos isso dele, e Sócrates, então, dialogue com outro, ou ainda, alguém que quiser com outro qualquer.”

E, ao que me pareceu, Protágoras ficou com vergonha do que falou Alcibíades e do pedido de Cálias e de alguns dos que estavam próximos e, com muito pesar, foi impelido a dialogar<sup>264</sup>, pediu para eu o questionar para que ele pudesse responder, aí eu falei:

348 c

— “Não considere, Protágoras, que, da minha parte, dialogar com você tenha algum outro propósito que não seja examinar a fundo aquelas mesmas questões que, a todo momento, me deixam em apuros. A propósito disso, Homero fala muito bem que:

Indo, juntos em dois, tanto um como o outro pode perceber antes<sup>265</sup>.

348 d

Pois, desse modo, [estaríamos contribuindo para uma] maior fluidez de todas ações, discursos e pensamentos que dizem respeito a todos nós. Ao passo que, se alguém chega a

---

<sup>264</sup> De maneira a equilibrar as ações dos dois personagens principais, Protágoras faz nesta passagem o que Sócrates fizera em 335 b, cf. Introdução, p. 42.

<sup>265</sup> *Íliada*, X, 224.

μoūνος δ' εἶπερ τε νοήση, αὐτίκα περιūων ζητεῖ ὄτω ἐπιδειξεται καὶ μεθ' [348.d.5] ὄτου βεβαιώσηται, ἕως ἂν ἐντύχη. ὥσπερ καὶ ἐγὼ ἔνεκα τούτου σοὶ ἠδέως διαλέγομαι μάλλον ἢ ἄλλω τινί, ἠγούμενός σε βέλτιστ' ἂν ἐπισκέψασθαι καὶ περὶ τῶν ἄλλων [348.e.1] περὶ ὧν εἰκὸς σκοπεῖσθαι τὸν ἐπιεικῆ, καὶ δὴ καὶ περὶ ἀρετῆς. τίνα γὰρ ἄλλον ἢ σέ; ὅς γε οὐ μόνον αὐτὸς οἶει καλὸς κάγαθός εἶναι, ὥσπερ τινὲς ἄλλοι αὐτοὶ μὲν ἐπιεικεῖς εἰσιν, ἄλλους δὲ οὐ δύνανται ποιεῖν· σὺ δὲ καὶ αὐτὸς ἀγαθός εἶ [348.e.5] καὶ ἄλλους οἷός τ' εἶ ποιεῖν ἀγαθούς, καὶ οὕτω πεπίστευκας σαυτῷ, ὥστε καὶ ἄλλων ταύτην τὴν τέχνην ἀποκρυπτομένων σὺ γ' ἀναφανδὸν σεαυτὸν ὑποκηρυζάμενος εἰς πάντας τοὺς Ἑλληνας, σοφιστὴν ἐπονομάσας σεαυτὸν, ἀπέφηνας παιδεύσεως καὶ ἀρετῆς διδάσκαλον, πρῶτος τούτου μισθὸν ἀξιώσας ἄρνησθαι. πῶς οὖν οὐ σέ χρῆν παρακαλεῖν [349.a.5] ἐπὶ τὴν τούτων σκέψιν καὶ ἐρωτᾶν καὶ ἀνακοινοῦσθαι; οὐκ ἔσθ' ὅπως οὔ. καὶ νῦν δὴ ἐγὼ ἐκεῖνα, ἅπερ τὸ πρῶτον ἠρώτων περὶ τούτων, πάλιν ἐπιθυμῶ ἐξ ἀρχῆς τὰ μὲν ἀναμνησθῆναι παρὰ σοῦ, τὰ δὲ συνδιασκέψασθαι. ἦν δέ, [349.b.1] ὡς ἐγῶμαι, τὸ ἐρώτημα τόδε· σοφία καὶ σωφροσύνη καὶ ἀνδρεία καὶ δικαιοσύνη καὶ ὀσιότης, πότερον ταῦτα, πέντε ὄντα ὀνόματα, ἐπὶ ἐνὶ πράγματι ἐστίν, ἢ ἐκάστῳ τῶν ὀνομάτων τούτων ὑπόκειται τις ἴδιος οὐσία καὶ πρᾶγμα ἔχον [349.b.5] ἑαυτοῦ δύναμιν ἕκαστον, οὐκ ὄν οἷον τὸ ἕτερον αὐτῶν τὸ ἕτερον; ἔφησθα οὖν σὺ οὐκ ὀνόματα ἐπὶ ἐνὶ εἶναι, ἀλλὰ [349.c.1] ἕκαστον ἰδίῳ πράγματι τῶν ὀνομάτων τούτων ἐπικεῖσθαι, πάντα δὲ ταῦτα μόρια εἶναι ἀρετῆς, οὐχ ὡς τὰ τοῦ χρυσοῦ μόρια ὁμοιά ἐστίν ἀλλήλοις καὶ τῷ ὅλῳ οὗ μόριά ἐστίν, ἀλλ' ὡς τὰ τοῦ προσώπου μόρια καὶ τῷ ὅλῳ οὗ μόριά ἐστίν

compreender [algo] sozinho, imediatamente sai por aí a procurar alguém para demonstrar e confirmar [suas conjecturas, tal inquietação] dura até que encontre [alguém]. Por isso que eu, do mesmo modo, dialogo com você mais prazerosamente do que com qualquer outro, [pois] considero que você seria o mais indicado para refletir tanto a respeito da [própria] virtude, como a respeito das outras questões que são próprias de alguém íntegro.

Ademais, que outra [pessoa seria mais adequada para tratar disso] além de você? Que é justamente aquele que não apenas se considera ser nobre-elevado<sup>266</sup>, como alguns outros que, de fato, possuem qualidades individuais (embora não possam tornar outros [melhores]), como, por outro lado, além de você mesmo ser bom, é capaz de tornar os outros também bons. Convicto de tal modo em si mesmo que, enquanto outros obscurecem essa arte, você se expõe abertamente para todos os helenos, denominando-se sofista, e declarando-se professor de uma educação elevada e da virtude por excelência, o primeiro deles que se julgou digno de receber salário.

348 e

349 a

Como, então, em se tratando dessas reflexões, seria possível não te invocar para fazer perguntas e trocar ideias? Não seria possível, não mesmo! Então agora, novamente, desejo recordar com você, desde o princípio, aquela questão que eu fazia a respeito dessas coisas para que, juntos, a examinemos a fundo.

Se eu não estou enganado, a questão era a seguinte: sabedoria, temperança, coragem, justiça e piedade são cinco nomes diferentes e cada um deles dizem respeito à uma única coisa, ou, para cada uma das coisas que eles nomeiam é admitido uma função e existência particular, tendo, cada uma delas, uma propriedade característica, de modo que nenhuma seja igual à outra?

349 b

Na verdade, você disse que não eram nomes de uma única coisa, mas que cada um dos nomes diz respeito à uma coisa em particular, e que todas são partes da virtude, não como as partes do ouro que são iguais entre si e ao todo do qual fazem parte, mas como as partes do rosto, afinal, são diferentes entre si e em relação ao todo do qual fazem parte, de

349 c

---

<sup>266</sup> “Nobre-elevado” (καλός τε καί ἀγαθός).

[349.c.5] καὶ ἀλλήλοις ἀνόμοια, ἰδίαν ἕκαστα δύνανται ἔχοντα. ταῦτα εἰ μὲν σοὶ δοκεῖ ἔτι ὥσπερ τότε, φάθι· εἰ δὲ ἄλλως πῶς, τοῦτο διόρισαι, ὡς ἔγωγε οὐδέν σοι ὑπόλογον τίθεμαι, εἴαν πῃ ἄλλη νῦν φήσῃς· οὐ γὰρ ἂν θαυμάζοιμι εἰ τότε ἀποπειρώμενός [349.d.1] μου ταῦτα ἔλεγες. Ἀλλ' ἐγὼ σοὶ, ἔφη, λέγω, ὦ Σώκρατες, ὅτι ταῦτα πάντα μόρια μὲν ἐστὶν ἀρετῆς, καὶ τὰ μὲν τέτταρα αὐτῶν ἐπιεικῶς παραπλήσια ἀλλήλοις ἐστίν, ἡ δὲ ἀνδρεία πάνυ πολὺ διαφέρειν [349.d.5] πάντων τούτων. ὧδε δὲ γνώσῃ ὅτι ἐγὼ ἀληθῆ λέγω· εὐρήσεις γὰρ πολλοὺς τῶν ἀνθρώπων ἀδικωτάτους μὲν ὄντας καὶ ἀνοσιωτάτους καὶ ἀκολαστοτάτους καὶ ἀμαθεστάτους, ἀνδρειοτάτους δὲ διαφερόντως. [349.e.1] Ἔχε δὴ, ἔφη ἐγὼ· ἄξιον γὰρ τοὶ ἐπισκέψασθαι ὃ λέγεις. πότερον τοὺς ἀνδρείους θαρραλέους λέγεις ἢ ἄλλο τι; – Καὶ ἴτας γε, ἔφη, ἐφ' ἃ οἱ πολλοὶ φοβοῦνται ἰέναι. – Φέρε δὴ, τὴν ἀρετὴν καλὸν τι φῆς εἶναι, καὶ ὡς καλοῦ ὄντος [349.e.5] αὐτοῦ σὺ διδάσκαλον σαυτὸν παρέχεις; – Κάλλιστον μὲν οὖν, ἔφη, εἰ μὴ μαίνομαί γε. – Πότερον οὖν, ἢν δ' ἐγὼ, τὸ μὲν τι αὐτοῦ αἰσχρὸν, τὸ δὲ τι καλόν, ἢ ὅλον καλόν; – Ὅλον που καλὸν ὡς οἶόν τε μάλιστα. – Οἶσθα οὖν τίνες εἰς τὰ [350.a.1] φρέατα κολυμβῶσιν θαρραλέως; – Ἐγωγε, ὅτι οἱ κολυμβηταί. – Πότερον διότι ἐπίστανται ἢ δι' ἄλλο τι;

modo que cada uma tenha uma propriedade particular.

Se você ainda pensa desse jeito, como [pensava] há pouco, então diga. Caso contrário, se agora você [quiser] afirmar algo diferente, é melhor você definir [logo sua opinião] para que eu mesmo não te fixe sob um raciocínio<sup>267</sup>. Já que eu não admiraria se, há pouco, você falava aquelas coisas só para me colocar à prova<sup>268</sup>.

349 d

— “É sem dúvida que te falo, Sócrates”, disse ele, “que todas essas são partes da virtude, de fato, e, enquanto quatro delas são, em certa medida, bastante parecidas entre si, a coragem, por outro lado, difere bastante de todas elas. E você vai reconhecer que eu falo a verdade pelo seguinte: certamente você vai encontrar entre os homens muitos que são, de fato, os mais injustos, mais impiedosos, mais licenciosos, mais ignorantes, porém, estranhamente, os mais corajosos.”

— “Opa!”, disse eu, “com certeza vale a pena averiguar isso que você está falando<sup>269</sup>. Acaso você está dizendo que os corajosos são audaciosos, ou algo diferente?”

349 e

— “E também ousados, certamente”, disse ele, “em relação ao que a maioria teme enfrentar.”

— “Pois bem, você afirma que a virtude é boa e, com vistas a qualidade dela que você se coloca à disposição como professor?”

— “A não ser que eu esteja louco”, disse ele, “ela é, de fato, melhor [de todas as coisas]”.

— “Acaso”, eu disse, “uma parte dela é má e a outra é boa, ou toda ela é boa?”

— “Toda ela é boa, tanto quanto possível.”

— “Então você sabe quem são aqueles que audaciosamente mergulham nos poços profundos?”

350 a

— “Claro que sei, são os mergulhadores.”

— “Acaso é por que sabem [os detalhes desta arte] ou por causa de algum outro motivo?”

---

<sup>267</sup> “Raciocínio” (λόγος).

<sup>268</sup> Cf. nota n° 231 e 233.

<sup>269</sup> É o que Sócrates fará em 359 a, b, c, ou seja, o personagem deixa claro que já tem em mente, de antemão, onde pretende chegar.

– Ὅτι ἐπίστανται. – Τίνες δὲ ἀπὸ τῶν ἵππων πολεμεῖν θαρραλέοι εἰσίν; πότερον οἱ ἵπτικοὶ ἢ οἱ ἄφιπποι; – Οἱ ἵπτικοί. – Τίνες δὲ [350.a.5] πέλτας ἔχοντες; οἱ πελταστικοὶ ἢ οἱ μὴ; – Οἱ πελταστικοί. καὶ τὰ ἄλλα γε πάντα, εἰ τοῦτο ζητεῖς, ἔφη, οἱ ἐπιστήμονες τῶν μὴ ἐπισταμένων θαρραλεώτεροί εἰσιν, καὶ αὐτοὶ ἑαυτῶν [350.b.1] ἐπειδὴν μάθωσιν ἢ πρὶν μαθεῖν. – Ἦδη δὲ τινὰς ἐώρακας, ἔφην, πάντων τούτων ἀνεπιστήμονας ὄντας, θαρροῦντας δὲ πρὸς ἕκαστα τούτων; – Ἐγωγε, ἦ δ' ὅς, καὶ λίαν γε θαρροῦντας. – Οὐκοῦν οἱ θαρραλέοι οὗτοι καὶ ἀνδρεῖοί εἰσιν; [350.b.5] – Αἰσχρὸν μεντᾶν, ἔφη, εἴη ἢ ἀνδρεία· ἐπεὶ οὗτοί γε μαινόμενοί εἰσιν. – Πῶς οὖν, ἔφην ἐγώ, λέγεις τοὺς ἀνδρείους; οὐχὶ τοὺς θαρραλέους εἶναι; – Καὶ νῦν γ', ἔφη. – [350.c.1] Οὐκοῦν οὗτοι, ἦν δ' ἐγώ, οἱ οὕτω θαρραλέοι ὄντες οὐκ ἀνδρεῖοι ἀλλὰ μαινόμενοι φαίνονται; καὶ ἐκεῖ αὖ οἱ σοφώτατοι οὗτοι καὶ θαρραλεώτατοί εἰσιν, θαρραλεώτατοι δὲ ὄντες ἀνδρειότατοι; καὶ κατὰ τοῦτον τὸν λόγον ἢ σοφία ἢ ἀνδρεία [350.c.5] εἶη;

\_\_ “É porque sabem.”

\_\_ “E quem são aqueles que, audaciosamente, guerreiam a cavalo? Os cavaleiros ou os não-cavaleiros?”

\_\_ “Os cavaleiros”.

\_\_ “E os que [audaciosamente] portam um escudo, os que são escudeiros ou os que não são?”

\_\_ “Os escudeiros”, disse ele, “e, certamente, em todas as outras [artes], se é isso [mesmo] que você quer saber<sup>270</sup>, os que sabem são mais audaciosos tanto em relação aos que não sabem quanto em relação a eles mesmos, ficam mais audaciosos quando aprendem do que [quando eram] antes de aprender.”

350 b

\_\_ “Mas você já viu”, disse eu, “alguns que, não sabendo nada dessas [artes], eram audaciosos em relação à cada uma delas?”

\_\_ “Certamente”, então ele, “e bem audaciosos mesmo.”

\_\_ “E não é verdade que esses audaciosos também são corajosos?”

\_\_ “Seria... mas [trataria-se de] uma má coragem, visto que eles são inspirados por um impulso irracional.”

\_\_ “Como, então”, disse eu, “você se refere aos corajosos? Não são eles os audaciosos?”

\_\_ “Mais uma vez, [é o que afirmo].” Disse ele.

350 c

\_\_ “Mas”, eu disse, “não é verdade que os que são audaciosos desse jeito não parecem corajosos, mas impulsionados por um impulso irracional? E, por outro lado, os mais sábios desses também eram os mais audaciosos e, sendo os mais audaciosos eram, também, os mais corajosos? E, de acordo com esse raciocínio, a coragem seria [uma espécie de] sabedoria<sup>271</sup>?”

---

<sup>270</sup> Com essa colocação “se é isso mesmo que você quer saber”, Protágoras deixa claro que apenas se antecipa às conclusões do próprio Sócrates e não que ele pensa o que está falando necessariamente. Logo adiante, em 350b 9, Protágoras explicitará que não concorda com conclusões que Sócrates tenta induzi-lo a afirmar.

<sup>271</sup> Sócrates faz alusão à fala de Protágoras logo acima, em 349 e: “os que sabem são mais audaciosos tanto em relação aos que não sabem quanto em relação a eles mesmos, são mais audaciosos quando aprendem do que antes de aprender”. Protágoras esclarecerá que não afirmou aquilo que Sócrates alega que ele afirmou.

Οὐ καλῶς, ἔφη, μνημονεύεις, ὦ Σώκρατες, ἃ ἔλεγον τε καὶ ἀπεκρινόμην σοι. ἔγωγε ἐρωτηθεὶς ὑπὸ σοῦ εἰ οἱ ἀνδρεῖοι θαρραλέοι εἰσίν, ὡμολόγησα· εἰ δὲ καὶ οἱ θαρραλέοι ἀνδρεῖοι, οὐκ ἠρωτήθην – εἰ γὰρ με τότε ἤρου, εἶπον ἄν ὅτι [350.d.1] οὐ πάντες – τοὺς δὲ ἀνδρείους ὡς οὐ θαρραλέοι εἰσίν, τὸ ἐμὸν ὁμολόγημα οὐδαμοῦ ἐπέδειξας ὡς οὐκ ὀρθῶς ὡμολόγησα. ἔπειτα τοὺς ἐπισταμένους αὐτοὺς ἑαυτῶν θαρραλεωτέρους ὄντας ἀποφαίνεις καὶ μὴ ἐπισταμένων ἄλλων, καὶ ἐν τούτῳ [350.d.5] οἶει τὴν ἀνδρείαν καὶ τὴν σοφίαν ταῦτόν εἶναι· τούτῳ δὲ τῷ τρόπῳ μετιῶν καὶ τὴν ἰσχὺν οἰηθείης ἄν εἶναι σοφίαν. πρῶτον μὲν γὰρ εἰ οὕτω μετιῶν ἔροίό με εἰ οἱ ἰσχυροὶ [350.e.1] δυνατοὶ εἰσιν, φαίην ἄν· ἔπειτα, εἰ οἱ ἐπιστάμενοι παλαίειν δυνατώτεροί εἰσιν τῶν μὴ ἐπισταμένων παλαίειν καὶ αὐτοὶ αὐτῶν ἐπειδὴν μάθωσιν ἢ πρὶν μαθεῖν, φαίην ἄν· ταῦτα δὲ ἐμοῦ ὁμολογήσαντος ἐξείη ἄν σοι, χρωμένῳ τοῖς αὐτοῖς [350.e.5] τεκμηρίοις τούτοις, λέγειν ὡς κατὰ τὴν ἐμὴν ὁμολογίαν ἡ σοφία ἐστὶν ἰσχὺς. ἐγὼ δὲ οὐδαμοῦ οὐδ' ἐνταῦθα ὁμολογῶ τοὺς δυνατοὺς ἰσχυροὺς εἶναι, τοὺς μέντοι ἰσχυροὺς δυνατούς· [351.a.1] οὐ γὰρ ταῦτόν εἶναι δύνάμιν τε καὶ ἰσχύν, ἀλλὰ τὸ μὲν καὶ ἀπὸ ἐπιστήμης γίγνεσθαι, τὴν δύνάμιν, καὶ ἀπὸ μανίας γε καὶ θυμοῦ, ἰσχὺν δὲ ἀπὸ φύσεως καὶ εὐτροφίας τῶν σωμάτων. οὕτω δὲ κάκεῖ οὐ ταῦτόν εἶναι θάρσος τε καὶ [351.a.5] ἀνδρείαν· ὥστε συμβαίνει τοὺς μὲν ἀνδρείους θαρραλέους εἶναι, μὴ μέντοι τοὺς γε θαρραλέους ἀνδρείους πάντας· θάρσος μὲν γὰρ καὶ ἀπὸ τέχνης γίγνεται ἀνθρώποις καὶ [351.b.1] ἀπὸ θυμοῦ γε καὶ ἀπὸ μανίας, ὥσπερ ἡ δύναμις, ἀνδρεία δὲ ἀπὸ

\_\_ “Você, Sócrates, não está se referindo de maneira adequada às respostas que eu te dei”. Disse ele. “Pois quando você me perguntou se os corajosos são audaciosos eu concordei, mas não fui questionado se os audaciosos são corajosos, e se você tivesse me perguntado [isso] naquela ocasião, eu responderia que nem todos [audaciosos] são [corajosos].

Ora, em relação à essa minha convenção, de que os audaciosos não são [necessariamente] corajosos, você jamais demonstrou o quão incorreto eu estaria ao assumi-la. Ainda assim, você apresenta os que sabem [algo a respeito de determinada arte] como mais audaciosos do que eles mesmos [eram antes de saberem] e do que os outros que não sabem, e conclui disso que a coragem e a sabedoria sejam a mesma coisa. Mas, seguindo [esse raciocínio], você poderia concluir que até a força [bruta] é [uma espécie de] sabedoria .

350 d

Pois, desse modo, se você me questionasse primeiramente se, de fato, os fortes têm poder, eu afirmaria, e, depois, se os que sabem lutar detêm mais poder do que os que não sabem lutar, e do que eles mesmos (quando aprendem detêm mais poder do que antes de aprender), eu [também] afirmaria.

350 e

Tendo eu concordado com essas coisas, seria possível você falar, dispondo desses mesmos testemunhos, conforme meu próprio assentimento, que a força é uma [espécie de] sabedoria. Por outro lado, em nenhuma ocasião [eu concordei], e nem aqui eu concordo, que os detentores de poder são fortes, mas que os fortes são detentores de poder .

Afinal o poder não é a mesma coisa que a força. Pois, enquanto o poder surge a partir de [uma espécie de] ciência, da inspiração e do “coração”, a força, por outro lado, é a partir da natureza e da boa disposição dos corpos. Assim, com efeito, também não é a mesma coisa a audácia e a coragem. Desse modo, pode acontecer de os corajosos serem audaciosos, mas que nem todos audaciosos sejam, de fato, corajosos.

351 a

Enquanto a audácia surge nos homens [por uma espécie de] arte, pelo “coração” e pela inspiração, da mesma forma que o poder, a coragem, diferentemente, surge pela

351 b

φύσεως καὶ εὐτροφίας τῶν ψυχῶν γίνεται. Λέγεις δέ τινας, ἔφη, ὦ Πρωταγόρα, τῶν

ἀνθρώπων εὖ ζῆν, τοὺς δὲ κακῶς; – Ἔφη. – Ἄρ' οὖν δοκεῖ σοι ἄνθρωπος [351.b.5] ἂν εὖ

ζῆν, εἰ ἀνιώμενός τε καὶ ὀδυνώμενος ζῶη; – Οὐκ ἔφη. – Τί δ' εἰ ἡδέως βιοὺς τὸν βίον

τελευτήσειεν; οὐκ εὖ ἂν σοι δοκεῖ οὕτως βεβιωκέναι; – Ἔμοιγ', ἔφη. – Τὸ μὲν ἄρα

[351.c.1] ἡδέως ζῆν ἀγαθόν, τὸ δ' ἀηδῶς κακόν. – Εἶπερ τοῖς καλοῖς γ', ἔφη, ζῶη

ἡδόμενος. – Τί δὴ, ὦ Πρωταγόρα; μὴ καὶ σύ, ὥσπερ οἱ πολλοί, ἡδέ' ἅττα καλεῖς κακὰ καὶ

ἀνιαρὰ ἀγαθὰ; ἐγὼ γὰρ λέγω, καθ' ὃ ἡδέα ἐστίν, ἄρα κατὰ τοῦτο οὐκ [351.c.5] ἀγαθὰ, μὴ εἴ

τι ἀπ' αὐτῶν ἀποβήσεται ἄλλο; καὶ αἴθεις αὖ τὰ ἀνιαρὰ ὡσαύτως οὕτως οὐ καθ' ὅσον

ἀνιαρὰ, κακὰ; – Οὐκ οἶδα, ὦ Σώκρατες, ἔφη, ἀπλῶς οὕτως, ὡς σὺ ἐρωτᾷς,

natureza e pela boa disposição das almas<sup>272</sup>”.

\_\_ “Por outro lado, Protágoras”, eu disse, “você [acha] que alguns homens vivem bem, enquanto que outros vivem mal?”

Ele respondia.

\_\_ “Mas, a rigor, te parece que um homem viveria bem se aborrecendo e padecendo durante a vida?”

\_\_ “Não.” Disse ele.

\_\_ “E se ele viver prazerosamente até findar a vida não te parece que, desse modo, ele teria vivido bem?”

\_\_ “A mim, pelo menos, parece.” Disse ele.

\_\_ “Ah, então viver prazerosamente é bom, e [viver] desagradavelmente é mau.”

351 c

\_\_ “Somente se, em relação às coisas realmente boas<sup>273</sup>, desfrutar dos prazeres da vida.” Disse ele.

\_\_ “É mesmo, Protágoras? Não vai me dizer que você chama, como muitos, algumas coisas agradáveis de ‘más’ e outras inoportunas de ‘boas’? Ora, se nada de diferente resultar daquilo que é agradável, será que isso não poderia ser considerado bom? E, por outro lado, de maneira similar, as coisas inoportunas, em vista de tal qualidade, não seriam más?”

\_\_ “Não sei, Sócrates”, disse ele, “se minha resposta à sua questão seria assim tão simples,

---

<sup>272</sup> Ou seja, segundo Protágoras a coragem é inata. Sócrates fará uso dessa concepção de Protágoras, contudo, interpretando a fala de Protágoras e usando outros termos, irá afirmar que o sofista propoz que a ἀρετή não pode ser ensinada porque ela não se trata de uma ἐπιστήμη (em 361b 4). Esta seria a contradição essencial da concepção do personagem Protágoras, e que o personagem Sócrates irá destacar no final do diálogo.

<sup>273</sup> Mais uma vez Protágoras se antecipa às armadilhas de Sócrates ao relativizar a concepção de agradável e desagradável, contudo, Sócrates associa a cautela de Protágoras à uma espécie de “pseudo-saber” e, para contrariá-lo, tomará partido da concepção de que tudo o que é agradável é “bom”, e tudo que é desagradável é “mau”, mas, para isso, irá desenvolver a “teoria da justa medida” ou da “arte da medida”, em que tudo o que é “agradável” ou “desagradável” deverão se submeter aos cálculos das perdas e ganhos (em 356 e – 358 d). A rigor, ambos dizem a mesma coisa, mas que de maneiras diferentes. Cf. p. 43, item “F”.

[351.d.1] εἰ ἐμοὶ ἀποκριτέον ἐστὶν ὡς τὰ ἡδέα τε ἀγαθὰ ἐστὶν ἅπαντα καὶ τὰ ἀνιαρὰ κακά· ἀλλὰ μοι δοκεῖ οὐ μόνον πρὸς τὴν νῦν ἀπόκρισιν ἐμοὶ ἀσφαλέστερον εἶναι ἀποκρίνασθαι, ἀλλὰ καὶ πρὸς πάντα τὸν ἄλλον βίον τὸν ἐμόν, ὅτι ἔστι μὲν ἃ τῶν [351 d.5] ἡδέων οὐκ ἔστιν ἀγαθὰ, ἔστι δ' αὖ καὶ ἃ τῶν ἀνιαρῶν οὐκ ἔστι κακά, ἔστι δ' ἃ ἔστι, καὶ τρίτον ἃ οὐδέτερα, οὔτε κακὰ οὔτ' ἀγαθὰ. – Ἡδέα δὲ καλεῖς, ἦν δ' ἐγώ, οὐ τὰ ἡδονῆς [351.e.1] μετέχοντα ἢ ποιῶντα ἡδονήν; – Πάνυ γ', ἔφη. – Τοῦτο τοίνυν λέγω, καθ' ὅσον ἡδέα ἐστίν, εἰ οὐκ ἀγαθὰ, τὴν ἡδονὴν αὐτὴν ἐρωτῶν εἰ οὐκ ἀγαθόν ἐστιν. – Ὡσπερ σὺ λέγεις, ἔφη, ἐκάστοτε, ὦ Σώκρατες, σκοπώμεθα αὐτό, καὶ ἐὰν μὲν πρὸς [351.e.5] λόγον δοκῆ εἶναι τὸ σκέμμα καὶ τὸ αὐτὸ φαίνεται ἡδύ τε καὶ ἀγαθόν, συγχωρησόμεθα· εἰ δὲ μή, τότε ἤδη ἀμφισβητήσομεν. Πότερον οὖν, ἦν δ' ἐγώ, σὺ βούλει ἡγεμονεύειν τῆς σκέψεως, ἢ ἐγὼ ἡγῶμαι; Δίκαιος, ἔφη, σὺ ἡγεῖσθαι· σὺ γὰρ καὶ κατάρχεις τοῦ λόγου. [352.a.1] Ἄρ' οὖν, ἦν δ' ἐγώ, τῆδέ πη καταφανὲς ἂν ἡμῖν γένοιτο; ὥσπερ εἴ τις ἄνθρωπον σκοπῶν ἐκ τοῦ εἶδους ἢ πρὸς ὑγίειαν ἢ πρὸς ἄλλο τι τῶν τοῦ σώματος ἔργων, ἰδὼν τὸ πρόσωπον καὶ τὰς χεῖρας ἄκρας εἴποι·

que tudo que é agradável é bom e tudo que é inoportuno é mau. Na verdade, me parece mais prudente responder - não apenas em relação à minha resposta de agora mas, também, levando em conta todas as outras questões da minha vida<sup>274</sup> - que, por certo, dentre as coisas prazerosas, há aquelas que não são boas e, por outro lado, dentre as inoportunas, há aquelas que não são más. Há, ainda, diferente dessas duas, uma terceira categoria, relativa às coisas que não são nem boas e nem más.”

351 d

— “Contudo você também não denomina de agradáveis”, eu disse, “aquelas que participam do prazer ou mesmo que provocam prazer?”

351 e

— “Certamente”, disse ele.

— “Pois bem, é isso que eu estou falando, se [há coisas que são] agradáveis tanto quanto são boas, fico a questionar se o próprio prazer não seria um bem.”

— “Como você sempre fala, Sócrates”, disse ele, “examinemos a coisa mesma e se, de fato, o objeto de especulação se mostrar pertinente e o agradável e o bom parecerem a mesma coisa, aí entraremos em acordo, senão, a partir daí entraremos em desacordo.”

— “Acaso”, eu disse, “você quer ser o que conduz a especulação ou eu conduzo?”

— “É justo você conduzir”, disse ele, “afinal, foi você que iniciou o raciocínio<sup>275</sup>.”

— “Então”, eu disse, “do modo [como abordarei o assunto], será possível esclarecer [a questão]? [Imaginemos que], por exemplo, alguém, ao examinar a saúde de um homem a partir da sua aparência física ou de alguma outra das funções do corpo, depois de observar, do rosto às extremidades das mãos, falasse [o seguinte] :

352 a

---

<sup>274</sup> Cf. Introdução, “Conteúdo histórico”, p. 33.

<sup>275</sup> “Raciocínio” (λόγος).

Ἴθι δὴ μοι ἀποκαλύψας καὶ τὰ [352.a.5] στήθη καὶ τὸ μετάφρενον ἐπίδειξον, ἵνα ἐπισκέψωμαι σαφέστερον, καὶ ἐγὼ τοιοῦτόν τι ποθῶ πρὸς τὴν σκέψιν· θεασάμενος ὅτι οὕτως ἔχεις πρὸς τὸ ἀγαθὸν καὶ τὸ ἡδὺ ὡς φῆς, δέομαι τοιοῦτόν τι εἰπεῖν· Ἴθι δὴ μοι, ὦ Πρωταγόρα, [352.b.1] καὶ τόδε τῆς διανοίας ἀποκάλυψον· πῶς ἔχεις πρὸς ἐπιστήμην; πότερον καὶ τοῦτό σοι δοκεῖ ὥσπερ τοῖς πολλοῖς ἀνθρώποις, ἢ ἄλλως; δοκεῖ δὲ τοῖς πολλοῖς περὶ ἐπιστήμης τοιοῦτόν τι, οὐκ ἰσχυρὸν οὐδ' ἡγεμονικὸν οὐδ' ἀρχικὸν εἶναι· [352.b.5] οὐδὲ ὡς περὶ τοιούτου αὐτοῦ ὄντος διανοοῦνται, ἀλλ' ἐνούσης πολλάκις ἀνθρώπῳ ἐπιστήμης οὐ τὴν ἐπιστήμην αὐτοῦ ἄρχειν ἀλλ' ἄλλο τι, τοτὲ μὲν θυμόν, τοτὲ δὲ ἡδονήν, τοτὲ δὲ λύπην, ἐνίοτε δὲ ἔρωτα, πολλάκις δὲ φόβον, ἀτεχνῶς [352.c.1] διανοοῦμενοι περὶ τῆς ἐπιστήμης ὥσπερ περὶ ἀνδραπόδου, περιελκομένης ὑπὸ τῶν ἄλλων ἀπάντων. ἄρ' οὖν καὶ σοὶ τοιοῦτόν τι περὶ αὐτῆς δοκεῖ, ἢ καλόν τε εἶναι ἢ ἐπιστήμη καὶ οἷον ἄρχειν τοῦ ἀνθρώπου, καὶ ἐάνπερ γινώσκη τις [352.c.5] τὰγαθὰ καὶ τὰ κακά, μὴ ἂν κρατηθῆναι ὑπὸ μηδενὸς ὥστε ἄλλ' ἄττα πράττειν ἢ ἂν ἐπιστήμη κελεύη, ἀλλ' ἱκανὴν εἶναι τὴν φρόνησιν βοηθεῖν τῷ ἀνθρώπῳ; Καὶ δοκεῖ, ἔφη, ὥσπερ σὺ λέγεις, ὦ Σώκρατες, καὶ ἅμα, [352.d.1] εἴπερ τῷ ἄλλῳ, αἰσχρὸν ἐστὶ καὶ ἐμοὶ σοφίαν καὶ ἐπιστήμην μὴ οὐχὶ πάντων κράτιστον φάναι εἶναι τῶν ἀνθρωπείων πραγμάτων. Καλῶς γε, ἔφην ἐγώ, σὺ λέγων καὶ ἀληθῆ. οἶσθα οὖν [352.d.5] ὅτι οἱ πολλοὶ τῶν ἀνθρώπων ἐμοὶ τε καὶ σοὶ οὐ πείθονται, ἀλλὰ πολλοὺς φασι

\_\_Vamos lá, tire a roupa, fique de frente e, depois, de costas para que eu possa examinar mais claramente.

[Igual ao exemplo anterior citado], estou ansioso para fazer o mesmo em relação à [nossa] especulação... Depois de eu observar suas concepções sobre o bom e o agradável, quero te dizer o seguinte: ‘vamos lá Protágoras! Revele o que passa pela sua cabeça em relação à ciência<sup>276</sup>!’ Em relação à ela você pensa igual ou diferente da maioria dos homens?

352 b

Pois a maioria pensa que a ciência não guarda nenhuma semelhança com a força, nem com a liderança e nem com a [capacidade] de comando, supõem, [ao contrário], que ela não se trata de coisas desse tipo, mas que muitas vezes o homem dotado de ciência não chega e se guiar pela própria ciência, mas por alguma outra coisa, algumas vezes pelo coração, outras vezes pelo prazer, algumas vezes pela aflição, outras pelo erotismo e, muitas vezes, até pelo medo. Supondo [que, entendida desse modo], toda desarticulada, a ciência trataria-se de algo vulnerável à todas as outras coisas, como se fosse escrava delas.

352 c

Então, acaso também te parece que ela se trata de algo desse tipo? Ou que ela é nobre e capaz de mostrar o caminho adequado ao homem? E que se alguém, de fato, distinguir as coisas boas das más, jamais será superado por nada e, na certa, deverá agir conforme a ciência recomenda? Afinal, a temperança<sup>277</sup> seria [ou não] suficiente para proteger o homem?

\_\_ “Também concordo com o que você fala, Sócrates”, disse ele, “sem falar que, se há alguém para quem seria indigno que a sabedoria e a ciência não parecessem superiores à todas atividades humanas, esse alguém seria eu.”

352 d

\_\_ “Muito bem”, eu disse, “você também está falando a verdade. Mas você sabe que muitos homens não se deixam convencer nem por mim e nem por você, mas declaram que,

---

<sup>276</sup> Depois discorrer sobre a ἀρετή agora Sócrates busca definir a ἐπιστήμη (cf. nota n° 184) para, evidentemente, relacionar uma à outra.

<sup>277</sup> Sócrates usa o termo σωφροσύνη como um desdobramento da ἐπιστήμη, uma espécie de sinônimo.

γιγνώσκοντας τὰ βέλτιστα οὐκ ἐθέλειν πράττειν, ἐξὸν αὐτοῖς, ἀλλὰ ἄλλα πράττειν· καὶ ὅσους δὴ ἐγὼ ἠρόμην ὅτι ποτε αἰτίον ἐστι τούτου, ὑπὸ ἡδονῆς φασιν [352.e.1] ἠττωμένους ἢ λύπης ἢ ὧν νυνδὴ ἐγὼ ἔλεγον ὑπὸ τίνος τούτων κρατουμένους ταῦτα ποιεῖν τοὺς ποιοῦντας. Πολλὰ γὰρ οἶμαι, ἔφη, ὧ Σώκρατες, καὶ ἄλλα οὐκ ὀρθῶς λέγουσιν οἱ ἄνθρωποι. [352.e.5] Ἴθι δὴ μετ' ἐμοῦ ἐπιχείρησον πείθειν τοὺς ἀνθρώπους καὶ διδάσκειν ὅ ἐστιν αὐτοῖς τοῦτο τὸ πάθος, ὃ φασιν ὑπὸ [353.a.1] τῶν ἡδονῶν ἠττᾶσθαι καὶ οὐ πράττειν διὰ ταῦτα τὰ βέλτιστα, ἐπεὶ γινώσκειν γε αὐτά. ἴσως γὰρ ἂν λεγόντων ἡμῶν ὅτι Οὐκ ὀρθῶς λέγετε, ὧ ἄνθρωποι, ἀλλὰ ψεύδεσθε, ἔροιντ' ἂν ἡμᾶς· ὦ Πρωταγόρα τε καὶ Σώκρατες, εἰ μὴ ἔστιν [353.a.5] τοῦτο τὸ πάθημα ἡδονῆς ἠττᾶσθαι, ἀλλὰ τί ποτ' ἐστίν, καὶ τί ὑμεῖς αὐτό φατε εἶναι; εἶπατον ἡμῖν. Τί δέ, ὧ Σώκρατες, δεῖ ἡμᾶς σκοπεῖσθαι τὴν τῶν πολλῶν δόξαν ἀνθρώπων, οἱ ὅτι ἂν τύχῃσι τοῦτο λέγουσιν; [353.b.1] Οἶμαι, ἦν δ' ἐγώ, εἶναί τι ἡμῖν τοῦτο πρὸς τὸ ἐξευρεῖν περὶ ἀνδρείας, πρὸς τᾶλλα μόρια τὰ τῆς ἀρετῆς πῶς ποτ' ἔχει. εἰ οὖν σοι δοκεῖ ἐμμένειν οἷς ἄρτι ἔδοξεν ἡμῖν,

mesmo reconhecendo quais seriam as melhores coisas e, sendo possível [a eles praticá-las], ainda assim, não as querem praticar, mas [preferem] praticar outras coisas.

Com efeito, quando eu questiono esses sujeitos a respeito do motivo desse [comportamento], eles declaram que agem assim [porque] se submetem ao prazer, ou à dor, ou àquelas coisas que eu falava há pouco<sup>278</sup> e, por serem superados por algumas dessas coisas, são levados cometerem tais atos.”

352 e

\_\_ “E muitos outros!” Disse ele “O caso, Sócrates, é que, na minha opinião, eles falam ainda mais coisas incorretas.”

\_\_ “Então me acompanhe e tente comigo persuadir e instruir esses homens a respeito daquilo que declaram ser para eles um padecimento: se submeterem aos prazeres e não agir com vistas às melhores ações, ainda que, a rigor, as reconheçam. Com efeito, ao falarmos que:

353 a

\_\_Homens, vocês estão enganados, não está certo o que vocês estão falando.

provavelmente eles nos questionariam:

\_\_Protágoras e Sócrates, se o ‘padecimento’ não é isso, se ‘submeter ao prazer’, que outra coisa é então? O que vocês vão dizer que é isso? Digam para nós.

\_\_ “Como assim, Sócrates? Por acaso nós devemos levar em consideração a opinião da maioria dos homens, o que eles fariam a respeito disso?<sup>279</sup>”

353 b

\_\_ “Considero”, eu disse, “que isso [nos será útil] para descobrirmos algo a respeito da coragem e de que maneira, afinal, ela se relaciona com as outras partes da virtude. Portanto, se te parece razoável manter a palavra sobre aquilo que, agora há pouco, nos pareceu bom

---

<sup>278</sup> Em 252 b.

<sup>279</sup> Protágoras reclama da metodologia de Sócrates, de dialogar com o pensamento de uma “maioria”.

ἐμέ ἠγήσασθαι ἢ οἶμαι ἂν ἔγωγε κάλλιστα φανερόν γενέσθαι, [353.b.5] ἔπον· εἰ δὲ μὴ

βούλει, εἴ σοι φίλον, ἐῷ χαίρειν. Ἄλλ', ἔφη, ὀρθῶς λέγεις· καὶ πέραινε ὥσπερ ἤρξω.

[353.c.1] Πάλιν τοίνυν, ἔφην ἐγώ, εἰ ἔροιντο ἡμᾶς· Τί οὖν φατε τοῦτο εἶναι, ὃ ἡμεῖς ἤττω

εἶναι τῶν ἡδονῶν ἐλέγομεν; εἵπομι' ἂν ἔγωγε πρὸς αὐτοὺς ὡδί· Ἀκούετε δὴ· πειρασόμεθα

γὰρ ὑμῖν ἐγώ τε καὶ Πρωταγόρας φράσαι. ἄλλο τι [353.c.5] γάρ, ὃ ἄνθρωποι, φατέ ὑμῖν

τοῦτο γίνεσθαι ἐν τοῖσδε, οἷον πολλάκις ὑπὸ σίτων καὶ ποτῶν καὶ ἀφροδισίων

κρατούμενοι ἡδέων ὄντων, γινώσκοντες ὅτι πονηρά ἐστιν, ὅμως αὐτὰ πράττειν; – Φαῖεν

ἄν. – Οὐκοῦν ἐροίμεθ' ἂν αὐτοὺς ἐγώ τε καὶ σὺ πάλιν· Πονηρὰ δὲ αὐτὰ πῆ φατε εἶναι;

[353.d.1] πότερον ὅτι τὴν ἡδονὴν ταύτην ἐν τῷ παραχρῆμα παρέχει καὶ ἡδύ ἐστιν ἕκαστον

αὐτῶν, ἢ ὅτι εἰς τὸν ὕστερον χρόνον νόσους τε ποιεῖ καὶ πενίας καὶ ἄλλα τοιαῦτα πολλὰ

παρασκευάζει; ἢ κἂν εἴ τι τούτων εἰς τὸ ὕστερον μηδὲν παρα [353.d.5] σκευάζει, χαίρειν δὲ

μόνον ποιεῖ, ὅμως δ' ἂν κακὰ ἦν, ὅτι μαθόντα χαίρειν ποιεῖ καὶ ὀπηοῦν; ἄρ' οἰόμεθ' ἂν

αὐτούς, ὃ Πρωταγόρα, ἄλλο τι ἀποκρίνασθαι ἢ ὅτι οὐ κατὰ τὴν αὐτῆς τῆς ἡδονῆς τῆς

παραχρῆμα ἐργασίαν κακὰ ἐστιν,

(que eu conduza, [segundo meu critério], aquilo que considere ser melhor esclarecer), então diga. Mas, se você não quiser, com satisfação consinto com o que for do seu agrado.”

\_\_ “Tá certo.” Disse ele. “Como você começou, por certo, deve concluir.”

\_\_ “Pois bem”, eu disse, “e se novamente nos questionassem:

353 c

\_\_Então, o que vocês vão dizer que é isso que nós denominamos ser submisso aos prazeres?

eu, pelo menos, falaria o seguinte:

\_\_Então escutem, pois eu e Protágoras tentaremos indicar a vocês. O que mais seria isso, homens, senão exatamente aquilo que vocês afirmam surgir em decorrência de, frequentemente, serem vencidos pelas coisas que são prazerosas: as comidas, as bebidas e o sexo? [Não é verdade que vocês] reconhecem que essas [práticas] são coisas degradantes e, ainda assim, vocês as praticam?

Eles afirmariam. E, em contrapartida, nós os questionaríamos:

\_\_Vocês assumem que essas coisas são degradantes, mas, por que? Acaso é por que o prazer agradável que cada uma delas proporciona é apenas momentâneo ou por que, com o passar do tempo, elas favorecem [o aparecimento de] doenças, misérias e muitas outras dessas coisas? Será que se elas não favorecessem nada disso mas, ao contrário, apenas causassem satisfação aos que as experimentassem, elas seriam, do mesmo modo, más?

353 d

Acaso, Protágoras, poderíamos imaginar que eles teriam alguma outra resposta senão que essas [atividades] não são más devido ao prazer momentâneo de suas práticas, mas porque

[353.e.1] ἀλλὰ διὰ τὰ ὕστερον γιγνόμενα, νόσους τε καὶ τᾶλλα. – Ἐγὼ μὲν οἶμαι, ἔφη ὁ

Πρωταγόρας, τοὺς πολλοὺς ἂν ταῦτα ἀποκρίνασθαι. – Οὐκοῦν νόσους ποιοῦντα ἀνίας

ποιεῖ, καὶ πενίας ποιοῦντα ἀνίας ποιεῖ; Ὁμολογοῖεν ἄν, ὡς ἐγὼμαι. – [353.e.5] Συνέφη ὁ

Πρωταγόρας. – Οὐκοῦν φαίνεται, ὧ ἄνθρωποι, ὑμῖν, ὡς φαμεν ἐγὼ τε καὶ Πρωταγόρας,

δι' οὐδὲν ἄλλο ταῦτα κακὰ ὄντα ἢ διότι εἰς ἀνίας τε ἀποτελευτᾷ καὶ ἄλλων [354.a.1]

ἡδονῶν ἀποστερεῖ; Ὁμολογοῖεν ἄν; – Συνεδόκει ἡμῖν ἀμφοῖν. – Οὐκοῦν πάλιν ἂν αὐτοὺς

τὸ ἐναντίον εἰ ἐροίμεθα· ἼΩ ἄνθρωποι οἱ λέγοντες αὐτὰ ἀγαθὰ ἀνιαρὰ εἶναι, ἄρα οὐ τὰ τοιάδε

λέγετε, οἷον τὰ τε γυμνάσια καὶ τὰς στρατείας καὶ [354.a.5] τὰς ὑπὸ τῶν ἰατρῶν θεραπείας

τὰς διὰ καύσεῶν τε καὶ τομῶν καὶ φαρμακειῶν καὶ λιμοκτονιῶν γιγνομένας, ὅτι ταῦτα

ἀγαθὰ μὲν ἐστίν, ἀνιαρὰ δέ; Φαῖεν ἄν;

delas surgem doenças e outras coisas mais?”

\_\_ “De fato, imagino que muitos responderiam assim.” Disse Protágoras.

353 e

\_\_ “Então não é verdade que, causando doenças, causa sofrimento e, causando miséria, também, não causa sofrimento?”

\_\_ “Imagino que concordariam.” Consentia Protágoras.

\_\_ “Então não é verdade para vocês, homens, que, do modo como eu e Protágoras dissemos, essas coisas são más por nenhum outro motivo senão por causarem sofrimentos e impedirem outros prazeres?

Concordariam?”

É o que, conjuntamente, parecia para nós dois<sup>280</sup>.

354 a

\_\_ “Muito bem. Mas, por outro lado, se os questionássemos:

\_\_Então, homens, quando vocês falam que os sofrimentos são bons, acaso vocês não estariam se referindo aos exercícios físicos das campanhas militares e dos cuidados preventivos por meio dos quais os médicos chegam a recomendar dieta, medicam, cauterizam e até amputam? Porque essas coisas, ainda que sejam boas, [causam] sofrimentos?

Afirmariam?”

---

<sup>280</sup> Em todo esse trecho é notório o fato de Sócrates insistir que as conclusões que ele chega estão acontecendo conjuntamente com Protágoras, cf. notas nº 185 e 186.

Συνεδόκει. – Πότερον [354.b.1] οὖν κατὰ τόδε ἀγαθὰ αὐτὰ καλεῖτε, ὅτι ἐν τῷ

παραχρήμα ὀδύνας τὰς ἐσχάτας παρέχει καὶ ἀλγηδόνας, ἢ ὅτι εἰς τὸν ὕστερον χρόνον

ὑγίειά τε ἀπ' αὐτῶν γίνονται καὶ εὐεξίαι τῶν σωμάτων καὶ τῶν πόλεων σωτηρίαί τε καὶ

[354.b.5]

ἄλλων ἀρχαὶ καὶ πλοῦτοι; Φαῖεν ἄν, ὡς ἐγὼμαι. – Συνεδόκει. – Ταῦτα δὲ ἀγαθὰ

ἐστὶ δι' ἄλλο τι ἢ ὅτι εἰς ἡδονὰς ἀποτελευτᾷ καὶ λυπῶν ἀπαλλαγὰς τε καὶ ἀποτροπὰς; ἢ

ἔχετε τι ἄλλο τέλος [354.c.1] λέγειν, εἰς ὃ ἀποβλέψαντες αὐτὰ ἀγαθὰ καλεῖτε, ἀλλ' <ἢ>

ἡδονὰς τε καὶ λύπας; Οὐκ ἄν φαῖεν, ὡς ἐγὼμαι. – Οὐδ' ἐμοὶ δοκεῖ, ἔφη ὁ Πρωταγόρας. –

Οὐκοῦν τὴν μὲν ἡδονὴν διώκετε ὡς ἀγαθὸν ὄν, τὴν δὲ λύπην φεύγετε ὡς [354.c.5] κακόν;

– Συνεδόκει. – Τοῦτ' ἄρα ἡγεῖσθ' εἶναι κακόν, τὴν λύπην, καὶ ἀγαθὸν τὴν ἡδονήν,

É o que, conjuntamente, parecia.

\_\_ “Acaso vocês as chamam de boas porque elas causam momentaneamente as mais intensas dores, propiciando sofrimentos? Ou por que, com o passar do tempo, emanam delas saúde, boa constituição dos corpos, estabilidade das *póleis*, riqueza e autoridade?”

354 b

\_\_ Imagino que responderiam afirmativamente [a segunda pergunta].”

É o que, conjuntamente, parecia.

\_\_ “E essas coisas são boas por que visam o prazer, livrando e prevenindo dos sofrimentos, ou por algum outro motivo? Vocês tem em vista algum outro propósito que não sejam os prazeres e dores para, tendo observado essas coisas, as chamarem de boas?”

354 c

\_\_ Imagino que eles afirmariam que não há.”

\_\_ “Também me parece que não.” Disse Protágoras.

\_\_ “Então não é verdade que, enquanto vocês buscam o prazer por ele ser bom, vocês fogem da dor por ela ser má?”

É o que, conjuntamente, parecia.

\_\_ “Ah!, então vocês consideram que a dor é má e que o prazer é bom, afinal,

ἐπεὶ καὶ αὐτὸ τὸ χαίρειν τότε λέγετε κακὸν εἶναι, ὅταν μείζονων ἡδονῶν ἀποστερῆ ἢ ὅσας αὐτὸ ἔχει, ἢ λύπας μείζους παρασκευάζῃ τῶν ἐν [354.d.1] αὐτῷ ἡδονῶν· ἐπεὶ εἰ κατ' ἄλλο τι αὐτὸ τὸ χαίρειν κακὸν καλεῖτε καὶ εἰς ἄλλο τι τέλος ἀποβλέψαντες, ἔχοιτε ἂν καὶ ἡμῖν εἰπεῖν· ἀλλ' οὐχ ἔξετε. – Οὐδ' ἐμοὶ δοκοῦσιν, ἔφη ὁ Πρωταγόρας. – Ἄλλο τι οὖν πάλιν καὶ περὶ αὐτοῦ τοῦ [354.d.5] λυπεῖσθαι ὁ αὐτὸς τρόπος; τότε καλεῖτε αὐτὸ τὸ λυπεῖσθαι ἀγαθόν, ὅταν ἢ μείζους λύπας τῶν ἐν αὐτῷ οὐσῶν ἀπαλλάττῃ ἢ μείζους ἡδονὰς τῶν λυπῶν παρασκευάζῃ; ἐπεὶ εἰ πρὸς ἄλλο τι τέλος ἀποβλέπετε, ὅταν καλῆτε αὐτὸ τὸ λυπεῖσθαι [354.e.1] ἀγαθόν, ἢ πρὸς ὃ ἐγὼ λέγω, ἔχετε ἡμῖν εἰπεῖν· ἀλλ' οὐχ ἔξετε. – Ἀληθῆ, ἔφη, λέγεις, ὁ Πρωταγόρας.

vocês se referem igualmente às coisas que causam satisfação e ao que é mau, basta que vocês sejam impedidos de usufruir dos maiores prazeres próprios desses [prazeres] ou que eles propiciem maiores dores do que prazeres, já que, se vocês denominavam essa satisfação como má a partir de alguma outra coisa e a analisaram de acordo com alguma outra finalidade, vocês teriam que nos falar<sup>281</sup>.

354 d

(Mas não teriam [como]).<sup>282</sup>

— “Também me parece que não.” Disse Protágoras.

— “Então, do mesmo modo, isso também se aplicaria [ao ato de] sentir dor? Não há casos em que vocês denominam o próprio ato de sentir dor como algo bom? Quando, por exemplo, [essa dor] acaba com dores maiores do que elas ou quando as dores favorecem prazeres maiores do que elas mesmas? Mas, se para se referirem a esse [ato] de sentir dor como algo bom vocês analisaram algo diferente e com uma finalidade diferente da que eu falo, vocês teriam que nos falar.

354 e

(Mas não teriam [como].)”

— “É verdade!” Disse Protágoras.

---

<sup>281</sup> Sócrates tenta aqui resolver o seguinte dilema: se a partir dos “prazeres”, que chamamos de coisas “boas”, experimentarmos sensações de “dor”, que chamamos de “coisas más”, poderíamos, ainda assim, denominar os “prazeres” de “bons”? Na verdade, tratam-se de coisas diferentes as “sensações de prazer” e o que chamamos de coisas “boas”, do mesmo modo que as “sensações de dor” e as “coisas más”. Ou seja, de “sensações de prazer” podem advir coisas “más”, como o vício por exemplo, e das “sensações de dor” podem advir “coisas boas”, como a saúde física por exemplo. A *dóξα* com a qual Sócrates dialoga não teria meios de estabelecer essas diferenciações justamente por estar mais voltada aos “prazeres” e não a conceitos abstratos sobre as coisas.

<sup>282</sup> Sócrates conversa, e critica o “senso comum” que não teria “parâmetros filosóficos”. É uma maneira de de auto-denominar-se, juntamente com Protágoras, como parte da “elite intelectual e pensante”.

Πάλιν τοίνυν, ἔφην ἐγώ, εἴ με ἀνέροισθε, ὧ ἄνθρωποι, Τίνος οὖν δήποτε ἔνεκα πολλὰ περὶ  
τούτου λέγεις καὶ [354.e.5] πολλαχῆ; Συγγιγνώσκετέ μοι, φαίην ἂν ἔγωγε. πρῶτον μὲν γὰρ  
οὐ ῥάδιον ἀποδείξει τί ἐστὶν ποτε τοῦτο ὃ ὑμεῖς καλεῖτε τῶν ἡδονῶν ἥττω εἶναι· ἔπειτα ἐν  
τούτῳ εἰσὶν πᾶσαι αἱ ἀποδείξεις. ἀλλ' ἔτι καὶ νῦν ἀναθέσθαι ἔξεστιν, [355.a.1] εἴ πη ἔχετε  
ἄλλο τι φάναι εἶναι τὸ ἀγαθὸν ἢ τὴν ἡδονήν, ἢ τὸ κακὸν ἄλλο τι ἢ τὴν ἀνίαν· ἢ ἀρκεῖ ὑμῖν  
τὸ ἡδέως καταβιῶναι τὸν βίον ἄνευ λυπῶν; εἰ δὲ ἀρκεῖ καὶ μὴ ἔχετε μηδὲν ἄλλο φάναι εἶναι  
ἀγαθὸν ἢ κακὸν ὃ μὴ εἰς ταῦτα [355.a.5] τελευτᾷ, τὸ μετὰ τοῦτο ἀκούετε. φημί γὰρ ὑμῖν  
τούτου οὕτως ἔχοντος γελοῖον τὸν λόγον γίνεσθαι, ὅταν λέγητε ὅτι πολλάκις γιγνώσκων  
τὰ κακὰ ἄνθρωπος ὅτι κακά ἐστιν, ὅμως πράττει αὐτά, ἐξὸν μὴ πράττειν, ὑπὸ τῶν ἡδονῶν  
[355.b.1] ἀγόμενος καὶ ἐκπληττόμενος· καὶ αὖθις αὖ λέγετε ὅτι γιγνώσκων ὁ ἄνθρωπος  
τὰγαθὰ πράττειν οὐκ ἐθέλει διὰ τὰς παραχρῆμα ἡδονάς, ὑπὸ τούτων ἡττώμενος. ὡς δὲ  
ταῦτα γελοῖά ἐστιν, κατάδηλον ἔσται, ἐὰν μὴ πολλοῖς ὀνόμασι [355.b.5] χρώμεθα ἅμα, ἡδεῖ  
τε καὶ ἀνιαρῶ καὶ ἀγαθῶ καὶ κακῶ, ἀλλ' ἐπειδὴ δύο ἐφάνη ταῦτα, δυοῖν καὶ ὀνόμασιν  
προσαγορεύωμεν αὐτά, πρῶτον μὲν ἀγαθῶ καὶ κακῶ, ἔπειτα αὖθις ἡδεῖ τε καὶ ἀνιαρῶ.

\_\_“Com efeito (eu diria) se mais uma vez vocês me indagassem de volta:  
\_\_Qual é, afinal, o motivo de você falar tanto e de tantas maneiras, a respeito disso?

Da minha parte, eu diria:

\_\_Me desculpem, pois, primeiramente, não é fácil indicar o que é, afinal, isso que vocês denominam como ser “submisso aos prazeres”, depois, [depende] disso todas as outras proposições. Entretanto, ainda agora é possível uma reformulação: acaso, vocês teriam alguma outra coisa para afirmar sobre o que é bom, o que é o prazer, ou que o mau tem algo de diferente do sofrimento? Ou, [o que realmente] basta para vocês é transcorrer a vida prazerosamente e sem dores?

355 a

Se, de fato, [é isso que] bastaria, e vocês não têm mais nada para afirmar sobre o que seja digno ou indigno senão o que culmina nessas coisas, escutem o que se segue disso. Ao afirmarem que um homem, muitas vezes reconhecendo as coisas más como sendo más, as pratica do mesmo jeito, mesmo sendo possível não praticar, [porque] eles são levados e aturdidos pelos prazeres, afirmo a vocês que, se isso for considerado nesses termos, o raciocínio torna-se ridículo.

355 b

E logo em seguida vocês falam, por outro lado, que mesmo o homem reconhecendo as boas ações<sup>283</sup>, ele não iria querer praticá-las graças aos prazeres momentâneos, pelo fato de se submeter a eles. Mas, que isso também é ridículo, logo será completamente evidente se não fizermos uso de muitos nomes como: agradável, desagradável, bom e mau. Mas, visto que tais coisas parecem [se tratar de] apenas duas coisas, também com dois nomes as designaremos. Primeiramente com bom e mau, em seguida, na sequência, com agradável e desagradável.

355 c

---

<sup>283</sup> Ou seja, as “ações elevadas” que requerem disciplina e nobreza de caráter para serem almejadas.

[355.c.1] θέμενοι δὴ οὕτω λέγωμεν ὅτι Γινώσκων ὁ ἄνθρωπος τὰ κακὰ ὅτι κακὰ ἐστίν,  
ὅμως αὐτὰ ποιεῖ. ἐὰν οὖν τις ἡμᾶς ἔρηται, Διὰ τί; Ἡττώμενος, φήσομεν· Ὑπὸ τοῦ; ἐκεῖνος  
ἐρήσεται ἡμᾶς· ἡμῖν δὲ ὑπὸ μὲν ἡδονῆς οὐκέτι [355.c.5] ἔξεστιν εἰπεῖν – ἄλλο γὰρ ὄνομα  
μετείληφεν ἀντὶ τῆς ἡδονῆς τὸ ἀγαθόν – ἐκείνῳ δὲ ἀποκρινώμεθα καὶ λέγωμεν ὅτι  
Ἡττώμενος – Ὑπὸ τίνος; φήσει. Τοῦ ἀγαθοῦ, φήσομεν νῆ Δία. ἂν οὖν τύχη ὁ ἐρόμενος  
ἡμᾶς ὑβριστῆς ὢν, γελάσεται [355.d.1] καὶ ἐρεῖ· Ἡ γελοῖον λέγετε πρᾶγμα, εἰ πράττει τις  
κακὰ, γινώσκων ὅτι κακὰ ἐστίν, οὐ δέον αὐτὸν πράττειν, ἡττώμενος ὑπὸ τῶν ἀγαθῶν.  
Ἄρα, φήσει, οὐκ ἀξίων ὄντων νικᾶν ἐν ὑμῖν τῶν ἀγαθῶν τὰ κακὰ, ἢ ἀξίων; φήσομεν  
[355.d.5] δῆλον ὅτι ἀποκρινόμενοι, ὅτι Οὐκ ἀξίων ὄντων· οὐ γὰρ ἂν ἐξημάρτανεν ὄν φαμεν  
ἡττω εἶναι τῶν ἡδονῶν. Κατὰ τί δέ, φήσει ἴσως, ἀνάξιά ἐστιν τὰγαθὰ τῶν κακῶν ἢ τὰ κακὰ  
τῶν ἀγαθῶν; ἢ κατ' ἄλλο τι ἢ ὅταν τὰ μὲν μείζω, τὰ δὲ [355.e.1] σμικρότερα ἢ; ἢ πλείω, τὰ  
δὲ ἐλάττω ἢ;

Estabelecendo assim, então, falaremos que mesmo o homem reconhecendo que as coisas más são más, ele as pratica do mesmo jeito<sup>284</sup>.

Portanto, se alguém nos questionar: “Por que?” Diremos que: “[É porque ele] se submete”. E eles nos questionariam: “A quê?” E, dada as circunstâncias, não nos é mais possível falar que é pelo prazer, pois recebeu outro nome e, ao invés de prazer, [agora é chamado de] bom. Àqueles, então, diríamos em resposta que: “Se submetendo.” E eles diriam: “A quê?” Nós diríamos, por Zeus: “Ao [que é] bom.” Então, se aquele que está nos interrogando fosse sarcástico, iria rir e dizer:

355 d

\_\_Que absurdo isso que vocês estão falando! Se alguém pratica algo mau, reconhecendo que se tratam de más ações, e que não as deveria praticar, o fez se submetendo às ‘coisas boas’. Acaso”, ele diria, “[vocês acham que] é correta a vitória das coisas más sobre as coisas boas, [ou acham] que não é correta?<sup>285</sup>

É claro que, em resposta, diríamos que não é correta, com efeito, afirmamos que aquele que se submeteu aos prazeres não estaria errado. E provavelmente ele rebateria:

\_\_E por que, então, as ‘coisas boas’ não superam as ‘coisas más’ ou as ‘más’ [superam] ‘as boas’? Acaso seria porque umas são maiores e as outras menores? Ou seria porque umas são mais numerosas e outras menos? Ou por algum outro motivo?

355 e

---

<sup>284</sup> Separando os conceitos “bom” e “mau” de “agradável” e “desagradável” ficará mais fácil esclarecer que uma coisa é o “estímulo sensorial e instintivo”, a “ignorância” de ser superado por si mesmo, e outra coisa são as “boas ações” que advêm de uma prática elevada; a “sabedoria” e o busca de “ser superior a si mesmo”, cf. 358c 2.

<sup>285</sup> Toda essa confusão de conceitos é fruto de se nomear coisas diferentes com o mesmo nome. A rigor, Sócrates estaria dialogando com a δόξα que acreditaria que “prazer” e algo “bom” significam a mesma coisa quando, na verdade, ficará provado que “bom” é buscar a “ciência” e a “arte da medida”, cf. 358a 6. Somente com essas τέχναι será possível saber o que é melhor.

οὐχ ἔξομεν εἰπεῖν ἄλλο ἢ τοῦτο. Δῆλον ἄρα, φήσκει, ὅτι τὸ ἠττᾶσθαι τοῦτο λέγετε, ἀντὶ ἐλαττόνων ἀγαθῶν μείζω κακὰ λαμβάνειν. Ταῦτα μὲν οὖν οὕτω. μεταλάβωμεν δὴ τὰ ὀνόματα πάλιν [355.e.5] τὸ ἡδὺ τε καὶ ἀνιαρὸν ἐπὶ τοῖς αὐτοῖς τούτοις, καὶ λέγωμεν ὅτι Ἄνθρωπος πράττει – τότε μὲν ἐλέγομεν τὰ κακὰ, νῦν δὲ λέγωμεν τὰ ἀνιαρά, γινώσκων ὅτι ἀνιαρά ἐστίν, ἠττώμενος [356.a.1] ὑπὸ τῶν ἡδέων, δῆλον ὅτι ἀναξίων ὄντων νικᾶν. καὶ τίς ἄλλη ἀναξία ἡδονῆ πρὸς λύπην ἐστίν, ἀλλ' ἢ ὑπερβολὴ ἀλλήλων καὶ ἔλλειψις; ταῦτα δ' ἐστὶ μείζω τε καὶ σμικρότερα γινόμενα ἀλλήλων καὶ πλείω καὶ ἐλάττω καὶ μᾶλλον [356.a.5] καὶ ἥττον. εἰ γὰρ τις λέγοι ὅτι Ἀλλὰ πολὺ διαφέρει, ὃ Σώκρατες, τὸ παραχρηῖμα ἡδὺ τοῦ εἰς τὸν ὕστερον χρόνον καὶ ἡδέος καὶ λυπηροῦ, Μῶν ἄλλω τω, φαίην ἂν ἔγωγε, ἢ ἡδονῆ καὶ λύπης; οὐ γὰρ ἔσθ' ὅτῳ ἄλλω. ἀλλ' ὥσπερ [356.b.1] ἀγαθὸς ἰστάναι ἄνθρωπος, συνθεῖς τὰ ἡδέα καὶ συνθεῖς τὰ λυπηρά, καὶ τὸ ἐγγὺς

Não teremos mais o que falar senão isso. E ele diria:

\_\_Sendo assim, é claro que a ‘submissão’ que vocês falam trata-se do seguinte: escolher ‘dos males o menor’.<sup>286</sup>

De fato! É isso mesmo! Agora, porém, tomemos as terminologias agradável e desagradável em relação à essas mesmas questões. Enquanto antes falávamos “coisas más”, agora falaremos “coisas desagradáveis” e, em relação ao homem que as pratica, [argumentaremos] que ele reconhece que tais práticas são “dolorosas”, [mas que] ele se submete devido às “coisas prazerosas”, que, logicamente, não merecem vencer<sup>287</sup>. Ora, em quais outros critérios o prazer não supera a dor senão em relação ao excesso e carência de cada um deles? Isto é, eles podem ser entendidos [segundo as medidas de número] “maior” e “menor”, [de tamanho] “grande” e “pequeno”, [e de força] “superior” e “inferior”. Com efeito, se alguém falasse que:

356 a

\_\_Mas é muito diferente, Sócrates, a ‘sensação momentânea de prazer’ da ‘sensação de prazer’ e da ‘sensação de dor’ que vem com o tempo...

Eu, da minha parte, diria:

\_\_Mas, ainda assim, não tratam-se do prazer e da dor?

Certamente não há outro modo [de diferenciá-los]. A não ser que algum homem bom em definir limites reunisse as sensações de prazer e as sensações de dor e considerando, em

356 b

---

<sup>286</sup> Ἀντὶ ἐλαττόνων ἀγαθῶν μείζω κακὰ λαμβάνειν, literalmente: “Escolher ao invés dos maiores males, os menores benefícios” ou “ao invés dos maiores males, as coisas boas, por menores que sejam”.

<sup>287</sup> Ou seja, as “coisas dolorosas” que ocorrem devido às “prazerosas” aqui seriam sinônimas de “fúteis”, “baixas”, daí serem indignas de vencer as “coisas boas”.

καὶ τὸ πόρρω στήσας ἐν τῷ ζυγῷ, εἰπέ πότερα πλείω ἐστίν. ἐὰν μὲν γὰρ ἡδέα πρὸς ἡδέα

ἰστίης, τὰ μείζω ἀεὶ καὶ πλείω ληπτέα· ἐὰν δὲ λυπηρὰ πρὸς λυπηρά, τὰ ἐλάττω καὶ

σμικρότερα· ἐὰν δὲ ἡδέα πρὸς λυπηρά, ἐὰν μὲν τὰ ἀνιαρὰ ὑπερβάλληται ὑπὸ τῶν ἡδέων,

ἐάντε τὰ ἐγγύς ὑπὸ τῶν πόρρω ἐάντε τὰ πόρρω ὑπὸ τῶν ἐγγύς, ταύτην τὴν πρᾶξιν πρακτέον

ἐν ἧ ἂν ταῦτ' ἐνῆ· ἐὰν [356.c.1] δὲ τὰ ἡδέα ὑπὸ τῶν ἀνιαρῶν, οὐ πρακτέα. μή πη ἄλλη ἔχει,

φαίην ἂν, ταῦτα, ὧ ἄνθρωποι; οἷδ' ὅτι οὐκ ἂν ἔχοιεν ἄλλως λέγειν. – Συνεδόκει καὶ

ἐκεῖνω. Ὅτε δὴ τοῦτο οὕτως ἔχει, τόδε μοι ἀποκρίνασθε, φήσω. [356.c.5] φαίνεται ὑμῖν τῆ

ᾧψει τὰ αὐτὰ μεγέθη ἐγγύθεν μὲν μείζω, πόρρωθεν δὲ ἐλάττω· ἢ οὐ; – Φήσουσιν.

conjunto, o fato de estarem acessíveis ou inacessíveis a nós, falasse quais são as mais relevantes.

\_\_ Se você<sup>288</sup> comparar as sensações de prazer com as sensações de prazer, elas sempre [deverão ser escolhidas] em maior número e importância, [já] as sensações de dor em relação às sensações de dor [deverão ser escolhidas] em menor número e importância.

Se a comparação é entre as sensações de prazer e as sensações de dor, as sensações de prazer [devem ser escolhidas] em maior número e importância com relação às sensações de dor, para que as sensações inoportunas sejam superadas pelas sensações de prazer, independente de serem de fácil ou de difícil acesso. Eis o caminho a se trilhar quando tal questão se coloca para que não sejam as sensações prazerosas que sejam superadas pelas sensações inoportunas. Acaso, homens, teria como essas questões serem concebidas de outro modo?

356 c

Eis como eu diria, e estou certo que não eles teriam como falar algo diferente.”

Também parecia a ele, [Protágoras].

\_\_ “Já que assim está bom”, eu diria, “então me respondam o seguinte: parece para vocês ou não que, para a visão, objetos do mesmo tamanho são maiores, de perto, enquanto que, de longe, são menores?”

\_\_ Diriam que sim.

---

<sup>288</sup> O verbo ἴστίμι, na segunda pessoa do singular, sugere que Sócrates se refere ao “homem bom em definir” do trecho logo acima, já que não faria sentido, pelo contexto, se referir ao mesmo “alguém” que em 356 a, logo antes, questiona sobre a diferença de sensações momentâneas de prazer e sensações de prazer que ocorrem com o passar do tempo.

– Καὶ τὰ παχέα καὶ τὰ πολλὰ ὡσαύτως; καὶ αἱ φωναὶ <αἶ> ἴσαι ἐγγύθεν μὲν μερίζουσ,  
πόρρωθεν δὲ σμικρότεραι; – Φαῖεν ἄν. – Εἰ οὖν [356.d.1] ἐν τούτῳ ἡμῖν ἦν τὸ εὖ  
πράττειν, ἐν τῷ τὰ μὲν μεγάλα μήκη καὶ πράττειν καὶ λαμβάνειν, τὰ δὲ σμικρὰ καὶ φεύγειν  
καὶ μὴ πράττειν, τίς ἂν ἡμῖν σωτηρία ἐφάνη τοῦ βίου; ἄρα ἡ μετρητικὴ τέχνη ἢ ἡ τοῦ  
φαινομένου δύναμις; ἢ αὕτη [356.d.5] μὲν ἡμᾶς ἐπλάνα καὶ ἐποίει ἄνω τε καὶ κάτω  
πολλάκις μεταλαμβάνειν ταῦτα καὶ μεταμέλειν καὶ ἐν ταῖς πράξεσιν καὶ ἐν ταῖς αἰρέσεσιν  
τῶν μεγάλων τε καὶ σμικρῶν, ἢ δὲ μετρητικὴ ἄκυρον μὲν ἂν ἐποίησε τοῦτο τὸ φάντασμα,  
δηλώσασα [356.e.1] δὲ τὸ ἀληθὲς ἡσυχίαν ἂν ἐποίησεν ἔχειν τὴν ψυχὴν μένουσαν ἐπὶ τῷ  
ἀληθεῖ καὶ ἔσωσεν ἂν τὸν βίον; ἄρ' ἂν ὁμολογοῖεν οἱ ἄνθρωποι πρὸς ταῦτα ἡμᾶς τὴν  
μετρητικὴν σώζειν ἂν τέχνην ἢ ἄλλην; – Τὴν μετρητικὴν, ὡμολόγει. – [356.e.5] Τί δ' εἰ  
ἐν τῇ τοῦ περιττοῦ καὶ ἀρτίου αἰρέσει ἡμῖν ἦν ἡ σωτηρία τοῦ βίου, ὅποτε τὸ πλεόν ὀρθῶς  
ἔδει ἐλέσθαι καὶ ὅποτε τὸ ἔλαττον, ἢ αὐτὸ πρὸς ἑαυτὸ ἢ τὸ ἕτερον πρὸς τὸ ἕτερον, εἴτ'  
ἐγγὺς εἴτε

\_\_Igualmente com as espessuras e quantidades? E equivalente aos sons, que, quanto mais próximos, maiores e, quanto mais distantes, menores?

Eles afirmariam.

\_\_Portanto, se o nosso bem agir consistisse nisso: por um lado, escolher e praticar as ações de maior magnitude e, por outro, fugir e não praticar as ações de menor [importância], em que consistiria, afinal, o bem-estar das [nossas] vidas? Acaso seria a “arte da medida” ou o “poder das aparências”? Pois, enquanto esse último constantemente nos faz errar para cima e para baixo, nas ações e escolhas, das grandes e das pequenas coisas, muitas vezes nos levando a ficar trocando, trocando e se arrependendo, a “arte da medida”, por outro lado, tornaria nula esse “vulto da aparência”, afinal, evidenciando a verdade, proporciona a serenidade da alma para que ela, mantendo-se junto da verdade, também proporcione bem estar à vida<sup>289</sup>.

356 d

356 e

\_\_ Acaso aqueles homens concordariam com essas nossas afirmações, de que é a “arte da medida” que poderia proporcionar esse bem estar, ou trataria-se de alguma outra coisa?”

\_\_ “[É mesmo] a arte da medida.” Ele concordou.

\_\_ “E se, estranhamente, o bem estar da nossa vida dependesse da escolha entre o par e o ímpar? Cada vez que fosse necessário optar corretamente sobre a maior e menor quantidade de cada um, ou mesmo quando comparássemos uns com os outros ou com eles mesmos, seja em relação à distância ou à

---

<sup>289</sup> Sócrates argumenta que se avaliarmos as coisas a partir da “aparência” estaremos fadados ao erro, enquanto que se usarmos a “arte da medida”, ou seja, se equalizarmos os prós e os contras de cada ação, teremos maior chance de êxito.

πόρρω εἶη; τί ἂν ἔσφζεν ἡμῖν τὸν [357.a.1] βίον; ἄρ' ἂν οὐκ ἐπιστήμη; καὶ ἄρ' ἂν οὐ  
μετρητικὴ τις, ἐπειδὴ περ ὑπερβολῆς τε καὶ ἐνδείας ἐστὶν ἡ τέχνη; ἐπειδὴ δὲ περιττοῦ τε καὶ  
ἀρτίου, ἄρα ἄλλη τις ἢ ἀριθμητικὴ; Ὁμολογοῖεν ἂν ἡμῖν οἱ ἄνθρωποι ἢ οὐ; – Ἐδόκουν ἂν  
καὶ τῷ [357.a.5] Πρωταγόρα ὁμολογεῖν. – Εἶεν, ὦ ἄνθρωποι· ἐπεὶ δὲ δὴ ἡδονῆς τε καὶ  
λύπης ἐν ὀρθῇ τῇ αἰρέσει ἐφάνη ἡμῖν ἡ σωτηρία τοῦ βίου οὕσα, τοῦ τε πλέονος καὶ  
ἐλάττονος καὶ [357.b.1] μείζονος καὶ μικροτέρου καὶ πορρωτέρω καὶ ἐγγυτέρω, ἄρα  
πρῶτον μὲν οὐ μετρητικὴ φαίνεται, ὑπερβολῆς τε καὶ ἐνδείας οὕσα καὶ ἰσότητος πρὸς  
ἀλλήλας σκέυεις; – Ἄλλ' ἀνάγκη. – Ἐπεὶ δὲ μετρητικὴ, ἀνάγκη δὴπου τέχνη καὶ  
ἐπιστήμη. – [357.b.5] Συμφήσουσιν. – Ἦτις μὲν τοίνυν τέχνη καὶ ἐπιστήμη ἐστὶν αὕτη,  
εἰς αὗθις σκεψόμεθα·

proximidade, de que maneira seria possível proporcionar o bem estar das nossas vidas [imersos nessas escolhas entre os números pares e ímpares]? Será que não seria com [alguma] ciência? E não seria, de certa maneira, com a “arte da medida” já que, a rigor, essa é a arte do excesso e da falta? E, [no caso específico dos números] pares e ímpares, [poderia ser] alguma outra senão a aritmética?

357 a

Aqueles homens concordariam com a gente ou não?”

Também parecia a Protágoras que iriam concordar.

\_\_ “Que seja, homens. E como, então, parece que o bem estar das nossas vidas consiste na correta escolha entre o prazer e a dor, o excesso e a falta, o maior e o menor, o mais raro e mais comum, não parece que, de fato, que a arte da medida visa, antes de mais nada, o que há de excesso, de falta, e de equilíbrio entre [o excesso e a falta]?”

357 b

\_\_ “Necessariamente<sup>290</sup>.”

\_\_ “Visto que se trata da “arte da medida”, é necessário que trate-se, sem dúvida nenhuma, de uma arte e de uma ciência<sup>291</sup>.”

\_\_ Eles concordariam.

\_\_ Com efeito, averiguaremos mais adiante de que tipo de arte e de ciência que,

---

<sup>290</sup> Fala de autor não identificado. Protágoras está calado desde 354d.

<sup>291</sup> Sócrates associa, pela voz indireta de Protágoras, a τέχνη à ἐπιστήμη, cf. nota nº 89.

ὅτι δὲ ἐπιστήμη ἐστίν, τοσοῦτον ἐξαρκεῖ πρὸς τὴν ἀπόδειξιν ἣν ἐμὲ δεῖ καὶ Πρωταγόραν  
[357.c.1] ἀποδείξει περὶ ὧν ἤρεσθ' ἡμᾶς. ἤρεσθε δέ, εἰ μέμνησθε, ἠνίκα ἡμεῖς ἀλλήλοις  
ὠμολογοῦμεν ἐπιστήμης μηδὲν εἶναι κρεῖττον, ἀλλὰ τοῦτο ἀεὶ κρατεῖν, ὅπου ἂν ἐνῆ, καὶ  
ἡδονῆς καὶ τῶν ἄλλων ἀπάντων· ὑμεῖς δὲ δὴ ἔφατε τὴν ἡδονὴν [357.c.5] πολλάκις κρατεῖν  
καὶ τοῦ εἰδότος ἀνθρώπου, ἐπειδὴ δὲ ὑμῖν οὐχ ὠμολογοῦμεν, μετὰ τοῦτο ἤρεσθε ἡμᾶς· ὦ  
Πρωταγόρα τε καὶ Σώκρατες, εἰ μὴ ἔστι τοῦτο τὸ πάθημα ἡδονῆς ἠττᾶσθαι, ἀλλὰ τί ποτ'  
ἐστὶν καὶ τί ὑμεῖς αὐτό φατε εἶναι; εἶπατε [357.d.1] ἡμῖν. εἰ μὲν οὖν τότε εὐθὺς ὑμῖν  
εἶπομεν ὅτι Ἀμαθία, κατεγελάτε ἂν ἡμῶν· νῦν δὲ ἂν ἡμῶν καταγελάτε, καὶ ὑμῶν αὐτῶν  
καταγελάσεσθε. καὶ γὰρ ὑμεῖς ὠμολογήκατε ἐπιστήμης ἐνδεία ἐξαμαρτάνειν περὶ τὴν τῶν  
ἡδονῶν αἴρεσιν καὶ [357.d.5] λυπῶν τοὺς ἐξαμαρτάνοντας – ταῦτα δὲ ἐστὶν ἀγαθὰ τε καὶ  
κακά – καὶ οὐ μόνον ἐπιστήμης, ἀλλὰ καὶ ἥς τὸ πρόσθεν ἔτι ὠμολογήκατε ὅτι μετρητικῆς·  
ἢ δὲ ἐξαμαρτανομένη πρᾶξις ἄνευ

de fato, ela se trata. Mas, que ela se trata de uma ciência, já bastaria como prova para eu e Protágoras respondermos aquilo que vocês nos questionaram. Vocês se exaltaram, se é que vocês se lembram, assim que [eu e Protágoras] concordamos reciprocamente que nada é superior à ciência<sup>292</sup>, e que, em todos os sentidos, ela sempre será superior ao prazer e a todas as outras coisas, independente do que seja. E vocês, ao contrário, afirmaram que o prazer muitas vezes é superior até mesmo ao homem que já sabe [das coisas]<sup>293</sup>. Então, porque que não concordávamos com vocês, em seguida vocês nos questionaram:

— Protágoras e Sócrates, se o “padecimento” não é isso, se “submeter ao prazer”, que outra coisa é então? O que vocês vão dizer que é isso? Digam para nós<sup>294</sup>.

— Então, se disséssemos a vocês, sem rodeios, que se tratava da ignorância, vocês, muito provavelmente, teriam rido de nós. Agora, pelo menos, ao rirem de nós, vão rir de vocês mesmos.

Pois vocês também já concordaram que, os que erram acerca da escolha entre os prazeres e dores, equivalentes às coisas boas e más, [são levados] a errar pela falta de ciência<sup>295</sup>. E não apenas [pela falta] de ciência, mas também, como um pouco antes concordaram, [pela falta] da “arte da medida”<sup>296</sup>. E vocês também sabem que, de algum modo, a ação que se comete errando, sem

<sup>292</sup> Em 352d 1 Protágoras declara que a σοφία e a ἐπιστήμη são superiores a todos empreendimentos humanos.

<sup>293</sup> Cf. 352b 6.

<sup>294</sup> Exatamente como em 353a 4.

<sup>295</sup> Conforme 357b : “Visto que se trata da ‘arte da medida’, é necessário, sem dúvida nenhuma, que se trata de uma arte (τέχνη) e de uma ciência (ἐπιστήμη)” juntos admitiriam.

<sup>296</sup> Ou seja, uma τέχνη: “Acaso os homens concordariam com essas afirmações? De que é a ‘arte da medida’, ou aquilo outro, que poderia nos afastar dos perigos?” — “A arte da medida”, ele concordava.” (356e 3).

[357.e.1] ἐπιστήμης ἴστε που καὶ αὐτοὶ ὅτι ἀμαθία πράττεται. ὥστε τοῦτ' ἐστὶν τὸ ἡδονῆς ἥττω εἶναι, ἀμαθία ἢ μεγίστη, ἣς Πρωταγόρας ὅδε φησὶν ἰατρὸς εἶναι καὶ Πρόδικος καὶ Ἰππίας· ὑμεῖς δὲ διὰ τὸ οἶεσθαι ἄλλο τι ἢ ἀμαθίαν εἶναι [357.e.5] οὔτε αὐτοὶ οὔτε τοὺς ὑμετέρους παῖδας παρὰ τοὺς τούτων διδασκάλους τούσδε τοὺς σοφιστὰς πέμπετε, ὡς οὐ διδακτοῦ ὄντος, ἀλλὰ κηδόμενοι τοῦ ἀργυρίου καὶ οὐ διδόντες τούτοις κακῶς πράττετε καὶ ἰδία καὶ δημοσία. [358.a.1] Ταῦτα μὲν τοῖς πολλοῖς ἀποκεκριμένοι ἂν ἤμεν· ὑμᾶς δὲ δὴ μετὰ Πρωταγόρου ἐρωτῶ, <ὦ> Ἰππία τε καὶ Πρόδικε – κοινὸς γὰρ δὴ ἔστω ὑμῖν ὁ λόγος – πότερον δοκῶ ὑμῖν ἀληθῆ λέγειν ἢ ψεύδεσθαι. – Ὑπερφυῶς ἐδόκει ἅπασιν ἀληθῆ εἶναι [358.a.5] τὰ εἰρημένα. – Ὁμολογεῖτε ἄρα, ἦν δ' ἐγώ, τὸ μὲν ἡδὺ ἀγαθὸν εἶναι, τὸ δὲ ἀνιαρὸν κακόν. τὴν δὲ Προδίκου τοῦδε διαίρεσιν τῶν ὀνομάτων παραιτοῦμαι· εἴτε γὰρ ἡδὺ εἴτε τερπνὸν λέγεις εἴτε χαρτόν, εἴτε ὀπόθεν καὶ ὅπως χαίρεις τὰ τοιαῦτα [358.b.1] ὀνομάζων, ὦ βέλτιστε Πρόδικε, τοῦτό μοι πρὸς ὃ βούλομαι ἀπόκριναι.

ciência, equivale a agir com ignorância.

Da mesma forma que “ser submisso ao prazer” é a maior ignorância, [enfermidade] para a qual Protágoras aqui presente, afirma ser médico, assim como Pródico e Hípias. Mas vocês, por considerarem que se trata de alguma outra coisa, que não a ignorância, nem delegam as crianças a esses sofistas como professores delas, nem vocês mesmos o fazem; por considerarem que não se trata de algo ensinável, preocupam-se antes com o dinheiro, não dando àqueles e, assim, agem de maneira ruim tanto na vida pública quanto na privada<sup>297</sup>.

357 e

— Com essas colocações nós teríamos respondido a esses muitos, por certo. Agora, Hípias e Prótico, questiono a vocês também, junto com Protágoras, [gostaria] que a resposta<sup>298</sup> de vocês fosse [pensada] em conjunto, acaso parecia a vocês que eu falava a verdade ou que me equivoquei?”

358 a

Tudo o que foi dito parecia ser verdade, surpreendentemente, a todos.

— “Ah, então”, eu disse, “vocês concordam que a sensação de prazer é boa, e que a sensação de dor é má. Na verdade, vou evitar a distinção dos nomes do Pródico aqui presente, pois, independente de como você fala, excelentíssimo Pródico, seja sensação de prazer, ou sensação agradável, ou sensação de alegria, ou de qualquer modo que te divirta ao ficar nomeando as coisas desse tipo, você deve me responder da maneira como eu preferir.”

358 b

---

<sup>297</sup> É curioso notar como o personagem Sócrates é caracterizado com total flexibilidade, pois agora critica aquilo que ele mesmo afirmava no começo, em 320b 4: “Portanto, Protágoras, ao examinar tais coisas não considero ser ensinável a virtude (ἀρετή)”, e ainda afirma que o erro acerca desse equivocada concepção se dá por falta de ciência (ἐπιστήμη).

<sup>298</sup> “Resposta” (λόγος).

– Γελάσας οὖν ὁ Πρόδικος συνωμολόγησε, καὶ οἱ ἄλλοι. – Τί δὲ δὴ, ὦ ἄνδρες, ἔφην ἐγώ, τὸ τοιόνδε; αἱ ἐπὶ τούτου πράξεις ἅπασαι, ἐπὶ τοῦ ἀλύπως ζῆν καὶ ἡδέως, ἄρ' [358.b.5] οὐ καλαί [καὶ ὠφέλιμοι]; καὶ τὸ καλὸν ἔργον ἀγαθὸν τε καὶ ὠφέλιμον; – Συνεδόκει. – Εἰ ἄρα, ἔφην ἐγώ, τὸ ἡδὺ ἀγαθὸν ἐστίν, οὐδεὶς οὔτε εἰδῶς οὔτε οἰόμενος ἄλλα βελτίω εἶναι ἢ [358.c.1] ἃ ποιεῖ, καὶ δυνατά, ἔπειτα ποιεῖ ταῦτα, ἐξὸν τὰ βελτίω· οὐδὲ τὸ ἥττω εἶναι αὐτοῦ ἄλλο τι τοῦτ' ἐστίν ἢ ἀμαθία, οὐδὲ κρείττω ἑαυτοῦ ἄλλο τι ἢ σοφία. – Συνεδόκει πᾶσιν. – Τί δὲ δὴ; ἀμαθίαν ἄρα τὸ τοιόνδε λέγετε, τὸ ψευδῆ ἔχειν δόξαν [358.c.5] καὶ ἐψεῦσθαι περὶ τῶν πραγμάτων τῶν πολλοῦ ἀξίων; – Καὶ τοῦτο πᾶσι συνεδόκει. – Ἄλλο τι οὖν, ἔφην ἐγώ, ἐπὶ γε τὰ κακὰ οὐδεὶς ἐκὼν ἔρχεται οὐδὲ ἐπὶ ἃ οἶεται κακὰ εἶναι, οὐδ' [358.d.1] ἔστι τοῦτο, ὡς ἔοικεν, ἐν ἀνθρώπου φύσει, ἐπὶ ἃ οἶεται κακὰ εἶναι ἐθέλειν ἰέναι ἀντὶ τῶν ἀγαθῶν· ὅταν τε ἀναγκασθῇ δυοῖν κακοῖν τὸ ἕτερον αἰρεῖσθαι, οὐδεὶς τὸ μείζον αἰρήσεται ἐξὸν τὸ ἔλαττον;

Então Pródico riu e concordou, assim como os outros.

\_\_ “Com efeito, homens”, disse eu, “a questão que se segue é a seguinte: acaso não se tratam de boas todas ações que visam garantir uma vida prazerosa e sem dor? E uma boa ação não é também boa e útil?”

É o que, conjuntamente, parecia.

\_\_ “Se acaso”, disse eu, “as sensações de prazer são boas, sendo factíveis e praticáveis, todos hão de realizar as melhores ações, tanto o que já as conhece, quanto o que imagina que outras ações são melhores do que as que realiza, afinal, não é outra coisa senão ignorância se deixar submeter a si mesmo, assim como não é outra coisa senão sabedoria o superar a si mesmo.”

358 c

É o que parecia a todos, conjuntamente.

\_\_ “E o que mais? Será o que vocês falam que a ignorância é isso: ter uma falsa opinião e equivocarse a respeito dos mais relevantes assuntos?”

Também isso parecia a todos, conjuntamente.

\_\_ “E como, então, seria outra coisa?!”, Disse eu. “Certamente ninguém se lança voluntariamente sobre as coisas más nem sobre as que apenas imagina serem más. Afinal, da maneira como parece, [esse comportamento] não estaria na natureza do homem: querer ir de encontro às coisas que imagina serem más, ao invés das boas. E quando é forçado, dentre dois males escolher um ou outro, ninguém escolherá o maior sendo possível escolher o menor.”

358 d

– Ἄπαντα ταῦτα συνεδόκει ἅπασιν ἡμῖν. – [358.d.5] Τί οὖν; ἔφην ἐγώ, καλεῖτέ <τι> δέος  
καὶ φόβον; καὶ ἄρα ὅπερ ἐγώ; πρὸς σέ λέγω, ὦ Πρόδικε. προσδοκίαν τινὰ λέγω κακοῦ  
τουτοῦ, εἴτε φόβον εἴτε δέος καλεῖτε. – Ἐδόκει Πρωταγόρα μὲν καὶ Ἰππία δέος τε καὶ  
φόβος εἶναι τουτοῦ, [358.e.1] Προδίκῳ δὲ δέος, φόβος δ' οὐ. – Ἄλλ' οὐδέν, ἔφην ἐγώ,  
<ὦ>Πρόδικε, διαφέρει· ἀλλὰ τόδε. εἰ ἀληθῆ τὰ ἔμπροσθέν ἐστιν, ἄρα τις ἀνθρώπων  
ἐθελήσει ἐπὶ ταῦτα ἰέναι ἃ δέδοικεν, ἐξὸν ἐπὶ ἃ μή; ἢ ἀδύνατον ἐκ τῶν ὠμολογημένων; ἃ  
γὰρ δέδοικεν, [358.e.5] ὠμολόγηται ἡγεῖσθαι κακὰ εἶναι· ἃ δὲ ἡγεῖται κακὰ, οὐδένα οὔτε  
ἰέναι ἐπὶ ταῦτα οὔτε λαμβάνειν ἐκόντα. – Ἐδόκει [359.a.1] καὶ ταῦτα πᾶσιν. Οὕτω δὴ  
τούτων ὑποκειμένων, ἦν δ' ἐγώ, Πρόδικέ τε καὶ Ἰππία, ἀπολογείσθω ἡμῖν Πρωταγόρας ὅδε  
ἃ τὸ πρῶτον ἀπεκρίνατο πῶς ὀρθῶς ἔχει – μὴ ἃ τὸ πρῶτον παντάπασι· [359.a.5] τότε μὲν  
γὰρ δὴ πέντε ὄντων μορίων τῆς ἀρετῆς οὐδέν ἔφη εἶναι τὸ ἕτερον οἷον τὸ ἕτερον, ἰδίαν δὲ  
αὐτοῦ ἕκαστον ἔχειν δύναμιν· ἀλλ' οὐ ταῦτα λέγω, ἀλλ' ἃ τὸ ὕστερον εἶπεν.

Todos nós concordamos.

\_\_ “Certo.” Disse eu. “E há algo que vocês chamam de temor e medo? (Será que são as mesmas coisas que também chamo?) Estou falando com você, Pródico. Pois isso que vocês chamam tanto de medo, quanto de temor, é aquilo que eu denominaria como uma apreensão do mau’.”

358 e

E, enquanto a Protágoras e a Hípias parecia que tanto o temor quanto o medo eram isso, para Pródico, por outro lado, somente o temor [parecia que era isso], mas não o medo’.

\_\_ “Mas isso não faz diferença, Pródico”, disse eu, “a não ser o seguinte: se é verdade [o que foi definido] antes, será que algum homem irá querer se lançar sobre as coisas que o incomoda sendo possível ir junto às que não [o incomoda]? Ou, a partir do que acordamos, isso é impossível? Já que, conforme consideramos, foi definido que as coisas que causam incômodo são más<sup>299</sup>. Ora, ninguém escolhe voluntariamente nem se lança sobre as coisas que considera serem más.”

Isso também parecia a todos.

359 a

\_\_ “Assim, Pródico e Hípias, uma vez definido isso”, eu disse, “[esperamos] que Protágoras aqui presente nos faça sua defesa, afinal, como poderia ser considerado correto o que ele respondeu no princípio? Não me refiro ao princípio de tudo, quando ele disse que, sendo cinco partes da virtude, nenhuma delas seria como a outra, mas que cada uma delas, individualmente, teria sua propriedade, não é a isso, mas o que falou depois.

---

<sup>299</sup> Conforme a passagem logo acima; “Isso que vocês chamam seja de medo, seja de temor, é aquilo que eu falo que é uma apreensão do mau.” (...) “Enquanto a Protágoras e a Hípias parecia que tanto temor quanto medo eram isso (...)” (358d 7).

τὸ γὰρ ὕστερον ἔφη τὰ μὲν τέτταρα ἐπεικῶς παραπλήσια ἀλλήλοις [359.b.1] εἶναι, τὸ δὲ ἐν  
πάνυ πολὺ διαφέρειν τῶν ἄλλων, τὴν ἀνδρείαν, γινώσεσθαι δὲ μ' ἔφη τεκμηρίῳ  
τῷδε· Εὐρήσεις γάρ, ὦ Σώκρατες, ἀνθρώπους ἀνοσιωτάτους μὲν ὄντας καὶ ἀδικωτάτους καὶ  
ἀκολαστοτάτους καὶ ἀμαθεστάτους, ἀνδρειοτάτους δέ· ὧ [359.b.5] γνώση ὅτι πολὺ  
διαφέρει ἡ ἀνδρεία τῶν ἄλλων μορίων τῆς ἀρετῆς. καὶ ἐγὼ εὐθὺς τότε πάνυ ἐθαύμασα τὴν  
ἀπόκρισιν, καὶ ἔτι μᾶλλον ἐπειδὴ ταῦτα μεθ' ὑμῶν διεξῆλθον. ἠρόμην δ' οὖν τοῦτον εἰ τοὺς  
ἀνδρείους λέγοι θαρραλέους· ὁ δέ, Καὶ [359.c.1] ἴτας γ', ἔφη. μέμνησαι, ἦν δ' ἐγώ, ὧ  
Πρωταγόρα, ταῦτα ἀποκρινόμενος; – Ὡμολόγει. – Ἴθι δὴ, ἔφην ἐγώ, εἰπέ ἡμῖν, ἐπὶ τί  
λέγεις ἴτας εἶναι τοὺς ἀνδρείους; ἦ ἐφ' ἅπερ οἱ δειλοί; – Οὐκ ἔφη. – Οὐκοῦν ἐφ' ἕτερα. –  
Ναί, ἦ δ' ὅς. – [359.c.5] Πότερον οἱ μὲν δειλοὶ ἐπὶ τὰ θαρραλέα ἔρχονται, οἱ δὲ ἀνδρεῖοι  
ἐπὶ τὰ δεινά; – Λέγεται δὴ, ὧ Σώκρατες, οὕτως ὑπὸ τῶν ἀνθρώπων. – Ἀληθῆ, ἔφην ἐγώ,  
λέγεις· ἀλλ' οὐ τοῦτο [359.d.1] ἐρωτῶ, ἀλλὰ σὺ ἐπὶ τί φῆς ἴτας εἶναι τοὺς ἀνδρείους; ἄρ' ἐπὶ

É que depois ele disse que: “enquanto que quatro delas são, em certa medida, bastante parecidas entre si, a coragem, por outro lado, é bastante diferente das outras. Vai reconhecer isso”, ele me disse, “com a seguinte prova: você certamente vai encontrar, Sócrates, homens que são os mais impiedosos, mais injustos, mais licenciosos, mais ignorantes mas, porém, os mais corajosos, com isso você reconhecerá que a coragem difere bastante das outras partes da virtude<sup>300</sup>.”

359 b

E eu, logo depois disso, fiquei muito admirado com a resposta, e mais ainda, depois que delinee essas questões com vocês. Na ocasião ainda perguntei se ele afirmaria que os corajosos são audaciosos<sup>301</sup>, e ele afirmou que “também ousados”. Você se lembra, Protágoras”, eu disse, “de responder essas coisas?”

359 c

Ele acenava que sim.

— “Vamos lá”, disse eu, “fale para nós de que maneira você afirma que os ousados são corajosos, será que é do mesmo modo que os covardes?”<sup>302</sup>

— “Não!”, Disse ele.

— “Então é de outra maneira?”

— “Sim.” Disse ele.

— “Então, enquanto os covardes se lançam sobre [situações] sem risco, os corajosos se lançam sobre as [situações] terríveis?”

— “É exatamente assim, Sócrates, de acordo com o que os homens falam.”

— “Você tem razão”, disse eu, “mas não é isso que eu estou perguntando e sim o que você afirma em relação aos ousados serem corajosos, acaso eles [se lançam] sobre

359 d

---

<sup>300</sup> Quase idêntica à passagem 349d 8.

<sup>301</sup> Em 349e 2.

<sup>302</sup> Em 350b 9 Protágoras especificou que há diferença entre afirmar que os corajosos são audaciosos, e que os audaciosos são corajosos. Por cansaço ou por algum outro motivo, ele agora não se importa em acompanhar as generalizações propostas por Sócrates.

τὰ δεινά, ἡγουμένους δεινὰ εἶναι, ἢ ἐπὶ τὰ μή; – Ἀλλὰ τοῦτό γ', ἔφη, ἐν οἷς σὺ ἔλεγες τοῖς  
λόγοις ἀπεδείχθη ἄρτι ὅτι ἀδύνατον. – Καὶ τοῦτο, ἔφην ἐγώ, ἀληθὲς λέγεις· ὥστ' εἰ  
[359.d.5] τοῦτο ὀρθῶς ἀπεδείχθη, ἐπὶ μὲν ἃ δεινὰ ἡγεῖται εἶναι οὐδεὶς ἔρχεται, ἐπειδὴ τὸ  
ἦττω εἶναι ἑαυτοῦ ἠύρεθῃ ἀμαθία οὔσα. – Ὡμολόγει. – Ἀλλὰ μὴν ἐπὶ ἃ γε θαρροῦσι  
πάντες αὖ ἔρχονται, καὶ δειλοὶ καὶ ἀνδρεῖοι, καὶ ταύτη γε ἐπὶ τὰ αὐτὰ [359.e.1] ἔρχονται οἱ  
δειλοὶ τε καὶ οἱ ἀνδρεῖοι. – Ἀλλὰ μέντοι, ἔφη, ὦ Σώκρατες, πᾶν γε τὸναντίον ἐστὶν ἐπὶ ἃ  
οἱ τε δειλοὶ ἔρχονται καὶ οἱ ἀνδρεῖοι. αὐτίκα εἰς τὸν πόλεμον οἱ μὲν ἐθέλουσιν ἰέναι, οἱ δὲ  
οὐκ ἐθέλουσιν. – Πότερον, ἔφην ἐγώ, [359.e.5] καλὸν ὄν ἰέναι ἢ αἰσχρόν; – Καλόν, ἔφη.  
– Οὐκοῦν εἴπερ καλόν, καὶ ἀγαθὸν ὠμολογήσαμεν ἐν τοῖς ἔμπροσθεν· τὰς γὰρ καλὰς  
πράξεις ἀπάσας ἀγαθὰς ὠμολογήσαμεν. – Ἀληθῆ λέγεις, καὶ ἀεὶ ἔμοιγε δοκεῖ οὕτως. –  
Ὅρθῶς γε, ἔφην ἐγώ. [360.a.1] ἀλλὰ ποτέρους φῆς εἰς τὸν πόλεμον οὐκ ἐθέλειν ἰέναι,  
καλὸν ὄν καὶ ἀγαθόν; – Τοὺς δειλοὺς, ἦ δ' ὅς. – Οὐκοῦν, ἦν δ' ἐγώ, εἴπερ καλόν καὶ  
ἀγαθόν,

empreendimentos terríveis, considerando que são terríveis, ou [se lançam somente] sobre os que não são [terríveis]?

\_\_ “Mas foi exatamente isso”, disse ele, “que agora há pouco você falou em seus discursos, apontando que é impossível<sup>303</sup>.”

\_\_ “Nisso também você tem razão”, disse eu, “dando-se o fato que, se isso foi corretamente indicado, de fato, ninguém se lança sobre aquilo que avalia ser terrível, afinal, ficou manifesto que ser submisso a si mesmo é ignorância.”

Ele concordava.

\_\_ “Mas, na verdade, não são todos que não se lançam sobre as ações sem risco, tanto os covardes quanto os corajosos [e, conseqüentemente], tanto os covardes quanto os corajosos se lançam sobre as mesmas coisas?”

359 e

\_\_ “É exatamente o contrário, Sócrates”, disse ele, “são completamente opostas as coisas pelas quais se lançam os covardes daquelas pelas quais se lançam os corajosos. No mesmo instante que uns querem ir a guerra, os outros não querem.”

\_\_ “E [o ato de] ir”, disse eu, “acaso seria nobre ou infame?”

\_\_ “Nobre.” Disse ele.

\_\_ “Então, se, de fato, é nobre concordamos antes que também é boa, já que definimos que todas as ações nobres [também] são boas<sup>304</sup>.”

\_\_ “É verdade o que você fala, sempre me parecerá justamente assim.”

\_\_ “Certo”, disse eu, “mas, uma vez que a guerra é nobre e boa, qual deles você diria que não iria querer [participar dela]?”

360 a

\_\_ “Os covardes.” Disse ele.

\_\_ “Mas não é verdade que”, eu disse, “se, de fato, [ela] é nobre e boa, ela também [não

---

<sup>303</sup> Em 358d.

<sup>304</sup> Em 358b 5. O assentimento se deu quando Sócrates falava conjuntamente a Hípias, Pródico e Protágoras.

καὶ ἡδύ; – Ὡμολόγηται γοῦν, ἔφη. – Ἄρ' οὖν γινώσκοντες οἱ δειλοὶ οὐκ ἐθέλουσιν ἰέναι

ἐπὶ τὸ [360.a.5] κάλλιόν τε καὶ ἄμεινον καὶ ἡδίων; – Ἀλλὰ καὶ τοῦτο ἐὰν ὁμολογῶμεν,

ἔφη, διαφθεροῦμεν τὰς ἔμπροσθεν ὁμολογίας. – Τί δ' ὁ ἀνδρεῖος; οὐκ ἐπὶ τὸ κάλλιόν τε

καὶ ἄμεινον καὶ ἡδίων ἔρχεται; – Ἀνάγκη, ἔφη, ὁμολογεῖν. – Οὐκοῦν ὅλως οἱ [360.b.1]

ἀνδρεῖοι οὐκ αἰσχροὺς φόβους φοβοῦνται, ὅταν φοβῶνται, οὐδὲ αἰσchrά θάρρη θαρροῦσιν;

– Ἀληθῆ, ἔφη. – Εἰ δὲ μὴ αἰσchrά, ἄρ' οὐ καλά; – Ὡμολόγει. – Εἰ δὲ καλά, καὶ ἀγαθά; –

Ναί. – Οὐκοῦν καὶ οἱ δειλοὶ καὶ οἱ θρασεῖς καὶ οἱ μαινόμενοι [360.b.5] τούναντίον

αἰσχροὺς τε φόβους φοβοῦνται καὶ αἰσchrά θάρρη θαρροῦσιν; – Ὡμολόγει. – Θαρροῦσιν

δὲ τὰ αἰσchrά καὶ κακὰ δι' ἄλλο τι ἢ δι' ἄγνοιαν καὶ ἀμαθίαν; – Οὕτως [360.c.1] ἔχει, ἔφη.

Τί οὖν; τοῦτο δι' ὃ δειλοὶ εἰσιν οἱ δειλοί, δειλίαν ἢ ἀνδρείαν καλεῖς;

seria] prazerosa?”

\_\_ “Ao menos é o que foi acordado.” Disse ele.

\_\_ “Então, mesmo reconhecendo se tratar do feito mais nobre, mais meritório e que proporciona os maiores prazeres, os covardes [não iriam querer participar dela]?”

\_\_ “Na verdade, se concordarmos com isso”, disse ele, “aniquilaríamos os acordos anteriores.”

\_\_ “Mas, e quanto ao corajoso? Não se lança sobre os mais nobres [feitos], mais meritórios e sobre o que proporcionam as maiores satisfações?”

\_\_ “É necessário concordar.” Disse ele.

\_\_ “Então não é verdade que todos os corajosos nem vergonhosamente sentem medo quando temem, nem vergonhosamente praticam ousadias quando ousam?”

360 b

\_\_ “É verdade.” Disse ele.

\_\_ “Ora, se não são ações vergonhosas, não seriam, [então], ações nobres?”

Ele concordava.

\_\_ “E, [sendo] nobres, também [são] boas?”

\_\_ “Sim.”

\_\_ “Então não é verdade que os medrosos e os desajuizados, ao contrário, tanto sentem medos vergonhosos quanto ousam vergonhosas ousadias?”

Ele concordava.

\_\_ “E ousam essas ações vergonhosas e más devido à alguma outra coisa que não seja o desconhecimento e ignorância?”

\_\_ “É isso mesmo.” Disse ele.

\_\_ “Como assim? O que levam os covardes serem covardes? Você chamaria de covardia ou de coragem?”

360 c

– Δειλίαν ἔγωγ', ἔφη. – Δειλοὶ δὲ οὐ διὰ τὴν τῶν δεινῶν ἀμαθίαν ἐφάνησαν ὄντες; –

Πάνυ γ', ἔφη. – Διὰ ταύτην ἄρα τὴν ἀμαθίαν δειλοὶ εἰσιν; – [360.c.5] Ὁμολόγει. – Δι' ὃ

δὲ δειλοὶ εἰσιν, δειλία ὁμολογεῖται παρὰ σοῦ; – Συνέφη. – Οὐκοῦν ἢ τῶν δεινῶν καὶ μὴ

δεινῶν ἀμαθία δειλία ἂν εἴη; – Ἐπένευσε. – Ἀλλὰ μήν, ἦν δ' ἐγώ, ἐναντίον [360.d.1]

ἀνδρεία δειλία. – Ἐφη. – Οὐκοῦν ἢ τῶν δεινῶν καὶ μὴ δεινῶν σοφία ἐναντία τῇ τούτων

ἀμαθία ἐστίν; – Καὶ ἐνταῦθα ἔτι ἐπένευσε. – Ἡ δὲ τούτων ἀμαθία δειλία; – Πάνυ μόγις

ἐνταῦθα ἐπένευσε.

\_\_ “De covardia, é claro.” Disse ele.

\_\_ “Mas não é justamente pelo fato de se revelarem ignorantes a respeito das ações terríveis que são covardes?”

\_\_ “Precisamente!” Disse ele.

\_\_ “Sendo assim, são covardes graças à essa ignorância?”

Ele concordava.

\_\_ “E graças ao fato de serem covardes que você concorda se tratar de covardia?”

Ele consentia.

\_\_ “Então”, disse eu, “a ignorância das coisas terríveis e das coisas não terríveis seria covardia?”

Ele acenou que sim.

\_\_ “Portanto, certamente”, eu disse, “a coragem é contrária à covardia.”

E ele afirmou.

*360 d*

\_\_ “Então não é verdade que a sabedoria das coisas terríveis e das não terríveis é contrária à ignorância delas?”

Ainda naquele momento ele acenou que sim.

\_\_ “Então, a ignorância dessas coisas seria a covardia?”

Neste momento foi com muito pesar ele acenou [que sim].

– Ἡ σοφία ἄρα τῶν δεινῶν καὶ μὴ [360.d.5] δεινῶν ἀνδρεία ἐστίν, ἐναντία οὓσα τῇ τούτων ἀμαθία; – Οὐκέτι ἐνταῦθα οὐτ' ἐπινεῦσαι ἠθέλησεν ἐσίγα τε. – Καὶ ἐγὼ εἶπον· Τί δὴ, ὦ Πρωταγόρα, οὔτε σὺ φῆς ἂ ἐρωτῶ οὔτε ἀπόφης; – Αὐτός, ἔφη, πέρανον. – Ἐν γ', ἔφη ἐγώ, μόνον [360.e.1] ἐρόμενος ἔτι σέ, εἰ σοι ὥσπερ τὸ πρῶτον ἔτι δοκοῦσιν εἶναί τινες ἄνθρωποι ἀμαθέστατοι μὲν, ἀνδρειότατοι δέ. – Φιλονικεῖν μοι, ἔφη, δοκεῖς, ὦ Σώκρατες, τὸ ἐμὲ εἶναι τὸν ἀποκρινόμενον· χαριοῦμαι οὖν σοι, καὶ λέγω ὅτι ἐκ τῶν [360.e.5] ὁμολογημένων ἀδύνατόν μοι δοκεῖ εἶναι. Οὔτοι, ἦν δ' ἐγώ, ἄλλου ἔνεκα ἐρωτῶ πάντα ταῦτα ἢ σκέψασθαι βουλόμενος πῶς ποτ' ἔχει τὰ περὶ τῆς ἀρετῆς καὶ τί ποτ' ἐστὶν αὐτό, ἢ ἀρετή. οἶδα γὰρ ὅτι τούτου φανεροῦ [361a.1] γενομένου μάλιστ' ἂν κατάδηλον γένοιτο ἐκεῖνο περὶ οὗ ἐγώ τε καὶ σὺ μακρὸν λόγον ἐκάτερος ἀπετείναμεν, ἐγὼ μὲν λέγων ὡς οὐ διδακτὸν ἀρετή, σὺ δ' ὡς διδακτόν. καὶ μοι δοκεῖ ἡμῶν ἢ ἄρτι ἔξοδος τῶν λόγων ὥσπερ ἄνθρωπος κατηγορεῖν τε καὶ [361a.5] καταγελαῖν, καὶ εἰ φωνὴν λάβοι, εἰπεῖν ἂν ὅτι Ἄτοποι γ' ἐστέ, ὦ Σώκρατες τε καὶ Πρωταγόρα· σὺ μὲν

\_\_ “Ah, então a sabedoria das coisas terríveis e das não terríveis é coragem, sendo contrária à ignorância dessas mesmas coisas?”

A partir desse momento, ele não quis mais acenar e permaneceu em silêncio. E eu falei:

\_\_ “O que há Protágoras?! Você nem afirma e nem nega aquilo que eu estou perguntando!...”

\_\_ “Conclua você mesmo.” Disse ele.

\_\_ “Permita-me apenas te questionar”, disse eu, “se, como no começo, alguns homens ainda te parecem serem os mais ignorantes ao mesmo tempo que são os mais corajosos.”

360 e

\_\_ “Já que você insiste para que eu seja o que responde, Sócrates, então, vou te deixar contente: pois, a partir do que nós acordamos, eu também digo que isso me parece ser impossível<sup>305</sup>.”

\_\_ “Certamente”, eu disse, “não questiono todas essas coisas senão querendo averiguar tudo que há a respeito da virtude, além do que é, enfim, a própria virtude. Pois sei que se isso se fizesse conhecer, seria completamente patente aquilo que eu e você desenvolvemos extensamente em cada um dos nossos longos discursos<sup>306</sup>; eu falando que a virtude não é ensinável e você, ao contrário, que era ensinável.”

361 a

E agora me parece que o êxodo<sup>307</sup> dos nossos discursos, como se fosse um homem que pudesse obter voz, acusar e rir, diria que:

\_\_ Vocês são mesmo estranhos, Sócrates e Protágoras. Pois, por um lado, você

---

<sup>305</sup> Protágoras deixa claro que não pensava que para ter coragem é necessário deter sabedoria das “coisas terríveis” e nem mesmo o contrário disso. Apenas aceita que Sócrates soube fazê-lo entrar em contradição.

<sup>306</sup> Cf. 329b e nota nº 113.

<sup>307</sup> Êxodo – episódio final da tragédia Houaiss (2001). Mais um exemplo de uso de terminologias e divisões próprias da tragédia. Cf. Lopes (2008, p.11) e Nightingale (2000, p.60).

λέγων ὅτι οὐ διδακτὸν ἐστὶν ἀρετὴ ἐν τοῖς ἔμπροσθεν, νῦν σεαυτῷ τάναντία [361b.1]

σπεύδεις, ἐπιχειρῶν ἀποδειῖξαι ὡς πάντα χρήματά ἐστιν ἐπιστήμη, καὶ ἡ δικαιοσύνη καὶ σωφροσύνη καὶ ἡ ἀνδρεία, ὃ τρόπον μάλιστα' ἂν διδακτὸν φανείη ἡ ἀρετὴ. εἰ μὲν γὰρ ἄλλο τι ἦν ἢ ἐπιστήμη ἢ ἀρετὴ, ὥσπερ Πρωταγόρας ἐπεχείρει [361b.5] λέγειν, σαφῶς οὐκ ἂν ἦν διδακτὸν· νῦν δὲ εἰ φανήσεται ἐπιστήμη ὅλον, ὡς σὺ σπεύδεις, ὃ Σώκρατες, θαυμάσιον ἔσται μὴ διδακτὸν ὄν. Πρωταγόρας δ' αὖ διδακτὸν τότε ὑποθέμενος, νῦν τοῦναντίον ἔοικεν σπεύδοντι ὀλίγου πάντα [361c.1] μᾶλλον φανῆναι αὐτὸ ἢ ἐπιστήμην· καὶ οὕτως ἂν ἦκιστα εἶη διδακτὸν. ἐγὼ οὖν, ὃ Πρωταγόρα, πάντα ταῦτα καθορῶν ἄνω κάτω ταραττόμενα δεινῶς, πᾶσαν προθυμίαν ἔχω καταφανῆ αὐτὰ γενέσθαι, καὶ βουλοίμην ἂν ταῦτα διεξιελθόντας [361c.5] ἡμᾶς ἐξελεθεῖν καὶ ἐπὶ τὴν ἀρετὴν ὅτι ἔστιν, καὶ πάλιν ἐπισκέψασθαι περὶ αὐτοῦ εἴτε διδακτὸν εἴτε μὴ διδακτὸν, μὴ πολλάκις ἡμᾶς ὁ Ἐπιμηθεὺς ἐκεῖνος καὶ ἐν τῇ σκέψει [361d.1] σφήλῃ ἐξαπατήσας, ὥσπερ καὶ ἐν τῇ διανομῇ ἠμέλησεν ἡμῶν, ὡς φῆς σύ. ἤρρεσεν οὖν μοι καὶ ἐν τῷ μύθῳ ὁ Προμηθεὺς μᾶλλον τοῦ Ἐπιμηθέως· ὃ χρώμενος ἐγὼ

ficou falando em seus [discursos] anteriores que a virtude, não é ensinável, mas agora está pronto a se contradizer tentando indicar que tudo é ciência: a justiça, a temperança e a coragem, de modo que, certamente, a virtude seria ensinável.

361 b

Já que, se a virtude fosse alguma outra coisa a não ser [uma espécie de] ciência, de acordo com que Protágoras tentava falar<sup>308</sup>, obviamente ela não seria ensinável. Mas agora, pelo contrário, se ela estiver totalmente relacionada à ciência como você, Sócrates, está pronto a indicar, seria admirável se ela não fosse ensinável.

E, Protágoras, por sua vez, que antes enunciou [que ela era] ensinável, agora se mostra em contradição, estando pronto a indicar que ela seria qualquer coisa, menos ciência e, assim, seria menos ainda ensinável<sup>309</sup>.

361 c

Então, Protágoras, quando eu contemplo de vários os ângulos todas essas coisas que semeiam desordem terrivelmente, tenho toda ânsia de que elas venham a ser patentes, e gostaria que nós, ao delinear os seus limites, conseguíssemos chegar, em seguida, ao que vem a ser a virtude<sup>310</sup>, e novamente averiguássemos a respeito dela, se é ensinável ou não.

Tudo isso para que não suceda a cada instante da investigação que aquele Epimeteu nos induza ao erro nos enganando, da mesma forma que na distribuição nos negligenciou, como você mesmo disse.

361 d

Na verdade, no mito, Prometeu me agrada mais do que o Epimeteu e, seguindo seu

---

<sup>308</sup> Em nenhum momento do diálogo Protágoras afirmou que a ἀρετή não se tratava de uma ἐπιστήμη, apenas afirmou que pessoas que não detêm as outras ἀρεται, os “ignorantes”, podem deter a coragem cf. 349d 8.

<sup>309</sup> A conclusão a qual Sócrates induziu Protágoras aceitar é que para ser corajoso é necessário deter σοφία e, conseqüentemente, ἐπιστήμη, a respeito de quais seriam os atos corajosos e de quais não seriam. Porém, de maneira nenhuma, Protágoras afirmou que a ἀρετή, que inclui o saber, a piedade, a justiça, e a temperança, não é uma ἐπιστήμη ou que não é ensinável.

<sup>310</sup> Sócrates deixa claro que eles não definiram a virtude, apenas delinear os seus limites, cf. Introdução, p.41.

καὶ προμηθούμενος ὑπὲρ τοῦ βίου τοῦ ἑμαυτοῦ παντὸς πάντα [361d.5] ταῦτα  
πραγματεύομαι, καὶ εἰ σὺ ἐθέλεις, ὅπερ καὶ κατ' ἀρχὰς ἔλεγον, μετὰ σοῦ ἂν ἥδιστα ταῦτα  
συνδιασκοποίην. Καὶ ὁ Πρωταγόρας, Ἐγὼ μὲν, ἔφη, ὦ Σώκρατες, ἐπαινῶ σου τὴν  
προθυμίαν καὶ τὴν διέξοδον τῶν λόγων. καὶ γὰρ οὔτε [361e.1] τᾶλλα οἶμαι κακὸς εἶναι  
ἄνθρωπος, φθονερός τε ἤκιστ' ἀνθρώπων, ἐπεὶ καὶ περὶ σοῦ πρὸς πολλοὺς δὴ εἶρηκα ὅτι ὦν  
ἐντυγχάνω πολὺ μάλιστα ἄγαμαι σέ, τῶν μὲν τηλικούτων καὶ πάνυ· καὶ λέγω γε ὅτι οὐκ ἂν  
θαυμάζοιμι εἰ τῶν ἐλλογίμων γένοιο [361e.5] ἀνδρῶν ἐπὶ σοφία. καὶ περὶ τούτων δὲ εἰς  
αὐθις, ὅταν βούλη, διέξιμεν· νῦν δ' ὥρα ἤδη καὶ ἐπ' ἄλλο τι τρέπεσθαι. [362.a.1] Ἄλλ', ἦν  
δ' ἐγώ, οὕτω χρὴ ποιεῖν, εἴ σοι δοκεῖ. καὶ γὰρ ἐμοὶ οἵπερ ἔφην ἰέναι πάλαι ὥρα, ἀλλὰ  
Καλλία τῷ καλῷ χαριζόμενος παρέμεινα. Ταῦτ' εἰπόντες καὶ ἀκούσαντες ἀπῆμεν.

exemplo, eu também sou previdente<sup>311</sup> quando trato de todas essas questões em relação à minha própria vida e, se você quiser, conforme eu falei antes, com todo o prazer eu examinaria com você essas questões.”

E Protágoras:

— “Da minha parte, Sócrates”, disse ele, “admiro sua boa vontade e a linha de raciocínio dos seus discursos, já que, a despeito de todos os outros males que considero existir ao homem, sou, em particular, o menos invejoso dos homens, afinal, já falei a muitos a seu respeito, que você é, de fato, dentre os que encontrei, o que, de longe, mais me surpreende, sobretudo, dentre os que têm a sua idade. Falo, ainda, que não me admiraria se você vier a se destacar entre os homens eloquentes e sábios. E futuramente, então, quando você quiser, discorreremos a respeito dessas questões, ao passo que, agora, já é ocasião de eu me voltar para outro assunto.”

361 e

— “Ora”, disse eu, “se para você já está bom, que assim seja. Quanto a mim, também é ocasião de ir onde mencionei bem antes, mas ainda aguardei firme prestigiando o belo Cálías.”

362 a

Depois de ouvir e escutar todas essas coisas fomos embora.

---

<sup>311</sup> O verbo ‘προμηθεόμαι’ faz alusão explícita ao próprio nome do deus: ‘προμηθευς’. Há divergências entre os estudiosos sobre o fato do verbo ter originado o nome do deus ou o contrário cf. Pinheiro (1999, p. 175).



## 4- ANEXO I

### 2 (80), [74]<sup>312</sup> PROTAGORAS

#### A. - Vida e doutrina

**1. DIOG. IX 50 ff.** Πρωταγόρας Ἀρτέμωνος ἢ, ὡς Ἀπολλόδωρος [FGrHist. 244 F 70 II 1040] καὶ Δίνων ἐν Περσικῶν <ε> [fr. 6 FHG II 90; vgl. A 2], Μαιανδρίου Ἀβδηρίτης, καθὰ φησιν Ἡκρακλείδης ὁ Ποντικός ἐν τοῖς Περὶ νόμων [fr. 21 Voss], ὃς καὶ Θουρίους νόμους γράψαι φησὶν αὐτόν· ὡς δ' Εὐπολις ἐν Κόλαξιν [fr. 146I 297 K.], 1.5 Τήιος· φησὶ γάρ· 'ἐνδοθι μὲν ἔστι Πρωταγόρας ὁ Τήιος'. οὗτος καὶ Πρόδικος ὁ Κεῖος λόγους ἀναγινώσκοντες ἠρανίζοντο· καὶ Πλάτων ἐν τῷ Πρωταγόρῳ [316 A] φησὶ βαρύφωνον εἶναι τὸν Πρόδικον. διήκουσε δ' ὁ Πρωταγόρας Δημοκρίτου. (ἐκαλεῖτό τε Σοφία, ὡς φησι Φαβωρῖνος ἐν Παντοδαπῇ ἱστορίᾳ [fr. 36 FHG III 583, nāml. Demokrit, vgl. oben II 85, 1. 87, 26]). (51) καὶ πρῶτος ἔφη 1.10 <δύο λόγους εἶναι περὶ παντὸς πράγματος ἀντικειμένους ἀλλήλοις> [B 6a]· οἷς καὶ συνηρώτα, πρῶτος τοῦτο πράξας. ἀλλὰ καὶ ἤρξατό που τοῦτον τὸν τρόπον· <πάντων ... ἔστιν> [B 1]. ἔλεγέ τε μηδὲν εἶναι ψυχὴν παρὰ τὰς αἰσθήσεις, καθὰ καὶ Πλάτων φησὶν ἐν Θεαιτήτῳ [p. 152ff.], καὶ πάντα εἶναι ἀληθῆ. καὶ ἀλλαχοῦ δὲ τοῦτον ἤρξατο τὸν τρόπον· <περὶ μὲν θεῶν οὐκ ἔχω εἰδέναι 1.15 οὐθ' ὡς εἰσὶν ... ἀνθρώπου> [B 4]. (52) διὰ ταύτην δὲ τὴν ἀρχὴν τοῦ συγγράμματος ἐξεβλήθη πρὸς Ἀθηναίων, καὶ τὰ βιβλία αὐτοῦ κατέκαυσαν ἐν τῇ ἀγορᾷ ὑπὸ κήρυκι ἀναλεξάμενοι παρ' ἐκάστου τῶν κεκτημένων. οὗτος πρῶτος μισθὸν εἰσεπράξατο μνᾶς ἑκατόν· καὶ πρῶτος μέρη χρόνου διώρισε καὶ καιροῦ δύναμιν ἐξέθετο καὶ λόγων ἀγῶνας ἐποίησατο καὶ σοφίσματα 1.20 τοῖς πραγματολογοῦσι προσήγαγε· καὶ τὴν διάνοιαν ἀφείς πρὸς τοῦνομα διελέχθη καὶ τὸ νῦν ἐπιπόλαιον γένος τῶν ἐριστικῶν ἐγέννησεν· ἵνα καὶ Τίμων φησὶ περὶ αὐτοῦ· 'Πρωταγόρης τ' ἐπίμεικτος ἐρίζεμεναι εὔ εἰδώς' [fr. 47 D.]. (53) οὗτος καὶ τὸ Σωκρατικὸν εἶδος τῶν λόγων πρῶτος ἐκίνησε. καὶ τὸν Ἀντισθένης λόγον τὸν πειρώμενον ἀποδεικνύειν, ὡς οὐκ ἔστιν ἀντιλέγειν, οὗτος πρῶτος διείλεκται, 1.25 καθὰ φησι Πλάτων ἐν Εὐθυδήμῳ [286C]. καὶ πρῶτος κατέδειξε τὰς πρὸς τὰς θέσεις ἐπιχειρήσεις, ὡς φησιν Ἀρτεμίδωρος ὁ διαλεκτικός ἐν τῷ Πρὸς Χρύσιππον. καὶ πρῶτος τὴν καλουμένην τύλην, ἐφ' ἧς τὰ φορτία βαστάζουσιν, εὔρεν, ὡς φησιν Ἀριστοτέλης ἐν τῷ Περὶ παιδείας [fr. 63 R.]· φορμοφόρος γὰρ ἦν, ὡς καὶ Ἐπίκουρός πού φησι [s. 68 A 9], καὶ τοῦτον τὸν τρόπον ἤρθη πρὸς Δημοκρίτου 1.30 ξύλα δεδεκῶς ὀφθεῖς. διεῖλε τε τὸν λόγον πρῶτος εἰς τέτταρα, <εὐχολήν, ἐρώτησιν, ἀπόκρισιν, ἐντολήν>· (54) (οἱ δέ, εἰς ἐπτά, διήγησιν, ἐρώτησιν, ἀπόκρισιν, ἐντολήν, ἀπαγγελίαν, εὐχολήν, κλησιν), οὗς καὶ <πυθμένας> εἶπε <λόγων>. Ἀλκιδάμας δὲ [fr. 8 O. A. II 155b 36] τέτταρας λόγους φησὶ, φάσιν, ἀπόφασιν, ἐρώτησιν, προσαγόρευσιν. πρῶτον δὲ τῶν λόγων ἑαυτοῦ ἀνέγνω τὸν Περὶ θεῶν, 1.35 οὗ τὴν ἀρχὴν ἄνω [II 253, 28] παρεθέμεθα· ἀνέγνω δ' Ἀθήνησιν ἐν τῇ Εὐριπίδου οἰκίᾳ ἢ, ὡς τινες, ἐν τῇ Μεγακλείδου· ἄλλοι ἐν Λυκείῳ, μαθητοῦ τὴν φωνὴν αὐτῷ χρήσαντος Ἀρχαγόρου τοῦ Θεοδότου. κατηγορήσασκε δ' αὐτοῦ Πυθόδωρος Πολυζήλου, εἷς τῶν τετρακοσίων·

<sup>312</sup> A numeração entre parenteses refere-se à edição de Untersteiner (1949), e a numeração entre conchetes refere-se a obra de Diels & Krans (1972), procedimento também adotado por Vaz Pinto (2005).

Ἀριστοτέλης δ' Εὐαθλόν φησιν [fr. 67; s. B 6]. (55) ἔστι δὲ τὰ σωιζόμενα αὐτοῦ βιβλία τάδε: \*\*\* <Τέχνη ἐριστικῶν, 1.40 Περὶ πάλης, Περὶ τῶν μαθημάτων, Περὶ πολιτείας, Περὶ φιλοτιμίας, Περὶ ἀρετῶν, Περὶ τῆς ἐν ἀρχῇ καταστάσεως, Περὶ τῶν ἐν Ἄιδου, Περὶ τῶν οὐκ ὀρθῶς τοῖς ἀνθρώποις πρᾶσσομένων, Προστακτικός, Δίκη ὑπὲρ μισθοῦ, Ἀντιλογιῶν <α><β>>. καὶ ταῦτα μὲν αὐτῷ τὰ βιβλία. γέγραφε δὲ καὶ Πλάτων εἰς αὐτὸν διάλογον. φησὶ δὲ Φιλόχορος [fr. 168 FHG 1.45 I 412] πλεοντος αὐτοῦ εἰς Σικελίαν τὴν ναῦν καταποντωθῆναι· καὶ τοῦτο αἰνίττεσθαι Εὐριπίδην ἐν τῷ Ἰξίονι [aufgeführt 410 – 8]. ἔνιοι κατὰ τὴν ὁδὸν τελευτήσαι αὐτόν, βίωσαντα ἔτη πρὸς τὰ ἐνενήκοντα. (56) Ἀπολλόδωρος [F GrHist. 244 F 71 II 1040] δὲ φησιν ἑβδομήκοντα, σοφιστεῦσαι δὲ τεσσαράκοντα καὶ ἀκμάζειν κατὰ τὴν τετάρτην καὶ ὀγδοηκοστὴν ὀλυμπιάδα 1.50[444 – 1]. λέγεται δὲ ποτε αὐτὸν ἀπαιτοῦντα τὸν μισθὸν Εὐαθλὸν τὸν μαθητὴν ἐκείνου εἰπόντος ‘ἀλλ’ οὐδέπω νίκη νενίκηκα’ εἰπεῖν ‘ἀλλ’ ἐγὼ μὲν ἂν νικήσω, ὅτι ἐγὼ ἐνίκησα, λαβεῖν με δεῖ· ἐὰν δὲ σύ, ὅτι σύ’ [vgl. B 6. Spengel Συν. τεχν. p. 26ff.]. γέγονε δὲ καὶ ἄλλος Πρωταγόρας ἀστρολόγος, εἰς ὃν καὶ Εὐφορίων [p. 31 1.55 Scheidweiler] ἐπικήδειον ἔγραψε· καὶ τρίτος Στωικὸς φιλόσοφος.

**2. PHILOSTR. V. soph. I 10, 1ff.** Π. δὲ ὁ Ἀβδηρίτης σοφιστὴς [καὶ] Δημοκρίτου μὲν ἀκροατῆς οἶκοι ἐγένετο, ὠμίλησε δὲ καὶ τοῖς ἐκ Περσῶν μάγοις κατὰ τὴν Ξέρξου ἐπὶ τὴν Ἑλλάδα ἔλασιν. πατὴρ γὰρ ἦν αὐτῷ Μαιάνδριος πλούτωι κατεσκευασμένος παρὰ πολλοὺς τῶν ἐν τῇ Θράκῃ, δεξάμενος δὲ καὶ τὸν Ξέρξην οἰκίαι τε καὶ δώροις τὴν ξυνουσίαν τῶν μάγων τῷ παιδί παρ' αὐτοῦ εὔρετο. οὐ γὰρ παιδεύουσι τοὺς μὴ Πέρσας Πέρσαι μάγοι, ἦν μὴ ὁ βασιλεὺς ἐφῆι. (2) τὸ δὲ ἀπορεῖν φάσκειν, εἴτε εἰσὶ θεοὶ εἴτε οὐκ εἰσὶ, δοκεῖ μοι Π. ἐκ τῆς Περσικῆς παιδεύσεως παρανομήσαι· μάγοι γὰρ ἐπιθειάζουσι μὲν οἷς ἀφανῶς δρῶσι, τὴν δὲ ἐκ φανεροῦ δόξαν τοῦ θείου καταλύουσιν οὐ βουλόμενοι 2.10 δοκεῖν παρ' αὐτοῦ δύνασθαι. (3) διὰ μὲν δὴ τοῦτο πάσης γῆς ὑπὸ Ἀθηναίων ἠλάθη ὡς μὲν τινες, κριθεῖς, ὡς δὲ ἐνίοις δοκεῖ, ψήφου ἐπενεχθείσης μὴ κριθέντι. νήσους δὲ ἐξ ἠπειρῶν ἀμείβων καὶ τὰς Ἀθηναίων τριήρεις φυλαττόμενος πάσαις θαλάτταις ἐνεσπαρμένας κατέδου πλέον ἐν ἀκατίωι μικρῷ. (4) τὸ δὲ μισθοῦ διαλέγεσθαι πρῶτος εὔρε, πρῶτος δὲ παρέδωκεν Ἑλλησι, πρᾶγμα οὐ μεμπτόν· 2.15 ἃ γὰρ σὺν δαπάνῃ σπουδάζομεν, μᾶλλον ἀσπαζόμεθα τῶν προῖκα. γνοὺς δὲ τὸν Πρωταγόραν ὁ Πλάτων σεμνῶς μὲν ἐρμηνεύοντα, ἐνυπτιάζοντα δὲ τῇ σεμνότητι καὶ που καὶ μακρολογώτερον τοῦ συμμέτρου, τὴν ἰδέαν αὐτοῦ μῦθωι μακρῶι ἐχαρακτήρισεν [C 1].

**3. HESYCH. Onomatol. bei Schol. Plat. de rep. 600C Π.** Ἀρτέμωνος Ἀβδηρίτης. οὗτος φορτοβαστάκτης ἦν, ἐντυχῶν δὲ Δημοκρίτῳ ἐφιλοσόφησε καὶ ἐπὶ ῥητορείαν ἔσχε. καὶ πρῶτος λόγους ἐριστικοὺς εὔρε καὶ μισθὸν ἔπραξε τοὺς μαθητὰς μνᾶς <ρ>. διὸ καὶ ἐπεκλήθη Λόγος. τούτου μαθητῆς Ἴσοκράτης ὁ ῥήτωρ καὶ Πρόδικος ὁ Κεῖος. ἐκαύθη δὲ τὰ τούτου βιβλία ὑπ' Ἀθηναίων. εἶπε γὰρ· <περὶ θεῶν οὐκ ἔχω εἰδέναι οὔτε ὡς εἰσὶν οὔτε ὡς οὐκ εἰσὶν> [B 4]. ἔγραψε δὲ εἰς αὐτὸν ὁ Πλάτων διάλογον. πλεοντος δὲ αὐτοῦ εἰς Σικελίαν ἐτελεύτησε ναυαγήσας ἐτῶν <ῶν> ἐνενήκοντα, σοφιστεύσας ἔτη τεσσαράκοντα.

**4. EUSEB. Chron. Hier. Euripides** ... clarus habetur et P. sophista cuius libros decreto publico Athenienses combusserunt Ol. 84 [444 – 41]. APUL. Flor. 18 P. qui sophista fuit longe multiscius et cum primis rhetoricae repertoribus perfacundus, Democriti physici civis aequaevus (inde ei suppeditata 4.5 doctrina est), eum Protagoran aiunt cum suo sibi

discipulo Euathlo mercedem nimis uberem condicione temeraria pepigisse etc.

**5. PLATO Protag. 317 B Protagoras:** ἐγὼ οὖν τούτων τὴν ἐναντίαν ἅπασαν ὁδὸν ἐλήλυθα, καὶ ὁμολογῶ τε <σοφιστῆς> εἶναι καὶ παιδεύειν ἀνθρώπους ... C καίτοι πολλά γε ἔτη ἤδη εἰμι ἐν τῇ τέχνῃ· καὶ γὰρ καὶ τὰ ξύμπαντα πολλά μοί ἐστιν· οὐδενὸς ὅτου 5.5 οὐ, πάντων ἂν ὑμῶν καθ' ἡλικίαν πατὴρ εἶην ... 318 A ὦ νεανίσκε, ἔσται τοίνυν σοι, ἐὰν ἐμοὶ συνῆις, ἢ ἂν ἡμέραι ἐμοὶ συγγένηι, ἀπιέναι οἴκαδε βελτίονι γεγονότι καὶ ἐν τῇ ὑστεραίαι ταῦτά ταῦτα· καὶ ἐκάστης ἡμέρας ἀεὶ ἐπὶ τὸ βέλτιον ἐπιδιδόναι ... 318 D οἱ μὲν γὰρ ἄλλοι λωβῶνται τοὺς νέους· τὰς γὰρ τέχνας αὐτοὺς πεφευγότας ἄκοντας πάλιν αὐτῶν ἄγοντες ἐμβάλλουσιν εἰς τέχνας, λογισμούς 5.10 τε καὶ ἀστρονομίαν καὶ γεωμετρίαν καὶ μουσικὴν διδάσκοντες (καὶ ἅμα εἰς τὸν Ἰππίαν ἀπέβλεψεν), παρὰ δ' ἐμὲ ἀφικόμενος μαθήσεται οὐ περὶ ἄλλου του ἢ περὶ οὗ ἦκει. τὸ δὲ μάθημά ἐστιν εὐβουλία περὶ τῶν οἰκείων, ὅπως ἂν ἄριστα τὴν αὐτοῦ οἰκίαν διοικοῖ, καὶ περὶ τῶν τῆς πόλεως, ὅπως τὰ τῆς πόλεως δυνατώτατος ἂν εἴη καὶ πράττειν καὶ λέγειν ... 319 A Sokr. Δοκεῖς γὰρ μοι λέγειν τὴν πολιτικὴν τέχνην καὶ ὑπισχνεῖσθαι ποιεῖν ἄνδρας ἀγαθοὺς πολίτας. – Αὐτὸ μὲν οὖν <τοῦτό ἐστιν>, ἔφη, ὦ Σώκρατες, <τὸ ἐπάγγελμα> ὃ ἐπαγγέλλομαι. 349 A σύ γ' ἀναφανδὸν σεαυτὸν ὑποκηρυζάμενος εἰς πάντας τοὺς Ἕλληνας <σοφιστὴν> ἐπονομάσας σεαυτὸν ἀπέφηνας παιδεύσεως καὶ ἀρετῆς διδάσκαλον, πρῶτος τούτου μισθὸν ἀξιώσας ἄρνησθαι.

**6. – 328B** διὰ ταῦτα καὶ τὸν τρόπον τῆς πράξεως τοῦ μισθοῦ τοιοῦτον πεποιήμαι· ἐπειδὴν γὰρ τις παρ' ἐμοῦ μάθη, ἐὰν μὲν βούληται, ἀπέδωκεν ὃ ἐγὼ πράττομαι ἀργύριον· ἐὰν δὲ μή, ἐλθὼν εἰς ἱερὸν ὁμόσας, ὅσου ἂν φῆι ἀξία εἶναι τὰ μαθήματα, τοσοῦτον κατέθηκε.

**7. – 329B Π.** δὲ ὅδε ἰκανὸς μὲν <μακροὺς λόγους> καὶ καλοὺς εἰπεῖν, ὡς αὐτὸ δηλοῖ, ἰκανὸς δὲ καὶ ἐρωτηθεὶς <ἀποκρίνασθαι κατὰ βραχὺ> καὶ ἐρόμενος περιμεῖναι τε καὶ ἀποδέξασθαι τὴν ἀπόκρισιν, ἃ ὀλίγοις ἐστὶ παρεσκευασμένα. Vgl. 334D ff.

**8. – Meno 91D** οἶδα γὰρ ἄνδρα ἓνα Πρωταγόραν πλείω χρήματα κτησάμενον ἀπὸ ταύτης τῆς σοφίας ἢ Φειδίαν τε, ὃς οὕτως περιφανῶς καλὰ ἔργα ἠργάζετο, καὶ ἄλλους δέκα τῶν ἀνδριαντοποιῶν ... E Πρωταγόρας δὲ ἄρα ὅλην τὴν Ἑλλάδα ἐλάνθανεν διαφθεῖρων τοὺς συγγινομένους καὶ μοχθηροτέρους ἀπὸ 8.5 πέμπων ἢ παρελάμβανεν πλεῖν ἢ τετταράκοντα ἔτη. οἶμαι γὰρ αὐτὸν ἀποθανεῖν ἐγγὺς καὶ ἐβδομήκοντα ἔτη γεγονότα, τετταράκοντα δὲ ἐν τῇ τέχνῃ ὄντα. καὶ ἐν ἅπαντι τῷ χρόνῳ τούτῳ ἔτι εἰς τὴν ἡμέραν ταυτηνὴν εὐδοκιμῶν οὐδὲν πέπαυται. 9.1

– Hipp. mai. 282D E ἀφικόμενος δὲ ποτε εἰς Σικελίαν Πρωταγόρου αὐτόθι ἐπιδημοῦντος καὶ εὐδοκιμοῦντος καὶ πρεσβυτέρου ὄντος πολὺ νεώτερος ὢν κτλ.

**10. PLUT. Pericl. 36** πεντάθλου γὰρ τινος ἀκοντίῳ πατάξαντος Ἐπίτιμον τὸν Φαρσάλιον ἀκουσίως καὶ κτείναντος, ἡμέραν ὅλην ἀναλῶσαι μετὰ Πρωταγόρου διαποροῦντα, πότερον τὸ ἀκόντιον ἢ τὸν βαλόντα μᾶλλον ἢ τοὺς ἀγωνοθέτας <κατὰ τὸν ὀρθότατον λόγον> αἰτίους χρῆ τοῦ πάθους ἡγεῖσθαι.

**11. ATHEN. V 218 B** ἀλλὰ μὴν καὶ ὁ ἐν τῷ 'Πρωταγόραι' διάλογος μετὰ τὴν Ἰππονίκου τελευτὴν γενόμενος παρειληφότος ἤδη τὴν οὐσίαν Καλλίου, τοῦ Πρωταγόρου <μέμνηται>

παραγεγονότος τὸ δεύτερον οὐ πολλαῖς πρότερον ἡμέραις [309D]. ὁ δ' Ἰππόνικος ἐπὶ μὲν Εὐθυδήμου ἄρχοντος [431 ?] στρατηγῶν παρατέτακται μετὰ Νικίου πρὸς Ταναγραίους καὶ τοὺς παραβοηθοῦντας Βοιωτῶν καὶ τῆι μάχῃ νενίκηκε, τέθηκε δὲ πρὸ τῆς ἐπ' Ἀλκαίου [421] διδασκαλίας τῶν Εὐπόλιδος Κολάκων οὐ πολλῶι χρόνῳ κατὰ τὸ εἰκὸς ... ἐν οὖν τούτῳ τῷ δράματι Εὐπολις τὸν Πρωταγόραν ὡς ἐπιδημοῦντα εἰσάγει [s. Π 253, 18], Ἀμειψίας δ' ἐν τῷ Κόννωι [I 673 K.] δύο πρότερον ἔτεσιν διδαχθέντι [423] οὐ 11.10 καταριθμεῖ αὐτὸν ἐν τῷ τῶν φροντιστῶν χορῶι· δῆλον οὖν ὡς μεταξὺ τούτων τῶν χρόνων παραγέγονεν. XI 505 F ἀλλὰ μὴν οὐ δύνανται Πάραλος καὶ Ξάνθιππος οἱ Περικλέους υἱοὶ τελευτήσαντος τῷ λοιμῶι Πρωταγόραι διαλέγεσθαι, ὅτε <τὸ> δεύτερον ἐπεδήμησε ταῖς Ἀθήναις, οἱ ἔτι πρότερον τελευτήσαντες. – Vgl. EUSTATH. Od. 1547, 53 ἐμφαίνειν Εὐπολις λέγεται τὸν φυσικὸν Πρωταγόραν 11.15 διακωμωιδῶν ἐν τῷ ‘ὅς ἀλαζονεύεται μὲν ἀλιτήριος περὶ τῶν μετεώρων, τὰ δὲ χαμᾶθεν ἐσθίει’ [fr. 146 b Kock, s. Π 253, 18]. Vgl. fr. 147 ‘πίνειν γὰρ αὐτὸν [Kallias] Πρωταγόρας ἐκέλευ’, ἵνα πρὸ τοῦ κυνὸς τὸν πνεῦμον’ ἔκκλυστον φορῆι’.

**12. SEXT. adv. math. IX 55. 56** συμφέρεται δὲ τούτοις τοῖς ἀνδράσι καὶ Θεόδωρος ὁ ἄθεος καὶ κατὰ τινος Π. ὁ Ἀβδηρίτης ... ῥητῶς που γράψας· <‘περὶ δὲ θεῶν οὔτε εἰ εἰσὶν οὔθ’ ὅποιοί τινές εἰσι> δύναμαι λέγειν· <πολλὰ γὰρ ἐστὶ τὰ 12.5 κωλύοντά με> [B 4]. παρ’ ἣν αἰτίαν θάνατον αὐτοῦ καταψηφισαμένων τῶν Ἀθηναίων διαφυγῶν καὶ κατὰ θάλατταν πταίσας ἀπέθανεν. μέμνηται δὲ ταύτης τῆς ἱστορίας καὶ Τίμων ὁ Φλιάσιος ἐν τῷ δευτέρῳ τῶν Σίλλων [fr. 5 D.] ταῦτα διεξερχόμενος· † ὥστε καὶ μετέπειτα σοφιστῶν 12.10 οὔτ’ ἀλιγυγλώσσω οὔτ’ ἀσκόπῳ οὔτ’ ἀκυλίστῳ Πρωταγόρῃ. ἔθελον δὲ τέφρην συγγράμματα θεῖναι, ὅτι θεοὺς κατέγραψ’ οὔτ’ εἰδέναι οὔτε δύνασθαι ὅποιοί τινές εἰσι καὶ οἱ τινες ἀθρήσασθαι, πᾶσαν ἔχον φυλακὴν ἐπιεικείης. τὰ μὲν οὐ οἱ 12.15 χραίσμησ’, ἀλλὰ φυγῆς ἐπεμαίετο, ὄφρα μὴ οὕτως Σωκρατικὸν πίνων ψυχρὸν ποτὸν αἶδα δῦη.

**13. PLATO Cratyl. 385E f.** ὡσπερ Π. ἔλεγεν λέγων <πάντων χρημάτων μέτρον> εἶναι <ἄνθρωπον> [B 1], ὡς ἄρα οἶα μὲν ἂν ἐμοὶ <φαίνεται> τὰ πράγματα εἶναι, τοιαῦτα μὲν <ἔστιν> ἐμοὶ· οἶα δ’ ἂν σοί, τοιαῦτα δὲ σοί.

**14. SEXT. Pyrrh. h. I 216ff.** καὶ ὁ Π. δὲ βούλεται <πάντων χρημάτων> εἶναι <μέτρον τὸν ἄνθρωπον τῶν μὲν ὄντων ὡς ἔστιν, τῶν δὲ οὐκ ὄντων ὡς οὐκ ἔστιν> [B 1], <μέτρον> μὲν λέγων τὸ κριτήριον, <χρημάτων> δὲ τῶν πραγμάτων, ὡς δυνάμει φάσκειν πάντων πραγμάτων κριτήριον εἶναι τὸν ἄνθρωπον, <τῶν μὲν ὄντων ὡς ἔστιν, τῶν δὲ οὐκ ὄντων ὡς οὐκ ἔστιν>. καὶ διὰ τοῦτο τίθησι τὰ φαινόμενα ἐκάστωι μόνῳ, καὶ οὕτως εἰσάγει τὸ πρὸς τι ... (217) φησὶν οὖν ὁ ἀνὴρ τὴν ὕλην ῥευστὴν εἶναι, ῥεούσης δὲ αὐτῆς συνεχῶς προσθέσεις ἀντὶ τῶν ἀποφορήσεων γίνεσθαι καὶ τὰς αἰσθήσεις μετακοσμεῖσθαι τε καὶ ἀλλοιοῦσθαι παρά τε <τὰς> ἡλικίας καὶ παρά τὰς ἄλλας κατασκευὰς τῶν σωμάτων. 14.10 (218) λέγει δὲ καὶ τοὺς λόγους πάντων τῶν φαινομένων ὑποκεῖσθαι ἐν τῇ ὕλῃ, ὡς δύνασθαι τὴν ὕλην ὅσον ἐφ’ ἑαυτῇ πάντα εἶναι ὅσα πᾶσι φαίνεται. τοὺς δὲ ἀνθρώπους ἄλλοτε ἄλλων ἀντιλαμβάνεσθαι παρά τὰς διαφοροὺς αὐτῶν διαθέσεις· τὸν μὲν γὰρ κατὰ φύσιν ἔχοντα ἐκεῖνα τῶν ἐν τῇ ὕλῃ καταλαμβάνειν ἃ τοῖς κατὰ φύσιν ἔχουσι φαίνεσθαι δύναται, τὸν δὲ παρά φύσιν ἃ τοῖς παρά φύσιν. (219) καὶ ἤδη 14.15 παρά τὰς ἡλικίας καὶ κατὰ τὸ ὑπνοῦν ἢ ἐγρηγορέναι καὶ καθ’ ἕκαστον εἶδος τῶν διαθέσεων ὁ αὐτὸς λόγος. γίνεται τοίνυν κατ’ αὐτὸν τῶν ὄντων κριτήριον ὁ ἄνθρωπος. πάντα γὰρ τὰ φαινόμενα τοῖς ἀνθρώποις καὶ ἔστιν,

τὰ δὲ μηδενὶ τῶν ἀνθρώπων φαινόμενα οὐδὲ ἔστιν. ὀρῶμεν οὖν ὅτι καὶ περὶ τοῦ τὴν ὕλην ῥευστὴν εἶναι καὶ περὶ τοῦ τοὺς λόγους τῶν φαινομένων πάντων ἐν αὐτῇ ὑποκεῖσθαι 14.20 δογματίζει, ἀδήλων ὄντων καὶ ἡμῖν ἐφεκτῶν.

**15. – adv. math. VII 389** πᾶσαν μὲν οὖν φαντασίαν οὐκ <ἂν> εἴποι τις ἀληθῆ διὰ τὴν περιτροπὴν, καθὼς ὁ τε Δημόκριτος καὶ ὁ Πλάτων [Theaet. 171A] ἀντιλέγοντες τῷ Πρωταγόρῃ ἐδίδασκον· εἰ γὰρ πᾶσα φαντασία ἐστὶν ἀληθής, καὶ τὸ μὴ πᾶσαν φαντασίαν εἶναι ἀληθῆ, κατὰ φαντασίαν ὑφιστάμενον, ἔσται 15.5 ἀληθές, καὶ οὕτω τὸ πᾶσαν φαντασίαν εἶναι ἀληθῆ γενήσεται ψεῦδος.

**16. HERM. Irris. 9 (D. 653)** ἀλλ' ἐπὶ θάτερα Π. ἐστηκὼς ἀνθέλκει με φάσκων· ὄρος καὶ κρίσις τῶν πραγμάτων ὁ ἄνθρωπος καὶ τὰ μὲν ὑποπίπτοντα ταῖς αἰσθήσεσιν ἔστι πράγματα, τὰ δὲ μὴ ὑποπίπτοντα οὐκ ἔστιν ἐν τοῖς εἶδεσι τῆς οὐσίας.

**17. ARISTOT. Metaph. Θ 3. 1046b 29** εἰσὶ δὲ τινες οἱ φασιν, οἷον οἱ Μεγαρικοί, ὅταν ἐνεργῆ μόνον δύνασθαι, ὅταν δὲ μὴ ἐνεργῆ, οὐ δύνασθαι, οἷον τὸν μὴ οἰκοδομοῦντα οὐ δύνασθαι οἰκοδομεῖν, ἀλλὰ τὸν οἰκοδομοῦντα, ὅταν οἰκοδομῆ· ὁμοίως δὲ καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων. οἷς τὰ συμβαίνοντα ἄτοπα οὐ χαλεπὸν ἰδεῖν. Δῆλον 17.5 γάρ, ὅτι οὐτ' οἰκοδόμος ἔσται, ἐὰν μὴ οἰκοδομῆ· τὸ γὰρ οἰκοδόμοι εἶναι τὸ δυνατῶι εἶναί ἐστιν οἰκοδομεῖν ὁμοίως δὲ καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων τεχνῶν. εἰ οὖν ἀδύνατον τὰς τοιαύτας ἔχειν τέχνας μὴ μανθάνοντά ποτε καὶ λαβόντα, καὶ μὴ ἔχειν (1047 a) μὴ ἀποβαλόντα ποτέ (ἢ γὰρ λήθηι ἢ πάθει τινὶ ἢ χρόνῳ· οὐ γὰρ δὴ τοῦ γε πράγματος φθαρέντος· ἀεὶ γὰρ ἐστίν), ὅταν παύσῃται, οὐχ ἔξει τὴν 17.10 τέχνην, πάλιν δ' εὐθὺς οἰκοδομήσει πῶς λαβών; καὶ τὰ ἄψυχα δὲ ὁμοίως· οὐτε γὰρ ψυχρὸν οὐτε θερμὸν οὐτε γλυκὺ οὐτε ὄλως αἰσθητὸν οὐθέν ἔσται μὴ αἰσθανομένων· ὥστε τὸν Πρωταγόρου λόγον συμβήσεται λέγειν αὐτοῖς. ἀλλὰ μὴν οὐδ' αἰσθησὶν ἔξει οὐδέν, ἐὰν μὴ αἰσθάνηται μὴδ' ἐνεργῆ.

**18. TERTULL. de anim. 15** : etiam P., etiam Apollodorus, etiam Chrysippus haec sapiunt.

**19. PLATO Euthyd. 286 B C** οὐ γὰρ τοι ἀλλὰ τοῦτόν γε τὸν λόγον ὅτι οὐκ ἔστιν ἀντιλέγειν) πολλῶν δὴ καὶ πολλὰκις ἀκηκοὼς ἀεὶ θαυμάζω. καὶ γὰρ οἱ ἀμφὶ Πρωταγόραν σφόδρα ἐχρῶντο αὐτῶι καὶ οἱ ἔτι παλαιότεροι [vgl. 22 A 7]· ἐμοὶ δὲ ἀεὶ θαυμαστός τις δοκεῖ εἶναι καὶ τοὺς τε ἄλλους ἀνατρέπων καὶ αὐτὸς αὐτόν

**19.5 [s. II 254, 8]. ARISTOT. Metaph. Γ 4. 1007b 18** ἔτι εἰ ἀληθεῖς αἱ ἀντιφάσεις ἅμα κατὰ τοῦ αὐτοῦ πᾶσαι, δῆλον ὡς ἅπαντα ἔσται ἓν. ἔσται γὰρ τὸ αὐτὸ καὶ τριήρης καὶ τοῖχος καὶ ἄνθρωπος, εἰ κατὰ παντός τι ἢ καταφῆσαι ἢ ἀποφῆσαι ἐνδέχεται, καθάπερ ἀνάγκη τοῖς τὸν Πρωταγόρου λέγουσι λόγον. εἰ γὰρ τῶι δοκεῖ μὴ εἶναι τριήρης ὁ ἄνθρωπος, δῆλον ὅτι οὐκ ἔστι τριήρης· ὥστε καὶ ἔστιν, εἴπερ ἢ ἀντίφασις ἀληθής. ARISTOT. Metaph. K 6. 1062b 13 ἐκεῖνος ἔφη <πάντων> εἶναι <χρημάτων μέτρον ἄνθρωπον>, οὐδὲν ἕτερον λέγων ἢ τὸ δοκοῦν ἐκάστωι τοῦτο καὶ εἶναι παγίως· τούτου δὲ γιγνομένου τὸ αὐτὸ συμβαίνει καὶ εἶναι καὶ μὴ εἶναι, καὶ κακὸν καὶ ἀγαθὸν εἶναι, καὶ τᾶλλα τὰ κατὰ τὰς <ἀντικειμένας> λεγόμενα φάσεις, διὰ τὸ 19.15 πολλὰκις τοισδὶ μὲν φαίνεσθαι τότε εἶναι καλὸν τοισδὶ δὲ τούναντίον, μέτρον δ' εἶναι τὸ <φαινόμενον> ἐκάστωι.

**20. CLEM. Str. VI 65 (II 464, 14 St.)** Ἑλληνές φασι Πρωταγόρου προκατάρξαντος παντὶ λόγῳ λόγον ἀντικειῖσθαι. SEN. Ep. 88, 43 P. ait de omni re in utramque partem disputari posse ex aequo et de hac ipsa, an omnis res in utramque partem disputabilis sit.

**21. ARISTOT. Rhet. B 24. 1402 a 23** καὶ <τὸ τὸν ἤττω δὲ λόγον κρείττω ποιεῖν> [B 6 b] τοῦτ' ἐστίν. καὶ ἐντεῦθεν δικαίως ἐδυσχέρανον οἱ ἄνθρωποι τὸ Πρωταγόρου ἐπάγγελμα· ψευδὸς τε γὰρ ἐστίν καὶ οὐκ ἀληθὲς ἀλλὰ φαινόμενον εἰκός, καὶ ἐν οὐδεμίᾳ τέχνῃ ἀλλ' ἐν ῥητορικῇ καὶ ἐριστικῇ. STEPH. BYZ. S. V. 21.5 Ἄβδηρα: Π., ὄν Εὐδοξος [fr. 4 Gisinger Στοιχεῖα VI 78] ἱστορεῖ τὸν ἤσσω καὶ κρείσσω λόγον πεποιηκέναι καὶ τοὺς μαθητὰς δεδιδαχέναι τὸν αὐτὸν ψέγειν καὶ ἐπαινεῖν.

**21a.1 PLATO Theaet. 166 D ff.** ἐγὼ γὰρ φημι μὲν τὴν ἀλήθειαν ἔχειν ὡς γέγραφα· <μέτρον> γὰρ ἕκαστον ἡμῶν εἶναι <τῶν τε ὄντων> καὶ μὴ, μυρίον μὲντοι διαφέρειν ἕτερον ἑτέρου αὐτῶι τούτῳ, ὅτι τῶι μὲν ἄλλα <ἔστι> τε καὶ <φαίνεται>, τῶι δὲ ἄλλα. καὶ σοφίαν καὶ σοφὸν ἄνδρα πολλοῦ δέω τὸ 21a.5 μὴ φάναι εἶναι, ἀλλ' αὐτὸν τοῦτον καὶ λέγω σοφόν, ὃς ἂν τινι ἡμῶν, ὧι <φαίνεται> καὶ <ἔστι> κακά, μεταβάλλον ποιήσῃ ἀγαθὰ <φαίνεσθαι> τε καὶ <εἶναι>. 167 B ἀλλ' οἴμαι πονηρᾶς ψυχῆς ἕξει δοξάζοντα συγγενῇ ἑαυτῆς χρηστῇ [sc. ἕξις] ἐποίησε δοξάσαι ἕτερα τοιαῦτα, ἃ δὴ τινες [τὰ φαντάσματα] ὑπὸ ἀπειρίας ἀληθῆ καλοῦσιν, ἐγὼ δὲ βελτίῳ μὲν τὰ ἕτερα τῶν ἑτέρων, ἀληθέστερα δὲ οὐδέν. καὶ τοὺς σοφοὺς ... 21a.10 κατὰ μὲν σώματα ἰατροὺς λέγω, κατὰ δὲ φυτὰ γεωργοὺς. φημι γὰρ καὶ τούτους τοῖς φυτοῖς ἀντὶ πονηρῶν αἰσθήσεων, ὅταν τι αὐτῶν ἀσθενῆι, χρηστὰς καὶ ὑγιεινὰς ἴαισθήσεις τε καὶ ἀληθεῖς ἐμποιεῖν, τοὺς δὲ γε σοφοὺς τε καὶ ἀγαθοὺς ῥήτορας ταῖς πόλεσι τὰ χρηστὰ ἀντὶ τῶν πονηρῶν δίκαια δοκεῖν εἶναι ποιεῖν. ἐπεὶ οἷά γ' ἂν ἐκάστη πόλει δίκαια καὶ καλὰ δοκῆι, ταῦτα καὶ εἶναι αὐτῇ, ἕως ἂν 21a.15 αὐτὰ νομίζῃ. ἀλλ' ὁ σοφὸς ἀντὶ πονηρῶν ὄντων αὐτοῖς ἐκάστων χρηστὰ ἐποίησεν εἶναι καὶ δοκεῖν. κατὰ δὲ τὸν αὐτὸν λόγον καὶ ὁ σοφιστὴς τοὺς παιδευομένους οὕτω δυνάμενος παιδαγωγεῖν σοφός τε καὶ ἄξιος πολλῶν χρημάτων τοῖς παιδευθεῖσιν. καὶ οὕτω σοφώτεροί τέ εἰσιν ἕτεροι ἑτέρων καὶ οὐδεὶς ψευδῆ δοξάζει, καὶ σοί, ἐάν τε βούληι ἐάν τε μὴ, ἀνεκτέον ὄντι μέτρῳ· σώζεται γὰρ ἐν τούτοις ὁ λόγος 21a.20 οὗτος.

**22. – Prot. 333 D** ἄρ' οὖν ... ταῦτ' ἐστὶν ἀγαθὰ, ἃ ἐστὶν ὠφέλιμα τοῖς ἀνθρώποις; – Καὶ ναὶ μὰ Δί', ἔφη [Prot.], κἂν μὴ τοῖς ἀνθρώποις ὠφέλιμα ᾖ, ἔγωγε καλῶ ἀγαθὰ. 334 A πότερον ... λέγεις, ὦ Πρωταγόρα, ἢ μηδενὶ ἀνθρώπων ὠφέλιμά ἐστίν, ἢ ἂ μηδὲ τὸ παράπαν ὠφέλιμα; καὶ τὰ τοιαῦτα σὺ ἀγαθὰ 22.5 καλεῖς; – Οὐδαμῶς, ἔφη· ἀλλ' ἔγωγε πολλὰ οἶδ' ἢ ἀνθρώποις μὲν ἀνωφελῆ ἐστὶ, καὶ σιτία καὶ ποτὰ καὶ φάρμακα καὶ ἄλλα μυρία, τὰ δὲ γε ὠφέλιμα· τὰ δὲ ἀνθρώποις μὲν οὐδέτερα, ἵπποις δὲ κτλ.

**23. – Theaet. 162 D** ὦ γενναῖοι παῖδες τε καὶ γέροντες, δημηγορεῖτε συγκαθεζόμενοι θεοὺς τε εἰς τὸ μέσον ἄγοντες, οὓς ἐγὼ ἕκ τε τοῦ λέγειν καὶ τοῦ γράφειν περὶ αὐτῶν, ὡς <εἰσὶν ἢ ὡς οὐκ εἰσὶν>, ἐξαιρῶ.

**CIC. de nat. deor. I 24, 63** Abderites quidem P. ... sophistes temporibus 23.5 illis vel maximus, cum in principio libri sic posuisset <'de divis neque ut sint neque ut non sint habeo dicere'>, Atheniensium iussu urbe atque agro est exterminatus librique eius in contione combusti. 12, 29 (D. 535) nec vero P., qui sese negat omnino de deis habere quod

liqueat, sint non sint qualesue sint, quicquam videtur de natura deorum suspicari.

**23.10 PHILOD. de piet. c. 22 p. 89 G.** ἢ τοὺς ἄγνωστον εἶ τινές εἰσι θεοὶ λέγοντας ἢ ποῖοί τινές εἰσιν. DIOGEN. V. Oinoanda fr. 12 c. 2, 1 p. 19 William Π. δὲ ὁ Ἀβδηρείτης τῇ μὲν δυνάμει τὴν αὐτὴν ἦενκε Διαγόραι δόξαν, ταῖς λέξεσιν δὲ ἐτέραις ἐχρήσατο, ὡς τὸ λείαν ἰταμὸν αὐτῆς ἐκφευζόμενος. ἔφησε γὰρ μὴ εἰδέναι, εἰ θεοὶ εἰσίν· τοῦτο δ' ἐστὶν τὸ αὐτὸ τῷ λέγειν εἰδέναι ὅτι μὴ εἰσίν.

**24. PLATO Crat. 391 B C** εἰσὶ δὲ οὗτοι οἱ σοφισταί, οἷσπερ καὶ ὁ ἀδελφός σου Καλλίας πολλὰ τελέσας χρήματα σοφὸς δοκεῖ εἶναι. ἐπειδὴ δὲ οὐκ ἐγκρατὴς εἶ τῶν πατρώων, λιπαρεῖν χρὴ τὸν ἀδελφὸν καὶ δεῖσθαι αὐτοῦ διδάξαι σε τὴν <ὀρθότητα> [τῶν ὀνομάτων] περὶ τῶν τοιοῦ 24.5 των ἣν ἔμαθεν παρὰ Πρωταγόρου. – Ἄτοπος μεντὰν εἶη μου, ὦ Σώκρατες, ἢ δέησις, εἰ τὴν μὲν <Ἀλήθειαν> τὴν Πρωταγόρου ὅλως οὐκ ἀποδέχομαι, τὰ δὲ τῇ τοιαύτῃ ἀληθείαι ρηθέντα ἀγαπώωιν ὡς τοῦ ἄξια.

**25. – Prot. 339 A** ἠγοῦμαι ... ἀνδρὶ παιδείας μέγιστον μέρος εἶναι περὶ ἐπῶν δεινὸν εἶναι· ἔστιν δὲ τοῦτο τὰ <ὑπὸ τῶν ποιητῶν λεγόμενα> οἷόν τ' εἶναι συνιέναι ἅ τε <ὀρθῶς> πεποιήται καὶ ἅ μῃ, καὶ ἐπίστασθαι διελεῖν τε καὶ ἐρωτώμενον λόγον δοῦναι.

**GNOM. VATIC. 743 25.5** ed. Sternbach n. 468 Π. ἐποποιῶ τινος αὐτὸν βλασφημοῦντος ἐπὶ τῷ μὴ ἀποδέχεσθαι τὰ ποιήματα αὐτοῦ 'ὦ τᾶν, ἔφη, κρεῖττόν μοι ἐστὶ κακῶς ἀκούειν ὑπὸ σοῦ ἢ τῶν σῶν ποιημάτων ἀκούειν'.

**26. PLATO Phaedr. 266 D ff.** <προοίμιον> μὲν οἶμαι πρῶτον ὡς δεῖ τοῦ λόγου λέγεσθαι ἐν ἀρχῇ· ταῦτα λέγεις (ἢ γάρ;) τὰ κομψὰ τῆς τέχνης; – Ναί. – Δεύτερον δὲ δὴ <διήγησιν> τινα <μαρτυρίας> τ' ἐπ' αὐτῇ, τρίτον τεκμήρια, τέταρτον <εἰκότα>· καὶ <πίστωσιν> οἶμαι καὶ <ἐπιπίστωσιν> 26.5 λέγειν τὸν γε βέλτιστον λογοδαίδαλον Βυζάντιον ἄνδρα. – Τὸν χρηστὸν λέγεις <Θεόδωρον>; [s. 82 A 30]. – Τί μήν; καὶ <ἐλεγχόν> γε καὶ <ἐπεξέλεγχον> ὡς ποιητέον ἐν κατηγορίαι τε καὶ ἀπολογίαι. τὸν δὲ κάλλιστον Πάριον <Εὐνήνον> [PLG II 269 B., ALG I 78 D.] ἐς μέσον οὐκ ἄγομεν, ὅς <ὑποδήλωσιν> τε πρῶτος ἠῦρεν καὶ <παρεπαίνους>; οἱ δ' αὐτὸν καὶ <παρανόγους> φασὶν ἐν μέτρῳ λέγειν 26.10 μνήμησιν χάριν· σοφὸς γὰρ ἀνήρ. <Τεισίαν> [s. 82 A 7. 85 A 2] δὲ <Γοργίαν> τε ἐάσομεν εὐδελί, οἱ πρὸ τῶν ἀληθῶν τὰ εἰκότα εἶδον ὡς τιμητέα μᾶλλον, τὰ τε αὖ σμικρὰ μεγάλα καὶ τὰ μεγάλα σμικρὰ φαίνεσθαι ποιοῦσιν διὰ ῥώμην λόγου, καινὰ τε ἀρχαίως τὰ τ' ἐναντία καινῶς, συντομίαν τε λόγων καὶ ἄπειρα μήκη περὶ πάντων ἀνηῦρον; ταῦτα δὲ ἀκούων ποτέ μου <Πρόδικος> [s. 84 A 20] ἐγέλασεν, καὶ μόνος 26.15 αὐτὸς ἠῦρηκέην ἔφη ὧν δεῖ λόγων τέχνην· <δεῖν δὲ οὔτε μακρῶν οὔτε βραχέων ἀλλὰ μετρίων>. – Σοφώτατά γε, ὦ Πρόδικε. – Ἰπίαν [86 A 12] δὲ οὐ λέγομεν; οἶμαι γὰρ ἂν σύμψηφον αὐτῷ καὶ τὸν Ἥλειον γενέσθαι. – Τί δ' οὔ; – Τὰ δὲ <Πώλου> πῶς φράσωμεν αὐ μουσεῖα λόγων, ὡς <διπλασιολογίαν> καὶ <γνωμολογίαν> καὶ <εἰκονολογίαν>, ὀνομάτων τε <Λικουμνιείων>, ἃ ἐκεῖνοι 26.20 ἐδωρήσατο πρὸς ποιήσιν εὐεπείας; – <Πρωταγόρεια> δέ, ὦ Σώκρατες, οὐκ ἦν μέντοι τοιαῦτ' ἄττα; – <Ὄρθοέπειά> γέ τις, ὦ παῖ, καὶ ἄλλα πολλὰ καὶ καλά. τῶν γε μὴν οἰκτρογῶν ἐπὶ γῆρας καὶ πενίαν ἐλκομένων λόγων κεκρατηκέην τέχνη μοι φαίνεται τὸ τοῦ <Χαλκηδονίου> [Thrasymachos] σθένος, ὀργίσει τε αὐ πολλοὺς ἅμα δεινὸς ἀνήρ γέγονεν καὶ πάλιν ὠργισμένους ἐπάιδων 26.25 κηλεῖν, ὡς ἔφη· διαβάλλειν τε καὶ

ἀπολύσασθαι διαβολὰς ὅθεν δὴ κράτιστος, τὸ δὲ δὴ τέλος τῶν λόγων κοινῆι πᾶσιν ἔοικεν συνδεδογμένον εἶναι, ὡς τινὲς μὲν ἐπάνοδον, ἄλλοι δ' ἄλλο τίθενται ὄνομα.

**27. ARISTOT. Rhet. Γ 5. 1407b 6** τέταρτον, ὡς Π. τὰ γένη τῶν ὀνομάτων διήρει, <ἄρρενα καὶ θήλεα καὶ σκεύη>.

**28. Soph. el. 14. 173b 17** (σολοικισμός) ἔστι δὲ τοῦτο καὶ ποιεῖν καὶ μὴ ποιοῦντα φαίνεσθαι καὶ ποιοῦντα μὴ δοκεῖν, καθάπερ ὁ Π. ἔλεγεν, εἰ ὁ μῆνις καὶ ὁ πλήηξ ἄρρεν ἔστιν· ὁ μὲν γὰρ λέγων 'οὐλομένην' σολοικίζει μὲν κατ' ἐκεῖνον, οὐ φαίνεται δὲ τοῖς ἄλλοις, ὁ δὲ 'οὐλόμενον' φαίνεται μὲν, ἀλλ' οὐ σολοικίζει.

**29.1 ARISTOT. Poet. 19. 1456b 15** τί γὰρ ἂν τις ὑπολάβοι ἡμαρτηῆσθαι ἂ Π. ἐπιτιμαῖ ὅτι εὐχεσθαι οἰόμενος ἐπιτάττει εἰπὼν 'μῆνιν ἄειδε θεά'; τὸ γὰρ κελεῦσαι, φησί, ποιεῖν τι ἢ μὴ, ἐπίταξις ἔστιν.

**30. AMMON. SCHOL. HOMER. [Grenfell – Hunt Oxyrh. Pap. II p. 68] col. XII 20 Zu Φ 240 Π.** φησὶν πρὸς τὸ διαλαβεῖν τὴν μάχην τὸ ἐπεισόδιον γεγονέναι τὸ ἐξῆς τῆς Ξάνθου καὶ θνητοῦ μάχης ἴν' εἰς τὴν θεομαχίαν μεταβῆι, τάχα δὲ ἵνα καὶ τὸν Ἀχιλλεῖα αὐξήσῃ καὶ προκατα (?) τῶν η..... τοῖς κινδύνοις τῶι 30.5 ης..... καταλαμβάνοντα τα..... ἐπ]ήδα δὲ οὐκ ἐν τῶι ρεῖθρῳ ἔτι ἀλλ' ἐν τῶι πεδίῳ.

## B. - Fragmentos

### ΠΡΩΤΑΓΟΡΟΥ ΑΛΗΘΕΙΑ ἢ ΚΑΤΑΒΑΛΛΟΝΤΕΣ

**1 SEXT. adv. math. VII 60**, καὶ Πρωταγόραν δὲ τὸν Ἀβδηρίτην ἐγκατέλεξαν τινες τῶι χορῶι τῶν ἀναιρῶντων τὸ κριτήριον φιλοσόφων, ἐπεὶ φησι πάσας τὰς φαντασίας καὶ τὰς δόξας ἀληθεῖς ὑπάρχειν καὶ τῶν πρὸς τι εἶναι τὴν ἀλήθειαν διὰ τὸ πᾶν τὸ φανὲν ἢ δόξαν 1.5 τινὶ εὐθέως πρὸς ἐκεῖνον ὑπάρχειν. ἐναρχόμενος γοῦν τῶν <Καταβαλλόντων> ἀνεφώνησε· <'πάντων χρημάτων μέτρον ἐστὶν ἄνθρωπος, τῶν μὲν ὄντων ὡς ἔστιν, τῶν δὲ οὐκ ὄντων ὡς οὐκ ἔστιν'>.

**PLATO Theaet. 151E 152A** Κινδυνεύεις 1.10 μέντοι λόγον οὐ φαῦλον εἰρηκέναι περὶ ἐπιστήμης, ἀλλ' ὄν ἔλεγε καὶ Πρωταγόρας. τρόπον δέ τινα ἄλλον εἴρηκε τὰ αὐτὰ ταῦτα. φησὶ γὰρ που <πάντων χρημάτων μέτρον ἄνθρωπον εἶναι, τῶν μὲν ὄντων ὡς ἔστι, τῶν δὲ μὴ ὄντων ὡς οὐκ ἔστιν>. ἀνέγνω-

κας γὰρ που; – Ἀνέγνωκα καὶ πολλάκις. – Οὐκοῦν οὕτως πως 1.15 λέγει, ὡς οἶα μὲν ἕκαστα ἐμοὶ <φαίνεται>, τοιαῦτα μὲν <ἔστιν> ἐμοί, οἶα δὲ σοί, τοιαῦτα δὲ αὐτῷ σοί· ἄνθρωπος δὲ σύ τε κἀγώ; ... ἄρ' οὐκ ἐνίοτε πνέοντος ἀνέμου τοῦ αὐτοῦ ὁ μὲν ἡμῶν ῥιγῶι, ὁ δ' οὐ; καὶ ὁ μὲν ἡρέμα, ὁ δὲ σφόδρα; – Καὶ μάλα. – Πότερον οὖν τότε αὐτὸ ἐφ' ἑαυτοῦ τὸ πνεῦμα ψυχρὸν ἢ οὐ ψυχρὸν φήσομεν, ἢ πεισόμεθα 1.20 τῶι Πρωταγόρῃ ὅτι τῶι μὲν ῥιγῶντι ψυχρὸν, τῶι δὲ μὴ οὐ; – Ἔοικεν. – Οὐκοῦν καὶ <φαίνεται> οὕτως ἐκατέρωι; – Ναί. – Τὸ δὲ γε <φαίνεται> αἰσθάνεται ἔστιν; – Ἔστιν γάρ. – Φαντασία ἄρα καὶ αἰσθησις ταῦτόν ἐν τε θερμοῖς καὶ πᾶσι τοῖς τοιούτοις. οἶα γ' ἄρ' αἰσθάνεται ἕκαστος, τοιαῦτα ἐκάστωι καὶ κινδυνεύει εἶναι. 1.25 161 C Sokr. Τὰ μὲν ἄλλα μοι πάνυ ἡδέως

εἶρηκεν, ὡς τὸ δοκοῦν ἐκάστωι τοῦτο καὶ ἔστιν· τὴν δ' ἀρχὴν τοῦ λόγου τεθαύμακα, ὅτι οὐκ εἶπεν ἀρχόμενος τῆς <Ἀληθείας> ὅτι πάντων χρημάτων μέτρον ἐστὶν ὅς ἢ κυνοκέφαλος ἢ τι ἄλλο ἀτοπώτερον τῶν ἐχόντων αἴσθησιν, ἵνα μεγαλοπρεπῶς καὶ πάνυ καταφρονητικῶς ἤρξατο ἡμῖν λέγειν, 1.30 ἐνδεικνύμενος ὅτι ἡμεῖς μὲν αὐτὸν ὡσπερ θεὸν ἐθαυμάζομεν ἐπὶ σοφίαι, ὁ δ' ἄρα ἐτύγχανεν ὦν εἰς φρόνησιν οὐδὲν βελτίων βατράχου γυρίνου, μὴ ὅτι ἄλλου τοῦ ἀνθρώπων.

## ΠΕΡΙ ΤΟΥ ΟΝΤΟΣ

**2. PORPHYR.** ἀπὸ τοῦ <α> τῆς Φιλολόγου ἀκροάσεως b.

**Eus. P. E. X 3, 25** σπάνια δὲ τὰ τῶν πρὸ τοῦ Πλάτωνος γεγονότων βιβλία· ἐπεὶ ἴσως πλείους ἂν τις ἐφώρασε τοῦ φιλοσόφου <κλοπᾶς>· ἐγὼ δ' οὖν ἤϊ κατὰ τύχην περιπέπτωκα Πρωταγόρου τὸν <Περὶ τοῦ ὄντος> 2.5 ἀναγινώσκων λόγον πρὸς τοὺς ἐν τὸ ὄν εισάγοντας τοιαύταις αὐτὸν εὐρίσκω χρώμενον ἀπαντήσεων· ἐσπούδασα γὰρ αὐταῖς λέξεσι τὰ ῥηθέντα μνημονεύειν. Euseb. fügt zu καὶ ταῦτ' εἰπὼν διὰ πλειόνων τίθησι τὰς ἀποδείξεις.

## ΜΕΓΑΣ ΛΟΓΟΣ

**3. ANECD. PAR. I 171, 31 de Hippomacho B 3 [ed. Bohler Sophistae Protrep. fr. Lips. 1903 p. 46, 5]** ὅτι ἐν τῷ ἐπιγραφομένῳ <Μεγάλῳ λόγῳ> ὁ Π. εἶπε· <φύσεως καὶ ἀσκήσεως διδασκαλία δεῖται> καὶ <ἀπὸ νεότητος δὲ ἀρξαμένους δεῖ μανθάνειν>. 3.5 οὐκ ἂν δὲ ἔλεγε τοῦτο, εἰ αὐτὸς ὀψιμαθῆς ἦν, ὡς ἐνόμιζε καὶ ἔλεγεν Ἐπίκουρος περὶ Πρωταγόρου [fr. 173 Us.; 68 A 9].

## ΠΕΡΙ ΘΕΩΝ

**4. EUS. P. E. XIV 3, 7** ὁ μὲν γὰρ Δημοκρίτου γεγονὼς ἐταῖρος ὁ Π. ἄθεον ἐκτίησεν δόξαν· λέγεται γοῦν τοιαῖδε κεκρῆσθαι εἰσβολῆι ἐν τῷ <Περὶ θεῶν> συγγράμματι· <περὶ μὲν θεῶν οὐκ οἶδα ... ιδέαν>.

**DIOG. IX 51 [II 253, 28]** <περὶ ... ἀνθρώπου>. 4.5 περὶ μὲν θεῶν οὐκ ἔχω εἰδέναι, οὐθ' ὡς εἰσὶν οὐθ' ὡς οὐκ εἰσὶν οὐθ' ὅποιοί τινες ιδέαν· πολλὰ γὰρ τὰ κωλύοντα εἰδέναι ἢ τ' ἀδηλόγηται καὶ βραχὺς ὦν ὁ βίος τοῦ ἀνθρώπου>.

## ΑΝΤΙΛΟΓΙΩΝ <A><B>

**5. DIOG. III 37** Εὐφορίων [fr. 152 Scheidweiler] δὲ καὶ Παναίτιος [fr. 50 Fowler] εἰρήκασιν πολλάκις ἐστραμμένην εὐρῆσθαι τὴν ἀρχὴν τῆς Πολιτείας, ἣν Πολιτείαν Ἀριστόξενός [fr. 33 FHG II 282] φησι πᾶσαν σχεδὸν ἐν τοῖς Πρωταγόρου γεγράφθαι <Ἀντιλογικοῖς>. 5.5 57 Πολιτείας ... ἦν καὶ εὐρίσκεσθαι σχεδὸν ὅλην παρὰ Πρωταγόρου ἐν τοῖς <Ἀντιλογικοῖς> φησι Φαβωρίνος ἐν Παντοδαπῆς ἱστορίας δευτέρῳ [fr. 21 FHG III 580].

## Títulos duvidosos

### ΤΕΧΝΗ ΕΠΙΣΤΙΚΩΝ

**6. CIC. Brut. 12, 46** scriptasque fuisse et paratas a Protagora rerum inlustrium disputationes, quae nunc communes appellantur loci.

**QUINTIL. III 1, 10** Abderites P., a quo decem milibus denariorum didicisse artem, quam edidit, <Euathlus> [s. II 254, 21. 255,

**6.5 12. 256, 11] dicitur. 1, 12 (84 A 10)** horum primi communis locos tractasse dicuntur P., Gorgias, affectus Prodicus et Hippias et idem P. et Thrasymachus.

**6a. DIOG. IX 51** πρώτος ἔφη (Π.) <δύο λόγους> εἶναι <περὶ παντὸς πράγματος ἀντικειμένους ἀλλήλοις>.

**6b.1 ARISTOT. Rhet. B 24. 1402a 23 [vgl. A 21]** ... <τὸν ἥττω ... λόγον κρείττω ποιεῖν>.

### ΠΕΡΙ ΤΩΝ ΜΑΩΗΜΑΤΩΝ

**7. ARISTOT. Metaph. B 2. 997b 32** οὐδὲ τοῦτο ἀληθές, ὡς ἡ γεωδαισία τῶν αἰσθητῶν ἐστὶ μεγεθῶν καὶ φθαρτῶν· ἐφθείρετο γὰρ ἂν φθειρομένων. ἀλλὰ μὴν οὐδὲ τῶν αἰσθητῶν ἂν εἶη μεγεθῶν οὐδὲ περὶ τὸν οὐρανὸν ἢ ἀστρολογία τόνδε. οὔτε γὰρ αἰ αἰσθηταὶ γραμμαὶ τοιαῦταί εἰσιν οἷας λέγει ὁ γεωμέτρης· οὐθὲν γὰρ 7.5 εὐθὺ τῶν αἰσθητῶν οὕτως οὐδὲ στρογγύλον· ἄπτεται γὰρ τοῦ κανόνος οὐ κατὰ στιγμήν ὁ κύκλος, ἀλλ' ὥσπερ Πρωταγόρας ἔλεγεν ἐλέγχων τοὺς γεωμέτρας, οὔτε ...

### ΠΕΡΙ ΠΑΛΗΣ

**8. PLATO Soph. 232D E** τά γε μὴν περὶ πασῶν τε καὶ κατὰ μίαν ἐκάστην τέχνην, ἃ δεῖ πρὸς ἕκαστον αὐτὸν τὸν δημιουργὸν ἀντειπεῖν, δεδημοσιωμένα που καταβέβληται γεγραμμένα τῷ βουλομένῳ μαθεῖν. – Τὰ Πρωταγόρειά μοι φαίνει <περὶ τε πάλης καὶ τῶν ἄλλων τεχνῶν> εἰρηκέναι ... 233A Πῶς οὖν ἂν 8.5 ποτέ τις πρὸς γε τὸν ἐπιστάμενον αὐτὸς ἀνεπιστήμων ὦν δύναται' ἂν ὑγιές τι λέγων ἀντειπεῖν; – Οὐδαμῶς.

8a.1

### ΠΕΡΙ ΠΟΛΙΤΕΙΑΣ

8b.1

## ΠΕΡΙ ΤΗΣ ΕΝ ΑΡΧΑΙ ΚΑΤΑΣΤΑΣΕΩΣ

8c.1

### ΠΕΡΙ ΦΙΛΟΤΙΜΙΑΣ

8d.1

### ΠΕΡΙ ΑΡΕΤΩΝ

8e.1

### ΠΕΡΙ ΤΩΝ ΟΥΚ ΟΡΘΩΣ ΤΟΙΣ ΑΝΘΡΩΠΟΙΣ ΠΡΑΣΣΟΜΕΝΩΝ

8f.1

### ΠΡΟΣΤΑΚΤΙΚΟΣ

8g.1

### ΔΙΚΗ ΥΠΕΡ ΜΙΣΘΟΥ

8h.1

### ΠΕΡΙ ΤΩΝ ΕΝ ΑΙΔΟΥ

#### **A partir de escritos incertos**

**9.1 [PLUT.] Cons. ad Apoll. 33 p. 118E** Περικλέα δὲ τὸν Ὀλύμπιον προσαγορευθέντα διὰ τὴν περὶ τὸν λόγον καὶ τὴν σύνεσιν ὑπερβεβλημένην δύναμιν, πυθόμενον ἀμφοτέρους αὐτοῦ τοὺς υἱοὺς μετηλλαχέναι τὸν βίον Πάραλόν τε καὶ Ξάνθιππον (ὡς φησι Π. εἰπὼν οὕτως· <τῶν ... ἀμηχανίην>·) τοῦτον γὰρ εὐθύς 9.5 μετὰ τὴν προσαγγελίαν ἀμφοτέρων τῶν υἱέων οὐδὲν ἦττον ἐστεφανωμένον κατὰ τὸ πάτριον ἔθος καὶ λευχειμονοῦντα δημηγορεῖν 'βουλὰς τ' ἐξάρχοντ' ἀγαθὰς'

[Hom. B 273] πρὸς τε τὸν πόλεμον ἐπιπαρορμῶντα τοὺς Ἀθηναίους. <τῶν γὰρ υἱέων νεηνιῶν ὄντων καὶ καλῶν, ἐν ὀκτῶ δὲ ταῖς πάσησιν ἡμέρησιν ἀποθανόντων, νηπενθέως ἀνέτλη· εὐδίης γὰρ εἶχετο, ἐξ ἧς πολλὸν ὄνητο κατὰ πᾶσαν ἡμέρην εἰς εὐποτιμίην καὶ ἀνωδυνίην καὶ τὴν ἐν τοῖς πολλοῖσι δόξαν· πᾶς γὰρ τίς μιν ὄρων τὰ ἑαυτοῦ πένθεα ἐρρωμένως φέροντα, μεγαλόφρονά τε καὶ ἀνδρεῖον ἐδόκει εἶναι καὶ ἑαυτοῦ κρείσσω, κάρτα εἰδῶς τὴν ἑαυτοῦ ἐν τοιοῖσδε πράγμασιν ἀμηχανίην.>

**10.1 STOB. III (Flor.) 29, 80 Π.** ἔλεγε <μηδὲν εἶναι μήτε τέχνην ἄνευ μελέτης μήτε μελέτην ἄνευ τέχνης.> 1 [λ]έγει (:Prot.) ὅτι »φαίνομαι σοὶ τῷ παρόντι καθήμενος· τῷ δὲ ἀπόντι οὐ φαίνομαι καθήμενος· ἄδηλον εἰ κάθημαι ἢ οὐ κάθημαι».

11. [PLUTARCH.] περι ἀρκησεως 178, 25 (Rhein. Mus. 27, 526) P. Ferner hat gesagt: Nicht sprosst Bildung in der Seele, wenn man nicht zu vieler Tiefe kommt.

### C – Imitações

1. PLATO Prot. 320 C segg. (Mito di P.) Ἦν γάρ ποτε χρόνος ὅτε θεοὶ μὲν ἦσαν, θνητὰ δὲ γένη (D) οὐκ ἦν. ἐπειδὴ δὲ καὶ τούτοις χρόνος ἦλθεν εἰμαρμένος γενέσεως, τυποῦσιν αὐτὰ θεοὶ γῆς ἔνδον ἐκ γῆς καὶ πυρὸς μείζαντες καὶ τῶν ὅσα πυρὶ καὶ γῆ κεράννυται. ἐπειδὴ δ' ἄγειν αὐτὰ πρὸς φῶς ἔμελλον, προσέταξαν Προμηθεὶ καὶ Ἐπιμηθεὶ κοσμησαί τε καὶ νεῖμαι δυνάμεις ἐκάστοις ὡς πρέπει. Προμηθεῖα δὲ παραιτεῖται Ἐπιμηθεὺς αὐτὸς νεῖμαι, “Νείμαντος δέ μου,” ἔφη, “ἐπίσκεψαι” καὶ οὕτω πείσας νέμει. νέμων δὲ τοῖς μὲν ἰσχὺν ἄνευ τάχους προσῆπτεν, (E) τοὺς δ' ἀσθενεστέρους τάχει ἐκόσμει· τοὺς δὲ ὠπλιζε, τοῖς δ' ἄοπλον διδοὺς φύσιν ἄλλην τιν' αὐτοῖς ἐμηχανᾶτο δύναμιν εἰς σωτηρίαν. ἃ μὲν γὰρ αὐτῶν σμικρότητι ἠμπισχεν, πτηνὸν φυγὴν ἢ κατάγειον οἴκησιν ἔνεμεν· ἃ δὲ ἠῦξε μεγέθει, τῷδε (321) αὐτῷ αὐτὰ ἔσφραζεν· καὶ τᾶλλα οὕτως ἐπανισῶν ἔνεμεν. ταῦτα δὲ ἐμηχανᾶτο εὐλάβειαν ἔχων μὴ τι γένος ἀίστωθει· ἐπειδὴ δὲ αὐτοῖς ἀλληλοφθοριῶν διαφυγὰς ἐπήρκεσε, πρὸς τὰς ἐκ Διὸς ὥρας εὐμάρειαν ἐμηχανᾶτο ἀμφιεννὺς αὐτὰ πυκναῖς τε θριξίν καὶ στερεοῖς δέρμασιν, ἱκανοῖς μὲν ἀμῦναι χειμῶνα, δυνατοῖς δὲ καὶ καύματα, καὶ εἰς εὐνάς ἰοῦσιν ὅπως ὑπάρχοι τὰ αὐτὰ ταῦτα στρωμνὴ οἰκεία τε καὶ αὐτοφυῆς ἐκάστω· καὶ (B) ὑποδῶν τὰ μὲν ὀπλαῖς, τὰ δὲ [θριξίν καὶ] δέρμασιν στερεοῖς καὶ ἀναίμοις. τούντεῦθεν τροφὰς ἄλλοις ἄλλας ἐξεπόριζεν, τοῖς μὲν ἐκ γῆς βοτάνην, ἄλλοις δὲ δένδρων καρπούς, τοῖς δὲ ρίζας· ἔστι δ' οἷς ἔδωκεν εἶναι τροφήν ζῶων ἄλλων βοράν· καὶ τοῖς μὲν ὀλιγογονίαν προσῆψε, τοῖς δ' ἀναλισκομένοις ὑπὸ τούτων πολυγονίαν, σωτηρίαν τῷ γένει πορίζων. ἄτε δὴ οὖν οὐ πάντι σοφὸς ὢν ὁ Ἐπιμηθεὺς ἔλαθεν αὐτὸν (C) καταναλώσας τὰς δυνάμεις εἰς τὰ ἄλογα· λοιπὸν δὴ ἀκόσμητον ἔτι αὐτῷ ἦν τὸ ἀνθρώπων γένος, καὶ ἠπόρει ὅτι χρῆσαιτο. ἀποροῦντι δὲ αὐτῷ ἔρχεται Προμηθεὺς ἐπισκεψόμενος τὴν νομήν, καὶ ὄρα τὰ μὲν ἄλλα ζῶα ἐμμελῶς πάντων ἔχοντα, τὸν δὲ ἄνθρωπον γυμνὸν τε καὶ ἀνυπόδητον καὶ ἄστρωτον καὶ ἄοπλον· ἦδη δὲ καὶ ἡ εἰμαρμένη ἡμέρα παρήν, ἐν ἣ ἔδει καὶ ἄνθρωπον ἐξίεναι ἐκ γῆς εἰς φῶς. ἀπορία οὖν σχόμενος ὁ Προμηθεὺς ἦντινα σωτηρίαν τῷ ἀνθρώπῳ εὔροι, (D) κλέπτει Ἥφαιστου καὶ Ἀθηνᾶς τὴν ἔντεχον σοφίαν σὺν πυρὶ – ἀμήχανον γὰρ ἦν ἄνευ πυρὸς αὐτὴν κτητὴν τῷ ἢ χρησίμην γενέσθαι – καὶ οὕτω δὴ δωρεῖται ἀνθρώπῳ. τὴν μὲν οὖν περὶ τὸν βίον σοφίαν ἄνθρωπος ταύτῃ ἔσχεν, τὴν δὲ πολιτικὴν οὐκ εἶχεν· ἦν γὰρ παρὰ τῷ Δίῳ. τῷ δὲ Προμηθεὶ εἰς μὲν τὴν ἀκρόπολιν τὴν τοῦ Διὸς οἴκησιν οὐκέτι ἐνεχώρει εἰσελθεῖν – πρὸς δὲ καὶ αἱ Διὸς φυλακαὶ φοβεραὶ ἦσαν – εἰς δὲ τὸ τῆς Ἀθηνᾶς καὶ Ἥφαιστου οἶκημα τὸ κοινόν, ἐν ᾧ (E) ἐφιλοτεχνεῖτην, λαθὼν εἰσέρχεται, καὶ κλέψας τὴν τε ἔμπυρον τέχνην τὴν τοῦ Ἥφαιστου καὶ τὴν ἄλλην τὴν τῆς Ἀθηνᾶς δίδωσιν ἀνθρώπῳ, καὶ ἐκ τούτου εὐπορία μὲν ἀνθρώπῳ τοῦ βίου γίγνεται, Προμηθεῖα δὲ (322) [δι' Ἐπιμηθεῖα] ὕστερον, ἥπερ λέγεται, κλοπῆς δίκη μετῆλθεν. Ἐπειδὴ δὲ ὁ ἄνθρωπος θείας μετέσχε μοίρας, πρῶτον μὲν διὰ τὴν τοῦ θεοῦ συγγένειαν ζῶων μόνον θεοὺς ἐνόμισεν, καὶ ἐπεχείρει βωμούς τε ἰδρῦεσθαι καὶ ἀγάλματα θεῶν· ἔπειτα φωνὴν καὶ ὀνόματα ταχὺ διηρθρώσατο τῇ τέχνῃ, καὶ οἰκῆσεις καὶ ἐσθῆτας καὶ ὑποδέσεις καὶ στρωμνάς καὶ τὰς ἐκ γῆς τροφὰς ἠῦρετο. οὕτω δὴ παρεσκευασμένοι κατ' ἀρχὰς (B) ἄνθρωποι ᾤκουν σποράδην, πόλεις δὲ οὐκ ἦσαν·

ἀπόλλυντο οὖν ὑπὸ τῶν θηρίων διὰ τὸ πανταχῆ αὐτῶν ἀσθενέστεροι εἶναι, καὶ ἡ δημιουργικὴ τέχνη αὐτοῖς πρὸς μὲν τροφήν ἱκανὴ βοηθὸς ἦν, πρὸς δὲ τὸν τῶν θηρίων πόλεμον ἐνδεής – πολιτικὴν γὰρ τέχνην οὐπω εἶχον, ἧς μέρος πολεμική – ἐζήτουν δὴ ἀθροίζεσθαι καὶ σώζεσθαι κτίζοντες πόλεις· ὅτ' οὖν ἀθροισθεῖεν, ἠδίκουν ἀλλήλους ἅτε οὐκ ἔχοντες τὴν πολιτικὴν τέχνην, ὥστε πάλιν σκεδαννύμενοι διεφθείροντο. (C) Ζεὺς οὖν δεῖσας περὶ τῷ γένει ἡμῶν μὴ ἀπόλοιτο πᾶν, Ἑρμῆν πέμπει ἄγοντα εἰς ἀνθρώπους αἰδῶ τε καὶ δίκην, ἴν' εἶεν πόλεων κόσμοι τε καὶ δεσμοὶ φιλίας συναγωγοί. ἐρωτᾷ οὖν Ἑρμῆς Δία τίνα οὖν τρόπον δοίη δίκην καὶ αἰδῶ ἀνθρώποις; “Πότερον ὡς αἱ τέχναι νενέμηνται, οὕτω καὶ ταύτας νείμω; νενέμηνται δὲ ὧδε· εἷς ἔχων ἰατρικὴν πολλοῖς ἱκανὸς ἰδιώταις, καὶ οἱ ἄλλοι δημιουργοί· καὶ δίκην δὴ καὶ αἰδῶ οὕτω θῶ ἐν τοῖς ἀνθρώποις, ἢ ἐπὶ πάντας νείμω;” (D) “Ἐπὶ πάντας,” ἔφη ὁ Ζεὺς, “καὶ πάντες μετεχόντων· οὐ γὰρ ἂν γένοιτο πόλεις, εἰ ὀλίγοι αὐτῶν μετέχοιεν ὥσπερ ἄλλων τεχνῶν· καὶ νόμον γε θὲς παρ' ἐμοῦ τὸν μὴ δυνάμενον αἰδοῦς καὶ δίκης μετέχειν κτείνειν ὡς νόσον πόλεως.”

**ARIST. de p. an. Δ 10 687a 23** οἱ λέγοντες ὡς συνέστηκεν οὐ καλῶς ὁ ἄνθρωπος ἀλλὰ χεῖριστα τῶν ζῴων (ἀνυπόδητόν τε γὰρ αὐτὸν εἶναι φασι καὶ γυμνὸν καὶ οὐκ ἔχοντα ὄπλον πρὸς τὴν ἀλκήν) οὐκ ὀρθῶς λέγουσιν.

**\*1 a – Prot. 324 A – B** εἰ γὰρ ἐθέλεις ἐννοῆσαι τὸ κολάζειν, ὃ Σώκρατες, τοὺς ἀδικούντας τί ποτε δύναται, αὐτό σε διδάξει ὅτι οἷ γε ἄνθρωποι ἠγοῦνται παρασκευαστὸν εἶναι ἀρετῆν. οὐδεὶς γὰρ κολάζει **325 A-B** εἰ τοῦτ' ἐστὶν οὐ δεῖ πάντας μετέχειν καὶ μετὰ τούτου πάντ' ἄνδρα, ἐάν τι καὶ ἄλλο βούληται μανθάνειν ἢ πράττειν, οὕτω πράττειν, ἄνευ δὲ τούτου μὴ, ἢ τὸν μὴ μετέχοντα καὶ διδάσκειν καὶ κολάζειν καὶ παῖδα καὶ ἄνδρα καὶ γυναῖκα, ἔωσπερ ἂν κολαζόμενος βελτίων γένηται, ὅς δ' ἂν μὴ ὑπακούη κολαζόμενος καὶ διδασκόμενος, ὡς ἀνίατον ὄντα τοῦτον ἐκβάλλειν (B) ἐκ τῶν πόλεων ἢ ἀποκτείνειν – εἰ οὕτω μὲν ἔχει, οὕτω δ' αὐτοῦ πεφυκότος οἱ ἀγαθοὶ (**Cf. 325 C – D**)

**\* 1 b - Prot. 326 E – 328 B** Διὰ τί οὖν τῶν ἀγαθῶν πατέρων πολλοὶ ὑεῖς φαῦλοι γίνονται; τοῦτο αὖ μάθε· οὐδὲν γὰρ θαυμαστόν, εἴπερ ἀληθῆ ἐγὼ ἐν τοῖς ἔμπροσθεν ἔλεγον, ὅτι τούτου τοῦ πράγματος, τῆς ἀρετῆς, εἰ μέλλει πόλις εἶναι, οὐδένα δεῖ ἰδιωτεύειν. εἰ γὰρ δὴ ὁ λέγω οὕτως ἔχει – ἔχει δὲ μάλιστα πάντων οὕτως – ἐνθυμήθητι ἄλλο τῶν ἐπιτηδευμάτων ὅτιοῦν καὶ μαθημάτων προελόμενος. εἰ μὴ οἷόν τ' ἦν πόλιν εἶναι (327) εἰ μὴ πάντες ἀύληται ἦμεν ὁποῖός τις ἐδύνατο ἕκαστος, καὶ τοῦτο καὶ ἰδίᾳ καὶ δημοσίᾳ πᾶς πάντα καὶ ἐδίδασκε καὶ ἐπέπληττε τὸν μὴ καλῶς αὐλοῦντα, καὶ μὴ ἐφθόνηι τούτου, ὥσπερ νῦν τῶν δικαίων καὶ τῶν νομίμων οὐδεὶς φθονεῖ (B) οὐδ' ἀποκρύπτεται ὥσπερ τῶν ἄλλων τεχνημάτων – λυσιτελεῖ γὰρ οἷμαι ἡμῖν ἢ ἀλλήλων δικαιοσύνη καὶ ἀρετή· διὰ ταῦτα πᾶς παντὶ προθύμως λέγει καὶ διδάσκει καὶ τὰ δίκαια καὶ τὰ νόμιμα – εἰ οὖν οὕτω καὶ ἐν ἀύλησει πᾶσαν προθυμίαν καὶ ἀφθονίαν εἶχομεν ἀλλήλους διδάσκειν, οἷε ἂν τι, ἔφη, μᾶλλον, ὃ Σώκρατες, τῶν ἀγαθῶν ἀύλητῶν ἀγαθοὺς ἀύλητὰς τοὺς ὑεῖς γίνεσθαι ἢ τῶν φαύλων; οἷμαι μὲν οὐ, ἀλλὰ ὅτου ἔτυχεν (C) ὁ υἱὸς εὐφυέστατος γενόμενος εἰς αὐλησιν, οὗτος ἂν ἐλλόγιμος ἠὲξήθη, ὅτου δὲ ἀφυῆς, ἀκλεῆς· καὶ πολλακίς μὲν ἀγαθοῦ ἀύλητοῦ φαῦλος ἂν ἀπέβη, πολλακίς δ' ἂν φαύλου ἀγαθός· ἀλλ' οὖν ἀύληταί γ' ἂν πάντες ἦσαν ἱκανοὶ ὡς πρὸς τοὺς ἰδιώτας καὶ μηδὲν ἀύλησεως ἐπαίοντας. οὕτως οἷου καὶ νῦν, ὅστις σοὶ ἀδικώτατος φαίνεται ἄνθρωπος τῶν ἐν νόμοις καὶ ἀνθρώποις τεθραμμένων, δίκαιον αὐτὸν εἶναι καὶ δημιουργόν

τούτου τοῦ πράγματος, (D) εἰ δεοὶ αὐτὸν κρίνεσθαι πρὸς ἀνθρώπους οἷς μήτε παιδεία ἐστὶν μήτε δικαστήρια μήτε νόμοι μηδὲ ἀνάγκη μηδεμία διὰ παντὸς ἀναγκάζουσα ἀρετῆς ἐπιμελεῖσθαι, ἀλλ' εἶεν ἄγριοί τινες οἷοίπερ οὐς πέρυσιν Φερεκράτης ὁ ποιητῆς ἐδίδαξεν ἐπὶ Ληναίῳ. ἢ σφόδρα ἐν τοῖς τοιούτοις ἀνθρώποις γενόμενος, ὥσπερ οἱ ἐν ἐκείνῳ τῷ χορῷ μισάνθρωποι, ἀγαπήσαις ἂν εἰ ἐντύχοις Εὐρυβάτῳ καὶ Φρυνώνδῃ, καὶ ἀνολοφύραι' ἂν ποθῶν τὴν (E) τῶν ἐνθάδε ἀνθρώπων πονηρίαν. νῦν δὲ τρυφᾷς, ὃ Σώκρατες, διότι πάντες διδάσκαλοί εἰσιν ἀρετῆς καθ' ὅσον δύνανται ἕκαστος, καὶ οὐδεὶς σοὶ φαίνεται· εἴθ', ὥσπερ ἂν εἰ ζητοῖς τίς διδάσκαλος τοῦ ἐλληνίζειν, οὐδ' ἂν εἷς φανείη, οὐδ' (328) ἂν οἶμαι εἰ ζητοῖς τίς ἂν ἡμῖν διδάξειεν τοὺς τῶν χειροτεχνῶν ὑεῖς αὐτὴν ταύτην τὴν τέχνην ἣν δὴ παρὰ τοῦ πατρὸς μεμαθήκασι, καθ' ὅσον οἷός τ' ἦν ὁ πατήρ καὶ οἱ τοῦ πατρὸς φίλοι ὄντες ὁμότεχνοι, τούτους ἔτι τίς ἂν διδάξειεν, οὐ ῥάδιον οἶμαι εἶναι, ὃ Σώκρατες, τούτων διδάσκαλον φανῆναι, τῶν δὲ ἀπείρων παντάπασι ῥάδιον, οὕτω δὲ ἀρετῆς καὶ τῶν ἄλλων πάντων· ἀλλὰ κἂν εἰ ὀλίγον ἔστιν τις ὅστις διαφέρει ἡμῶν προβιβάσαι (B) εἰς ἀρετὴν, ἀγαπητόν. ὣν δὴ ἐγὼ οἶμαι εἷς εἶναι, καὶ διαφερόντως ἂν τῶν ἄλλων ἀνθρώπων ὀνήσαι τινα πρὸς τὸ καλὸν καὶ ἀγαθὸν γενέσθαι, καὶ ἀξίως τοῦ μισθοῦ ὃν πράττομαι καὶ ἔτι πλείονος, ὥστε καὶ αὐτῷ δοκεῖν τῷ μαθόντι.

## 2. ARISTOPH. Nub. 112 segg. Cf. A 21

εἶναι παρ' αὐτοῖς φασὶν ἄμφω τὸ λόγῳ,  
τὸν κρείττον', ὅστις ἐστί, καὶ τὸν ἥττονα.  
τούτοιον τὸν ἕτερον τοῖν λόγοι, τὸν ἥττονα,  
114 νικᾶν λέγοντά φασι τὰδικώτερα.  
Cfr. L'agon di Dikaios e Adikos lógos 889 segg.

## 3. ARISTOPH. Nub. 658 segg. (Socrate e Strepsiade) Cf. A 28

ἀλλ' ἕτερα δεῖ σε πρότερα τούτου μαθάνειν,  
τῶν τετραπόδων ἅττ' ἐστὶν ὀρθῶς ἄρρενα.  
660 ἀλλ' οἶδ' ἔγωγε τάρρεν', εἰ μὴ μαίνομαι·  
κριός, τράγος, ταῦρος, κύων, ἀλεκτρυών.  
ὀρθῶς ἂ πάσχεις; τὴν τε θήλειαν καλεῖς  
ἀλεκτρυόνα κατὰ ταῦτ' οὐ καὶ τὸν ἄρρενα.  
πῶς δὴ, φέρε; {Σω.} πῶς; ἀλεκτρυών κάλεκτρυών.  
665 νῆ τὸν Ποσειδῶ. νῦν δὲ πῶς με χρὴ καλεῖν;  
ἀλεκτρυάιναν, τὸν δ' ἕτερον ἀλέκτορα.  
ἀλεκτρυάιναν; εὖ γε νῆ τὸν Ἄερα·  
ὥστ' ἀντὶ τούτου τοῦ διδάγματος μόνου  
διαφιτιώσω σου κύκλω τὴν κάρδοπον.  
670 ἰδοὺ μάλ' αἰθίς, τοῦθ' ἕτερον. τὴν κάρδοπον  
671 ἄρρενα καλεῖς θήλειαν οὔσαν...  
677 ἀτὰρ τὸ λοιπὸν πῶς με χρὴ καλεῖν; \_\_\_ ὅπως;  
τὴν καρδόπην, ὥσπερ καλεῖς τὴν Σωστράτην.  
τὴν καρδόπην θήλειαν; \_\_\_ ὀρθῶς γὰρ λέγεις.

## 5- REFERÊNCIAS

### 1-Obras de Referência:

LIDDELL, H. G. and SCOTT, R. **Greek English Lexicon**. With a revised supplement. Clarendon Press: Oxford, 1996.

NAILS, D. **The People of Plato**. A Prosopography of Plato and Other Socratics. Hackett Publishing Company, Inc. Cambridge, Indianapolis, 2002.

PLATON **Protágoras**: Ouvres Completes. Texte établi e traduit par Alfred Croiset, (1<sup>a</sup> ed. 1923). Tome III. Les Belles Lettres: Paris, 2001.

SMITH, W. **Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology**. Volumes I, II and III. Printed by Spottiswood and Co.: London, 1861.

SOFISTI. **Testimoniæ e Frammenti**. Introduzione e Commento a cura di Mario Untersteiner. La Nuova Italia Editrice: Firenze, 1949.

### 1.1 - Traduções do Protágoras

PLATON **Protágoras**: Ouvres Completes. Texte établi e traduit par Alfred Croiset. Tome III. Les Belles Lettres: Paris, 2001.

\_\_\_\_\_ **Protágoras**. Laques, Meno, Euthydemus. With an English translation by W. R. M. Lamb. Harvard University Press: London, 1999.

\_\_\_\_\_ **Protágoras**. Translated with an Introduction and Notes by C.C.W. Taylor. Oxford University Press: New York, 1996.

\_\_\_\_\_ **Protágoras** . A revision on the Jowett translation by Masrtin Ostwald edited, with a introduction by Gregory Vlastos. The Library of Liberal arts published by Macmillan Publishing Company: New York, 1988.

\_\_\_\_\_ **Protágoras**. Tradução Carlos Alberto Nunes. Ed. UFPA: Belém, 2002.

\_\_\_\_\_ **Protágoras**. Tradução estudo introdutório e notas de Ana Piedade Elias Pinheiro. Autores gregos: Lisboa,1999.

\_\_\_\_\_ **Protágoras**. Tradução estudo introdutório e notas de Eleazar Magalhães Teixeira. Edições UFC: Fortaleza, 1986.

## **2 - Dicionários**

BAILLY, A. **Dictionnaire grec-français**. . Editado e revisado por L. Séchan e Pierre Chantraine. Hachette: Paris, 1985.

BRANDÃO, J. S. **Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega**. Volumes I e II. Vozes: Petrópolis, 1991.

DENNISTON, J. D. **Greek Particles**. Revised by K. J. Dover. Oxford University Press: Indianapolis, 1991.

DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; MALHADAS, Daisi; NEVES, Maria Helena de Moura. **Dicionário Grego -Português**. 1ª Ed. DGP: Cotia, 2010.

GRAIGE, E. **Routledge Encyclopedia of Philosophy**. Ed. Geral Edward Graig. By

Routledge: London, 1998.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS (Brasil) (Org.). **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa**: 1.0. CD-ROM. Objetiva: Rio de Janeiro, 2001.

PETERS, F. E. **Termos Filosóficos Gregos**. Tradução de Beatriz Rodrigues Barbosa. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1976.

### **3- Autores Antigos:**

ALCINOOS (ou ALBINOUS) **Enseignement des doctrines de Platon**. Texte établi et commenté par Whittaker et traduit par Pierre Louis. Les Belles Lettres: Paris, 1990.

\_\_\_\_\_ **The handbook of Platonism**. Translated by John Dillon. Clarendon Press: New York e Oxford, 1993.

GELLIUS, Aulus. **Noctes Atticae**. 2 v. , Oxford Univ. Press: New York, 1968.

ARISTOFANES . **Clouds**. Translated by Kenneth James Dover .Claredon: Oxford, 1989.

ARISTOTLE. **On Sophistical Refutations**. Translated by E. S. Forster. The Loeb Classical Library. Harvard University Press: London, 1992.

\_\_\_\_\_ **Politics**. With a english translation by H. Rackham. The Loeb Classical Library. Harvard University Press: London, 1990.

\_\_\_\_\_ **Metaphysics**. Translated by Hugh Tredennick. The Loeb Classical Library. Harvard University Press: London, 1990.

\_\_\_\_\_ **The “Art” of Rhetoric**. With a english translation by John Henry Freese. The

Loeb Classical Library. Harvard University Press: London, 1994.

LAERCIO, D. **Lives of eminent philosophers**. With an English translation by R .D. Hicks. Harvard University Press: London, 1991.

PAUSANIAS **Description of Grece**. Books VI – VIII. With an English translation by W. H. S. Jones. Harvard University Press. London, 1988.

PLATON **Lettres**. Ouvres Completes. Texte établi e traduit par Joseph Souilhe. Tome VIII. Les belles lettres: Paris, 1997.

\_\_\_\_\_ **Hippias Mineur, Alcibiade, Apologie de Socrate, Euthyphron, Criton**. Ouvres Completes. Texte établi et traduit par Maurice Croiset. Treizième tirage. Les Belles Lettres: Paris, 1999.

\_\_\_\_\_ **Protagoras. Laches, Meno, Euthydemus**. With an English translation by W. R. M. Lamb. The Loeb Classical Library. Harvard University Press: London, 1999.

\_\_\_\_\_ **Cratylus, Parmenides, Greater Hippias, Lesser Hippias**. With an english translation by H. N. Fowler. The Loeb Classical Library. Harvard University Press: London, 1996.

\_\_\_\_\_ **Euthyphro, Apology, Crito, Phaedo, Phaedrus**. With an English translation by Harold North Fowler, Introduction by W. R. M Lamb. The Loeb Classical Library. Harvard University Press: London, 1999.

PLUTARCH **The Lives of the Noble Grecians and Romans**. Great Books of the Western World. The Dryden Translation. William Benton Publisher: Chicago, 1952.

\_\_\_\_\_ **Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo**. Tradução e notas Ana Maria

Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues. 1ª edição. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra: Coimbra, 2010.

XENOPHON **Memorabilia, Oeconomicus, Symposium, Apology**. Translated by E. C. Marchant and O. J. Todd. Harvard University Press: London, 1997.

#### **4-Autores Modernos:**

ARROJO, R. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. Série Princípios. Editora Ática S.A. São Paulo, 1986.

BARTLETT, R.C. Political Philosophy and Sophistry: An Introduction to Plato's Protagoras. In: **American Journal of Political Science**, v. 47, n.4 pp. 612-624. [S.l.], Oct. 2003. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/3186122](http://www.jstor.org/stable/3186122)>.Data de acesso: 06 de junho.2009.

BENOIT, A. H. R. **Em busca da odisseia dialogica: a questão metodologica das temporalidades: reencontrando a materialidade de lexis: primeiro livro da tetralogia dramatica do pensar**. Tese de livre-docencia em 4v. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciencias Humanas: Campinas, 2004.

BENJAMIN, Walter. “A tarefa-renúncia do tradutor” p. 211. In. HEIDERMANN, Werner (Org.). **Clássicos da teoria da tradução**. UFSC: Florianópolis, 2001.

BLUCK, R. S. **Plato's Seventh and Eighth Letters**. The University Press: Cambridge, 1948.

BODIN, L. **Lire le Protagoras: Introduction à la méthode dialectique de Protagoras**. Édité par Paul Demont. Les Belles Lettres: Paris, 1975.

BOLZANI, R.F. O cênico no Protágoras, in: **Clássica**, v.13/14, pp. 219-231. São Paulo,

2001.

CAPIZZI, A. **Protagora, le testimonianze e i frammenti**. Edizione riveduta e ampliata con uno studio su la vita, le opere, il pensiero e la fortuna. Sansoni: Florence, 1955.

CASSIN, B. Who's Afraid of the Sophists? Against Ethical Correctness. Author(s): Barbara Cassin and Charles T. Wolfe. In: **Hypatia**, v. 15, n. 4, Contemporary French Women Philosophers. p. 102 - 120. [S.l.], Autumn 2000. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3810678>>, data de acesso: 12/05/2011.

\_\_\_\_\_ **L'effet sophistique**. Gallimard: Paris, 1995.

\_\_\_\_\_ **Le plaisir de parler**: etudes de sophistique comparee. Coauteurs Marc Eli Blanchard, Barbara Cassin. Les Éditions de Minuit: Paris, 1986.

COLE, T. The Relativism of Protagoras. **Studies in Fifth Century Thought and Literature**. Yale Classical Studies. Cambridge University Press: New York, 1972.

COTE, D. Les deux sophistiques de Philostrate. In: **A Journal of the History of Rhetoric**, v. 24, n.1, p. 1-35. [S.l.], Winter, 2006. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/ 2013 59 05](http://www.jstor.org/stable/20135905)>, data de acesso: 20/12/2010.

DOVE, K. J. **Phronesis**, Vol. 10, No. 1 (1965), pp. 2-20 [S.l.] . The Date of Plato's Symposium" disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/4181753>> Acesso em: novembro de 2011.

DUPREEL, E. **Les Sophistes**. Bibliothèque Scientifique. Éditions du griffon: Neuchatel, 1948.

FLANCELIÈRE, R. **A vida quotidiana dos gregos no século de Péricles**. Tradução de Virginia Mota, Editora Livros do Brasil: Lisboa, 19--.

FORSDYKE, S. L. **The historical Gorgias and Plato's "Gorgias"**: A comparison leading to a method for managing Platonic testimony on the early sophists. Queen's University at Canada: Kingston, 1991.

FREEMAN, K. **The pre-Socratic philosophers**: a companion to Diels, *Fragmente der Vorsokratiker*. 2nd ed. B. Blackwell: Oxford, 1949.

GENTILI, B. **Poesia e pubblico nella Grecia antica**. Editori Laterza: Roma, 1995.

GUTHRIE, W. K. **The Sophists**. Cambridge University Press: Cambridge, 1971.

HAVELOCK, E. **Prefácio a Platão**. Tradução Enid Abreu Dobránsky. Papyrus: Campinas, 1996.

HEGEL, G. W. F. **Introdução às lições sobre história da filosofia**. Tradução de José Barata Moura. Porto Editora: Porto, 1995.

JAEGER, W. W. **Paideia**: a formação do homem grego. Artur M. Parreira (coaut.).4. ed. Martins Fontes: São Paulo, 2001.

KERFERD, G. B. **The sophistic movement**. Cambridge University Press: Cambridge, 1989.

\_\_\_\_\_ The First Greek Sophists. In: **Classical Review**, v. 64, n. 1, p. 08. Cambridge University Press. [S.l.], Apr., 1950. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/70250](http://www.jstor.org/stable/70250)> Acesso em: abril de 2011.

LAMM, J.A. Schleiermacher as Plato Scholar. In: **The Journal of Religion**, v. 80, n. 2, pp. 206-239.[S.l.], Apr. 2000. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/1206234](http://www.jstor.org/stable/1206234)>. Data de acesso: 20 /05/2009.

LOPES, D. R. N. **O Filósofo e o Lobo**: Filosofia e Retórica no *Górgias* de Platão. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem: Campinas, 2008.

NIGHTINGALE, A.W. **Genres in dialogue**: Plato and the construct of philosophy. Cambridge University Press: Cambridge, 2000.

REALE, G. **Para uma nova interpretação de Platão** – Releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das “Doutrinas não-escritas”. Tradução de Marcelo Perine. 1. ed. Loyola: São Paulo, 1997.

RIBEIRO, J.A. Uma Interpretação Comparativa dos Diálogos Íon e República de Platão. In: **Polimatheia** – Revista de Filosofia. Vol. V, nº7, p.87 – 110. Fortaleza, 2009. disponível em: <http://www.uece.br/polymatheia>. Data de acesso: 03/09/2010.

SCHIAPPA, E. Sophistic Rhetoric: Oasis or Mirage? In: **Rhetoric Review**, v.10, n. 1, p. 5-18. Taylor & Francis, Ltd. [S.l.], Autumn, 1991. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/465507](http://www.jstor.org/stable/465507)>, data de acesso: 20/06/2011.

SOUSA, J. C. Dialogação Platônica. In: **Boletim CPA**. Ano I, nº2. Periódico do CPA (Centro de Estudo e Documentação sobre o Pensamento Antigo Clássico e sua posteridade Histórica): Campinas, 1996.

\_\_\_\_\_ **A caracterização dos sofistas nos primeiros diálogos de Platão**. Tese (concurso para catedra) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras: São Paulo, 1964.

STANTON, G. R. Sophists and Philosophers: Problems of Classification. In: **The American Journal of Philology**, v. 94, n. 4, p. 350-364. Johns Hopkins University Press. [S.l.], Winter 1973. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/293614](http://www.jstor.org/stable/293614)>, data de acesso: 17/04/2011.

VAZ PINTO, M. J. **Sofistas** – Testemunhos e fragmentos. Introdução e notas: Maria José Vaz Pinto e Ana Alexandre Alves de Sousa. Imprensa Nacional Casa da Moeda: Lisboa, 2005.

ZILIOLI, H. **The Challenge of Relativism: Plato's subtlest enemy**. Published by Ashgate Publishing Limited: Wiltshire., 2007.